

TEATRO

COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO

COORDENADOR

Antônio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Francisco Carvalho

Joaquim Haroldo Ponte

Geraldo Jesuino da Costa

CAPA

Eduardo Campos

MONTAGEM DA CAPA

Assis Martins

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Carlos Alberto Dantas

EDUARDO CAMPOS



TEATRO

(TEATRO COMPLETO DE EDUARDO CAMPOS)

VOLUME I

UFC

CASA DE JOSÉ DE ALENCAR
PROGRAMA EDITORIAL

1999

SUMÁRIO

UM AUTOR EM DOIS ATOS

Primeiro Ato

Marcelo Costa — 7

RETROSPECTIVA EM TEMPO DE TEATRO

Eduardo Campos — 23

O DEMÔNIO E A ROSA — 39

O ANJO — 69

OS DESERDADOS — 81

A MÁSCARA E A FACE — 117

NÓS, AS TESTEMUNHAS — 161

FORTUNA CRÍTICA — 199

ANEXOS

1. Trabalhos como autor — 231

2. Peças Rejeitadas — 234

3. Peças fora da seleção — 234

4. Inéditas — 236

ICONOGRAFIA — 237

UM AUTOR EM DOIS ATOS

Marcelo Costa

PRIMEIRO ATO

A publicação desta obra se fazia extremamente necessária. Verdadeiro imperativo. Pata demonstrar a real dimensão do autor, servindo pata o estudo e conhecimento de sua obra, da época, de sua presença marcante no contexto do teatro cearense, sua evolução, qualidades e defeitos. O que a cultura teatral cearense produziu. O mais bem acabado autor teatral cearense. Somos passageiros, o texto fica.

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; jornalista, contista, romancista, teatrólogo e folclorista, Eduardo Campos foi superintendente dos Diários e Rádios Associados do Ceará e por dez anos Presidente da Academia Cearense de Letras. Intelectual respeitado nos meios acadêmicos por sua obra, conseguiu no meio literário, que só valoriza cronistas, romancistas, e poetas, que seu teatro – o que é raro no Ceará – fosse tão valorizado quanto os demais gêneros a que se tem dedicado. Tudo muito merecido. Eduardo Campos tem comunicação; e é no palco onde suas peças crescem, agigantam-se, mostrando qualidade não percebidas quando permaneciam apenas no papel. No calor dos espetáculos seus textos ressaltam qualidade que a frieza do papel muitas vezes não revela. É para o palco que se escreve teatro. E obras como esta publicação, são sementes que brotarão novos espetáculos em cena.

NO PRINCÍPIO ERA O ATOR

A atuação de Eduardo Campos na cena teatral começa quando o menino nascido em Guaiúba CE, a 11 de janeiro 1923, estréia no Educandário Santa Maria, na peça Jesus Crucificado, no papel de Anás.

Era o ano de 1939, o jovem Eduardo tinha 16 anos. No ano seguinte, devido ao seu talento, já fazia o papel de Jesus, na mesma peça.

Juntamente com Artur Eduardo Benevides funda a 22 de fevereiro de 1941, O TEATRO ESCOLA RENATO VIANA, funcionado no Teatro São Gerardo, no bairro do mesmo nome. Os elementos mais destacados de seu corpo cênico eram: William Alcântara, Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Geraldo Oliveira, Zuila. Lima, Diana Alcântara, Zélia Carvalho, Sebastião Carvalho, Emane Moura, j Nascimento, Helena Barbosa, Clarice Bessa, **Lúcia** Barbosa, Vanda Oliveira e José Hellery.

O Grupo apresentou-se pela primeira vez em público com a peça “Religião” de sua autoria, a 23 de março de 1941, com Zélia Carvalho, Zuila Lima, Geraldo Oliveira, Sebastião Carvalho e William Alcântara, no elenco.

Nascia o autor¹, que caminhava lado a lado com o ator e o diretor. O *Nordeste* publica a respeito: “É uma peça forte, de enredo bem concentrado em que o autor procura mostrar a necessidade da fé para as vitórias do homem. Desempenho excelente. Ótima direção. Religião agradou plenamente”.

Vieram outros trabalhos o ano de 1941 foi intenso. Atuou como diretor, ao lado de William Alcântara, e como ator em todos os espetáculos²: **O Filho de Deus, Desdita de Caboclo e Flor do Mato**, de William Alcântara; **Elos de Vida**, de Gerardo Oliveira; **Fantoches de Sorte**, de Luís Iglésias; **O Céu Sobre Nós Dois**, de Artur Eduardo Benevides; **Um Homem**, de Eurico Silva; **Único Defeito**, de Fernando Silveira; **O Tio Bremeru e Diana**, de William Alcântara; **Era Uma Vez um Vagabundo**, de José Wanderley e Daniel Rocha; **A Fé Venceu**, de Renato de Faria; **Meu Lindo Sonho de Amor**, de Artur Eduardo Benevides; **O Homem Que Queria Ser Doido**, de Eduardo Campos; **A Felicidade Veio com Ela**, de William Alcântara; **Falta Uma Estrela no Céu**, de Eduardo Campos, e **Dinheiro É Tudo, O Noivo de Minha Viúva e Aconteceu Numa Noite De Natal**, de William Alcântara.

Em 1941 interpreta o General Simão na opereta de Paurillo Barroso e Silvano Serra A Valsa Proibida, importante montagem da Sociedade de Cultura Artística. Mas o autor não demoraria a brotar novamente. Ainda em 1941 estréia seu texto *Falta uma Estrela no Céu* (9 de novembro).

¹ A primeira peça de Eduardo Campos, escrita e encenada, foi na verdade, **O Criador de Mentiras**, 11 de agosto 1940, no Teatro São Gerardo.

² Ver Anexos: Trabalhos como Ator.

AS PEÇAS REJEITADAS

Em 1942 vieram as peças de sua autoria: **Veneno, Pedacinho de Céu, A Mulher que Venceu, Um Olhar Sobre a Terra e As Aventuras do Mocinho Dali, O Homem que queria ser Doido.**

As peças que criou para o Teatro Escola serviram de base para o aprendizado, para a fase posterior no TEATRO ESCOLA DO CEARÁ. Os primeiros textos, devido ao senso crítico do autor, foram depois renegadas. Lamenta-se a perda de preciosos documentos, da gênese de um autor cujo talento explodiria na maturidade. No TEATRO ESCOLA RENATO VIANA, Eduardo Campos teve condições de dominar a técnica, de aprender o ofício, de ousar despreziosamente, sem auto censura ou as cobranças que hoje intimidam os novos talentos. Cobra-se uma obra prima por semana. Crescer é fazer. E o progresso da última fase do autor é bastante evidente.

O próprio Eduardo Campos depois comentou: “Sucederiam outras peças, nessa fase, prioritariamente comédias. Não vale a pena nomeá-las. Ao todo foram oito ou nove, e as desertei de meu afeto depois, cometendo a ingratidão de rasgá-las e desse modo alijá-las da minha bagagem dramática.

“Só muito por diante, vim compreender que àquela hora eu me desfizera de bom pedaço de mim mesmo, e a toda certeza as boas imagens de meus primeiros sonhos.”³

TEATRO DO ESTUDANTE

Seu próximo passo foi integrar a diretoria do TEATRO DO ESTUDANTE DO CEARÁ, fundado a 26 de janeiro de 1943. Sua primeira e única diretoria estava assim constituída: Aluísio Medeiros, presidente), Otacílio Fernandes (vice-presidente), Hudson Meneses (diretor correspondente), Osmundo Pontes (diretor de propaganda), José Lopes Sobrinho (diretor secretário), Gilson Leite Gondim (diretor Tesoureiro), Eduardo Campos (diretor supervisor), e F. Barroso Fontenele (diretor bibliotecário).

³ “Retrospectiva em Tempo de Teatro”, ver página...

FIAT LUX

Finalmente, depois de marchas e contra marchas, o TEATRO UNIVERSITÁRIO DO CEARÁ, dirigido por Waldemar Garcia estreia **O Demônio e a Rosa**. Começa a fase intermediária do autor. Pela primeira vez no teatro cearense via-se uma peça de ação simultânea, os três planos em que se desenrola a ação, recursos de iluminação, Voz em off ampliada por microfones, quebra da quarta parede, atores de costas.

Com toques surrealista Eduardo usou do modernismo para fazer uma louvação ao passado. Dois mundos em conflito. O mundo de **Elga** e o mundo do **Rolando**. **Elga** é a inspiração, a fonte da vida. A própria vida. Sua morte significa o fim da vida de **Rolando**, o esposo (“qualquer coisa deixou de correr em minhas veias”). **Rolando** é o mundo do pós guerra, (“um tormento levar essa vida nova”). Seu segundo casamento, com **Natália**, é um negócio. A mulher significativamente é estéril.

Só **Rolando** escuta a Voz de **Elga** (sua consciência?), depois que ela morreu jamais teve um momento de felicidade. “A Voz dela não me abandona e me maltrata”.

A peça gira em torno dessas três personagens. **Lúcia** e **Carlos** são personagens fracas. **Carlos** só serve para confidente; a função de **Lúcia** também é de confidente para **Elga** não monologar. As demais, são personagens “úteis”. O **Cientista** é quase desnecessário. Já **Rolando** tem a dimensão das grandes personagens com sua transformação (atitude polarizada) terminando no final diferente do início da peça: “Quero tornar de novo, alcançar os dias que se foram... desejo viver com **Elga**, resgatar a minha fisionomia alegre de antes...”

Assim como **Elga** é o oposto de **Rolando**, **Lúcia** (a dama antiga, “eu represento o passado”) serve de contraponto a **Natália** (“a mulher emancipada e sem alma”). O dialogo e entremeado de referências à guerra, avião a jato, vacinas, etc; vocabulário dos tempos modernos.

Eduardo Campos ao escrever a peça, tinha inconscientemente o palco do Teatro José de Alencar em mente. A escada mencionada na rubrica do Segundo ato, Cena 6, é exatamente onde ficava a escada que dava acesso ao palco, entrada inadequada dos artistas para os camarins, às vistas do público. Adolescente ficava admirando os retardatários. Sabia-se quando o espetáculo ia atrasar porque fulano ainda não havia chegado.

Esta entrada já era um espetáculo. Todos os olhares da platéia se voltavam para ver quem ia subindo para os bastidores.

O Demônio e a Rosa tem parentesco formal com “*Vestido de Noiva*”, de Nelson Rodrigues. Influência, evidenciada nos três planos da ação, no figurino da protagonista, na sala de operação. Mas os dois autores divergem em estilo e conteúdo. **Elga** não precisaria estar vestida de noiva. São resquícios visuais do modelo Rodrigueano.

“Calcado na técnica expositiva de Nelson Rodrigues em tido de *Noiva*’ (...) A disposição do cenário e a experiência narrativa que a justifica denotam influência de “*Vestido de Noiva*” (...) Apesar dos pontos coincidentes, as obras de Nelson Rodrigues e Eduardo Campos, divergem”.⁴

A influência de Nelson é admitida pelo próprio Eduardo Campos:” Em 1945, sucedendo de estar no Rio de Janeiro, acompanhado de Antônio Bandeira e Aldemir Martins, deslumbrar-me-ia com “*Vestido de Noiva*”, para nunca mais esquecer a primorosa interpretação de Irene Stimpinska, a viver o papel de Madame Clecy.”⁵

TEATRO UNIVERSITÁRIO

“**O Demônio e a Rosa**” foi a mais importante produção do TEATRO UNIVERSITÁRIO DO CEARÁ. A peça causou enorme celeuma e foi um espetáculo revolucionário para a época. A cena estava dividida em três planos, vida real, túmulo e além túmulo. O cenário de Zenon Barreto, executado por Helder Ramos, foi uma das coisas do espetáculo que maravilharam o público. A iluminação era complicadíssima para o obsoleto quadro de luz do Teatro José de Alencar.

A produção custou em dinheiro da época, dez mil cruzeiros, que os elementos do TEATRO UNIVERSITÁRIO, sem ajuda financeira da Faculdade de Direito, arrecadaram com o espetáculo “*Cristo no Calvário*” de Eduardo Garrido, estreando a 2 de abril de 1950. As peças sacras sempre tiveram público certo e numeroso na Fortaleza dos anos 30 e 40. Em 1950 não foi diferente.

⁴ Ricardo Guilherme, *O Povo e o Teatro de 1950*, in *O POVO*, 10 de junho de 1979.

⁵ “Retrospectiva em Tempo de Teatro”

TEATRO MODERNO

Depois de vários adiamentos, “**O Demônio e a Rosa**” estréia a 25 de maio de 1950, com elenco formado por Geraldo Markan, Elza Bernardino, Dorian Sampaio, Rita de Cássia, Diana Magalhães, Flávio Phebo, Geraldo Oliveira, Gentil Bethencourt, e direção de Waldemar Garcia.

No dia da estréia o *Correio do Ceará*, numa reportagem de Antônio Girão Barroso, publicava a manchete: “Inaugura-se hoje, com a encenação de ‘**O Demônio e a Rosa**’, uma nova era para as artes cênicas do Ceará”. Depois da estréia: “Vibrantemente aplaudida, na sua noite de estréia, a peça de Eduardo Campos, ontem encenada no Teatro José de Alencar”.

Das críticas de então, temos uma assinada por Theo, no jornal *O Estado*, de 28 de maio de 1950: “Jamais imaginávamos que o Teatro Universitário estivesse tão adiantado. Os jovens artistas já progrediram muito (...) Eduardo Campos revela-se um autor de grandes proporções (...) Bem escrita e fundamentada, ela constitui uma verdadeira crítica à sociedade moderna desmoralizada e pagã, cujos fins principais são o dinheiro e o lucro (...) Por outro lado, a interpretação dos universitários da ribalta foi a melhor possível. De todos que trabalharam não podemos deixar de ressaltar a interpretação magistral de Geraldo Markan, Elza Bernardino, Luciano Magalhães e Dorian Sampaio”.

No mesmo jornal a 31 de maio de 1950, numa reportagem de Armando Vasconcelos, que colheu opiniões sobre o espetáculo, temos a de Antônio Girão Barroso: “Uma palavra de elogio ao notável cenário de Zenon Barreto e é natural, à direção de Waldemar Garcia, que arrastou com Eduardo Campos as imensas responsabilidades da peça”.

Na mesma reportagem, o autor Eduardo Campos, deu sua opinião sobre o espetáculo: “Fiquei satisfeito com o desempenho do TEATRO UNIVERSITÁRIO DO CEARÁ. Não sei se a experiência servirá a todos. Tenho a impressão que a peça pelo menos teve o mérito de ser um grito de protesto contra esse falso teatro que se arrasta com as mesmas vestes antigas, como se fosse um velho de casaca metido à gente moça”. Eduardo Campos se lançava, definitivamente como dramaturgo.

TEMOS UM AUTOR

O teatro de Eduardo Campos primeiro significou um rompimento com o passado teatral do Ceará, principalmente com a forte corrente do

teatro paroquial. Rompimento tanto nos temas como na forma. Isto decorre não somente da habilidade natural e domínio do artesanato mas como da formação cultural do autor em contraste com a semi alfabetização dos elementos teatrais que atuavam na década anterior. Eduardo Campos era o único com formação universitária. Antes de **O Demônio e a Rosa**, imperavam no teatro cearense, títulos como “*Dor de Mãe*”; “*Lágrimas de Pai*”; “*A Voz do Exilado*”; “*Filho do Meu Coração*”; “*Restos de sol*”; “*A Tarde não Espera*”; “*Cruz de Ferro*”; “*Sóror Ângela*”; “*Verdadeiro Castigo*”.

O ANJO

A peça **O Anjo**, de um ato, é também de 1950 publicação da Revista Clã). Sua estréia porém é de 1955, a 5 junho no Teatro José de Alencar pelo Teatro Lírico de Variedades, com Ary Sherlock, Elaina Duarte, Nely Rocha, Othon Damasceno, Helio Schramm, no elenco. Direção Othon Damasceno.

O Anjo é uma peça menor, até pelo fato de ser uma peça curta. E um exemplo, a julgar pelo título, pelo tema e estrutura, de como deveriam ser as peças rejeitadas. Interessante o uso de uma personagem (o narrador) como figura do Autor que escreve a própria peça, apresentando-a ao público, interferindo e avançando a ação. A quebra da ilusão é um dos recursos do teatro épico. As personagens são apresentadas. O ator que faz o cego é mostrado se preparando para a cena (“põe uns óculos escuros e ajeita-o diante do espelho”, diz a rubrica. “Vede-o! Não é cego”; diz a fala). Hermano completa trinta anos e Ana (“mocinha ingênua”), traz um bolo para comemorar. Mas o cego anseia por amor. “O Deus que o primou da visão não o tosou o sentimento do Amor”. Ele roga a Deus para a trazer de presente não apenas um bolo “mas a mulher que me faz falta”. Seu anjo. Ela vem na figura de uma ladra fugida da polícia (“Tu és **O Anjo**, a mulher que precisava chegar à mia vida”). Em sua cegueira Hermano não percebe o grande amor de Ana. Esta não o considera apenas como “o deficiente que não vê”. Com diálogo fluente, embora um pouco literário, Eduardo Campos transmite o drama de Hermano, “uma vida de trevas sem amor”.

NO TEATRO ESCOLA DO CEARÁ

Em sua temporada de estréia, o TEATRO-ESCOLA DO CEARÁ apresentou três peças. A primeira, estreada a 9 de setembro de 1952 foi “*A Importância de Ser Severo*” de Oscar Wilde, seguiu-se “*A Moreninha*” de Joaquim Manoel de Macêdo.

A terceira e última peça da temporada inicial foi **Os Deserdados** de Eduardo Campos, com direção do autor, cenários de Floriano, e no elenco João Ramos, Elza Bernardino, João Siqueira, Adelaide Paiva, Albuquerque Pereira, Fernanda Quinderé e Tiago Otacílio de Alfeu, estreada 17 de setembro de 1952 no Teatro José de Alencar.

“A princípio tive uma ambição muito grande de ser diretor, inclusive dirigi minha peça **Os Deserdados**”. Mas novamente se impunha o autor, e mesmo o autor tinha uma nova abordagem teatral:

“...eu vi que esse era um teatro literário⁶ e que era um teatro de esnobação em que o autor veiculava muito suas idéias, os seus princípios literários, mas completamente distanciado da vida, da realidade. É um teatro etéreo e não terreno.

“– Então passei para uma literatura mais objetiva e escrevi possivelmente no meu entender a minha melhor peça: **Os Deserdados**. São todas essas formas literárias bonitas de dizer as coisas numa peça em que não estão modificadas as condições de existência do povo.

“– Temos **Os Deserdados** o drama do misticismo, o drama da seca e o drama da perversidade que gira em torno desses problemas. Posteriormente me desviei dessa tendência por influência do próprio TEATRO ESCOLA DO CEARÁ que fazia espetáculos para uma classe social distanciado dos problemas mais imediatos do povo e passei a escrever peças em que os personagens e o sentido de aventura eram mais da inteligência burguesa do que do estado natural da convivência da minha comunidade, que é pobre”.

⁶ “**O Demônio e a Rosa**”.

OS DESERDADOS

“O drama torturante dos flagelados da seca” poderia ser a legenda de **Os Deserdados**, tão bem definida no estudo de José Lemos Monteiro. Eduardo Campos procura “denunciar o lado injusto do poder”. “O teatro, é então, um meio de desabafo ou protesto do autor, cômico de que a arte deve também exercer um papel de modificação das estruturas sociais”⁷. (José Lemos Monteiro)

“O aproveitamento do fanatismo religioso” tendo como pano de fundo a seca mostra um autor maduro, dando com esta peça um salto de qualidade, fixando um estilo próprio. A peça é equilibrada, sem pieguices, nunca descamba para o dramalhão. Um clima de fatalidade trágica acentuada pelo coto (a multidão) como nas tragédias clássicas. Aqui ele é bem utilizado, faz parte orgânica da peça não servindo apenas para ilustrar a ação.

Um menino preto morre soterrado. A coincidência da chuva, o aleijado que anda, são milagres atribuídos a ele, pela mãe enlouquecida. Depois os milagres param. E a seca vista como castigo dos pecados humanos. (“E como poderia continuar chovendo com o mundo perdido, cheio de pecadores?”).

A purificação teria que vir pela morte do vilão (e não era isso que Tirésias pregava para Tebas? Se ver livre do ímpio Édipo?). Só que aqui o ímpio é o poderoso Augusto (“comerciante impiedoso”), que também tem sua queda (a catástrofe), “o mal que de tudo nos tem acontecido, esses anos de provação, esses invernos curtos, as estiagens de muitos meses, vêm da ruindade de alguns!”

A galeria de personagens é enriquecida com Hortênsia, a primeira das mulheres fortes, ou melhor o primeiro dos grande papéis femininos de Eduardo Campos. ‘Aquela mulher está demente! Dizem que tresvaria desde que lhe morreu o marido’. No outro extremo está o ganancioso Augusto, a personificação do mal. Simboliza o poder. A fortuna ganha na

⁷ Depois da peça, o **Morro do Ouro** melhorou muito. Ganhou pavimentação; ganhou luz; ganhou água; pracinha para namorados, abrigo de ônibus. Está mais limpo. Não lembra mais o tempo em que era a “rampa”. Está muito mais bonito. E agora vai possuir o seu Grupo Escolar para abrigar a sua população infantil que deseja aprender a ler. (notícia jornal).

exploração dos fracos. A falta de solidariedade humana. (“Chegou pobre aqui. Está rico. É dono da terra, dos bichos.. tudo agora lhe pertence”). E o que é pior, o dono da água. E no entanto Augusto é muito humano em sua luxúria; Os homens como eles são, de Eurípedes, e não os homens como deveriam ser, de Sófocles.

Outra figura de destaque é Gedeão, (“tenho uma missão a cumprir”). O mais fraco será o instrumento para vingar, derrotar o mais forte, Augusto.

A peça vai num crescendo, muitas vezes com excelentes ações simultâneas. A temática nordestina é muito bem explorada. O diálogo é seco, ajusta-se às personagens, mesmo com a correção gramatical, um equilíbrio entre o regional e a dimensão clássica das personagens. É uma boa peça.

FESTIVAL E PRÊMIOS

Depois de sua estréia a 17 de setembro de 1952 no Teatro José de Alencar, **Os Deserdados** ainda receberia montagem do Teatro Escola. Em Natal realiza-se o I Festival Nortista de Teatro Amador (1955) e o Teatro-Escola vai mostrar o bom teatro que se fazia no Ceará. E leva **Os Deserdados** apresentando-se a 16 de setembro no Teatro **Carlos** Gomes, de Natal. Nadir Saboya mostra um espetáculo autenticamente cearense, autor, elenco, técnicos, tudo do Ceará, como futuramente faria em outros festivais. Prêmios Nadir Saboya (Menção Honrosa) Albuquerque Pereira (Medalha de Prata), e Menção Honrosa para o Espetáculo.

Em televisão **Os Deserdados** foi apresentado pelo elenco da TV Ceará, TV Piratini, TV Rádio Clube (Recife) e Tv Marajoara (Belém). Em 1967, viria a consagração, com adaptação (vídeo tape) de Hildeberto Torres, participou do XIV Concurso Internacional de Espetáculos para Televisão, em Barcelona, classificando-se em terceiro lugar.

A MÁSCARA E A FACE

Sua peça seguinte, **A Máscara e a Face**, estreou no Teatro Santa Isabel de Recife a 14 de outubro de 1956, representando o Ceará no II Festival Nortista de Teatro Amador e estreando em Fortaleza em 1957, no Teatro José de Alencar. **A Máscara e a Face** teve como intérpretes: José Maria Lima, Nadir Saboya, Marisa Campos, Fernanda Quinderé,

dirigidos por Nadir Saboya, com cenários de Flávio Phebo. O Ceará recebeu os prêmios de melhor Atriz (Nadir Saboya), e melhor cenógrafo (Flávio Phebo).

Somente a 13 de junho de 1957 **A Máscara e a Face** é encenada em Fortaleza, desta vez com Gracinha Soares, Marilsa Lima, Edmar Lias, Itamar Cavalcante, Iuan Hill, Ruy Diniz, José Maria Lima e Nadir Saboya, no elenco.

“Lícito aludir, pela cronologia esboçada, a meus anos de novelista de rádio. Cometi por esses dias alguns dramas popularescos, sinto dizer, mas que fizeram vibrar a cidade de Fortaleza, urbe adoravelmente provinciana por esses passados e com admiráveis criaturas que podem manter intactas, como José Dias Macedo, a lembrança de meus personagens dessa fase.”

Assina Eduardo Campos (*Retrospectiva em Tempo de Teatro*) traçando sua atuação teatral, escreveu.

A Máscara e a Face tem estes resquícios, “novelista de rádio”, “drama popularesco”. É uma peça desprezível com relação as anteriores **O Demônio e a Rosa** e **Os Deserdados**. Ademais como disse o crítico Agnelo Macedo⁸ “Eduardo Campos precisa trabalhar mais **A Máscara e a Face**. A idéia é interessantíssima e ele poderá perfeitamente conseguir muito mais. Soubemos, depois, que a peça foi escrita em três noites apenas. Isso é um crime. Não há gênio que consiga espremer uma peça em tão pouco tempo.

“A técnica de construção da peça de Eduardo Campos tem muita originalidade, qualidades de autor ele as tem, e isso vale dizer que, dispondo de tempo para corrigir os defeitos, podendo evitar o perigoso que representa sempre escrever como se diz, em cima da perna, **A Máscara e a Face** ganhará muitíssimo. É preciso, pois, que ele refaça o seu trabalho, pois poderá torná-la numa peça de muito interesse”.

“Protótipo da hipocrisia humana” como definiu Nadir Saboya, é **A Máscara e a Face**, e acentua: “Já tem sido ele, muitas vezes apontado como autor teatral, de incoseqüente e aligeirado na execução de sua proçiuções, não lhe perdoando os críticos essa irreverência”. A peça é um excelente veículo para uma atriz; tem até queda em cena. Nadir deve ter sido soberba no papel. Para quem não a conheceu, no palco, Nadir Saboya lembrava as fortes atuações de Betty Davis.

⁸ Jornal do Comércio Recife, 15 de outubro de 1956.

O TEXTO

O ser e o parecer, o fato e a realidade, **A Máscara e a Face**, nesta dicotomia Eduardo Campos desenvolve o drama de uma família da alta burguesia, envolta pelo fingimento. Tudo começa no dia

Jornal do Comércio Recife, 15 de outubro 1956 do aniversário da veneranda senhora Elvira, cujo marido “nos deixou cedo demais”. Elvira fracassou naquilo que lhe era mais caro. A criação de filhos perfeitos “todos esculpidos com perfeição e ressoando perfeições”. E segundo seu raciocínio não poderia ser diferente já que: “A esposa bem intencionada, guardiã da casa, há de possuir qualidades e regras que repassa, como fiz, necessariamente para os que a cercam”.

Elvira crê realmente na fantasia em que vive (“maravilhosa é a família que Deus me permitiu construir”). Mas “na vida das pessoas existem sempre os entraves” e aos poucos a verdade vai se revelando a seus olhos. Para afinal concluir “somos pobres criaturas humanas”.

Figura sonhadora, vivendo num mundo ideal, Elvira registra em fotografias os momentos significativos da vida familiar. “o retrato, é o reflexo, o espelho do que somos!” Mas a verdade dos fatos é bem outra dos sorrisos das fotos. “Sorri para que, se na realidade nos detestamos, se estamos animados a nos repelir uns aos outros? Temos de fazer tudo para agradar a matriarca”.

Os vícios, os defeitos, os pecados são sutilmente, mais insinuados que verbalizados (jogo, adultério, perda da virgindade). Imperava o “falso clima de perfeição que cultivamos em torno de nossa felicidade em família”. Todos tem defeitos, só Elvira não vê. Os filhos: Gustavo (fama de esquisito, o filho pródigo) abandona a família (“até hoje não pude entender a atitude dele”), o espectador também não. Orlando (a nota dissonante, o perdulário), leva a falência da empresa da família. Delmare, o suicida (é apenas mencionado, um enxerto desnecessário), o drama já é bastante intensificado. Clarinha abandonada pelo noivo, possivelmente depois de seduzida. Margarida (esposa de Orlando) provavelmente adúltera. Todos tem defeitos graves. De integro só a própria Elvira e Mesquita (meticuloso, cauteloso), empregado da fábrica. A caracterização é boa. O Fotografo (figura tétrica, o feiticeiro do mal) usado como bode expiatório.

A peça começa muito bem, tem uma Exposição (a parte inicial quando o autor estabelece as regras, local, época, etc, as informações que o espectador precisa para compreender o drama) muito boa e vai assim até a metade do segundo ato. As cenas às escuras, mantendo assim um único cenário são Influência do rádio, onde apenas a Voz dos atores é ouvida, sendo o visual impossível. Também como nas novelas de rádio onde o final do capítulo é importante para que ou ouvinte volte no dia seguinte, Eduardo Campos é mestre nos finais de atos.

O que mais se pode dizer de *A Mascara e a Face* é que o cotidiano do teatro não é feito de obras primas. Textos tem dimensões diferentes, sem serem necessariamente bons ou ruins. E de se perguntar, que importa que a crítica mesquinha chame de melodrama, se o público gosta!

NÓS, AS TESTEMUNHAS

Nós, As Testemunhas é de 1958, também apresentada pelo TEATRO-ESCOLA DO CEARÁ, com direção de Nadir Saboya e cenários de Floriano. O elenco foi formado por Cláudio Santos (Lineu), Nadir Saboya (Dona Augusta), José Maria Lima (testemunha), Fernanda Quinderé (Carmem), e Marilsa Lima (Anastácia).

Com **Nós, As Testemunhas** participou do I Congresso Nacional de Teatro Amador, realizado em Natal (14 de Outubro 1958), promoção da Sociedade Nacional de Teatro Amador (Sonata). Participou a 20 de Janeiro de 1959, do III Festival Nortista de Teatro Amador, desta vez realizado em Maceió e traz para o Ceará os prêmios de Melhor Atriz (Fernanda Quinderé) e Melhor Atriz Coadjuvante (Nadir Saboya). Ainda com esta peça participou do II Festival Nacional de Teatro do Estudante, organizado por Pascoal de **Carlos** Magno, realizado em Santos (SP), tendo o TEATRO-ESCOLA apresentado-se a 17 de Julho de 1959.

Nesta peça Eduardo Campos volta a sua forma anterior. Quebra convenções teatrais no texto e no espetáculo. No espetáculo, atores já podiam ficar de costas. A forma como usa a testemunha, contando com a cumplicidade da platéia, é um dos grandes efeitos. O espetáculo é nitidamente *Apresentacional* em vez de *Representacional* isto é a peça é Apresentada, tendo a consciência da presença do público e não Representada, como se ele não existisse.

Eurídice (Carmem na montagem), mulher ardente sofre com a indiferença do marido, que só se dedica ao trabalho. Sofre com a hostilidade da sogra, sofre com as investidas de um possível amante.

Para nós (as testemunhas) ela é “tão humana, tão infeliz”. Para o marido, Lineu: “Dez anos vivia com ela. Sempre insatisfeita, sempre desejando que eu abandonasse as minhas preocupações de trabalho”. Para Margarida (Augusta na montagem), mãe de Lineu, mãe possessiva, ciumenta, uma megera para a nora, ela era: “o lado mal da vida do meu filho”.

Como bem analisou Fran Martins, “ele se utiliza de um processo psicológico em que os espectadores podem acompanhar a história sem ter um ponto de vista firmado, porque a solução do problema apresentado na peça realmente vai depender do julgamento de cada um. O autor não guarda mistérios sobre isso, quando lança o problema e apresenta a solução. Solução particular dos personagens, a que nos outros, espectadores ou testemunhas do fato, não estamos na obrigação de aceitar. Porque as testemunhas, aquela testemunha que aparece na peça, a acusar o personagem sobre o seu modo de agir, na realidade não é material, mas psicológica. E talvez a consciência, e cada um dos espectadores, transformado em testemunha, julgará de acordo com a sua própria consciência do personagem.

“O crime foi motivado por excesso de paixão”. Houve crime? Como foi o crime? É a pergunta dramática principal “Sabem lá o que é uma mulher desesperada, tentada pelo amante, abandona pelo esposo?” assim pode ser resumido o enredo da peça.

Depois da cena inicial a peça retrocede, num grande *flash back*, para perto do final retornar ao ponto inicial. “Lineu leva as mãos a garganta de Eurídice que se debate”. O autor atualizou, alguns dados como por exemplo, o hábito de Margarida assistir televisão; em 1958, não existia entre nós. O diálogo expressivo, fluente, não necessariamente coloquial, pois gramaticalmente correto. Muitas vezes os pronomes oblíquos tornam a fala artificial.

Um ponto de estaque nas apresentações de **Nós, As Testemunhas**: “É efetivamente um encanto a generosidade com que Fernanda Quinderé⁹ se entrega a seu papel, numa afirmação muito séria de seus dotes artísticos. Em cena ele não quis (ou não lhe foi permitido) ser a mocinha de sociedade, freqüentadora contumaz das colunas do *society* porém, exclusivamente a

⁹A peça foi escrita para ela.

Carmem, com seus problemas, sua sensibilidade, seu sofrimento de esposa ente o amor do esposo e o persistente apelo do amante. Não teve, por assim dizer, nenhuma consideração com os frívolos recatos de sua casta, Q que, de algum modo, também lhe define a vocação de atriz. Ela compreendeu, assim, que não pode haver teatro, nem arte nenhuma séria, sem irrestrita entrega, e compreendeu ademais que no palco o figurante não é mais possuidor de sua personalidade cotidiana, porém, um ente triste ou alegre, cínico ou recatado, modesto ou turbulento, mesquinho ou generoso, segundo a inspiração do papel que lhe foi distribuído”. (Fran Martins)

“Escrevi possivelmente no meu entender a minha melhor peça: **Os Deserdados**”, no entender de Eduardo Campos, no nosso entender, é Nós as Testemunhas, o melhor desta fase.

SEGUNDO VOLUME

Esta publicação, em dois volumes, continua com a publicação das peças O Morro do Ouro, Rosa do Lagamar, A donzela Desprezada, A Revolta dos Animais, e O Andarilho. E a terceira fase de Eduardo Campos, a fase da maturidade. Ambas importantes, para um autor que teve a felicidade de ser encenado por grupos, quando eles estavam sem seu apogeu: Teatro Universitário, Teatro Escola, Comédia Cearense, Grupo Balaio.

O QUE FICA FORA DA SELEÇÃO

Eduardo Campos selecionou os textos para esta coleção, eliminando alguns, escolhendo outros. Eles representam o segundo e grande momento do teatro cearense no século XX. Seria o autor o melhor juiz? É que Eduardo Campos escolheu para preservar para a posteridade as peças pelas quais quer ser lembrado. Assim como nós escolhemos um retrato (o que nos parece melhor) para oferecer aos amigos ou para publicação. A nossa melhor face. Lamento a ausência de A Farsa do Cangaceiro Astucioso e do Fazedor de Milagres, que já enfrentaram o teste do palco. Mas pela primeira vez é possível avaliar em conjunto a obra teatral do autor, a fonte seminal. Esta publicação é pois tão importante quanto foi a publicação da obra (teatral) completa de **Carlos** Câmara, em 1979.

OS ANOS CINQUENTA

Eduardo Campos em Fortaleza deve ter sofrido nas mãos de intelectuais ligados à literatura mas não a dramática, como é o caso de Aluizio Medeiros e Braga Montenegro. E se eles faziam parte da nata da intelectualidade, imagine o grande público. Em nível nacional, mesmo os entendidos, a crítica pedante, não disfarçava a má vontade, o preconceito, a implicância mesquinha mesmo, pela ousadia de um nordestino escrever teatro. E agradecer.

Hoje intelectuais desse calibre, com assento nas academias, não mais escrevem sobre teatro, nem são vistos nem mesmo nas platéias. E de se lamentar? Sim. O pior para um autor é ser ignorado.

Nesta minha nota eu posso ter cometido os mesmos pecados que condenei. E que eu tenho grande respeito pelos meus predecessores. Entesouro a herança cultural que eles me legaram. Tenho admiração incontida pelos construtores da tradição do teatro cearense do qual sou herdeiro. A veneração de quem tem anos e anos de ribalta. O autor é a fonte na qual o ator sedento bebe.

Creio que Eduardo Campos com todo sucesso que teve, no íntimo, conversando com seu travesseiro, deve achar que jamais criou um espetáculo tão belo, tão forte, tão poético, tão comovente, quando o visto por ele em Pacatuba:

“E era como se de madeira e ferro fosse. E movia-se sobre águas que não existiam, a carregar homens e mulheres – o pai que me criou estava entre eles –, e ia para lugar muito bom, aonde todos acreditavam chegar. Meus oito anos não podiam definir tudo, nem tampouco os adultos da platéia saberiam explicar. Sei hoje, vencidos tantos anos: era um drama de muito mar, muita aventura, muita dor, muita saudade, e português “Os Dois Sargentos”? -’ daí o barco, os tripulantes... Assim a primeira peça de teatro que vi representada ante os meus olhos, em Pacatuba.”

O autor experimentou a mais forte emoção que um mortal pode sentir: o primeiro espetáculo. Pelo menos para quem recebe o chamado do palco. E foi para isso que ele criou para nós, os momentos mais significativos da dramaturgia cearense. Termina então a segunda fase, a fase intermediária de Eduardo Campos, enfocada neste volume.

RETROSPECTIVA EM TEMPO DE TEATRO¹

Eduardo Campos

E era como se de madeira e ferro fosse. E movia-se sobre águas que não existiam, a carregar homens e mulheres – o pai que me criou estava entre eles - e ia pata lugar muito bom, aonde todos acreditavam chegar. Meus oito anos não podiam definir tudo, nem tampouco os adultos da platéia saberiam explicar. Sei hoje, vencidos tantos anos: era um drama de muito mar, muita aventura, muita dor, muita saudade, e português “Os Dois Sargentos”² - daí o barco, os tripulantes... Assim a primeira peça de teatro que vi representada ante os meus olhos, em Pacatuba.

Nesse mesmo burgo, pelo Natal, o bumba-meu-boi – teatro assentado em boa tradição popular, haveria de me encantar pata, anos depois, me vocacionar ao folclore.

Vindo morar em Fortaleza, em noite doméstica e ainda sem rádio e televisão, na residência do Maestro Alfredo Oliveira, meu tio afim, assisti a um teatrinho improvisado pela família. Meu irmão Ayrton vivia o papel principal.

Esse, sem dúvida, o rudimento de minha didática de iniciação teatral, até o dia em que a Sra. Creuza Feteira Lima, diretora do Educandário Santa Maria (no Benfica), a instâncias de sua mana Laizinha, para alunos e mestres mandou-me ler em Voz alta o texto de peça ‘Jesus Crucificado’.

Eu nem sabia o que se dava. E dava-se.

Fazia-me ao teatro como ator, e mais à frente, não como artista principiante mas já experimentado, a interpretar primeiro Anás, depois Caifás... e por fim, em estado de graças, Jesus.

Não pensem que tudo haveria de suceder comigo por simples obra do acaso.

O acaso não confere sucesso, não dá dividendos. Algo de extraordinário deve ter acontecido comigo, pois aquele Jesus posto em mim – ou eu posto em Jesus – perseverou tal êxito que acabei ganhando oitenta mil réis, régio pagamento para a condição de ator, à época.

¹ Teatro José de Alencar, 1979, ao ensejo dos 40 anos de teatro do autor, e à leitura dramática de “O Andarilho”, pela Comédia Cearense.

Esse o nascimento do ator. Depois, à frente, não muito depois, revelaria-me autor, o que já exige um tom maior nesta lembrança. E ora conto como o dramaturgo surgiu, a nascer como tudo que vem tenro, de baixo, mas encorajado pelo idealismo que acabaria vicejando ao final em modesto teatro instalado aos fundos da Casa Paroquial da matriz de São Gerardo, bairro de mesmo nome, a empenhos do Pe. Expedito Eduardo de Oliveira Bispo de Patos, em Paraíba, depois). Nesse local, sob incontido entusiasmo juvenil, partia para inaugurar as suas atividades o Teatro Escola Renato Viana, iniciativa e sonho que reparti com o poeta Artur Eduardo Benevides, já aquele tempo (1940) mais do verso do que do drama.

E vem o meu segundo encontro com Renato Viana, patrono do movimento a que aludo. Fascinava-me a personalidade do autor de “Deus” e “Sexo”, chegado a Fortaleza precedido da consagração pelo trabalho artístico desenvolvido no Rio Grande do Sul. Artur Eduardo Benevides e eu fomos encontrá-lo na residência do sogro, onde demorava hospedado. Recebeu-nos metido em robe de chambre (necessário confessar: tal indumento, para mim, só conhecido posto em personagens de romance).

O teatrólogo chupitava seu cigarro de piteira dourada, tudo como deve convir a quem é artista importante, festejado merecidamente. Naquele instante ganhamos cigarrinhos – denominavam-se Alexandrinos.... –, boas idéias e sonhos, principalmente sonhos, com os quais haveríamos de plantar a teimosa semente teatral, de botânica – quem porventura ousa ignorar? – caprichosa e desafiante, mas, se manejada com carinho, acaba medrando em chão ainda que estéril.

Parturiu-se aí o dramaturgo naturalmente sob a influência filosófica do patrono do teatro que passávamos a animar, e logo escrevi por esses dias a peça “Religião”, drama – vejam os caprichos do jornalismo! – a sensibilizar, quando levado à cena, a desprevenidos críticos de “O Nordeste”, jornal porta-Voz de Deus no Ceará, em breve mas encorajador comentário.

Sucederiam outras peças, nessa fase, prioritariamente comédias. Não vale a pena nomeá-las. Ao todo foram oito ou nove, e as deserdei de meu afeto depois, cometendo a ingratidão de rasgá-las e desse modo alijá-las da minha bagagem dramática.

Só muito por diante, vim compreender que àquela hora eu me desfizera de bom pedaço de mim mesmo, e a toda certeza as boas imagens de meus primeiros sonhos.

Nesses dias, os dos anos quarenta, descobri os grandes nomes que haviam contribuído para a renovação da arte cênica.

Através de intensa leitura conheci o chamado “teatro de agitação”, ou Outubrista, da Rússia, que o historiador René Fulope Miller acabara de contar em seu alentado “Espírito e Fisionomia do Bochevismo”.

Desde aí tornar-me-ia íntimo de Stanislavsky, de quem viria a conhecer, em 1954, apreciadas confissões autobiográficas.

No afã de tudo saber sobre as novas técnicas da dramaturgia universal, travei conhecimento através de livros com Anton Giulio Bragaglia, inovador da cena italiana.

Amadurecida estava a minha vocação para o palco, e, convém lembrar agora, por esse tempo não mais almejava tornar-me dramaturgo, mas diretor de cena.

Por isso, perseverei durante muito tempo em aprender que me parecia viável em matéria de direção, e conhecimentos técnicos de palco, assumindo a figura de freqüentador de caixa de teatro, a demorar, a exemplo, horas a fio no Teatro José de Alencar, onde, junto ao acolhedor e competente Gerson Farias, acabaria aprendendo a pintar cenários, atividade aplicada depois no Teatro Escola Renato Viana.

Acrescente-se: não fui apenas cenógrafo, mas pintor de tabuletas. Estas, de sexta até domingo, anunciavam para o bairro 95 espetáculos do Teatro-Escola. Francisco Maciel, ainda falando ao rádio, por agora, cuidava de expô-las na Praça de Otávio Bonfim.

Nesse campo, progredi. Na montagem de peças, passei a aplicar a rotunda para valorizar o espaço cênico, garantindo-lhe maior profundidade, providência posta em prática pela primeira vez no Ceará, salvo melhor juízo, em 1950, quando da apresentação de peça de minha autoria: “**O Demônio e a Rosa.**”

Ao lado do saudoso Waldemar Garcia dirigi minha primeira peça na condição de “metteur-en-scène”: “**Os Deserdados**”, o marco zero da minha atuação como diretor de teatro quando pude contar com João Ramos, que em cima do palco, pontificou soberba interpretação.

Por esses dias eu já havia lido quase toda a obra de Ibsen, a começar da “*Casa de Bonecas*”, peça que o cinema argentino, em boa adaptação, aproveitou na época em filme de sucesso.

Em 1945, sucedendo de estar no Rio de Janeiro, acompanhado de Antônio Bandeira e Aldemir Martins, deslumbrar-me-ia com “Vestido de Noiva”, para nunca mais esquecer a primorosa interpretação de Irene Stipinska, a viver o papel de Madame Clecy.

Não esqueceria o autor, Nelson Rodrigues, nem a Ziembinsky, que fui deparar anos adiante, para meu desconsolo, fazendo papel de travesti em novela de televisão.

Abriu-se aí, para mim, o caminho do teatro que me entusiasmava pela leitura de textos e visão de fotos de atores e cenários. Já me considerava aprendido na arte, depois de ter lido e analisado o trabalho de Max Reinhardi, Gordon Craig e tantos outros. E ansiava

já então pela utilização de luz, movimentação de refletores, de claros e escuros, e efeitos de som.

Na década de 1950-59, podia pôr-me em dia com os grandes êxitos da literatura dramática contemporânea, a ler por então, em italiano, a cada quinze dias, as peças encartadas na revista “II Drama”.

Foi meu caminho para ter intimidade com os grandes autores teatrais da época.

Dos americanos, Eugene O’Neill me impressionou vivamente. Podia, sem esforço, por essa época, repetir os trechos mais significativos, por exemplo, de “Electra e os Fantasmas”. E às vezes como se visse Clara ante um Tomás perplexo, instar a que se fechasse a casa, que nela não mais pretendia morar.

A casa apodrecesse ao sol e à chuva...

“E quando os retratos dos Mannons apodrecessem também nas paredes, é natural que todos os fantasmas que vivem lá dentro recolham de vez à Morte, de onde vieram...”

E então tudo acabará de vez.”

Vejo agora: não pode ser tão simples, digo-lhes. Ainda que sejam poucos os retratos ou fantasmas pendurados em nossas casas, existem imagens que se nos entranham e jamais se desprenderão de nossas vidas.

Ainda neste momento é como se aqui, diante de todos, navegasse aquele barco do drama português que me concederia o meu primeiro contato mágico com a realidade teatral. Talvez símbolo da própria arte que cultivei sob mil sacrifícios ao longo de quarenta anos, a experimentar mais as emoções da resignação do que as inspiradas no sucesso, chego a credi-

tar que o êxito – ando bem em referir Aldous Huxley –, é deusa-prostituta que “exige estranhos sacrifícios de seus adoradores.”

Devo os bons momentos desses idos de 1956 à Senhora Nadir Papi Saboya, atriz e diretora irrepreensíveis.

De igual modo me tornaria devedor confesso, primeiro a B. de Paiva, e, depois, em maior grau, a Haroldo Serra, outros dois expressivos artistas que me ajudaram na minha escalada teatral, uma ascensão naturalmente modesta e que me ensinou apenas a pisar pequenos cômodos, tudo feito sem deslumbramentos excessivos e vertigens de ordem pessoal.

Licito aludir, pela cronologia esboçada, a meus anos de novelista de rádio.

Cometi por esses dias alguns dramas popularescos, sinto dizer, mas que fizeram vibrar a cidade de Fortaleza, urbe adoravelmente provinciana por esses passados e com admiráveis criaturas que podem manter intactas, como José Dias Macedo, a lembrança de meus personagens dessa fase.

Com o advento da televisão, de que fui pioneiro no Ceará, foi-me dado outro campo de experimentação técnica e artística. Ali, no meu local de trabalho, a TV Ceará, vi gravar em videoteipe e seguir para a Europa, “**Os Deserdados**”, produção tecnicamente perfeita, concepção e realização de Hildeberto Torres.

Para encurtar: soaram por volta de 1963 os bons tempos, pelo menos para mim, de “O Morro do Ouro”, dias alacres, divertidos, contestadores, e de muitos aplausos. Os primeiros momentos de minha sonhada “Trilogia dos Dramas Urbanos”. Sobem ao palco, nessa hora, os pobres do Ceará, comunidade emparedada em sofrimentos mas paradoxalmente descontraída e otimista. Essa mesma gente em 1964 vai falar também, dar o seu recado, nos momentos dramáticos de “A Rosa do Lagamar”. Depois da “Farsa do Cangaceiro Astucioso”; “O Fazedor de Milagres”. E espetáculos curtos, qual “**O Anjo**”, também encenado por amadores no Teatro José de Alencar. E mais perto de nossos dias “O Julgamento dos Animais”, peça infantil, e “O Andarilho”, hoje aqui, declamada em público, em minha homenagem...

“Amái vossa vida, por mais pobre que seja”, é conselho que eu vou tomar a Henri Thoreau.

Pois bem, desprovida de grandes lances, modestíssima mas perseverante, tem sido a minha carreira teatral que hoje comemoramos na marca de quatro décadas, e que me enseja, contentado, repartir as tantas

emoções, ora sentidas, com todos que acudiram ao Teatro José de Alencar, neste exato momento para tão cativante gesto de amizade.

Digo-lhes: sinto-me feliz por simplesmente ter feito o que sempre desejei fazer.

O barco que me conduz é frágil, e também de papel, qual o que vi sobre o palco de Pacatuba, na infância, a carregar a meu pai e a seus companheiros de drama para alguma desejada Ítaca.

Ninguém navega sem a esperança.

E sem sonhar.

Este meu barco é qual um sonho bom.

E não vai terminar hoje.

CRONOLOGIA DA ATUAÇÃO DRAMÁTICA DE EDUARDO CAMPOS

1939

Em abril, estréia Eduardo Campos como ator, interpretando Anás na peça **Jesus Crucificado**, encenada no Teatro Santa Maria Benfica.

1940

Em decorrência de seu progresso como ator, é Jesus, na mesma peça, percebendo o “cachet” de oitenta mil réis.

– **O Criador de Mentiras**, seu primeiro texto é encenado no Teatro São Gerardo, no Teatro São Gerardo a 11 de Agosto.

1941

A 28 de fevereiro, com a concordância do teatrólogo Renato Viana, Eduardo Campos e Artur Eduardo Benevides fundam o TEATRO ESCOLA RENATO VIANA.

– A primeira representação do Teatro-Escola Renato Viana, honrando o programa de ação que o inspira, dá-se a 23 de março, com peça de Eduardo Campos, às 19h30min, no antigo Teatro São Gerardo: *Religião*. Nesse ano áureo do Teatro-Escola Renato Viana, em São Gerardo, o grupo encenaria uma peça por semana (aos sábados e domingos). Eduardo Campos, além de autor de vários textos dessa intensa programação, atua como diretor, ao lado de William Alcântara, e como ator em todos os espetáculos: *O Filho de Deus*, *Desdita de Caboclo e Flor do Mato*, de William Alcântara; *Elos de Vida*, de Gerardo Oliveira; *Fantoches de Soure*, de Luís Iglésias; *O Céu Sobre Nós Dois*, de Artur Eduardo Benevides; *Um Homem*, de Eurico Silva; *Único Defeito*, de Fernando Silveira; *O Tio Bremaru e Diana*, de William Alcântara; *Era Uma Vez um Vagabundo*, de José Wanderley e Daniel Rocha; *A Fé Venceu*, de Renato de Faria; *Meu Lindo Sonho de Amor*; de Artur Eduardo Benevides; *O Homem Que Queria Ser Doido*, de Eduardo Campos; *A Felicidade Veio com Ela*, de William Alcântara; *Falta Uma Estrela no Céu*, de Eduardo Campos, e *Dinheiro É Tudo*, *O Noivo de Minha Viúva e Aconteceu Numa Noite De Natal*, de William Alcântara.

– A 15 de dezembro, Eduardo Campos, no Teatro José de Alencar, é o General Simão da opereta *A Valsa Proibida*, de Paurillo Barroso e Silvano Serra. Produção Sociedade de Cultura Artística.

– O TEATRO-ESCOLA RENATO VIANA continuará com sua programação semanal. Eduardo Campos participará ainda como autor, ator e diretor: *Veneno*, *Pedacinho de Céu*, *A Mulher que Venceu*, *Um Olhar Sobre a Terra* e *As Aventuras do Mocinho Dali*, todas de sua autoria, e mais: *Saudade*, de Paulo Magalhães; *Flores de Sombra*, de Cláudio de Sousa; *Lucielda e Ela Não Era Ele*, de William Alcântara; *Olhai Para O Além* e *Céu Sem Estrelas*, de Gerardo Oliveira; *Divino Perfume*, de Renato Viana, e *Onde Estais; Felicidade?* de Luís Iglésias.

– É fundado, no dia 26 de janeiro, em solenidade realizada no Palácio do Comércio, o TEATRO DO ESTUDANTE DO CEARÁ. Eduardo Campo participa, como supervisor de sua primeira diretoria.

– É noticiada pelos jornais reunião do CENTRO DE CULTURA TEATRAL, com o patrocínio do Clube de Literatura e Arte, sob inspiração do poeta Antônio Girão Barroso, para estudar a possibilidade de montar **O Demônio e a Rosa**, primeiro trabalho de sua nova fase dramática. O jornal *Correio do Ceará* registrara à época: “A interessante comédia de Eduardo Campos, que não faz muito publicou o livro de contos *Face Iluminada*, será levada a cena sob direção do conhecido teatrólogo Abel Teixeira, devendo tomar parte do espetáculo os artistas Tiago Otacílio de Alfeu, João Ramos, Rute Alencar, Teixeira Mendes, Mirian Silveira, Lourdes Pereira, Maria Nunes, Mary Blanc Rui Jatobá, etc.”

– Em julho é feita a leitura da peça, **O Demônio e a Rosa** no Teatro José de Alencar, com o elenco do Teatro Anchieta e com direção do diretor do grupo, Renato Viana.

– O Grande Teatro Tupi, da Rádio Tupi, de São Paulo, em adaptação de Valter George Durst, transmite **O Demônio e a Rosa**.

– O pintor Antônio Bandeira, em Paris, escreve aos jornais de Fortaleza anunciando que traduzirá **O Demônio e a Rosa** para espetáculo programado pela BBC de Londres.

1948

Em fevereiro, a Revista CLÃ publica **O Demônio e a Rosa**, também impresso em separata.

1949

Escreve novelas para o radioteatro da Ceará Rádio Clube, de grande audiência à época, das quais se destacam: *Aos Pés do Tirano*,

Inspiração e Sombras do Mal. Esses trabalhos são transmitidos em Recife, Natal e Belém.

1950

O Teatro Universitário, em memorável noite, leva à cena no Teatro José de Alencar **O Demônio e a Rosa**. Armando Vasconcelos, em duas reportagens para *O Estado*, entrevista as lideranças intelectuais do Ceará sobre o evento. Falam ao **Repórter**: Fran Martins, João Clímaco Bezerra, Aderbal Freire, Braga Montenegro, Antônio Girão Barroso, Tiago Otacílio de Alfeu, Charles Pomerat, e o próprio autor, sobre sucesso da representação.

– A 26 de agosto é encenada **O Demônio e a Rosa** em Leopoldina (MG), no Cine-Teatro Alencar, pelo Teatro do Estudante de Leopoldina. Direção de Juarez Valverde.

1956

A peça **A Máscara e a Face**, representando o Ceará no II Festival Nortista de Teatro Amador, no Recife (Teatro Santa Isabel), possibilita a que Nadir Papi Sabóia seja considerada pelo júri a Melhor Atriz, e ganha Flávio Phebo o prêmio de Melhor Cenógrafo.

TEATRO ESCOLA DO CEARÁ.

1951

À 20 de setembro, com Fran Martins, Nadir Papi Sabóia, Maristher Gentil, Elza Bernardino, Stênio Lopes e Otacílio Colares, dentre outros, Eduardo Campos funda o TEATRO ESCOLA DO CEARÁ.

1957

A 13 de junho; o Teatro Escola do Ceará encena; no Teatro José de Alencar, **Nós, As Testemunhas**. Elenco: Fernanda Quinderé, Cláudio Santos, José Maria Lima, Nadir Papi Sabóia e Marilsa Lima. Cenário de Floriano Teixeira. Direção de Nadir Papi Sabóia.

1952

É montada, a 17 de setembro, pelo TEATRO ESCOLA DO CEARÁ, a peça **Os Deserdados**. Waldemar Garcia, experiente homem de teatro, divide a direção com o autor.

1958

A 24 de outubro, Eduardo Campos pronuncia conferência sobre teatro, em Natal. Nesta mesma data é encenada ali a peça **Nós, As Testemunhas**, por ocasião do I Congresso Brasileiro de Teatro Amador, no Teatro Alberto Maranhão.

1953

Em dezembro, a Revista CLÃ publica, de sua autoria, Decoração Teatral.

1955

O Anjo; peça em um ato, é montada pela primeira vez no Festival de Arte de Amadores, no Teatro José de Alencar, a 5 de junho. No elenco: Ary Sherlock, Elaina Duarte, Nely Rocha, Othon Damasceno e Hélio Schramm. Direção de Othon Damasceno. Produção independente.

– A 16 de setembro, por ocasião do I Festival Nortista de Teatro Amador, em Natal, o Teatro Escola do Ceará consegue importantes prêmios com os: **Os Deserdados**. Nadir Sabóia ganha Menção Honrosa (Atriz), Albuquerque Pereira, Medalha de Prata (Ator) e ainda Menção Honrosa para o Espetáculo.

1959

Nós, As Testemunhas participa do III Festival Nortista de Teatro Amador, em Maceió, no Teatro Deodoro. Fernanda Quinderé obtém Medalha de Ouro de Melhor Atriz. Nadir Papi Sabóia: Melhor Atriz Coadjuvante.

– O Teatro Escola do Ceará participa ainda com **Nós, As Testemunhas**, do II Festival Nacional de Teatro de Estudante, promoção de Paschoal Carlos Magno, em Santos.

1960

Nós, As Testemunhas é encenada em Porto Alegre, a 5 de setembro, com Lídia, Ilzuc proclamada Melhor Atriz do II Festival de Teatro Amador de Pelotas. Esse original, em diferentes datas, é representado ainda em Fortaleza, Passo Fundo e Natal.

1962

Eduardo Campos escreve espetáculos diretamente para a TV Ceará, que os apresenta com sucesso. Os telespectadores assistem: Contrabando ao Cair da Noite, Inquilinos do Medo, A Flor do Pecado, As Trezentas Moedas e muitas outras.

– A 14 de outubro, em homenagem ao Dia da Criança, é montada a peça infantil O Julgamento dos Animais, pela COMÉDIA CEARENSE. No elenco: Hiramisa Serra, Emiliano Queirós, Haroldo Serra, Jene Azeredo, Ari Sherlock, Hildeberto Torres e Roberto César. Direção de B. de Paiva.

1963

O Morro do Ouro, em noite de grande sucesso para o teatro cearense, é visto, à primeira vez, em encenação de Comédia Cearense no Teatro José de Alencar, estreando a 11 de Julho.

1967

Em produção para a TV Ceará, Hildeberto Torres, com Augusto Borges, Guilherme Neto e outros, dirige **Os Deserdados**. A peça concorreu no concurso de *Melhor Espetáculo Internacional Dramático de Televisão*, em Barcelona. Traduzida para o espanhol, por Geraldina Amaral, foi gravada em videotape. A peça surpreende o júri. Derrota 172 concorrentes dos 175 que concorriam, incluindo representações dos Estados Unidos, Portugal, França, Holanda, etc. saindo finalista ao lado dos trabalhos do Japão e da Itália. A Itália, com espetáculo produzido por sua emissora estatal, RAI, foi a vencedora.

– A 21 de abril, estréia no Teatro José de Alencar, O Fazedor de Milagre, produção da Comédia Cearense, assistida pelo crítico Van Jafa do jornal *Correia da Manhã*, como convidado especial.

1964

Rosa do Lagamar vem repetir o grande êxito de O Morro do Ouro. Tem sua estréia realizada no Teatro José de Alencar, noite de 6 de novembro. E mais uma realização da Comédia Cearense.

1965

Sobe ao palco do Teatro José de Alencar A Farsa do Cangaceiro Astucioso, a 8 de agosto, também pela Comédia Cearense.

1966

A 5 de julho, Rosa do Lagamar, estréia no Teatro Nacional de Comédia, no Rio de Janeiro.

– A 18 de outubro, a Prefeitura Municipal de Fortaleza descerra no Teatro José de Alencar placa de bronze comemorativa, da centésima representação de Rosa do Lagamar. Na ocasião, são ouvidos vários oradores, inclusive o Dr. Aristides Ribeiro, representante do prefeito Murilo Borges, Deputado Paulo Sarasate e o próprio autor.

1969

A 27 de março, no Teatro Universitário, é encenada a versão teatral de O Pecado e a Flor; Elenco: Marcus Miranda, Cleide Holanda, José Humberto e Ednardo Brasil. Direção de Marcus Miranda. Produção do TEATRO NOVO.

1971

A 15 de junho, no Teatro José de Alencar, consagração de O Morro do Ouro, agora em versão musicada por Belchior, Jorge Melo e Haroldo Serra. Direção de Haroldo Serra. Produção: Grupo Universitário de Teatro e Comédia Cearense. Esta produção, participou depois da *Caravana da Cultura*, promovida pela Secretaria de Cultura, em várias cidades cearenses. Inaugurou os teatros: MUNICIPAL, de Juazeiro e EMCETUR (TEATRO **CARLOS** CÂMARA), em Fortaleza.

– A 18 de julho, em Festival de São José do Rio Preto, São Paulo, a Comédia Cearense, sob a direção segura de Haroldo Serra, consegue o primeiro lugar com O Morro do Ouro. A comissão julgadora, estava constituída por Joana Lopes. Antônio **Carlos** Guerher, Darrlton Dib, Walter Benfati e Sandra Chacra. O júri popular, igualmente consagrou-a: 79% consideraram-na ótima; 17%, boa e 4%, regular. A peça mereceu vários outros prêmios, inclusive Menção Honrosa pela direção e Melhor Cenografia (Haroldo Serra), Melhor Atriz Coadjuvante (Socorro Noronha).

– A 16 de agosto, o então governador César Caís de Oliveira Filho homenageia o autor e a Comédia Cearense, no Palácio da Abolição, pelo êxito alcançado em São José do Rio Preto.

1972

Estréia no Rio, no TEATRO SENAC, em Copacabana, O Morro do Ouro. O elenco é composto de cearenses e cariocas. Participam, dentre outros: Milton Morais, Myriam Pérsia, Paulo Pinheiro, Yara Victória, Elizabeth Matos, Mary Neubeacur, Chico Silva, Célio de Barros e Almir Teles.

1976

A 10 de março, O Morro do Ouro inicia temporada paulista, com produção do TEATRO APLICADO. No elenco: Tereza Melo, Jorge Meio, Ricardo Guilherme, Luzia Carmela, Tereza Teller, Paulo Braga, **Carlos** Costa, José Dumont, Valéria Albuquerque, Vera Silva, Zélia Silva, Simone Miranda, Júlio Grey, Inês Otranto, Edécio Vigna, Olavo Branco, Sérgio Migliaccio, Jurandir Pereira, Tom Santos e Almir Manoud. Direção Musical: Jorge Meio. Assistente de Direção: Ricardo Guilherme. Realização: Tom Santos. Direção Geral de Haroldo Serra.

1977

Em julho, a peça Rosa do Lagamar, versão musicada e dirigida, em 1975, por Haroldo Serra, representa o Ceará no III Seminário de Estudos Sobre o Nordeste – O Teatro, realizado em Salvador-Ba. Na oportunidade, Eduardo Campos pronuncia conferência: Determinantes Regionais do Teatro Nordestino.

– No dia 27 de setembro o Palácio da Abolição, a convite do Governador Aduino Bezerra, abre as portas para marcar a 250ª representação da Rosa do Lagamar.

1979

Rosa do Lagamar integra o Projeto Mambembão, promoção do Serviço Nacional de Teatro. E apresenta-se em Brasília (TEATRO ESCOLA PARQUE); em S. Paulo (TEATRO EUGÊNIO KUSNET) e no Rio de Janeiro (TEATRO EXPERIMENTAL CACILDA BECKER). A participação da peça no projeto ensejou a indicação de Hiramisa Serra (Rosa), pela crítica de São Paulo, para concorrer ao Troféu Mambembe, de 1979, na categoria de atriz.

– É inaugurada placa comemorativa das 300 representações da Rosa do Lagamar, no TEATRO DA EMCETUR, por ocasião do Dia Mundial do Teatro, evento festejado em Fortaleza pela Secretaria de Cultura e Desporto, do Governo Virgílio Távora.

– Escreve duas peças de um ato: Quem Pode Ser Profeta e O Andarilho.

– Lançada a plaqueta, editada pela Comédia Cearense: “Eduardo Campos, Ator e Autor: 40 anos a serviço do teatro cearense”.

– No Teatro José de Alencar, em solenidade comemorativa de seus quarenta anos de atividades teatrais, é feita a leitura dramática de sua peça; *O Andarilho*, em 1 ato. No elenco: B. Paiva, Haroldo Serra e Paulo Alencar.

1980

Apresentação (17 de junho) da Farsa do Cangaceiro Astucioso, comemorando os 70 anos do Teatro José de Alencar.

– Na mesma data e local, nas comemorações do Teatro, estréia o balé de Hugo Bianchi, **Os Deserdados**, baseada na peça homônima de Eduardo Campos. No corpo de baile: Marcus Jussier, Graciela Zech, Mônica Luisa, Fátima Silveira, Gil Sodré, entre outros. Ficha técnica: Coreografia, Hugo Bianchi; música, L. Gonzaga, H. Teixeira, Verdi, Grófe e Webber; cenografia de Marcus Jussier; figurinos especiais de Isidoro Santos. Bailarina convidada: Mônica Luisa.

– De 9 a 10 de novembro: apresentações do balé, **Os Deserdados**, no TEATRO ALBERTO MARANHÃO, Natal-RN.

1981

Circula a revista *Comédia Cearense*, n. 7, com 6 texto da peça de Eduardo Campos, *O Julgamento dos Animais*.

1982

A 2 de maio, estréia no Teatro Móvel *Julgamento dos Animais*. No elenco J. Arraes, Walden Luiz, Francisco Neto, Hiramisa Serra e Zulene Martins. Produção da COMÉDIA CEARENSE, direção de Haroldo Serra.

– 15 de setembro, no Teatro José de Alencar, *O Morro do Ouro*, peça escolhida para comemorar os 25 anos de atividades da COMÉDIA CEARENSE. No elenco, dentre outros, Marta Vasconcelos, Hiramisa Serra, Francisco Arruda, Cláudio Pinheiro, Eglacine Monteiro e Haroldo Serra, diretor do espetáculo.

– Na mesma data lançada a edição especial da *Revista Comédia Cearense*, n. 9, comemorativa do seu jubileu de prata, com textos de *A Rosa do Lagamar* e *O Morro do Ouro*.

1988

O GRUPO BALAIÓ, no Teatro Arena Aldeota, de Fortaleza, dia 27 de março, Dia Mundial do Teatro, entregou a Eduardo Campos, “por serviços prestados ao Teatro Cearense”, o Troféu **Carlos** Câmara.

1990

A Fundação Demócrito Rocha convida público para a apresentação n. 500 da peça, *A Rosa do Lagamar*, o mais encenado texto dramático de escritor do Ceará, no TEATRO ARENA ALDEOTA, pela Comédia Cearense, sob a direção de Haroldo Serra.

– Na edição de abril, maio e junho desse ano, a *Revista de Teatro da SBAT* publica o texto completo de *A Rosa do Lagamar*, sendo a peça 485ª editada pela conceituada revista especializada.

1995

A peça *A Rosa do Lagamar* é encenada mais uma vez no Rio de Janeiro, em temporada pelo GTA Produções Artísticas Ltda., no TEATRO HENRIQUETA BRIEBA, do Tijuca Tênis Clube, em julho. Direção de Tânia Dias.

– Estréia de *A Donzela Desprezada* inaugurando o TEATRO DO IBEU em Fortaleza, no dia 13 de agosto. Direção de Marcelo Costa. A peça subiu ao palco com o seguinte elenco: Kátia Camila, Martha Vasconcelos, Socorro de Carvalho, Leonardo Martins, Rodrigo de Freitas, Aurora Miranda Leão, Deugiolino Lucas, Jorge Ritchie, Jota Arraes, Castro Segundo, Augusto Abreu, Ivany Gomes, Arnaldo Cerkas, Márcio Rocha e Edvaldo Lira.

1996

Lei Municipal Nº 7.872, de 26 de março, cria o Prêmio Eduardo Campos – Concurso de Dramaturgia.

1997

O Teatro anexo do Teatro José de Alencar toma o nome oficial de “Morro de Ouro”.

– A União Brasileira de Escritores contempla a “Trilogia dos Dramas Urbanos (“O Morro de Ouro”, “Rosa do Lagamar” e “A Donzela Desprezada”)” com Menção Honrosa – Prêmio Oduvaldo Viana Filho, de Teatro, Rio de Janeiro.

1998

Teatro Cearense: Ontem, Hoje e Amanha. Mostra de três autores, incluindo **Carlos** Câmara (*A Bailarina*), Eduardo Campos (*A Donzela Desesperada*) e Marcelo Costa (*Causa Perdida*), em agosto no TEATRO DO IBEU-CE. Em Dezembro, do mesmo ano, nova temporada da *Donzela Desprezada*, pelo GRUPO BALAIÓ.

O DEMÔNIO E A ROSA

PERSONAGENS

ELGA
NATÁLIA
LÚCIA
ROLANDO
CARLOS

MÉDICO
CIENTISTA
CRIADO
1º HOMEM
2º HOMEM
FARMACÊUTICO
REPÓRTER
VOZ

PRIMEIRO ATO (PRIMEIRA CENA)

Disposição – Palco em dois planos. No primeiro em penumbra, aparece um túmulo de linhas modernas. No segundo um jogo de poltronas, telefone ao centro, ao fundo, e um aparelho de rádio.

Ao subir o pano, **Elga** recosta-se numa das poltronas, desfalecida. **Rolando** estará de pé ao seu lado esquerdo, enquanto **Carlos** aparece um pouco mais para trás, do lado direito. No fundo ressalta a figura de um **Criado**,

de braços cruzados. Sobriedade de luz. Depois de um momento...

Elga – (Voz pausada, numa inflexão de contrariedade e desespero) Meu Deus! Meu Deus, eu morro! Oh, como é triste uma mulher morrer.

Rolando – (Indiferente) Dizem que a morte é uma tortura. Para num a morte é um consolo. (O. T.) Seja mulher, minha filha, mulher forte e resignada nesse momento supremo de sua vida.

Carlos – (Como se declamasse) “Péssima noite, porque me falta tua luz” Shakespeare, mas há muito tempo. Agora, tudo mudou. O homem adquiriu uma nova consciência.

Elga – Meu Deus, eu vou morrer! Tenham pena de mim. Eu sou a mulher morrendo.

Rolando – Não se desespere, **Elga**. A morte é simplesmente mutação. A viagem que fazemos pela última vez. Fique tranqüila. Os meus negócios correm maravilhosamente bem. Ontem efetuei uma grande compra. Coisa de quem tem sorte para comerciar.

Carlos – Eu sou de opinião que você deveria investir mais seu capital na indústria. A indústria avança. Tudo se mecaniza de um momento para outro.

Elga – Eu não quero morrer, porque não devo morrer... Eu sou a inspiração, a fonte da vida. Não, não devo morrer!

Carlos – A morte é necessária quando se vive no passado. Estava escrito que você haveria de morrer.

Elga – Mas o poeta não anunciou minha morte. Eu não devo morrer.

Rolando – Sempre o mesmo complexo da leitura. O mundo já não comporta literatura. Somos ativos comerciantes. Falamos em dinheiro. A poesia é um pobre cheque inutilizado.

Carlos – Cruze as mãos sobre o peito. Antigamente, morria-se assim.

Elga – E vocês não choram? Por que não choram? Por que eu terei de morrer tão desamparada? Digam, por que não choram?

Rolando – Chorar? Você quer que nós choremos? Chorar por quê?

Elga – A minha morte... Sim, porque a minha morte significa o fim da vida.

Carlos – Não se impressione com isso. Morra sossegada. Sua morte nada significa. Os homens ficarão. A humanidade prosseguirá em suas transações mercantis.

Criado – Telefone, Senhor.

Rolando – (Aproxima-se do telefone, D. A. Foco de luz na direção do telefone, passando sobre **Elga** que se debate em convulsões e por **Carlos** que saca de uma tesourinha do bolso e limpa as unhas) Alô... Sim... E verdade. **Elga** está morrendo. Se estou triste? Em absoluto. Irei à festa. Muito bem. Adeus. (A luz do foco é cortada. Prossegue a cena em penumbra).

Elga – eu me acabo! Sinto dores, qualquer coisa me arrebatava. Ai... Lamento a falta de uma filha... Tanto desejei tê-la....

Carlos – Coitada. Vai morrer sem entender a vida. Podia ter sido mais cheia de alegria. Mas sempre se conformou...

Rolando – Leu demais. **Elga** só apreciava as coisas fora de moda..

Imagine, tinha prazer em ser delicada, carinhosa, agradar-me o tempo todo. Gostava de beijar, falava suave, e prometia sempre o melhor... (Marcha em direção do rádio. E .A. e fá-lo funcionar)

O que levou minha esposa a esse estado foi a impressão delicada, anti-natural pela vida. Lutava por símbolos. Lutava... (Gargalhada nervosa) pelo amor! (O rádio faz-se ouvir numa música que faça contraste com a cena).

Criado – Não é melhor fechar o receptor, Senhor?

Rolando – Não. Pode ser que anunciem algum aviso sensacional. Ouvi dizer que o presidente da República está passando mal.

Carlos – Se ele morrer, a política tomará novo rumo. (Pausa) E então você poderá vender as metralhadoras.

Elga – Ai, eu me consumo nessa dor!. E na verdade não devia morrer, pois represento o grande mistério inspirador da vida. (Em transporte emocional) Por Deus, não me deixem partir!

Carlos – Conveniente colocar a vela acesa em suas mãos? **Rolando** – Vela? Não se usa mais.

Carlos – Olhe, está morrendo. Repare. Vai-se a nossa flor carregada pela ventania dos nossos dias...

Rolando – (indiferente) Verdade. (Pausa, com indiferença) Está perecendo, murchando... (O. T.) Nunca pensou que teria fim. Imaginava-se a fonte da vida. (O **Criado**, em postura grave, se aproxima do aparelho de rádio e o silencia)

Elga – Ai... (Suspiro longo, corpo inanimado depois).

Carlos – Finou-se! Aquela que era flor, foi-se.

Rolando – (Levando as mãos à cabeça) Ai.. Que coisa medonha, e estranha, estou sentindo... Estou tomado por uma espécie de esmorecimento... Qualquer coisa, percebo, deixou de correr em minhas veias. Estranho mesmo! Falta-me a temperatura.

Carlos – (vendo-o e sem acreditar) Você de repente ficou pálido. O que houve? O que está sentindo? Vamos, me diga. Seus cabelos de repente alvejaram de vez.. estão prateados, e brancos... Seus olhos perderam o brilho... Você não tinha os cabelos brancos! Foi **Elga** expirar, você se transformou por completo!

Rolando – Sim, realmente mudei... (Risada forçada) Mas tolice... Nós todos estamos mudados... Você também mudou. Vamos, olhe-se ao espelho. (exaltando-se) Não se mantenha parado. Veja-se nele, aí, ao lado do telefone... Olhe e veja o seu rosto...

Carlos – (Levando instintivamente as mãos á cabeça). Não. Não pode ser. Eu estou bom... (O. T.) Este cansaço que sinto, como me faltando terra aos pés, é causado de certo pela morte que ainda está nesta sala...

Rolando – (Triunfante) Você também envelheceu! Estava escrito que quando ela nos deixasse, ficaríamos assim

Carlos – (Aproxima-se do espelho. E. A.. Foco de luz cai em cima, por trás.) Mulher maldita! Quando morresse – avisou-nos – tudo estaria terminado! (Pausa, aniquilando-se) Enrugado... velho... acabado.

Rolando: – (Sentando-se com os olhos fixos em **Elga**) “Péssima noite porque me falta a tua luz”. (Música forte e cena. no escuro).

(SEGUNDA CENA)

Disposição – Pouca luz no primeiro plano. **Rolando**, de costas para o público, tenta ver-se ao espelho. **Elga**, vindo da platéia sobe para o primeiro plano do palco, trajando esvoaçante vestido branco).

Rolando – Sm, houve uma transformação tremenda ! Até aquele dia, eu me julgava outro homem. Possuía mais disposição para tudo. Sentia-me novo e forte. Depois, logo que ela morreu... **Elga** senta-se no túmulo) tudo ficou diferente. Realizo negócios e não tenho mais interesse de lucro. Não sei para que estou tentando ganhar dinheiro. Não acho razão para justificar a venda de metralhadoras a menores. (Pausa)

Velho! Criei cabelos brancos. (O. T.) Quando ela estava comigo, ao meu lado, eu tinha juventude no corpo. Sentia-me saudável. Mas, repita-se outra vez, ela não cessava de avisar: – um dia, quando eu já não mais existir, o mundo será uma longa e tenebrosa noite.

Carlos – (Entrando da E. A.) **Rolando**, não consegui dormir. Qualquer coisa de estranho também me aconteceu. (Pausa) Precisamos lutar, reagir. Tenho plena certeza de que isso que sentimos, a sensação de desânimo, de derruimento, nada mais é que impressão... Nem você nem eu ficamos velhos. Pura ilusão dos sentidos.

Rolando – Qualquer coisa aconteceu comigo, **Carlos**. Uma coisa que é um mistério indecifrável. (Pausa. Sem querer acreditar) Mas tenho os cabelos brancos! E é isso que não compreendo!

Carlos – (Indo á frente do espelho) Mas eu os tenho também.

Rolando – (Separando) Não, não é impressão... (O. T, descendo D. B., sentando-se) Necessário esquecer essa transformação... Devemos encarar os acontecimentos como se desenvolvessem com normalidade. Recusando-se a se ver ao espelho) Esse objeto não existe.

Carlos – (Sentando-se ao lado do amigo) Hora de se acalmar. Você precisa consertar os fatos, arranjar outra mulher, casar-se! Isso mesmo.

Elga – (Do primeiro plano) Boa-noite, querido. Mas como foi mesmo o seu dia no escritório? trabalhou muito? (Pausa) Está cansado? (Tom) Preparei uma boa surpresa para você. Me dê a mão, venha comigo. Venha ver uma agradável surpresa! Dê-me a mão... Venha comigo...

Rolando – (Erguendo-se atordoado às últimas palavras) Ouviu? A Voz dela, é dela, teima em não desaparecer! Foi **Elga** quem acabou de falar, a me mostrar coisas em que nunca acreditara antes.

Carlos – Os mortos não voltam. Sua mulher morreu para sempre.

Rolando – (Passando a mão pelos olhos, indo até o meio da cena) Não sei como agir... Ouço-a chamando o meu nome, repetindo o convite amável de estar ao meu lado Aquelas mesmas frases de que eu não gostava. E, agora, que diferença elas têm, quando pronunciadas novamente! (Pausa) **Elga** começa a me fazer falta...

Carlos – Procure afastá-la de sua mente. **Elga** morreu, desapareceu para sempre.

Rolando – E foi por isso que ficamos assim, como aspecto envelhecido. – de caducos inofensivos.

Elga – Seremos bem felizes, não é, **Rolando**? (Pausa) **Rolando**... eu temo que você, um dia, seja responsável pela minha morte. Não me abandone, **Rolando**.

Rolando – (Voltando-se) Você ouviu? Ela falou novamente.

Carlos – Você está impressionado. Não se deixe levar por esses pensamentos. Eu não ouvi nada.

Rolando – Faz três meses que ela morreu.

Carlos – Insisto. Você precisa urgente de um novo matrimônio. Vamos, anime-se!

Elga – Três meses já se passaram, e o tempo agora corre, e você, não passa de um pobre coitado... (Pausa) Imagina estar outra vez vivendo o seu cotidiano familiar... que passou.

Rolando – (Agarrando-se a **Carlos**) Ela vive... continua viva! (Emocionado) De onde vem essa Voz? De onde? Da terra ou do céu... Acaba de se fazer ouvida, mais uma vez.

Carlos – Não se importe. Na verdade, não tem pessoa alguma falando. Acredite em mim. O certo mesmo é procurar a segunda companheira, outro parceiro para sua vida.

Rolando – Sim, sim... Não posso continuar assim. Mas preciso confessar: nunca me senti tão vazio como agora. Meu cotação já não pulsa como antes, não tenho... sim, não tenho desejos... (Vão saindo os dois pela D. F. Ao passar de frente da espelho param subitamente).

Elga – Veja seu rosto no espelho, **Rolando**.

Carlos – O espelho está mostrando a nossa misteriosa velhice...

Rolando – É exato... (Reparando-se ao espelho) ah, como estou terrivelmente desgastado. (Pausa) E se não exagero, é ela que me fala de dentro da lâmina fria... (De impulso) Miserável! (Gesto de quem vai esmurrar e quebrar o espelho. Cena no escuro. Ruído fragoroso de vidros se partindo. Música).

(TERCEIRA CENA)

Disposição – Mesma cena anterior. Luz no primeiro plano. **Elga** sentada no túmulo, D. B. **Lúcia** apetece vagarosamente, amparando-se a uma bengala.

- Elga** – Ah, outra mulher! (Pausa) Como se chama?
- Lúcia** – **Lúcia**... (Examinando-a cuidadosamente) Faz tempo que você morreu?
- Elga** – Há uns três meses. Meu marido, convém contar, era homem de negócios, um grande capitalista, como diziam os outros. Mas não me entendia. Encarava o matrimônio como negócio, meta transação comercial. Quando morri, o rádio tocava em alto som, e parece que alguém ligava o telefone para o nosso apartamento.
- Lúcia** – Rádio? Telefone? Apartamento? (Pausa) Não sei o que significam. (Pausa) Quando morri, minha filha, nada disso havia. Minha morte foi surpresa. Meu marido queria se suicidar, os parentes mais próximos choravam desesperados, e um padre recitava sua oração em favor de minha alma... (Emocionada) Dizia palavras tão bonitas!...
- Elga** – Ah, já vi morte assim em quadro antigo... (Pausa) Rezavam? Diziam orações? E havia pessoas compadecidas? (O. T.) Que quadro maravilhoso! (Pausa, triste) Comigo foi tudo diferente.
- Lúcia** – Que pena! Então Você não morreu assim como devem morrer as criaturas.
- Elga** – Não sei como falecem os outros... Minha morte foi acontecimento esperado mas inútil. Qualquer coisa que deveria acontecer e que todos aguardavam. Morri, meu marido discutia política, e no aparelho de rádio tocava um suingue...
- Lúcia** – (Aproxima-se de **Elga** que lhe cede o lugar) Tocava suingue... Que vem a ser isso?
- Elga** – Uma música febricitante que leva as pessoas a uma desordem coreográfica.
- Lúcia** No meu tempo, devo mencionar, dançávamos quadrilhas. Valsas... E usávamos saias grandes, vistosas!
- Elga** – Minha mãe falava muito em quadrilhas... Eu até pensava fosse invenção de mãe antiga. (O. T.) Devia ser bonita a quadrilha bem dançada! (Pausa, com entusiasmo) No tempo da senhora, imagino, tudo devia ser melhor. (Pausa) Que fazemos nesta vida?
- Lúcia** – Vivemos não a que dizem ser a outra, mas a verdadeira existência. Espiamos os nossos pecados. Conhecemos melhor, sem máscara, a alma dos que viveram conosco. E se temos filhos...
- Elga** – (Interrompendo) Ah, nunca os tive!. Eu já me sentia fracassada. (Pausa) Já estava marcada para morrer, só agora compreendo.

Lúcia – Mas porque não teve filhos?

Elga – Como a senhora é ingênua! No meu tempo os maridos nem as esposas desejavam filhos. Lá se perdera o sentimento da família, o interesse pelo lar, por criança chorando, por máquina costurando a roupinha para o primeiro aniversário, do bebê, e nem o adorável sacrifício de vigília ao pé do berço...

Lúcia – Que coisa horrível! (Ilumina-se o segundo plano do palco. **Rolando** está de pé).

Rolando – Horrível! Isso não pode continuar. **Elga** continua a falar... Um tormento levar essa nova vida.

Carlos – (Surgindo pela D. F. com **Natália** que veste um costume rigorosamente moderno. Fumando) Você é formidável!

Rolando – Ah, eram os dois que conversavam?! Tive a impressão de ouvir vozes.

Carlos – Éramos nós. (Pausa. Tom) Está em tempo de você largar as impressões. (Pausa) Trouxe sua nova companheira. **Natália**. (O. T.)

Natália, este é **Rolando**.

Natália – Muito prazer.

Rolando – E uma alegria vê-la! (Pausa) Sente-se. Faça-se de casa.

Natália – Mas então? Este é meu prometido, **Carlos**? (Senta-se)

Carlos – Exatamente. E homem excepcional, (O. T.) **Natália** contava-me particularidades da vida dela. Foi educada percorrendo o mundo, e lutou nas últimas guerras, recebendo condecorações. Fala cinco idiomas e especialista em cálculos.

Natália – Você esqueceu o principal.

Carlos – Verdade. (**Natália** vira-se de costas. **Carlos** em tom confidencial) É estéril.

Rolando – Estéril! (Pausa) Á propósito, o melhor passo já dado em favor da humanidade. Nada melhor para a humanidade do que desobrigarem as mulheres da maternidade....

Natália – (Voltando-se) Naturalmente. Nada mais absurdo que a mulher cumprir o castigo da gravidez. Faço parte do Comitê da Luta pela Esterilidade.

Carlos – Tenho a impressão de que **Natália** preenche todos os bons requisitos para um negócio tão delicado como o casamento na feição moderna. Creio que Você dará o passo mais acertado de sua vida.

Rolando – Mas há uma pergunta a ser feita. (Pausa) Será que envelhecido como estou, sirvo de companheiro?

Carlos – Claro que serve! Que importam em nosso tempo os cabelos brancos?

Rolando – Você acha que seremos felizes?

Natália – (Levantando-se) Bem, não se trata de felicidade, mas um contrato conveniente a ambos. Os que se casam agora fazem um negócio.

Carlos – Que mulher maravilhosa! (Pausa) Você, **Rolando**, realizará algo bastante proveitoso!. No tempo de **Elga**, as coisas eram realmente diferentes. Agora, tudo mudou.

Natália – Mas se você não quiser, paciência. Posso me retirar sem constrangimento. (Pausa) A oportunidade é boa para nós dois.

Rolando – Creio que sim.

Carlos – Vamos, **Rolando**, não fique pensativo.

Rolando – Não estou pensando, **Carlos**. É a Voz de **Elga** que a todo instante parece interferir em minhas decisões... Voz que vem de longe, do passado e que não me abandona.

Elga – (Luz no primeiro plano, apenas) Ele vai se casar com outra?

Lúcia – Vai, sim. Veja agora como as coisas são diferentes. Isso tudo para ti é inédito. Fico até com medo de olhar. Bem que meu pai dizia que a humanidade, a despeito do progresso, um dia estaria irremediavelmente perdida.

Elga – Talvez ele já não se lembre de mim. Vai conseguir um novo destino. (Pausa) Acho que eu devia ter morrido mesmo. Que ia ficar fazendo na vida, se era frágil e diferente dos outros? Vivia pensando em ficar grávida, ter uma fluía... Queria tanto ir aos jardins, passear pelos parques... e sentir o perfume das flores. Amava as serenatas... (Pausa) Sei até que me permitia a devaneios, e sonhava, sonhava de olhos fechados!.

Lúcia – Ah, como você fala com inspiração e ternura! Como Você é suave. Quando Você fala eu me lembro dos meus... Da minha casinha no fim da rua, da fala sincera de meu marido, do riso das crianças. Você me restitui paz e tranqüilidade. Como são puros os seus pensamentos.

Elga – Sim, por isso eu devia morrer. Não sabia contabilidade, não aprendi química, nem matemática. Não tive jamais cérebro para cálculos... Era, como diziam, anti-comercial, anti-especulista...

Carlos – (Foco de luz no segundo plano) **Rolando**, por favor, não me fixe esses olhos de louco! Resolva-se de uma vez por todas!

Rolando – (Como se delirasse) Era **Elga**... Estava falando, dizendo uns tantos pensamentos...

Natália – (Fria, indiferente) Há algum problema? Quem era essa **Elga**?

Carlos – A primeira esposa do meu amigo. Pobre criatura.

Natália – (Rindo-se) Como as pessoas anda são ingênuas... Lembrar-se de uma mulher! E incrível.

Carlos – (A **Rolando**) Insisto para que você se decida.

Rolando – (Depois de um momento). Está fechado o negócio. Aceito **Natália**. como minha companheira. Podemos celebrar o contrato agora mesmo.

Carlos – (Entusiasmado-se) Já providenciei os papéis e os trouxe comigo. Nem os selos exigidos por lei foram esquecidos. Está tudo pronto.

Natália – (A **Rolando**) Não quer ler antes as suas obrigações e conhecer as minhas?

Rolando – Não há necessidade. Tenho absoluta confiança em nosso trato. (**Carlos** faz-lhe a entrega do documento)..

Lúcia – (Luz no primeiro plano) Que vão fazer eles dois?

Elga – Nem posso imaginar, mas creio que vão se casar.

Lúcia – Oh, como agora é tudo tão diferente. No meu tempo moça e rapaz namoravam primeiro, se conheciam bastante, depois iam para a igreja, um dia, os sinos repicavam, e todos ficavam muito felizes.

Elga – Mas a esse tempo eu ainda vivia, tinha um significado todo especial.

Lúcia – Verdade. Agora, você morreu.

Elga – (Acompanhando o que fazem os outros em cena) Acabaram de assinar o documento.

Lúcia – Não é uma cerimônia de casamento!

Elga – (Revoltada) Não, não pode ser, e tudo porque estou morta!

Rolando – (No escuro, meio trêmulo, angustiado) Não é casamento!

Elga – Não pode ser, **Rolando**, eu estou morta!

Rolando – A Voz dela não me abandona e me maltrata!

Carlos – Ora, não pense no passado. Não toque mais no nome da que deixou de existir. Esqueça-a.

Rolando – (Voz mais calma) Pensando bem, estou nervoso..

Lúcia – (Abraçando-se com **Elga**) Oh, ele é tão infeliz!

Carlos – (Luz no segundo plano) Aceitem meus parabéns! Você, **Rolando**, cura urna enfermidade perigosa e nasce para outra vida.

Rolando – (Que estava sentado, levanta-se) Muito obrigado. Acredito na sinceridade de suas palavras.

Carlos – (Dobrando o contrato) Bem, agora providenciarei o competente registro desse importante documento. Vou à Junta Comercial dos Contratos de Casamento.

Natália – E eu vou comunicar aos meus pais que acabo de me casar.

Carlos – Poderemos sair todos juntos.

Rolando – Boa idéia. E também comemoraremos o auspicioso passo que acabei de dar. (Passando a mão pelos cabelos) **Carlos**, será que rejuvenesci?

Carlos – Não. Está no mesmo. (O. T.) Mas não se impressione. Vamos sair daqui quanto antes.

Rolando – (Retirado-se com **Natália** e **Carlos** pela D. E) Então é mesmo verdade. Ela morreu definitivamente..

Elga – (Quando o grupo se ausenta) Coitado de **Rolando!**. Não será mais feliz. Ele foi responsável por tudo. Eu era cheia de vida. (Segue para o segundo plano. Fundo musical) Eu tomava conta da casa, o nosso lar. Preparava-lhe os pratos mais saborosos. Trazia o chão limpo como se fora um espelho. (Senta-se numa poltrona) Ele ficava ao meu lado. E eu, enquanto ele lia os jornais do dia, eu relia o meu romance preferido.... Depois, ah, como o destino foi cruel! **Rolando** principiou a me desprezar, e eu nem desconfiava: era mais um sinal dos novos dias. Daí fui definhando, enfraquecendo, sumindo como some a flor que depois do viço e perfume, murchou... (Ergue-se) **Lúcia. Lúcia!** Que aconteceu comigo? Que fizeram da minha vida? (Indecisa, desorientada) Quem sou eu? Que mistério esconde em minha existência? (Mais forte) Vamos, me diga, não me fique olhando assim como se estivesse a ver uma estatua de mármore! Vamos, fale, **Lúcia**. Quem sou eu? Quem sou eu?

Lúcia – (Amargurada) **Elga**, você é a ROSA!

SEGUNDO ATO (QUARTA CENA)

Disposição – A mesma da cena anterior. Ao ter início o ato, **Elga** está no segundo plano e **Lúcia** sentada no túmulo.

Elga – Foi nesta casa que eu fui feliz. Quase que muito feliz. Mas depois, não sei se já lhe contei. Tudo foi ficando tão negro, tão desesperado para comigo que acabei morrendo. (Pausa) Você está me ouvindo, **Lúcia**?

Lúcia – Estou, sim, Mas acho que Você deve ficar mais perto de mim. O seu mundo agora é outro. Deu-se em tudo, e depois disso, uma grande transformação.

Elga – É verdade. E dizer que gostava tanto do lar! Minha vida era a minha casa, a minha intimidade doméstica.. Era feliz e fazia os outros felizes.

Lúcia – Venha... Toda vez que você passa dos limites do nosso mundo, começa a recordar... Sua morte – acredite – vai ser muito mais dolorosa para os que ficaram.

Rolando – (Surgindo D. E) **Elga! Elga!** (Pausa) Ouvi-lhe a Voz.

Elga – (Descendo para o primeiro plano, de costas) Não, você não me ouviu. Já não sou quem era... Você escuta a sua consciência.

Rolando – Não, não pode ser! (O. T.) **Elga! Elga!**

Elga – (No primeiro plano, E. B.) Oh, como sofre!

Rolando – Onde, onde a sua Voz? A mesma clara e sonora Voz persiste depois de tudo... De manhã, de tarde, à noite, a impressão é de que vejo **Elga**, sinto-a em toda parte. Mas onde? Sim, onde? Procuo-a e não encontro. (Passa a mão pelo rosto) Parece até que armaram uma vingança contra mim... Cada momento que passa, me torno mais alquebrado. Algo, que não sei explicar acabou em mim para sempre. Os meus olhos... Os meus cabelos brancos... O rosto.. (Revoltado) Não, esse tosto não é meu. Mentira! Eu não fiquei idoso! Continuo moço. (Emocionado) Não, não posso mais viver nesse dilema.

Elga – Mas você tem nova esposa...

Rolando – Esposa? Pelos céus! Os homens, hoje, não têm esposa, mas companheiras. Parceiras ... (O. T.) Eu não queria o que tenho hoje, mulher que me fala em contas, em especulações da Bolsa. Desejava

pessoa que me tratasse com carinho, me beijasse, e afagasse os meus cabelos. **Natália** aparece e se recosta E. E, olhando **Rolando**) Não sou feliz.

Elga – E os negócios, **Rolando**, não vão bem?

Rolando – Por favor não me fale de negócios! Por favor!

Natália – Coitado. Está outra vez em depressão, impressionado com morte da primeira esposa.

Rolando – Você não pode compreender o alcance do meu sofrimento. (Depois de momento) **Natália**, estou velho... acabado. Sinto-me caminhando, com a humanidade, para abismo inafastável.

Natália – A velhice não chega para os que têm dinheiro..

Rolando – Todos estamos envelhecendo... Ouvi dizer certa vez que só os sentimentos não perecem.

Natália – (Impacientando-se) Você não devia estar vivo, **Rolando**. (descendo E. B.) A nossa geração é de iluminados, pois nascemos com as alterações do átomo, da velocidade dos aviões a propulsão a jacto, dos helicópteros. Você faz parte dessa geração, da minha, tem o novo sangue da humanidade. (Acende um charuto) O amor só existiu enquanto viveram os decadentes. (Desdenhosa) Imagine você que meu avô, segundo testemunho de alguns amigos, casou-se por amor... (O. T.) Mas isso foi há muito tempo.

Rolando – O amor não obedece á medida do tempo. Sempre me falaram que o amor é um sentimento que não morre...

Natália – Ah, você me parece mais bobo do que nunca. (Erguendo-se e caminhando para D. E) Voltarei amanhã cedo.

Rolando – Mas **Natália** você me deixa assim, só?

Natália – Vou ao clube dos aplicadores em Bolsa Tenho que me distrair, não é? Você, como imagino, prefere ficar nessa prisão que em algum tempo foi nomeada lar. Se me acompanhar, tudo ficará melhor. (Gesto de indiferença. Apaga o charuto e sai).

Rolando – (Em Voz baixa) **Natália!**

Elga – (Luz no primeiro plano) Assim as mulheres de hoje tratam os parceiros, como dizem. Vivi com ele uma eternidade, não sei quantos anos, a me chamar de provinciana, romântica, sonhadora.

Lúcia – Mas agora ele está pagando pelo que fez. Não observou? Percebo que está sempre a relembrar os momentos que passou com você. E a

razão é que você na verdade era a fonte da vida, de onde iam todos obter felicidade.

Rolando – (Mais alto) **Natália!**

Voz – (Ao microfone, suplantando a sua) **ELGA!**

Rolando – **Natália!**

Voz – **ELGA!**

Rolando – (Atordoado) **Elga?! Elga!** Onde está Você? Preciso tanto de você! **Elga!** (Senta-se numa poltrona, soluçando)

Elga – Meu marido parece ter perdido o juízo. Vivi a seu lado e ele nunca me encontrou. Ah, vim de muito longe... E ele me chamou para o seu caminho. Depois me afastou...

Lúcia – Havia um livro, antigamente, a Bíblia. Foi nele que conheci o principio de sua história. (O. T.) Ah, sua história vem desde o começo do mundo. A meu ver, você continua sendo a primeira mulher.

Elga – Não, eu não sou a primeira mulher. E **Natália?**

Lúcia – **Natália?** Essa é o gênio dos tempos...

Rolando – Não tem coração, o cotação que você me deu, **Elga!**

Lúcia – Ah, seu marido parece sentir um remorso profundo. Você me disse que ele havia deixado o rádio aberto quando Você morna, não foi? Hoje, ele experimenta a dor do arrependimento.

Elga – Sim, o rádio tocava naquele dia... (Música apressada, mesmo suingue do primeiro ato. Forte, depois em BGR).

Rolando – Pata longe de mim esta música! Pata longe! Ela não me dá tranqüilidade! (A música desaparece) E eu ainda terei porventura sentimentos? Não eu não tenho mais sentimentos... Sou agora um homem apto a fazer todos os cálculos matemáticos, mas não sabe o que é a felicidade....

Elga – (Enquanto **Rolando** se abate) Ele era bom. Bom e direito. Mas deu nele, como doença insidiosa, a vontade de enriquecer cada vez mais, e pena, sim, pena, as nossas tradições esquecidas... Depois, fui sendo desprezada, atirada a um canto, posta de lado como coisa. (Pausa) Era mesmo história de cinema.

Lúcia – Cinema? O que é cinema? Quando morri não havia cinema. **Elga** – Como você é feliz... Como é antiga.

Rolando – Devo me libertar dessa vida! Devo ser mesmo um homem do meu tempo, corajoso, empreendedor! (Resoluto) **Natália!**

Voz – (Ao microfone, suplantando sua Voz) **Elga!**

Rolando – **Natália!**

Voz – **Elga!**

Elga – (Quase gritando) Eu estou morta! Infelizmente, morri!

Lúcia – (Corte) Você não morreu! Foi assassinada friamente. E por isso os homens não falam mais nos campos em flor, nas flores que desabrocham no mês de maio. Você está morta. A humanidade vai pagar por este crime. Um crime assim não fica impune!

Rolando – **Elga!** (Ergue-se) Vamos, **Elga**, me responda! **Elga**. (Caminha para o primeiro plano) **Elga!** **Elga!** (Atravessa o primeiro plano, passa entre as duas que se olham) **Elga!** (Em foco de luz vindo da platéia joga-se de encontro ao seu rosto).

Carlos – **Rolando**, não faça isso! Você quer se matar?

Rolando – (Voltando-se) **Elga...** **Elga...** (Em tom mais baixo) **Elga**.

Carlos – Você não deve morrer. Volte!

Rolando – Não, não quero mais estar enganado. Estou farto de hipocrisia. Quero tornar de novo, alcançar os dias que se foram... Desejo viver com **Elga**, resgatar a minha fisionomia alegre, de antes, e viver, sentir interesse pelas coisas mas simples.

Carlos – (Indo ao seu encontro) Você perdeu o juízo. Você se transformou num bárbaro. Deu-se no mundo uma grande evolução, em todos os sentidos. Nós ficamos mais civilizados. (O. T.) Venha.. Volte para onde estou.

Rolando – Não, não desejo voltar. Eu quero o viver de antigamente!

Carlos – Ouça-me... Você está delirando. (Pausa) Que deseja mais? **Natália** é também uma grande mulher. Moderna por excelência. Sabe cuidar de seus negócios. Entende de matemática, química... Discute os pormenores da bomba atômica. (O. T.) Ora, deixe de tolice! Mulher mais famosa de que ela, você não encontraria para companheira.

Rolando – (Luz no segundo plano. **Rolando** retorna ao segundo plano) Mas **Carlos** eu não queria uma parceira de negócios, queria a esposa.

Carlos – Se você pretendesse assim, teria amparado **Elga** em seus momentos fatais. (O. T.) Vamos, compreenda que agora é tarde... **Natália** tomou o lugar de **Elga**.

Elga – Coitado. Você não pode mais voltar aos bons tempos!

Lúcia – E tudo porque você era a rosa...e a rosa está morta.

Rolando – Você ouviu? Escute... Faz tempo... Desde que ela sumiu, escuto. Há alguém falando perto... Distingo o vulto, possivelmente uma noiva de grinalda, não sei bem. Sei que é **Elga**, a mulher que foi pura toda a vida... (Pausa) Procure escutar...

Carlos – Não, não ouço nada. Não tem ninguém falando aqui. (O. T.) Por favor, abandone esta idéia.

Rolando: – Mas estou escutando-a... Deve ser o desespero de minha consciência.

Elga – Você pensava que a vida não tinha outra finalidade ú não ser a puramente material. Não pensava que eu representava mais do que a esposa amorosa, obediente... Eu lhe dava carinhos e você não os aceitava mais...

Lúcia – As feições de seu marido denotam grande sofrimento. Ele é um homem de bem... Volte, **Elga**!

Elga – Ah, como nos enganamos sentimentos! A nossa personalidade é justamente aquela que se esconde e se deixa aparecer ainda que tarde nos mínimos gestos, nas traições dos nossos sentidos. Agora começo a entender que **Rolando** foi o responsável pela minha morte.

Rolando – (Exaltando-se) Você ouviu, **Carlos**? **Elga** me responsabiliza pela morte dela! Mas é mentira! Não matei ninguém.

Carlos – Não sei mais por que fazer para você se calar. Por favor, contenha-se. Olhe, a vida de hoje já não precisa de homens bons... A moral se extinguiu... De que vale a moral, se somos importantes, temidos, pelo dinheiro que carregamos no bolso?

Rolando – (Tirando moedas do bolso e jogando-as no chão) Você diz bem... Para que me serve este dinheiro? Por acaso me sinto mais feliz? Dinheiro... O dinheiro de nada me serviu... Sei apenas que sou responsável pela morte de **Elga**. A humanidade poderia me mandar fuzilar. Eu matei a rosa... a rosa era a bondade, a poesia... (Parte técnica. Rajada de metralhadora amplificada pelo alto-falante) Ouça... Ouça! Recomeçou o fuzilamento... Vem de longe... Primeiro foi em 1914... depois em 1939... Todos nós seremos fuzilados para que alguém possa dizer aos poucos que ficaram, que a Rosa é bela, a Rosa é a própria esperança. (Pausa). Nossa geração será fuzilada também. Nós haveremos de morrer. Patético) Está escrito. (Técnica. Rajada de metralhadoras sobe e funde com música forte, impressionante, finalizando de modo abrupto ao se apagarem as luzes).

(QUINTA CENA)

Disposição – Visão do terceiro plano do palco, ao fundo, onde se vê balcão de drogaria. No escuro o texto da cena).

1º Homem – Eu sou o primeiro. Tenho vinte anos e pareço ter cem. Mais dizem que sou fracassado, que não tenho coragem para lutar na vida. E vejo razões para lutar? Prefiro morrer.

Farmacêutico – Preciso verificar o seu cartão de identificação. (Olhando-o) Vinte anos... inacreditável (Pausa) Eis aqui a sua quota de veneno. Meus sinceros votos de felicidade.

1º Homem – Muito obrigado. Afinal de contas ninguém vai chorar por mim. Não deixo nada de herança. (Retira-se F 2).

Farmacêutico – Um fracassado... (Pausa) Aliás estamos todos fracassados.

Cientista – (Entrando F 2 e se dirigindo ao balcão) Eu sou o segundo. Desejo uma dose de veneno

Farmacêutico – Vai também se suicidar assim depressa? Tem alguma razão forte para praticar tão tresloucado ato?

Cientista – Tenho sim, sou um **Cientista**. (Pausa) Vou fazer uma viagem de estudos na outra existência.

Farmacêutico – Mas o senhor não voltará, posso garantir.

Cientista – Se não voltar, serei pelo menos útil na outra vida. Faço coisas interessantes. Sou um grande químico. Concorri para a fabricação da vacina contra a brucelose.

Farmacêutico – (Desinteressado) Tome também sua dose de veneno. (Entrega um pacotinho). Antigamente meu pai vendia essa dose para matar ratos... (O. T.) Como as coisas mudam!

Cientista – (Saindo) Que crueldade! Matar ratos!

Rolando (Entrando F 2) Boa-noite. (Pausa). Eu desejo acabar com a minha vida. Estou em desespero desde que perdi minha primeira esposa. Mas, não posso explicar, mas vejo-a por toda parte, acusando-me como se eu fosse um assassino.. (Pausa) O senhor vende vitríolo?

Farmacêutico – Vitríolo? Isso é muito antigo! Agora está na moda o desintegrador atômico. A embalagem é moderna e custa relativamente barato.

Rolando – Tem efeito seguro?

Farmacêutico – Pelo menos ninguém voltou para reclamar.

Rolando – Vai me servir. Já não posso continuar vivendo corroído pelo remorso. Sabe de uma coisa? Depois que minha esposa faleceu, envelheci de repente.

Farmacêutico – Está acontecendo com as pessoas... (Reparando nele) O senhor está bastante idoso!. (Pausa) Aliás, falemos a verdade, todos nós de repente ficamos desgastados, envelhecidos. Acho que são os sinais dos novos tempos... (Pausa) Seja feliz. (**Rolando** se retira) Acabados... As rugas tomam conta dos rostos... (Passando a mão pela face) Eu mesmo já não tenho energia. (O. T.) Por que ficamos velhos antes de tempo? Por que a humanidade esta envelhecendo? Por quê?

Voz – (Pelo microfone. (Cena no escuro) Morreu a rosa. A rosa era a própria vida!

(SEXTA CENA)

Disposição – Trevas. O refletor da platéia ilumina a escada do lado esquerdo da assistência onde está a escada de serviço do teatro. Quatro homens fortes e sombrios trazem um ataúde. Sobem pela escada adicional do mesmo lado, ao primeiro plano, e depositam o caixão a E. B. Durante a cena ouve-se a Marcha Fúnebre de Chopin.

1º Homem – Tudo agora vai mudar. O mundo vai sofrer uma grande transformação.

2º Homem – E verdade. Os **Cientistas** estão resolvendo o problema da morte.

1º Homem – Por mim, me dou por satisfeito. Estou bem morto. Desde que envelheci de um momento para outro. Sabe? Perdi o gosto pela vida. Não havia interesse... (Pausa) Tomei veneno.

2º Homem – Eu também sou um cadáver atualizado. Até nisso nós estamos desvalorizados. Antigamente ricos e pobres eram levados aos cemitérios pelas mãos dos amigos, dos parentes... Hoje, quando não nos carregam velozmente em carro, queimam-nos impiedosamente... (Empurram o caixão mais para E. B.) Está bom assim...

1º Homem – Agora, todos esperamos o resultado final dos estudos do **Cientista**. (E. T.) E bom que as pessoas não morram mais... As vezes pesam tanto... (Cena nas trevas).

(SÉTIMA CENA)

Disposição – Idêntica á da cena anterior. Luz no primeiro plano.

Lúcia – Creio que alguém chegou a este mundo.

Elga – Quem terá sido?

Lúcia – Foi um **Cientista**, era químico... Vem estudar nossas condições nesse lado em que estamos. E outro infeliz!

Elga – Outro infeliz? Por que você o nomeia assim?

Lúcia – Vem estudar o que não pode ser esclarecido... a morte. A nossa condição e uma só. Não mais poderemos retornar ao outro lado... (Pausa). A desgraça não está na morte e sim na vida. (Penalizada) Coitado, vai dar uma viagem perdida.

Elga – Agora, sinto também pena dele. Terá que ouvir tudo que dizem a seu respeito... (Pausa) Será um **Cientista** novo?

Lúcia – Acho que não. Na vida não existem mais pessoas jovens... A humanidade está no mesmo estágio uniforme de velhice...

Cientista – (Aparecendo subitamente) Boa-noite. Podem me informar em que lugar me encontro?

Lúcia – No território da morte.

Cientista – Quer dizer que estou mesmo na outra existência? (Satisfeito) Então a dose de veneno não era falsa. Ainda bem que na vida ainda existem vendedores honestos.

Lúcia – No meu tempo já eram raros...

Cientista – A senhora nasceu em que época?

Lúcia – Eu venho de longe... 1850... Não sei direito.

Cientista – E esta noiva, de onde veio?

Elga – Morri em 1940.

Cientista – Tão bonita! Tão encantadora!

Lúcia – É verdade que o senhor veio a esse mundo para estudar a morte?

Cientista – Exatamente. Penso que a causa do desequilíbrio da vida é a morte.. Quero ver se resolvo esse problema.

Lúcia – Se ouvi bem, estuda para que as pessoas não morram? Que absurdo! Nós temos de morrer.

Cientista – Mas eu represento a ciência. A ciência impedirá mais cedo ou mais tarde que as pessoas morram.

Lúcia – A ciência não impediu nem que morressem os sentimentos, quanto mais as criaturas!

Cientista – Imperioso impedir...

Elga – (Interessada) Qual a razão?

Cientista – Vai chegar um dia em que ninguém mais nascerá.

Lúcia – Eu já previa. Mas no meu tempo as coisas eram diferentes. Uma família se compunha de 15 a 18 filhos... Ter filhos era a decisão mais sublime do mundo.

Cientista – Mas tudo mudou. Um filho hoje em dia *sigrúfica* transtorno.

Elga – (Ajoelhando-se aos pés do **Cientista**) Ah, pelos céus! G mundo deve me perdoar. Eu sou a grande e única responsável por tudo que está acontecendo. Morri... Por minha causa estou vendo o mundo agonizar. (Sem querer aceitar) O senhor desaparece do mundo e alimenta o sonho louco de estudar essa vida! Não vê? Não percebeu ainda que não existo mais?

Cientista – Não posso compreender!

Elga – Jamais compreenderá.

Cientista – (A **Lúcia**) Quem é essa mulher?

Lúcia – A ROSA... o marido assassinou-a friamente! (Cena no escuro).

(OITAVA CENA)

Disposição – Mesa de operações no terceiro plano do palco, E 2. Luz incidindo sobre a mesma. **Médico** enfermeiros. Ao redor **Carlos** e **Natália**.

Natália – Coitado! Vivia pensando em morrer! Não queria mais viver. Dizia-se um fracassado.

Carlos – Acalme-se. São coisas que acontecem. O **Médico** fará tudo para salvá-lo.

Médico – Mais silêncio, por obséquio. Assim não podemos trabalhar. A sala de visitas é ao lado. (O. T) Veja o pulso! Parece bater mais fraco... (Atentando para o paciente) Como ele tem as feições maltratadas! No mínimo deve ter oitenta anos.

Natália – O senhor está enganado. Tem apenas trinta.

Médico – Mas como está velho!

Natália – Verdade. Mas o senhor não compreenderá a razão. Estamos todos seguindo o mesmo caminho.

Médico – Concordo. Basta ver que estamos ficando velhos. (Pausa) A senhora viu os jornais de hoje? Noticiam que um **Cientista** se envenenou para estudar a morte...

Natália – Mas isso é impossível!

Médico – Depois da primeira bomba atômica lançada em Nagasaki, tudo pode acontecer. Aquele explosivo devastador marcou o início de nova fase para a humanidade.

Natália – Não, a história não pode ser contada assim...

Médico – O pulso... o pulso! Vamos, um bisturi por favor!

Natália – Vamos sair, **Carlos**. Estamos interrompendo.

Carlos – (Dispondo-se para sair). Ótimo. Mesmo porque tenho que ir cuidar de meus negócios.

Médico – Tenho medo que ele não resista. O coração está fraco.

Natália – Vai morrer. Tenho certeza.

Médico – Nesse caso só mesmo um milagre.

Natália – **Carlos**... Faça-me um favor. Passe pelo jornal e entregue para publicação esse aviso... A fotografia seguirá depois.

Carlos – (Admirado) Mas... o que é isso?

Natália: (Rindo-se enquanto **Rolando** solta gemidos de dor) O anuncio de minha viuvez! (CENA NO ESCURO).

TERCEIRO ATO **(NONA CENA)**

Disposição – Idêntica à do ato anterior. **Elga**, **Lúcia** e o **Cientista** conversam quando sobe o pano.

Elga – Veja, **Lúcia**, em que situação está a vida hoje. Note como as coisas acontecem. Até veneno se vende impunemente.

Lúcia – No meu tempo os homens declamavam poemas... Havia mulheres desejando morrer só porque tinham sido beijadas. (Pausa) Vê-se que o tempo da poesia, passou... Foram-se os dias das declamações!

Elga – Quem é Você, afinal de contas, **Lúcia**?

Lúcia – Eu represento o passado... Qualquer coisa boa que, passando, não volta mais. Assim como o tempo das quadrilhas, dos vestidos compridos até o pé.

Cientista – Eu já estava prevendo isso. A senhora sabe certamente conheceu tempos melhores. Vem de longe.

Lúcia – Exatamente. Assisto a todos os movimentos da humanidade. Mas confesso: jamais acreditei que o mundo chegasse a essa situação.

Cientista – Mas tínhamos de conhecer o progresso, as mudanças. A energia atômica não resolveu o que esperávamos, é bem verdade, porque o grande problema persiste ainda: a morte. A morte tem sido um mal, a ceifar, a despovoar o mundo. (Decidido) Agora é a vez de eliminar a morte. Tornar as mulheres estéreis. E consolidar um mundo assumidamente caduco.

Lúcia – E de que viverão as empresas funerárias?

Cientista – Não sei ainda. Talvez representem peças de teatro de vanguarda, dramas futuristas.

Elga – (Depois de um momento) O senhor está atualizado com os novos episódios do mundo. Certamente deve conhecer um homem chamado **Rolando**.

Cientista – Não, não sei de quem se trata. A vida agora muito diferente do que era antes. Eu pelo menos trabalhava à noite. Durante o dia, dormia. Não me encontrava com os que trabalhavam durante o dia.

Lúcia – No meu tempo a noite era reservada para o amor.

Cientista – Mas isso em 1850...

Elga – Agora está tudo perdido, porque eu morri.

Lúcia – Você foi assassinada, não esqueça! ASSASSINADA! (Visão rápida do terceiro plano do palco onde aparece a mesa de operação).

Rolando – Não, eu não assassinei ninguém! Mentira! Eu não sou o mundo! Eu não represento os tempos modernos.

Carlos – Acalme-se, **Rolando**... É preciso controlar-se.. Doutor, ha alguma esperança?

Médico – Nada posso adiantar. Sinto que já não tenho habilidade para resolver esse caso.

Rolando – Assassino... Assassino... Eu não matei ninguém. Eu estou inocente.

Carlos – Doutor, **Rolando** não deve morrer! Ele é a vida dos bancos, das grandes organizações, dos grandes empreendimentos.

Médico – Está delirando e isso é sinal de que logo adormecerá. Que coisa estupenda um homem poder dormir nesse século.

Rolando – **Elga... Elga...** você não devia ter morrido. Minha vida desde então ficou perdida para sempre.

Carlos – Doutor, **Rolando** precisa viver.

Médico – Naturalmente. Todos nós precisamos viver. (Impondo silêncio)
E por favor me dêem mais liberdade de ação.

Rolando – **Elga...**

Carlos – (Voz velada) Agora percebo tudo. Antes de tentar o suicídio, ele me dizia que ouvia algumas pessoas conversando. Uma senhora falava de sua vida... Era **Elga**.

Rolando – **Elga...** (Mais forte) **Elga!**

Natália – **Natália**. Diga o meu nome.

Rolando –

Natália – **Natália!**

Rolando – **Elga!**

Natália – (Excitada) **Natália!** (Mais calma) Esse homem é um tolo, **Carlos**. Vive impressionado com mulher que já não existe. E se julga um criminoso às voltas com a própria consciência. Que tinha essa **Elga** mais do que eu para ser tão apreciada e louvada? Sim? Vamos me diga, **Carlos**? Será possível que fosse mais preparada do que eu? Tivesse mais habilidades do que as que você conhece em mim? Quero que você me responda.

Carlos – **Elga** era humilde... agradável. Parecia não viver. Tinha o talhe à feição da haste de um lírio... Falava sempre carinhosamente, não elevava a Voz, e tratava a todos com amor... (Pausa. Tom). Mas não se acostumara à vida do nosso século.

Natália – (Colérica) Reacionária! Reacionária é o que ela era! (Cena no escuro. Luz no primeiro plano).

(DÉCIMA CENA)

Disposição – Idêntica à da cena anterior.

Elga – Você ouviu, **Lúcia**? Ela falou contra mim. Disse que eu não sabia mais do que ela.

Lúcia – Você não é apenas mulher, **Elga**. Você representa muito mais. Eles, e foram muitos, queriam estragar o mundo, há anos. Desde o meu tempo que trabalhavam com afincos nesse propósito. E agora, afinal, parece que conseguiram.

Cientista – Com licença (Aparecendo) Comunico que alguém morreu e vem vindo para cá...

Elga – Deve ser **Rolando**...

Lúcia – E vem atrás de Você. Era o que imaginava. Compreendeu afinal que não pode viver sem você. E vem à sua procura.

Elga – Ah, eu quero vê-lo. Quero me encontrar com ele.

Lúcia – **Elga**, Você devia ter mais sentimento. Ele foi responsável por sua morte. Fuja desse homem, fuja... Fuja enquanto é tempo.

Elga – Mas eu não posso, não devo esquecer-lo. (Pausa) Foi tudo uma incompreensão.... Acontece.... acontece...

Lúcia – Mas é preciso castigá-lo. Os homens devem ser exemplados! **Elga** – Mas ainda tenho coração. Não posso, não devo fugir.

Cientista – Mas deve... Fuja, esconda-se. Ele terá que capitular diante de você.

Elga – (Atordoada) Fugir... Fugirei... (Desaparece E. B.)

Cientista – Não consigo entender nada disso. Não sei o que está se passando.

Lúcia – Ele virá, tenho plena certeza. Vai enganar o seu amigo **Médico**. Só quando o corpo estiver de todo frio é que pensarão em sua morte... Mas ele já terá desaparecido..

Cientista – Eu teria deixado de viver para aprender as sutilezas da morte.

Rolando – (Aparecendo D. B.) Onde estou? Onde estou? (Pausa) Ajudem-me!

Lúcia – Eu sou o passado... Represento o tempo que os homens também se sacrificavam. Esse meu amigo é uma das armas do crime: a Ciência.

Cientista – Nada mais faço que procurar eliminar a morte de nossas preocupações.

Rolando – Impostor! Querendo acabar com o único momento de sossego para os que vivem!. (O. T.) A senhora não viu uma mulher chamada **Elga**?

Lúcia – Quem é ela?

Rolando – Quem é? (Procurando lembrar-se) Quem é? Minha primeira esposa... Faleceu e eu me julgo responsável por sua morte.

Lúcia – Na realidade ela morreu para você viver.

Rolando – Infelizmente. (Pausa) Depois que **Elga** morreu, jamais tive um momento de felicidade.

Lúcia – (Com ar de desprezo) Afinal identifico: você é o Demônio. O Demônio que assassinou a Rosa.

Orlando – Não, não a matei... Nem tampouco sou o Demônio. (Pausa. Tom) Sou apenas um homem, simplesmente, eterna vítima das alterações do tempo, da Bolsa, sujeito a avisos prévios, a filas, aos racionamentos, ao manejo de aparelhos complicados. Não, não sou o demônio... Sou a mistura que se chama humanidade.

Lúcia – O Demônio, pois não!. (Pausa e forte) Você destruiu a Rosa... A Rosa, sua terna esposa...

Rolando – Por Deus, mas mesmo morta, onde posso encontrá-la? **Cientista** – Fazia tempo não ouvia falar em Deus.

Orlando – Preciso encontrar minha esposa. Ela era o meu lar. Representava a solidez da família... **Elga**... (Chamando) **Elga! Elga!**

Elga – (Ao microfone, sem aparecer) Viram, não posso desaparecer, pois sou a inspiração da vida...

Rolando – **Elga!** Suas palavras continuam dentro de mim, ressoando de encontro ao meu coração.

Elga – (Ao microfone ainda) É triste dizer que parti sem ninguém chorar. Por que você não chorou, **Rolando**? Por quê?

Rolando – (É um transporte de emoção) Porque eu deveria chorar depois... Agora, **Elga**... (Soluça alto. Cena no escuro).

(DÉCIMA PRIMEIRA CENA)

Disposição – A mesma da cena anterior. Visão do terceiro plano iluminado.

Natália – Que situação adversa! A impressão é de que **Rolando** ficou murmurando palavras desconexas a respeito de **Elga**... Em algum momento, julguei ouvir alguém lembrar os nomes Rosa e Demônio.

Médico – Não sei porque, mas acho que qualquer coisa está patando acontecer. (0.1) Pela primeira vez deparo caso tão estranho.

Repórter – (Aparecendo) Com licença. Sou **Repórter**. Meu jornal tem dez edições diárias... Vim colher informações sobre o homem que pa-

rece dormir... (O. T) Nunca pensei que se voltasse a dormir sem o concurso de tranquilizantes.

Médico – Sempre a mesma eterna imprensa intrometida. Converse diretamente com o acompanhante do paciente.

Repórter – (A **Carlos**) O senhor, sem dúvida, poderá me dar alguns esclarecimentos.

Carlos – Não, nada tenho a declarar.

Repórter – Mas precisa falar! Não é comum um homem dormir nessas circunstâncias. Eu mesmo há anos que não durmo.. (À **Natália**) E a senhora, não deseja falar?

Natália – (Com ênfase) Casei-me com ele para remediar um mal e foi pior. Infelizmente é homem à margem da vida...

Repórter – (Alegre) A MARGEM DA VIDA! Bonita manchete.

Médico – Façam um pouco mais de silêncio. Já não sei nem o que faço.

Repórter – (Dispondo-se a sair) Muito obrigado. (Entusiasmado) Que manchete! A MARGEM DA VIDA! (Luz no primeiro plano)

Lúcia – Ah, sou a responsável pela fuga de **Elga**.

Cientista – Agora que descobri sua verdadeira identidade, ela já não poderá estar longe de nós...

Lúcia – **Elga**? (Chamando) **Elga**!

Elga – (Aparecendo) Você me chamou, **Lúcia**?

Lúcia – Seu marido está à sua procura. A qualquer momento testemunharemos um grande milagre.

Elga – Meu marido! Coitado de **Rolando**!

Cientista – Tudo indica que ele está arrependido e lhe pedirá perdão.

Elga – E eu sei dizer não? Morri porque já nada me pediam...

Lúcia – Você foi assassinada, se convença disso. Assassinada friamente.

Cientista – Você gosta de viver assim? Longe de tudo, nessa calma, nesse desterro?

Elga – Não. Meu lugar é na sociedade. No lar, cuidando do marido. Velando pelo seu bem estar. Eu sou a favor das obrigações domésticas... (Com o **Cientista** descem para E. B. enquanto **Lúcia** vai para a outra extremidade do palco).

Cientista – Oh, que grande poesia vem de você!

Rolando – (Aparecendo e indo à **Lúcia**) Quem é esse desconhecido? Por que está falando com minha esposa?

Lúcia – Repito: é o **Cientista**.

Rolando – Mas não devia conversar com ela. **Elga** me pertence, é minha!

Lúcia – Sua esposa? E muito estranho. Quando vivia a seu lado, você a desprezou... E quando a viu morta, preferiu **Natália**.

Rolando – Mas isso tudo foi um equívoco! Assumo o meu erro. Mas por favor, faça com que esse indivíduo afaste-se de **Elga**.

Lúcia – Fazia tempo eu não via alguém com ciúme... Ah, o verdadeiro ciúme existiu até 1850..

Rolando – Ah, então, eu estou com esse sentimento? **Lúcia** – Ciúme da própria esposa.

Rolando – Ah, é que desejo ser feliz, voltar para ela...

Lúcia – E cedo. Você ainda não morreu de todo. Seu espírito ainda está sendo disputado. O **Médico** está querendo se apropriar dele. Não sente por acaso em seu corpo o corte do bisturi? Não sente os odores da sala de operações? Você está vivendo, nesse exato momento, na fronteira dos mundos...

Rolando – E verdade... Qualquer coisa está me dilacerando, se aprofundando em meu corpo... (Cena no escuro).

(DÉCIMA SEGUNDA CENA)

Disposição – Visão de terceiro plano do palco. Personagens em volta da mesa de operações.

Médico – O corpo resiste... Estremece quando uso o bisturi.

Natália – Ah, continua falando o nome dela. A primeira parceira não sai de seus lábios. (E. T.) Quem era ela? Querem saber? Ser anormal. Pregava a caridade, o respeito mútuo, o cultivo da amizade... Criatura atípica.

Médico – (Debruçado sobre o corpo do paciente) Ainda delira, dizendo coisas incompreensíveis.

Natália – Parece estar em mundo diferente do nosso.

Médico – Verdade. A medicina não pode explicar

Natália – Como se toma de estremecimentos! Parece penetrado por estranhas sensações.

Médico – Mais silêncio. Preciso me concentrar..

Natália – Será que morre mesmo?

Médico – Não posso dizer. Mas tudo indica que sucumbirá.

Natália – E como durou a agonia!

Repórter – O jornal dará todos os detalhes. Será uma reportagem sensacional. Já remeti as primeiras fotos. Todos estarão nelas.

Natália – Eu adoro a imprensa. A imprensa e o rádio.

Médico – (Admirando-se) Pelos céus! O que vejo! Algo de anormal. está acontecendo.

Natália – O que está ocorrendo, doutor? Que houve?

Médico – Olhem e vejam o rosto de **Rolando**! Olhem bem para o seu rosto. Vejam-lhe a transfiguração... Não estão notando? Digam! Vamos... Eu começo a perceber... (Cena no escuro).

Rolando – (Luz no primeiro plano Imediatamente) **Elga**! Quero-a de volta! Não me torture mais.

Lúcia – (A **Rolando**) Você ainda não pertence ao nosso mundo. Sofre, mas está agora na linha que separa a vida da morte.

Rolando – Por favor, me digam, estou ainda na mesa de cirurgia? Minhas mãos não me pertencem... Vejam!

Lúcia – Mãos. Você falando em mãos. Você não as possui. Suas mãos eram profanas, e por isso se perderam há muito tempo... (Pausa. Tom) As mãos roubam, pecam, quando não sabem acariciar... quando não sabem...

Rolando – (Interrompendo) Não, não continue! Sinto um novo arrepio correndo em meu corpo. (Pausa) E ainda tenho corpo? Respondam-me, por favor. E onde estou. Me avisem também onde estou...

Elga – (Ao microfone, sem aparecer) A morte transmite esse ar de inconsciência... Quando morri, experimentei as mesmas emoções. Sabia que meu corpo ia ficando cada vez mais leve, já não pesava mais...

Lúcia – Um pássaro branco... alvo da cor da neve. Os puros se transformam em símbolos sagrados, quando morrem. Você, no entanto, é mau. Vai transformar-se num animal asqueroso.

Natália – (Luz no terceiro plano) Incrível! Que morte feia... Tenho a impressão de que estou vendo uma aranha enorme se movendo em cima da mesa. Noto-lhe as feições alteradas. Vejam!

Repórter – É verdade. Mexe-se como se fosse uma aranha. (Pausa). Quando morremos, ficamos assim?

Médico – É a agonia da morte.

Natália – Ah, tenho tanto medo de desaparecer! Não sabia que a morte se revestia de tanta dramaticidade...

Repórter – Eu diria, de tão triste encenação.

Elga – (Ao microfone, sem aparecer) Oh, como é triste um homem sem consciência!

Rolando – (Luz apenas no primeiro plano) Quero á minha legítima esposa. Oh, que sensação terrível estou sentindo dentro do meu cérebro! Vou me prostrar... desaparecer... Tenham piedade desse que dissolve, se evapora! E que já não tem uma identidade certa com nenhum dos dois mundos.

Médico – (Pelo escuro) Vai morrer! Está ficando inconsciente.

Natália – Olhem, vejo uma pata se mexendo...

Médico – Não.. Foi **Rolando** quem mexeu a mão.

Rolando – **Elga**, só você poderá me salvar neste momento.

Elga – (Aparece D. A. Luz em sua direção) **Rolando!**

Médico – (Ao mesmo tempo) Morreu!

Rolando – **Elga!** Você me restitui a liberdade!

Elga – Eu voltei para você.

Rolando – Agora descubro afinal: você é a Rosa e eu sou o Demônio.

Elga – Não tem importância, querido. Se ainda há forças em você para me amar, é certo que poderemos voltar a construir o nosso lar, amar intensamente para ouvirmos outra vez o choro das crianças...

Rolando – Seremos felizes. Agora sim, sinto que estou reconquistando a felicidade de viver. Não sei porque, mas volto a me sentir mais leve... O bisturi não me fere mais. E já não me vejo como um animal.

Elga – Não sei como explicar, querido. Mas pouco importa o que nos aconteceu.. Ha sempre rosas e lírios quando estou vivendo.

Rolando – (Divagando) Rosas e frios...

Lúcia – Um momento. O senhor sabe quem é ela?

Rolando – Sei, agora sei. A Rosa.

Lúcia – Tinha certeza de que o amor não podia morrer. O amor é a rosa, e a rosa a poesia da fecundação. (Luz no terceiro plano).

Médico – O pulso! O Pulso! Rapidez! Creio que algo aconteceu! (O. T.)
Que calor... Sinto qualquer coisa se injetando em meu corpo...

Natália – O que aconteceu? Vamos, doutor. Fale! O ar da sala está ficando quente. Sinto também muito calor em meu corpo. E tenho vontade de chorar!

Médico – Até que afinal ele está morto. Irremediavelmente morto. (Afasta-se passando a mão pelos olhos. Solta o bisturi) Aconteceu algo de extraordinário.

Carlos – Voltamos ao ano de 1850... (Surpreso) Olhe, **Rolando** rejuvenesceu. Contemplem as feições dele...(Surpreso) Rir. Nem parece morto. Só os santos morriam assim...

Médico – Surpreendente... Não sei como explicar!

Natália – Meu coração está pulsando... Algo se modifica em num.

Médico – Voltamos a ser novos, outra vez. Realizou-se o milagre. (Cena no escuro. Foco de luz rapidamente derramado da platéia para o palco. Música forte, clamorosa, fazendo-se ouvir, enquanto **Rolando** e **Elga**, de braços dados, iniciam a descida pela escada, em marcha para a platéia... Os dois vão marchando, marchando...)

Lúcia – (Apoiada no ombro do **Cientista**, E. B.) Morreu o Demônio! (O pano vai-se fechando, as luzes tomando conta da platéia, à proporção em que **Rolando** e **Elga** saem do teatro).

PANO

O ANJO

PERSONAGENS

AUTOR

HERMANO

HOMEM

ANA

MULHER

(Minutos antes do início do espetáculo, já estará sentado à frente do palco, de preferência do lado esquerdo, o Autor. Os demais personagens que participam da história estarão entrando a toda hora, compondo o ambiente, falando despreocupadamente como se o público já estivesse familiarizado com eles. De repente, as luzes dos refletores, dispostos de acordo com a orientação do diretor-cênico, estarão dirigidas para o Autor, ficando a sala de espetáculo às escuras. O Autor, que escreve alguma coisa – vamos dizer, a própria peça – ergue o lápis, e principia a falar...)

Autor – Não vos iremos enganar. Todos os que aqui vieram, naturalmente preparam-se para assistir a uma representação teatral. Por isso julgamos de bom alvitre não enganar, mesmo porque depois de vista esta pequena peça, podereis reclamar que vos insultamos, oferecendo-vos uma história inverossímil. Em verdade, inventamos a história. E os personagens, dizemos melhor, os atores, talvez sejam conhecidos por vós, amigos da mesma rua, vizinhos ou colegas de trabalho em ocupa-

ção honrosa. Se quiséssemos viver um drama autêntico, não haveria necessidade de disfarces. Creio que vós mesmos serieis os personagens ideais. Quem sabe se dentre vós não haverá alguém sofrendo, no momento, a perda de ente querido, se outro não se sentirá por acaso ofendido por ação menos digna de algum amigo ou filho ingrato? Os verdadeiros dramas são os nossos... O que aqui iremos submeter à vossa apreciação é apenas um entrecho teatral com o fim de distrair-vos por alguns minutos. Para tanto tivemos bastante trabalho. Perdi algumas noites a escrever neste caderno de anotações, e depois veio o diretor e encarou os meus colegas para a representação... (Hermano que ficou por ultimo em cena, põe uns óculos escuros e ajeita-os diante de espelho). Vede-o! Não é cego. – Mas aqui será como se o fosse na realidade. Naturalmente, que muitos de nós somos cegos e não temos os olhos perdidos... (Pausa) Será o caso dele? (Pausa) Calados, todos. A peça se inicia...

Hermano – (Anda tateando á procura da cadeira-de-embalo, onde se deixa ficar. Depois de um momento, em que pensou ouvir algum ruído, decide-se a falar). Julgam-me cego porque não vejo, como se a pessoa só pudesse ver através dos olhos. Em verdade não tenho a idéia exata de como é o mundo de trevas que me cerca... Mas sinto-o tão puro, que me surpreendo. De manhã, vou a janela que dizem se abrir para a rua, e ouço as Vozes dos que passam caminhando para o trabalho. Jamais ouvi palavras rudes dos lábios dessas criaturas. Elas me chegam sempre com raro sabor de felicidade satisfeita. De tarde, volto à janela e escuto a conversa de namorados que se amam diante de minha casa. O! como são felizes os que amam!... E eu vejo que não há trevas no coração dessas criaturas. A grande escuridão existe simplesmente em mim... (Súplice) O’ Senhor, como isso me amargura!

Ana – (Aparece de súbito. Mocinha ingênua. Está de vestido caseiro)
Hermano!

Hermano – (Procurando a moça) Ana, és tu? Que queres?

Ana – Tu não sabes, meu bom amiguinho? Não me dás as alvíssaras?

Hermano – Não sei por qual motivo falas assim. (Pausa) Notas boas no colégio, dignas de tua inteligência? (Pausa) Alguma festa em nossa rua?

Ana – Não, não vou dizer. Tu mesmo adivinharás.

Hermano – (Triste) Mas como? Não sei adivinhar...

Ana – Sim, talvez seja difícil. Portanto, vou revelar... (Pausa) Hoje... (Pára. Muda de tom e diz graciosamente). Não digo! Tu mesmo irás descobrir, pois não. Vamos, Senhor Hermano da Silva Teles!

Hermano – Anda, menina linda, o pobre cego merece respeito... Sei que estás aí fazendo trejeitos... (Curioso) Não, não posso mais esperar. O que houve?

Ana – E digo? E posso dizer? Depois de breve instante, carinhosa) Não, não, não te zangues. (Pausa) Tenho uma deixa, a isca... (Pausa) O que aconteceu no dia de hoje há trinta anos passados? Vamos! Vamos, ligeiro!

Hermano – (Surpreendido) Há trinta anos passados? Hem?

Ana – (O palco fica às escuras, a luz volta rapidamente para fugir depois, deixando a cena outra vez às escuras.) Sim, há trinta anos...

Hermano – (Depois de se estabelecer a iluminação do palco. Com a Voz pesada, sentida...) Sim, sim... (Pausa) Eu nascia... Vim de um mundo cálido, mas sem luz, para outra escuridão eterna.

Ana – Pois então! De qualquer forma, é teu aniversário. Trinta anos, meu bom Hermano. Sabes? Trouxe-te um belo bolo, bonito de pegar, de ver, de comer... Mas aqui só para nós dois: não o enfeitei com trinta velas, pois me faltou dinheiro para tanto... (Pausa. Tom) Mas decididamente terás um bolo de dez velas! Não é ótimo? Pelo menos serás mais moço... um adolescente...

Hermano – Será que ouvi bem? dez velas? Não devias ter gasto o teu dinheiro... (Pausa) Mas é exato: na verdade ainda não vivi. Sou criança. Uma vela, uma só, talvez bastasse para a minha festa...

Ana – Não quero ouvir esse discurso.. Vamos, de pé. (Insistente) Anda, Hermano, de pé para receber meu longo e carinhoso abraço...

Hermano – (Sem jeito, tentando recusar) Mas, menina, eu... (Som) Deixe disso... Só lembrar o meu nascimento já me basta! Dou-me contentado e até me imagino estar nascendo agora mesmo...

Ana – De pé!... Senão vou gritar e anunciar aos quatro ventos o teu aniversário. E logo logo o teu quarto se encherá de convidados...

Hermano – Pendendo-se, e a se erguer. Ela aproxima-se dele e o abraça ternamente. (Hermano dá a impressão de sentir-se amargurado, e que chora...)

Ana – (Deixando-o) O quê? Chorando? Deus do céu!... Nunca pensei fosses ficar assim! Que fiz eu de errado? Trago-te um bolo, desconto vinte anos de tua ida, fazendo-te mais novo e mais bonito... E tu choras?

Chorar por quê? Hermano, aposto que a tua infância foi a de um menino mimado. Ninguém te batia... (Pausa) Aqui para nós dois, eu fui bem diferente... Sempre me castigavam.

Hermano – Es ainda criança.

Ana – Criança? Pois tu não sabes? Estou passando dos dezesseis... E não queria dizer, apaixonada por um jovem... (Fantasiando) Tentador... e bonito, sem ser artista.

Hermano – (Interessado) E ele corresponde? E está nele a existência dessa coisa que se chama amor?

Ana – Nem sei como responder. Mas há algo, eu sinto, que me deixa leve... suspensa do chão. Tu não imaginas como se sentem mais leves os que amam! (Pausa) Agora falo mais séria: ainda não decidi. (Sonhadora) Mas tenho certeza de que se de verdade ele me amar, terá ao seu lado a mulher mais meiga, mais amorosa, do mundo!

Hermano – Tens outro apaixonado?

Ana – (Demora a responder) Tenho, não me liga, e é feio. No entanto, que boa pessoa é. (Percebe-se que inventa) Manda-me flores e derramadas saudações em cartões perfumados.. (Suspira) Um sonho!...

Hermano – (Com ciúme) Ah, então és feliz...

Ana – Sim, sim... quem ama é feliz... (Ri alegremente) Observaste como sei dizer frases bonitas? (Outro tom, como que se lembra de alguma coisa) Nossa Senhora! Falei tanto, mas tanto mesmo, que esqueci o bolo. Vou buscar...

Hermano – Deixa ficar lá. Será melhor assim..

Ana – (Antes de retirar-se) Não, senhor. Vou trazê-lo. (Divertida) Por quem és, senhor? Ora, viva D. Hermano! (Faz uma curvatura muito respeitosa antes de sair)

Hermano – (Depois de um momento) Trinta anos... Meu Deus, o que é uma vida de trevas sem amor? Trinta anos... Tenho todas as mulheres em meu coração, mas não pertenço a nenhuma delas... (Pausa) Vêem em num apenas o deficiente que não vê... E eu sinto, melhor dizer, eu percebo em todas a promessa de algo que vai me acontecer um dia, prenúncio da amada que jamais se decidirá por mim. Mas... (Desarrumado) tudo passa, é um sonhar diferente. São desejáveis sombras que circulam perto de mim... Mas desgraçadamente estão também cegas, não me podem ver. cura a cadeira e se senta).

Autor – Voltando para a platéia, afinando a ponta do lápis) Quantos dentre vós também não sentis a falta do amor?... Não há melhores dramas, vós bem sabeis, do que os que se passam dentro de nós e infelizmente nunca são revelados. Se cada um de vós fosse escritor, seria terrível. Teríamos de tudo, melodramas, tragédias, fantasias... (Pausa) Mas vós sabeis conservar esse indiferentismo pela própria dor que vos aflige. Idiotas os que vos julgam egoístas... (Faz um gesto vago de incompreensão) Bem, mas isso são considerações. A peça nada tem com o vosso estado de espírito...

Ana – (Surgindo pela direita, com um bolo modestamente preparado, onde avultam algumas velas). Hermano, é hora da comemoração! (Outro tom) São as mais bonitas velinhas do mundo. Comprei-as a uma mercearia. O vendedor até me perguntou: é para seu irmãozinho?

Hermano – E o que disseste?

Ana – Nem respondi. Mas na verdade agora vejo: és a criança que não cheguei a ter como irmão....

Hermano – (Estende as mãos á frente) Ah, o irmão... (Triste) Por que irmão? Por quê? Dispondo-se a mudar de assunto) Tudo bem. Agora, quero pegar no bolo...

Ana – (Afasta-se para o lado) Está bem diante de ti...

Hermano – (Indo em direção contrária) Não, não estás aqui... (Pausa) É um jogo, Ana?

Ana – Bobo! Não te zangues... Ah, um jogo, mas de estima... Pronto, aqui está o bolo... (\[ai para perto dele)

Hermano – (Alcança o bolo, apalpando-o com ânsia incontida) Dez velas... dez anos...

Ana – Estás impressionado, hem? Dez... Algarismos lembram, e como lembram! Tens algum romance oculto em ti, em teu mundo? Vejo o interesse que tens indo à janela todos os dias. (Pausa) Quem sabe? Alguma senhorita...

Hermano – (Amargurado, ainda afagando o bolo) Ah, ninguém há de me querer, Ana... ninguém!. Sou algo à deriva da vida... um naufrago à parte.

Ana – Deus do céu! Para que tanta amargura? tanto pessimismo hoje? És lindo... Tens a boca bonita, bem feita, delicada.

Hermano – (Amargurado) Ninguém casará comigo. Vim ao mundo... marcado. Nunca me dedicaram essa coisa que nomeiam de paixão...

amor... Que será isso? (Outro tom) Bem, bem... Mas mudemos de assunto. Estás em clima de provocação... só para ouvir algum segredo, segredo que confesso não possuir. Não, tenho segredos...

Ana – Bem, se não queres falar, fica assim mesmo... Vou acender as velas do bolo.

Hermano – E tem isso também?

Ana – Trouxe comigo a caixa de fósforos... (Deixa o bolo em cima da mesa da cena e trata de acender as velas) Vai ficar tudo muito bonito. Já estou acendendo as velas...

Hermano – Ah, devem ser lindas! (Tristonho) Ah se pudesse ver!

Ana – (As velas ficam acesas) Tudo iluminado, cheio de vida!

Hermano – (Contente) Que bom!

Ana – (De forma inesperada) Como tu imaginas as velas?

Hermano – Boa pergunta... (Indeciso) Lápis, pequenos pequenos lápis, com o que tu dizes de cor... Quando tocasas pelo fogo, vão queimando, se consumindo, a desprender centelhas, luzes... como afirmam.

Ana – (Compadecida) Sim, isso mesmo... Agora, depois do discurso vem hora de apagar as velas...

Hermano – Estás louca? Destruir o que é belo?

Ana – É como acontece em toda festa. O aniversariante deve apagá-las. Vamos, sopra, aqui...

Hermano – (Sopra sem direção)

Ana – Em minha direção... (Comanda) Curva-te um pouco. Sopra agora... (Rindo-se) Meu Deus, que falta de jeito!

Hermano – Mas eu não sei onde elas estão... Vou Tentar... (Faz outra tentativa).

Autor – Que dizeis vós? Estais com vontade de rir? Não riais... Cantai aquela melodia que fala em “parabéns para você...” quando Hermano apagar as velas... Prestai atenção; ele já tentará mais uma vez.

Hermano – (Sopra com decisão apagando as velas) Acertei? Fala, menina! Ana!

Ana – (Principia a cantar) “Parabéns para você, etc.”

Autor – Que cantem todos a alegrar o cego! (Incisivo) Não fiquéis acanhados... Por tão pouco ficará satisfeito o pobre cego... Cantai com alegria!

Ana – (Batendo as mãos, com contentamento, depois do canto) Bravos! Agora o presente verdadeiro, um beijo, Hermano! (Beija-lhe a testa).

Hermano – (Transparecendo alegria) O Ana, isso é felicidade demais! Depois de breve silêncio) Agora, podes ir...Quero ficar pensando no significado da compreensão entre as pessoas, na paz... sim, na paz que trouxestes ao meu coração..

Ana – Está bem, meu bom amigo. Depois, voltarei.. (Beija-o na testa, com ternura e retira-se).

Hermano – (Ao se sentir só) Senhor, fizeti com que eu seja feliz! Senhor, trouxe de presente não apenas um bolo, um beijo, mas a mulher que me faz falta. Destes-me hoje a graça de receber a delicadeza dessa carinhosa homenagem. Dai-me alguém que me ame, me estreite em seus braços. (Vai à janela e fica a olhar a rua).

Autor – Em que julgais pensar o nosso Hermano? Nos trinta anos que acaba de festejar hoje, nos problemas da carne e do pão, no horário sem horário de sua vida? Estais enganado. Hermano está pensando o que vós não julgais... no amor, na parceira que aguarda um dia em seu quarto com uma mensagem de vida para seu carente corpo. Nem pensar que lhe falte coração, por não ter olhos de ver e sentir...O Deus que o privou da visão, não tosou o sentimento do amor... E o pobre homem acredita, pensa em mulheres que se descreitas para vós seriam monstros. Mas como pode saber o que é na verdade uma mulher em clima de amor?

Hermano – (Em êxtase) Sim... quem sabe se ela não virá hoje? Quem sabe se ela não sé chamará Mana, e não será um anjo? Com que nome? Maria... Zenilda... Olga... Alguém para minhas noites de insônia e de agonia... um anjo... um anjo, Senhor!

Ana – (Aparecendo) Hermano, não quis te dizer, mas é hora de dormir. Já é tarde... Meu pai virá abraçar-te, amanhã.. Chegou bastante cansado do trabalho. E eu vim para fechar a luz...

Hermano – Sim, Ana. Nem estava percebendo... Imaginava fosse ainda dia...

Ana – Boa-noite, Hermano. (Retira-se).

Hermano – Boa-noite. (Pausa). Depois, procura o leito que está ao fundo do palco). Ela há de vir... Faz tempo que eu a espero... (Senta-se ao leito) Um dia há de vir... E então eu poderei completar a minha felicidade. (Apitos de policiais, um pouco distante). Que ouço? Parece que alguém está fugindo da policia? (Apitos se repetem) Alguma brincadeira, talvez. (Suspira. Retira o paletó, fica de camisa. Mate-se na cama. Acende um cigarro, com dificuldade).

Autor – Já tereis por certo, experimentando um momento como esse. O coração bate mais à pressa enquanto vamos fumando... Ocorrem instantes assim na vida de todos nós. E para compreender o que o cego está sofrendo, nada melhor que nos figurarmos numa velha dor passada... (Tom) Não dissemos, não lembramos no início da peça. Esse é um trabalho de ficção... E certamente vale pela compreensão e até mesmo pela colaboração de todos. Senti-vos desamparados como o cego... Mas de coração abrasado de amor, insatisfeito, como a árvore que tenta sugar a água que se lhe nega a natureza...

Hermano – (joga o cigarro fora. Aconchega-se para dormir) Deus, dá-me a felicidade que te peço...

Autor – A casa dorme. Toda casa à noite também repousa. Cessam seus movimentos... O sono chega também aos objetos... E tudo pode acontecer... Sim, de repente, sem que ninguém espere... A (Apitos novamente, mais estridentes, mais insistentes). O que será? O que se passa do lado de fora da casa? (Pausa) Acredito que deveis estar impacientes para saber o que significam esses apitos, não? Que querem dizer? Quem mensagem contam?

Mulher – (Surge à janela ou porta. Empurra-a cuidadosamente, achando-se de repente dentro do quarto. Os apitos prosseguem e depois se afastam, perdendo-se ao longe)

Mulher – (Sem compreender) Psiu! Baixo... (Som) Não entendo. Sou uma infeliz...

Hermano – Infeliz? Não, não! Tu és **O Anjo**... Tu vieste salvar minha vida. Não há portanto razão para te lamentares, a não ser fraquejem os teus bons sentimentos...

Mulher – Com quem estou falando?

Hermano – Então, tu não é só Anjo? Se não, foge de perto de mim, quanto antes. Mas se és, compreenderás o cego Hermano.

Mulher – (Admirada) Cego! (Pausa) Sim... agora sei quem tu és. Pois bem, eu vim e vim... (Indecisa) Vim até aqui enviada por Ele.

Hermano – Aproxima-te de mim. Não sei onde estás. Deixa-me correr minhas mãos sobre teu rosto. Quero saber se tu és bonita, se Deus mandou-me, com sua infinita misericórdia, o que pedi.

Mulher – (Aproxima-se receosa) Estou diante de ti. Mas por favor, não fales alto... Podem ouvir. E o que pensarão de mim?

Hermano – Não importa que pensem de mau contra ti, se estou ao teu lado. (Pausa). Tens os cabelos longos? Curtos? E os olhos? curto? verdes? Azuis?

Mulher – São verdes sim...

Hermano – Olhos verdes, cabelos castanhos – eu adivinho... Tens a cútis tão suave... (Amoroso) Tu és **O Anjo**, agora estou realmente certo.

Hermano – Quem é? Quem está em meu quarto? (Silêncio) Quem está aí? Pela respiração, pelo odor, sei que esse alguém é mulher... (Pausa, tom) Quem é?

Mulher – (Voz tímida) Eu.

Hermano – (Como se sonhasse) Agora compreendo, foi Ele quem me enviou... Tu és **O Anjo**, a mulher que precisava chegar a minha vida. Meu eu, porque demoraste tanto?

Mulher – Depois de um momento, tímida) Tu não queres deixar que eu parta?

Hermano – Partir? Partir para onde? Aqui chegaste, depois de tanto tempo, para nova vida. E vieste para mim. Por que irás, então, me desprezar? Não, tu és **O Anjo**...

Mulher – Não, não sirvo para nada..

Hermano – (Enfático) Quero que sejas minha esposa. Amanhã eu te apresentarei a Ana e ao pai dela. E combinaremos o dia da nossa união.

Mulher – Casar? Eu? (Rindo nervosa) Não, tu estás louco, Hermano... Tu és mais cego do que eu poderia imaginar...

Hermano – Então, tens receio de se unir a mim porque sou cego? Acende a luz e olha para mim... Procura ver minha desgraça, compreender porque eu quero ser feliz... Vamos, aproxima-te da mesa. Ai deve estar o lampião, e fósforos...

Mulher – Vejo o vulto e por ele eu sinto que és um homem bem apresentável. Mas não é isso. Tu não compreendes... Preciso explicar...

Hermano – Não quero tuas explicações! Quero apenas que acendas a luz...

Mulher – (Procurando fósforo) Estou tentando acender o lampião... Agora... (Admira, erguendo o lampião acesso diante do rosto do cego que parece adquirir radiante vitalidade). Sim, és aquele que eu procurava! bonito! Se não fossem esses teus olhos cavados, sem brilho...

Hermano – Não fales neles Não procures me torturar dizendo que sou deficiente...

Mulher – Não, Hermano! Agora, preciso confessar tudo. Quando aqui cheguei, pensei que estivesse louco. Mas agora vejo que tens juízo... E na verdade és um homem apaixonado... E eu não sei dizer direito porque me comovo... Mas qualquer coisa em ti me pareceu pura... Teu semblante, tuas palavras. Tudo me toca profundamente. Confesso que a primeira impressão foi de pavor, seguida da vontade de fugir... Mas nesse momento quero ficar, porque, ah, nem sei como contar, eu tinha olhos e não podia ver... Era mais cega do que tu. E agora vejo que nunca te julgaste incapaz de casar e ser feliz.

Hermano – E tu, Anjo?

Mulher – (Chorosa) Eu, Hermano? Eu não aprendi a ver... Olhei para o mundo e não vi absolutamente nada... E fui descendo a escada que dizem ser a vida, degrau a degrau, até chegar à minha extrema desventura. Mas hoje tu me dás exemplo que eu aguardava para também ser feliz. Ficarei contigo e serei teu Anjo, não **O Anjo** mau que tenho sido até hoje... (Apaga a luz do lampião).

Autor – Sabeis vós o que é o amor? Mas sabeis por experiência ou por conhecer aos livros? Quem de vós poderá dizer algumas palavras sobre o amor? Quem poderá dizer o que se passa no coração de dois seres que se amam? E não digais que isso é sonho, fantasia ou subliteratura, porque se obscureceis a felicidade do amor, tereis que desacreditar também na legitimidade da união que vos deu ao mundo... Silenciai... Respeitai o encontro de duas almas... Calai-vos, refleti em vossos pensamentos apenas... E pensai agora que o tempo correu, e já é quase manhã... Vão acender-se as luzes, mas não é noite... Funciona o efeito cênico para clarear mais o palco. (O palco vai se iluminando. Hermano está sentado em sua cadeira, de paletó, a mulher ao seu lado. Agora, à luz dos refletores, todos vêem que é uma mulher pobremente vestida, mas de certa beleza).

Ana – (Depois de um momento, surgindo pela esquerda, acompanhada de um senhor). Por Deus, bem que dizia! Aí está a mulher que procura!

Hermano – O que houve, Ana? Não entendo tuas palavras.

Ana – Nada, Hermano. Eu vim com alguém buscar a pessoa que se refugiou em teu quarto...

Homem – (Arrogante, à Mulher) Não tentes fugir, criatura! Estás presa em nome da lei. Passamos á noite toda a procurar-te...

Hermano – Cala-te, oh petulante cidadão!. A noite toda a procurá-la? E que digo eu que passei trinta anos em sua busca?

Ana – (Admirada) Hermano! Então, tu tens coragem de querer afirmar que...

Hermano – (Contando) Sim, a mulher que aqui está era a Esperada, **O Anjo**.

Homem – (Decidindo) Tenho-o de levar a mulher. O dono da casa infelizmente é cego...

Hermano – O que entendes tu por cego? Alguém que não vê? Pois eu vi mais que todos nessa mulher... Eu vi seu lado bom, que a maioria não descobriu antes. (Pausa, enfático) . Ela é **O Anjo**, digo e afirmo.

Homem – (Abusado) Anjo não sei, mas ladra é. E como tal, está presa.

Hermano – (Atorreado) Ladra?!!

Ana – (Afirmativa) Sim, Hermano, ladra!. Mulher muito perigosa. (Como sem querer aceitar) Estás apaixonado por ela?

Hermano – Por quem querias que eu me apaixonasse? Por quem? Por alguém que nada me dá em troca de meu afeto? (Pausa, tom) Ela é minha Pertence-me.

(Homem em Voz baixa) – Que homem mais sem juízo! Ana, a senhora vai me desculpar, mas preciso agir com mais rapidez... O cidadão está sendo ludibriado por mulher vulgar, aproveitadora!

Mulher – (Emocionada) Não, não precisa de violência... Eu irei. Hermano, quero confessar; na verdade sou ladra. Entrei em teu quarto para me colocar a salvo da policia que me perseguia. E fui surpreendida por ti...

Hermano – Então, não és **O Anjo**? Fui enganado?

Mulher – Em tudo, não... Eu te pertenci honestamente. Eu me dei a ti com o amor que nunca pensei ter em mim.

Ana – (Avançando para a Mulher) Cala-te, mulher vil. Tu não tinhas esse direito! Tu não tinhas o direito! Hermano é meu, e não é de hoje! Meu! (Perdendo o controle) Para fora, fora! (Tirando-se para o Homem) Fora essa cruel, intrometida e falsa!

Hermano – (Quase gritando) Ana! Que direito tens também de te meteres em minha vida? (Outro tom) Não, não me tirem a mulher. Ela precisa ficar comigo. (Como que a sua procura) Eu quero **O Anjo!** **O Anjo!**

Mulher – (Debatendo-se nos braços do Homem, tendo ir ao cego) Hermano... Hermano...

Hermano – (Tentando ir em sua direção) Anjo! Não me deixes... não me deixes!

Ana – (Interpondo-se entre os dois) Não, Hermano. Tu estás louco... Não pode ser, Hermano! Hermano, não me apertes o pulso, não me empurres... Tu não podes ficar com essa mulher! (Hermano procura afastá-la de sua frente).

Mulher – (Sendo arrastada pelo Homem) Hermano, adeus, Hermano! Adeus! Rebenta em choro forte).

Homem – Calada! Tu irás de qualquer forma! Não me enganarás, como o fizeste ao cego! Estás presa, mulher!

Hermano – Trêmulo, sem saber o que fazer, sem ter noção para onde ir) Não, não me façam isso! Não me tirem **O Anjo**... Eu quero **O Anjo**!

Ana – (Ajoelhando-se aos seus pés, implorando) Não, Hermano, meu amor... Tu me torturas... Deixa que a mulher se vá... Deixa que ela saia de sua vida... Tu me torturas e não sabes... (Marcando a frase) Nunca soubeste...

Hermano – (Alheio às palavras de Ana, olhando para a platéia, por onde vai sendo arrastada a mulher...) Anjo, não te perdi! Tu ficaste comigo, num pouco dessas cousas que os homens dizem existir em torno das criaturas, dos objetos, de tudo, no meu mundo de trevas. Numa flor, numa boneca, na luz, no calor, como o segredo da vida! (Ana soluçando, desesperadamente, continua agarrada a ele).

Autor – Vós podeis retirar-vos... O espetáculo terminou... Não faleis do cego que aqui vistes. Falei de vós mesmos se haveis por acaso perdido o amor. E considerai-vos felizes, imensamente felizes se ele ainda existe intacto em vossos cotações! Ergue-se. Fecha o livro. Ana levanta-se. Hermano retira os óculos. Juntos agradecem aos espectadores as palmas que mereceram. Entram o Homem e a Mulher, que agradecem por sua vez).

FIM

OS DESERDADOS

PERSONAGENS

HORTÊNSIA

AUGUSTO

ALÍPIO

ESMERALDA

GEDEÃO

MULHER

(VOZES E FIGURANTES)

PRIMEIRO ATO:

1º QUADRO

O palco está às vistas do público antes de ter início o espetáculo, revelando o interior de casebre. Porta ao fundo e nas laterais janela espaçosa dando acesso à paisagem da caatinga crestada de sol que precede à estiagem. No meio da cena, sobre rústica – mesa, envolta em lençol, a criança morta. A sua cabeça ardem velas em castiçais improvisados. Até o início da ação pessoas surgem em cena, ajoelhando-se ante o cadáver, a orar etc., em movimento que não cessa. De repente, do lado de fora, ouve-se tocante melodia cantada por homens e mulheres...

“Não chore, senhora, não chore

O menino no céu está..

Não chore, senhora, não chore!

O menino com Deus está.”

Surge Hortênsia amparada em Xavier, ao fundo. Vai falar, pedir ao coro que cale, mas as palavras pronunciadas, são abafadas pelas Vozes...

“Não chore, senhora, não chore, etc., etc.”

Xavier – (Conduzindo Hortênsia ao meio da cena) Acalme-se. Há de se entregar tudo às mãos de Nosso Senhor. (Pausa) Filho é gente que nasce do nosso sangue, como árvore que brota da terra... Mas, se chamado por Deus, é anjo.

Hortênsia – (Emocionada) Anjo?!

Xavier – (Descritivo) Anjo bonito, de asas, como os que se vêem em santinho de lembrança de primeira comunhão.

Hortênsia – (Que parece não o ter escutado) Você disse, anjo? (Pausa, triste) Ele é preto, Xavier. Rompe em choro forte. Xavier repousa a mão sobre o seu ombro, carinhoso) No céu não há lugar para um anjo negro como meu filho. (Outro tom, sob mágoa) Os pretinhos quando morrem vão apavorar os outros, como o negrinho do pastoreio...

Xavier – E o que tem isso? Sempre ouvi dizer que Deus fez o mundo pretendendo a igualdade dos homens. Os meninos pretos e brancos não de estar nesta conta, na conta de Deus. (Pausa) E como não falha a conta de Deus!

Hortênsia – (Emocionada; olhando-o) Como você fala bonito! Visse um fraseado desse em romance de feira, não acreditava! e de repente, invadida pelo mesmo desânimo anterior) Xavier, pensando bem, adianta ouvir palavras de conforto e saber que o destino sacudiu a morte sobre a nossa casa? (Contemplando morto) Era meu filhó! O que, quando eu morresse, haveria de dizer para os outros quem fui em vida. “Era minha mãe...”

Xavier – (Consolando-a) Pois seu filho hoje é anjo. Pertence agora, ao Senhor.

Coro – (Entra forte e triste)

“Não chore, senhora, não chore, etc., etc.”

Xavier – (Pondo-se a um canto a enrolar o cigarro de palha) Se houvesse chovido, se o inverno houvesse chegado à terra, cobrindo-a de frescura, a desgraça não teria acontecido.

Hortênsia – (Infeliz) Que se havia de fazer, homem? E havia mais água no córrego, nos poços? Eu precisava trabalhar, lavar e passar para viver. (Pausa) Quem haveria de descer ao fundo do poço, senão ele, o homem da casa?

Xavier – Podia ter mandado um recado para mim. Eu vinha. Vim tantas vezes antes.

Hortênsia – (Sem escutá-lo. Aliás freqüentemente ela fala como se não escutasse o interlocutor) O poço mais fundo, a água mais difícil... (Apon-ta o cadáver) Não, não morreu simplesmente... Nós o assassinamos, Xavier! Foi isso!

Xavier - Paciência... Paciência. A vida tem surpresas. Não vê? Se fôssemos se separar antes do tempo e por qualquer motivo, tudo estaria perdido. Ninguém estava aqui solidário com a terra que sofre sem poder confidenciar (Pausa) O pior mesmo, Hortênsia, é o desespero que nasce e morre dentro de alguém, sem ser dividido. (Desalentado) Como é feia a terra sem a presença da chuva!

Hortênsia – Por que amamos tanto a terra, Xavier?

Xavier – Não sei... talvez porque verdadeiramente ela nos pertença. É tão nossa que, ao morrermos, voltamos a ser parte de seu corpo, de sua vida. Ouvi dizer que víramos bichinhos; nos consumimos nela.

Hortênsia – (Em eco...) Ao morrermos voltamos a ser parte de seu corpo, de sua vida...

Xavier – Por isso, digo. E necessário não desesperar. Dias virão, com a chuva batendo nas telhas, empapando o solo, borrando a natureza toda de verde.

Hortênsia – (Ainda como se não o escutasse) Não, não posso guardar no peito a dor de chorar, de gritar, de erguer as mãos contra os céus.

Xavier – Paciência! Paciência...

Hortênsia – Ele não era seu filho. Você pode falar assim. (Magoada) É triste ver o filho acabar-se como algum animal qualquer...

Xavier – (Contemplando o morto) Afugente a mosca. Está voando sobre os olhinhos dele.

Hortênsia – (Faz um gesto para afugentar o inseto) Ao menos se chovesse.

Coro – “Não chore, senhora, não chore, etc., etc.”

Xavier – (Indo à janela reparar o escampo) Há de chover. (À mulher) Estamos em março, não é? (Pausa) Você se lembra do inverno do ano passado? Custou, mas veio. E já diziam que não haveria mais uma estiagem prolongada... E se houvesse, os pobres não sofreriam mais. (Pausa) Será que os homens podem tirar da terra seca o que Moisés tirou da rocha?

Hortênsia – (Sem escutá-lo) Sem marido e agora sem filho. Só... (Voltando-se de repente para Xavier) Augusto é o culpado de tudo que aconteceu. Velho miserável!

- Xavier** – É o dinheiro... o dinheiro perturba o juízo das criaturas.
- Hortênsia** – Há os que querem a miséria do povo para se enriquecerem a si mesmos. Augusto é um deles. Mas meu filho há de vigiar os maus...
- Gedeão** – (Surge à porta. Fala normalmente sem erguer a vista, tímido, amparado a uma bengala e muleta de pau tosco) Com a licença da dona da casa. Que bons olhos vejam a todos.
- Hortênsia** – (Comovida) Gedeão! Eu sabia que você vinha ver o meu filho!
- Gedeão** – (Aproxima-se do morto) Coitado! Não posso acreditar no que aconteceu a ele.
- Xavier** – Menino bom, esperto. Ia ser o melhor vaqueiro, o melhor passador de gado da redondeza.
- Gedeão** – Ergue a ponta do lençol que cobre o cadáver. Hortênsia acompanha o gesto num choro crescente) Ah, os lábios dele ficaram sujos de areia.
- Xavier** – Quem morre assim, o demônio desfigura.
- Gedeão** – Já me contaram, mas esqueci. Como foi mesmo que sucedeu?
- Xavier** – Ela precisava lavar a roupa de “seu” Augusto. O menino estava no fundo do poço, ajudando. A água sumia e ele atrás, perseguindo-a, cavando sempre, aprofundando o buraco.
- Gedeão** – sim...
- Xavier** – De repente, o menino gritou contente. E ela o viu, embaixo, de mãos metidas n’água que aflorava...
- Hortênsia** – (Interrompendo-o) Não conte mais, por favor!
- Xavier** – (Sem atender) Foi nessa hora má que a barreira caiu. A terra cresceu como em derretido de serra em tempo de águas fartas. E se ouviu um gemido, era aquela Voz diferente, vinda do chão, do céu, sabe-se lá de onde...
- Voz** – (Do estádio, distante, agônica) Êêêê!
- Hortênsia** – (Surpresa, a fixar os olhos no filho morto) Ele! Ele gritou!
- Xavier** – Não se desespere. É alguém no campo, à procura de rês perdida... **Gedeão** – (Curioso) E depois?
- Hortênsia** – (Impedindo que Xavier continue a falar) Conto eu, o sacrifício é meu. Outro tom) Principiei a cavar, sentindo que de debaixo do chão vinha a Voz de meu filho assim como a semente que quer virar planta e alguém põe o pé encima.
- Voz** – (Mais distante, agônica) Eêêêêê...

Gedeão – (Abanando a cabeça) Uma infelicidade, homem... uma infelicidade.

Xavier – E começaram. então as grandes tristezas do ano. Chover, não chove mais. Tudo vai acabar. Cumprir-se-á a profecia do velho Anacleto, de que bichos e homens terão de sair daqui por caminhos de muito desespero... (Grave) Mas o morto ficará. E a semente.

Gedeão – (Deparando a caatinga) Não perdi ainda a esperança. Deus vai se compadecer de todos nós. (Pausa) O “seu” Augusto assegurou trabalho para os empregados mais antigos...

Hortênsia – (Com repulsa) Augusto é a razão de toda a miséria que se sofre nesta terra.

Gedeão – Não havia pensado nisso.

Hortênsia – Ele é a flecha que trespassa a vítima, sem sair do arco... (Pausa) Lembra-se do meu homem? O dinheiro que lhe pagava, era pouco. Para ganhar mais tinha de sujeitar-se a ordenhar a vaca gorda do patrão, sem direito ao leite que descia das tetas luzidias... (Pausa) Gedeão: governo é vontade de um homem, de muitos, ou de Deus?

Gedeão – Que pode entender um homem como eu de política? **Xavier** – É melhor você se acalmar, mulher.

Hortênsia – (Que não o escutou) A chuva é o governo dos que amanham a terra... Terei dinheiro para vestir-me de branco e ir à festa da padroeira... Terei novamente... (Pára, subitamente) Que importa a chuva, se ele não estará comigo.

Xavier – D. Hortênsia, não havia apenas. uma criança no lugar... Outros morreram antes...

Coro – “Não chore, senhora, não chore, etc., etc.”

Hortênsia – (Procurando abafar as Vozes do coro) Os outros não eram meus filhos! Não nasceram doendo, com minhas dores! Não foram paridos por mim!

Xavier – Paciência!

Hortênsia – Para o inferno a sua paciência!

Gedeão – Que fazer então, criatura?

Hortênsia – (Sentando-se, abatida) Sim, que fazer então?

Gedeão – Eu acho que chove. Deus não desampara os que se valem de Seu nome.

Xavier – Choverá, sim. Pedrinho está no céu, feliz, sorrindo. para todos nós.

Hortênsia – Você teima, homem? Meu filho terá direito a um lugar no céu?

Xavier – Ensinaram-me no catecismo que o céu é lugar **Criado** para premiar os justos. Deus não disse que no seu reino não entrariam os negros nem os pobres.

Hortênsia – (Sem escutar as palavras de Xavier, indo ao fundo da cena. Ela viu o sol diminuir de intensidade) O sol... O sol! Vejam!

Xavier – (Aproximando-se) A nuvem o encobre... **Hortênsia** – Morre, sol, morre!

Gedeão – (Movendo a cabeça, desalentado) Não quero ver... Para que me enganar novamente? Quantas vezes tenho contemplado uma nuvem que se aproxima, e que se vai?

Hortênsia – (Olhando para Gedeão) Desta vez vai chover... Eu sinto... Há uma coisa em mim que me diz agora que vai chover...

Xavier – (Vigiando o céu, de um para outro lado, impaciente) Está escurecendo... (Torce as mãos, nervoso) Amanheceu prometendo.

Hortênsia – (Que voltou ao interior da cena, indo ao filho) Meu querido filho... compadeça-se de nossa infelicidade... Nós queremos a chuva, grande chuva que encha os rios e açudes!

Xavier – (À porta) Acho difícil... Não quero mais olhar o céu.

Gedeão – (Nervoso) Nem eu. Sou um descrente... A ternura de Deus não passou por mim. A mão do diabo amassou o barro com que fizeram minha perna.

Xavier – Não reclame, homem! Um dia você será lembrado. Todos sere-mos lembrados um dia.

Hortênsia – (Sem olhar para Xavier) Vamos, Xavier, me diga. A nuvem ainda está lá?

Xavier – (Contemplando o céu; tomado de surpresa) Está... Agora, cresceu... Parece abaixar-se, desfiando-se... O sol esmorece; esfria.

Hortênsia – (Ajoelhando-se perto do menino) Meu filho, mande-nos uma chuva, pequena, pequena mesmo, para que eu sinta o poder de Deus, o seu ilimitado amor pelos que sofrem!

Gedeão – (Indo à porta) Se o vento continuar soprando de rijo, desaferra daqui a nuvem.

Hortênsia – Faça chover, Pedrinho. Se você é anjo, se está na congregação dos bons, atenda às súplicas de sua mãe. Eu preciso acreditar que o céu é o paraíso de todos.

Gedeão – (Impaciente) Você acha que chove, Xavier?

Xavier – (Fazendo-o baixar a Voz) Não fale alto. Espere. O tempo muda, vai mudando. (Ruído de trovão, longe)

Hortênsia – (Pondo-se de pé; voltando-se para os homens) Ouviram? Você também escutou, Gedeão?

Xavier – (Alegre, a apertar as mãos de alegria) Chove, chuva. Chove! Depois de um momento, enquanto há outro trovão forte, ribombando) Chove!

Gedeão – (Andando com dificuldade para assistir a chuva) Água!... Água!...

Xavier – (Estende a mão para a frente) A terra banha-se outra vez. Eu não perdi o meu trabalho. Não estamos sós, não estamos desesperados.

Gedeão – (Aproximando-se dele) Deixe-me passar... Quero banhar meu corpo na bendita água do Senhor.

Hortênsia – (Sem querer acreditar, pondo-se a andar, indecisa) Digam-me por favor se está chovendo! (Pausa) Gedeão! Xavier! Não me enganem! Quero a verdade!

Xavier – (Explodindo) Água! Chove!

Hortênsia – (Vai sair, mas se detém. Olha para o filho e numa arrancada aproxima-se da porta) Não posso acreditar! (Alcança o fundo da cena, atravessando a porta. Ergue as mãos para o céu e recebe a chuva que cai. O coro reinicia o canto, transmudado agora em canto alegre.)

Coro – “Não chore, senhora, não chore, O menino no seu esta... Não chore, senhora, não chore, O menino com Deus está...” (A melodia é entoada num crescendo festivo)

Xavier – (Dirigindo-se à Hortênsia) Volte para dentro. Saia da chuva. Vai fazer-lhe mal.

Gedeão – Que loucura!

Hortênsia – (Retorna ao interior da casa com o vestido molhado, os cabelos cheios de gotas d’água) Gedeão, Xavier! E chuva! Vejam meus cabelos, minha roupa...

Xavier – A senhora não devia ter saído...

Hortênsia – Eu precisava testemunhar a chuva que meu filho me mandou de presente. Não percebem agora que houve um milagre? (Forte, indo até onde está o cadáver) Eu sei, agora eu sei!

Xavier – (Tentando afastá-la) Não faça isso! Venha!

Hortênsia – (Com energia) Cale-se! (Num desabafo) Agora eu sei... Há anjos negros no céu.

Fim do 1º Quadro

2º QUADRO

Após abrir a cortina, para o segundo quadro da peça, o palco estará no escuro. As Vozes de Augusto e Esmeralda, no diálogo que travam, são ampliadas por um serviço de som. Ambos estão ausentes de cena.

Augusto – Você quer um adiantamentozinho, Esmeralda?

Esmeralda – Sim, foi o que papai falou. (Pausa) ‘Vá ao velho e lhe conte a minha desgraça.’”

Augusto – Ah, então ele me chamou de velho? (Ri) Não sabe que sou capaz de fazer novos e vigorosos varões. Se a menina me quisesse, a gente bem que podia experimentar.

Esmeralda – papai me diz sempre que sou muito mocinha ainda. Não tenho idade para casar.

Augusto – Sim, sim... Vou despachar a nota. Mandarei tudo, não esquecerei o arroz nem a mortalha para o fumo. Nada faltará ao seu pai, menina. (Pausa) E para você, um regalo! Está vendo este espelhinho? Vai ser seu! Você vai ver nele o seu rostinho de donzela... (Pausa) Venha mais para perto...

Esmeralda – Hum, que bom!

Augusto – Você pode ganhar muito mais. Vestidinhos de ficar em casa, de sair a passeio... Vestidinho pra namorar! Você já namorou?

Esmeralda – (Numa fingida manifestação de desgosto) Que é isso, “seu” Augusto?

Augusto – Eu sei que você gosta de namorar, sei. **Esmeralda** – (um gritinho) Ai, Nossa Senhora, que homem doido! Me solte “seu” Augusto! (Rindo) Ai, assim eu sinto cócegas! Ai!... Ai!... Ai!... Palco iluminado. Outra vez o interior da casa de Hortênsia. Já houve o enterro do menino. Na sala apenas os castiçais. Hortênsia conversa com Xavier)

Hortênsia – Não posso esconder que é uma desgraça. Olhe para mim. Não encontrei um pano preto para o meu luto.

Xavier – E Augusto? Você foi lá à procura de um auxílio?

Augusto – (Voz desdenhosa, amplificada) ora, vai-te! Que tenho eu com os teus problemas?

Hortênsia – (Repentinamente) Você ouviu? Escutou? (Pausa) Meu Deus, parece que estava falando outra vez aqui dentro da sala. (Pausa) Ele e

os outros vão saber, um dia, que meu filho está no céu pastoreando a ruindade dos homens!

Xavier – (Reconfortando-a) Esqueça as tristezas. Quem sabe se Esmeralda indo falar com ele não conseguirá o que quer?. Ele parece simpatizar muito com a menina. Graças a Deus, a mocinha é calma e inocente.

Hortênsia – Ah, o barracão! Se um dia eu tivesse o poder de comandar um batalhão de soldados, acabaria com os barracões do mundo. (Possessa) Não importa. Eu fico com esse vestido mesmo. Os pobres vestem luto na alma.

Xavier – (Pensativo) Deus não quer homens maus. Por que eles teimam ser assim?

Hortênsia – Quem é que pode saber?

Xavier – Chegou pobre aqui. Está rico. t dono da terra, dos bichos. será dono de todos nós. Tudo agora lhe pertence.

Hortênsia – (Preparando-se para passar roupas) Da família do Augusto não escapará alguém. Tome nota do que lhe digo. O homem que faz outro mais miserável, não acolhe a bondade no coração.

Xavier – (Atentando para os preparativos de Hortênsia) Descanse, mulher. Você está sem forças. Sofreu muito, ontem.

Hortênsia – Que fazer? Essa casa era de três. Agora está só e cheia de saudades.

Xavier – Não se impressione. (Pausa) Não deve trabalhar assim, mulher. Você se enfraquece e também morre.

Hortênsia – Deixe... O pior aconteceu depois da água cair, de começar a chover. A nuvem passou... (Pausa) Foi para onde?

Xavier – (Indo à porta) Nunca pensei para que lugar elas vão quando passam cheias d'água sobre minha casa, sobre o meu roçado... (Como que repetindo) Para onde vão, hem?

Hortênsia – (Encostando-se à tábua de engomar) Sinto-me tonta. Já não sou a mesma.

Xavier – (Olhando para fora) Esmeralda está demorando. Ficou de voltar imediatamente.

Hortênsia – (Recompondo-se e voltando a trabalhar) Quantos anos a menina tem?

Xavier – Não sei direito, mas nasceu quando nos visitou o Bispo.

Hortênsia – Ah, em 1930... Ano ruim aquele!

Xavier – Fico impaciente todas as vezes que Esmeralda demora. Desconfio que o velho, velho quer desencaminhá-la.

Hortênsia – Meu filho é anjo, Xavier. Cuidará também de sua filha. (Pausa) Pedrinho vai semear milagres. Desde ontem essa idéia não me sai da cabeça...

Xavier – (Indo ao seu encontro) E melhor não se impressionar tanto com a morte do menino. (Pausa) Passou. É como notícia triste que se deve esquecer.

Hortênsia – (Voltando-se para ele) Não, não fale assim! Pedrinho é anjo, o nov**O Anjo** que Deus recrutou para o céu. (Pausa) Ontem, foi só uma chuva rápida... porque assim ele desejou. Foi o sinal. Como se me dissesse: “Mãe, já cheguei ao céu! Estou aqui.”

Xavier – Sim, sim... Mas mude o pensamento. (Pausa, triste) A terra está seca. De nada serviu a água que caiu.

Hortênsia – Não perco a esperança! Para mim, pode ser amanhã, pode ser depois... mas um dia a enxada vai aprofundar-se no chão outra vez. Então, você e os outros poderão semear, porque Deus proverá.

Xavier – (De repente, constrangido) Não! Não relembre! Você está contando o que foi o ano passado. Mas agora, vai tudo diferente. (À porta, gritando) Augusto, Augusto, largue minha filha! Não a leve para a camarinha. Ainda tem medo de visagem!

Hortênsia – Deus não consentirá. A menina não se perderá, Xavier, e o barracão será destruído. Não é verdade que o mal se consumirá a si próprio?

Xavier – Depois de pausa de alguns segundos) Não quero que a menina conceba dele. Juro que não quero.

Hortênsia – Não acontecerá isso. **O Anjo** não deixará. E se permitir, é que terá havido outro milagre. Às vezes é preciso juntar o bom com o mau, para melhor conceber... (Pausa). Depois como se lembrasse do filho) Você é feliz. Tem a sua filha para ver e amar. E eu, Xavier? Já não sinto o menino como parte de mim mesma.

Xavier – (Segue até a porta) Vou para casa, Hortênsia. Se Esmeralda aparecer, diga-lhe que me fui, que cansei de esperá-la.

Hortênsia – Adeus, Xavier. Deus livre Esmeralda dos maus espíritos. Depois de um momento) Augusto não gostava de meu filho, sabe? Mas Pedrinho agora é **O Anjo** que um dia descerá da corte de Deus

para nos acudir a todos. Pois ninguém escapará. (Alto vibrante) Augusto pagará pelos seus crimes! Eu sei que não se deve pensar em vingança, mas nem sempre se pode conter esse desejo. (Apanha uma peça de roupa para enxugar os olhos) Esmeralda (Surge ao fundo. Antes de entrar dá a impressão de que viu o pai sair. Penetra em cena, calmamente, olhando-se ao espelhinho que recebeu de presente. Num sussurro) Linda!

Augusto – (Voz amplificada) “Esmeralda, você pode tornar-se apetitosa... Que corpo tem você!”

Esmeralda – (Olhando-se ao espelho) Espelhinho encantado, fazei-me bela, capaz de arrebatá-la a cabeça dos homens!

Augusto – (Voz amplificada) ‘Você tem rostinho de santa e donzela. A santa é para adorar o Senhor. A donzela, para ser adorada por mim.

Esmeralda – Espelhinho encantado, fazei-me bela! (Hortênsia soluça alto) Esmeralda surpresa, esconde ao seio o espelho. Desculpe não lhe ter falado.

Hortênsia – (Alheia a tudo) Estou só, vê? sozinha. (Principia a chorar)

Esmeralda – (Aflita, querendo desculpar-se) Eu... eu estava no baracão. Sei que demorei mais do que devia conversando com o “seu” Augusto.

Hortênsia – (Interrompendo-a) Não fale! (Pausa) Não se deixe iludir, menina... Não se case jamais, para não ter filhos e desesperar depois de vê-los baixar à terra!

Esmeralda – (Aflita) Não lhe disse que ia casar! É mentira de invejosos.

Hortênsia – (Profeticamente) Mais cedo ou mais tarde você há de ter o seu homem. E um dia envelhecerá como eu. (Amargurada) Que posso esperar da vida agora? (Trêmula) Já lhe contaram que meu filho foi cavar o poço e morreu?

Esmeralda – Soube... soube... Eu estava cantando no coro no dia do velório. (Pausa) Pedrinho era bom. Como é triste saber que ele está embaixo da terra...

Hortênsia – (De inopino) Cale-se! Não diga isso que você peca! (Pausa) Pedrinho está no céu... Deus abriu uma exceção... Acolheu o primeiro negrinho feito anjo.

Esmeralda – Anjo? Eu não sabia... Nunca me disseram que havia anjos negros no céu.

Hortênsia – Olhando-a fixamente Por inveja, não lhe disseram! Por inveja! Ou você pensará que ele não merece o céu?

Esmeralda – Deus me livre, é Hortênsia...

Hortênsia – Pois está no céu! (Encarando-a) Diga, Esmeralda! Diga bem alto que acredita também que ele esteja no céu! Não me olhe assim abobalhada!

Esmeralda – (Sem se sentir) Sim... sim... no céu... (Vai recuando) Papai disse que estava aqui. Vim procurá-lo... Vou embora. D. Hortênsia... A senhora me desculpe.

Hortênsia – (Brusca, seguindo o mesmo transporte emocional) Espere! Fique comigo.

Esmeralda – Não, senhora! Eu preciso ir... (Subitamente) A senhora me amedronta... Os seus olhos...

Hortênsia – Meus olhos? Que tenho eu nos olhos?

Esmeralda – Não sei... Adeus! (Retira-se).

Hortênsia – (indo-lhe atrás) Esmeralda! Esmeralda! Esmeralda! (Pausa, vendo-a ir-se sem atender ao seu apelo) Fogem todos. Ela também fugiu de mim para eu ficar sozinha. Oh, que dor! (Volta a chamar a moça) Esmeralda! Esmeralda! Não me deixe só... (Num momento, descobre que tem nas mãos as calças do filho. Ao se aperceber, toma-se de surpresa. Abre a peça da roupa para que a vejam, e, emocionada...) Não, não estou só! Você está ainda comigo, meu filho!

Fim do Segundo quadro e Fim do 1º Ato

SEGUNDO ATO

Definir-se-ão no desenrolar das cenas planos e cenários da peça que estiveram até então irrevelados para o público. Do lado direito ver-se-á o exíguo interior de um casebre, junto da casa de Hortênsia. Sobre ambas, em plano superior, estará o interior do barracão, espécie de armazém em que se depositam mercadorias, tecidos, viveres etc. Haverá um balcão neste ponto do cenário, importante para as cenas que ocorrerão posteriormente. Os cortes de cena não se farão com o fechamento do pano mas com o apagar das luzes. Cada cenário será iluminado de acordo com a localização da cena.

Esmeralda – No interior do casebre, do lado direito, que é a casa de Xavier, enche-se de interesse pelo espelho que em suas mãos adquire um fascínio diferente. Vendo-se na pequena lâmina) Eu nunca me vi antes! Agora sei que sou bonita, que posso transformar a cabeça dos homens. Sei que o velho me quer. Mas há de sofrer muito, porque não serei fácil como as outras.

Augusto – (Voz ao microfone, sem aparecer) Muitos morrerão se não chegar o inverno, mas você terá minha mesa... entrará em meu quarto, se desejar, para ganhar lindos presentes

Esmeralda – (Coloca o espelho de tal forma que se possa ver nele) E o meu corpo que ele quer... (Pausa) Duas vezes tentou tocar-me os seios com a ponta dos dedos.

Augusto – (Ao microfone) Que mal faz o velho se divertir um pouco, menina?

Esmeralda – É velho, barbado... Quando fala perto de mim, me espeta o rosto.

Augusto – (Ainda ao microfone, sem aparecer) Dou-lhe um vestido, dou-lhe dois, dou-lhe três...

Esmeralda – (Principia a rir) O velho está apaixonado por mim! Velho por menina moça como eu, bonita, de corpo rijo, se baba todo! (Pausa) D. Hortênsia tem razão! Pausa e de repente procurando ouvir aquela Voz que a acompanha) Fala, velho! Fala, que quero saber quantos vestidos ganharei de ti! Esclarecimento rápido. Luz no plano superior, onde se vê o barracão. Augusto como que saindo de um sonho, desses que dá gosto relembrar)

Augusto – É sertanejo velho, de olhar matreiro. Em qualquer parte do mundo seria exatamente o que é: um comerciante impiedoso) Não perde por me esperar... Um dia serás minha, Esmeralda. (Serve-se de um pouco de aguardente) Eu cá te espero, minha pombinha.

Xavier – (Penetra no barracão) Com a sua licença.

Augusto – Ah, é o senhor... Como está de saúde? bem?

Xavier – Assim.

Augusto – Alguma novidade? Deixe de cerimônia.

Xavier – (Indeciso) Vim tratar de um assunto. O senhor compreende...

Augusto – Sei, sei... Vá falando. Já sei que não tem dinheiro, que a falta d'água arruinou tudo, e assim não imaginou que viesse um ano sem

chuvas... Tudo isso, sei. (Pausa) Mas saiba também, e agora sou eu que lhe digo, um comerciante não vive de promessa. Se você quer viveres, se quer minha ajuda, precisa ter dinheiro... (Resolvendo-se) Aliás, aceito tudo. Cordões de ouro, anéis, a faca boa, uma espingarda...

Xavier – Compreenda, “seu” Augusto. Não quero partir como os outros. Desde pequeno, meus olhos vêem esta paisagem: o Morro do Leão, o serrote da Vaca Mansa, o córrego do Sitinho... Desde rapaz, percorro esses campos. Aqui namorei, aqui me casei.

Augusto – Não estou interessado em sua vida. Já lhe disse que sou comerciante. O que faz de melhor, se não tem valores em casa, é ir embora. (Pausa, intencionalmente) Inacreditável que você não tenha algo de valor em sua casa... Pense, homem, pense.

Xavier – Sou pobre, senhor. Sempre vivi alugado. Nunca recebi paga que me desse para amearhar. Sabe Deus com que sacrifício estou criando Esmeralda...

Augusto – (Alegre) Bonita menina. Agrada-me bastante. (Mudando de assunto) Mas se não tem dinheiro ou valores, é partir... Quanto mais cedo chegar à capital, melhor!

Xavier – De um momento para outro pode chover. Por isso não me resolvi ainda.

Augusto – (Quase irritado) Esqueça isso! Li duas profecias a respeito. Numa delas estava escrito que os bichos pereceriam antes de junho, eles e homens também.

Xavier – (Crédulo) Sim, sim, mas d. Hortênsia fez uma oração. O menino dela que morreu, virou anjo. Ela está certa que se dará um grande milagre conseguido por ele, e o inverno não nos faltará.

Augusto – (Rindo-se) Você acha que Deus vai querer no céu um cabra fedorento e malCriado?! ora, Xavier! Aquela mulher está demente! Dizem que tresvaria desde que lhe morreu o marido. (Pausa) E vive a culpar-me por isso, como se eu o houvesse matado.

Xavier – Em dúvida) Não sei... Eu acredito. D. Hortênsia tem um poder de sugestão... Como fala, como diz as coisas!

Augusto – Chega de Hortênsia! Não quero ouvir esse nome em meu barracão. (Intencional) De mulher só existe um nome que me agrada. Mas você não compreende! Já vi que não compreende mesmo!

Xavier – Que se há de fazer? (Vai saindo. Pára, perguntando de repente) Será que o senhor está falando de Esmeralda?

Augusto – (Rindo-se) Não lhe queria confiar, mas sempre me interessei por sua filha, Pausa, como reparando o efeito que suas palavras causam no outro) Esmeralda poderia ficar comigo, isto é, tomando conta do barracão. Preciso tanto de companhia.

Xavier – Se eu tiver de ir, ela irá comigo. Sangue do meu sangue não se aparta de mim facilmente.

Augusto – Não se fala mais no assunto. Você é muito desconfiado. (Pausa) Faço-lhe outra proposta. Estou querendo aumentar os fundos do meu sítio. Se não leva a mal, posso arredar a cerca um pouco mais para diante...

Xavier – Mas assim o senhor acaba me tomando a terra!

Augusto – Não falei em tomá-la! Quero fazer negócio. Empréstimo-lhe dinheiro, vendo-lhe fiado, mas com a condição de cercar parte da sua terra como garantia. Se você me pagar, devolvo-a.

Xavier – Aonde eu vou conseguir dinheiro, “seu” Augusto? Augusto Você é inteligente. Tem filha moça, bonita.

Xavier – Não meta mais a menina na conversa. Isso cheira mal. Eu não gosto.

Augusto – Não há necessidade de você se alterar.

Xavier – Desde que entrei aqui, sinto o seu interesse. Esmeralda é ingênua, criada ao pé da mãe, não sabe as misérias do mundo. Pausa, depois de um momento) Não lhe queria dizer, mas o senhor tem idade de ser pai dela.

Augusto – Sou homem e a idade não importa.

Xavier – Não quero discutir o assunto. Só sei que não me agradam as alusões que faz a ela.

Augusto – (Indo até ele, com malícia) Você quer se estranhar comigo? Não vê que sou seu amigo? Quando defendo a minha loja é porque sou comerciante. No fundo sou também homem de coração... Deixe de mágoa! Tenho pão e queijo para você. (Para, a avaliar a impressão que causa no outro) Faz-me pena saber que a moça sofre. E como se fosse minha própria filha! (Vai até o balcão e coloca pães sobre ele) Coma. Um homem com o estômago vazio não conversa direito.

Xavier – (Estende a mão para os pães, mas recua) Não, não quero. Não sei qual é a condição dessa caridade.

Augusto – (Dando-lhe as costas) Não se zangue, criatura. Mas sinceramente eu gostaria de ter Esmeralda comigo, para me ajudar: Acho-a

bastante esperta. (Olhando os volumes, os tecidos, os víveres) A moça me ajudaria bastante! Tenho de arrumar esses pacotes, fazer contas... Tanta coisa!

Xavier – (De posse dos pães, dispondo-se a sair) Pode passar a cerca na terra. Mas a menina está fora do negócio.

Augusto – (Voltando-se para ele) Me compreenda e você terá muito mais. (Pondo safadeza na frase) Eu sei cuidar de mocinhas... Elas também se dão comigo...

Xavier – (Recuando, amedrontado) A terra, vá lá! Mas Esmeralda, nunca! (Escurecimento rápido. Luz, em seguida, no palco da esquerda, em que se vê o interior da casa de Hortênsia. Gedeão está de pé, amparado nas muletas, contemplando Hortênsia)

Hortênsia – (Com os cabelos em desalinho, de olhar cintilante) É anotar o que lhe digo! Meu filho, Gedeão, está esperando o grande dia... Quando soar a hora; as nuvens se desatarão e haverá muita chuva! Ele nos salvará com o seu extraordinário poder. (Grave) Você precisa respeitar a alma do meu filho e não me dizer que devo me conformar, que estou impressionada...

Gedeão – Sim, sim! Mas não posso acreditar que a natureza se transforme, mude de repente.

Hortênsia – Muda! O que não muda de repente é o homem!

Gedeão – A senhora está querendo o impossível...

Hortênsia – Bata na boca para não ser castigado! Você tem de acreditar em meu filho; por intermédio dele é que nos haveremos de salvar. (Profecia) Minha missão na terra, agora compreendi, é receber as mensagens do anjo e mostrar a todos o caminho da salvação.

Gedeão – (Tímido) D. Hortênsia, compreenda, os mortos não voltam.

Hortênsia – (Irritada) Não pode ficar contra os poderes divinos! Você viu com os seus próprios olhos a terra ressequida pelo mormaço... Meu filho ouviu minhas preces e de repente mandou o sinal. (Gritando) Foi o começo do milagre!

Gedeão – (Encolhendo-se, medroso) Não fale assim... A senhora me amedronta.

Hortênsia – Você se amedronta porque está em falta com Deus. Procure o Senhor; limpe a mancha do pecado que acolheu em seu coração. Os pecadores morrerão...

Gedeão – (Sob a mesma impressão) Poupe-me, sou um pobre aleijado. Não tive estudos... Não posso compreender o alcance de suas palavras. Sei apenas que o sol é um braseiro... E não adianta esperar.

Hortênsia – (Impressionando-o) O sol é o fogo! O fogo é o inferno em que todos seremos consumidos. (Rindo-se nervosamente) A carne preta... a carne impura...

Gedeão – (Repetindo as palavras de Hortênsia com automatismo) O sol é o fogo... o fogo é o inferno... em que todos seremos consumidos. A carne é impura.

Hortênsia – Nada ficará sobre a terra. Seremos atingidos pelas chamas, exceto os que estiverem isentos do pecado. E depois, Gedeão, as chuvas se desatarão... Será a invernada que nos mandará **O Anjo**. (Aproximando-se do aleijado) Você acredita?

Gedeão – (Trêmulo) Nem sei o que dizer. As vezes fico em dúvida. Não posso negar a confusão em minha cabeça...

Hortênsia – É porque você ainda não se entregou ao **Anjo**. Diga comigo.

Hortênsia – “eu também pertenço ao **Anjo**”. Repita. **Gedeão** – (Indeciso) Eu... eu...

Hortênsia – (Corte) Repita as minhas palavras com força, cheio de vontade!

Gedeão – (Indeciso, mas obediente) Eu... eu... pertenço...

Hortênsia – (Forte) Não tenha medo. Repita! REPITA! Depois de alguns segundos) Eu pertenço...

Gedeão – (Como se libertasse de um grande peso) Eu pertenço ao **Anjo**. (Escurecimento rápido. Luz no Barracão onde está Augusto).

Esmeralda – (Sem aparecer) Ponho a fita no cabelo? É minha?

Augusto – Já lhe disse. E sua. Escolha outras coisas, se lhe agradam.

Esmeralda – Eu não. Papai disse que eu não devia.

Augusto – Seu pai não sabe o que diz. (Outro tom) Se quiser, mostro a surpresa que tenho para você.

Esmeralda – (Agoniada) Não venha para cá, não venha!

Augusto – Eu gosto de você, Esmeralda. Deixe-me vê-la.

Esmeralda – Todo mundo diz que você só gosta de mocinhas... (Aparece ajeitando o laço de fita nos cabelos) Fico bonita assim?

Augusto – Muito! As mocinhas na sua idade precisam de laços de fita.

Esmeralda – (Com mágoa) Só papai não me acha bonita. Tão gosta que eu pinte os lábios, que eu aperte o vestido...

Augusto – (Indo até perto dela, querendo segurá-la) Seu pai é mau... Eu sou bom. Se você soubesse como gosto de você...

Esmeralda – (Saindo de perto dele) Não fica direito, “seu” Augusto. Se alguém chegar de repente, que vai dizer?

Augusto – (Com astúcia) Tranca-se a porta. A casa é minha. Ninguém manda na minha vontade. (Pausa) Menina, eu sempre comprei e vendi pelo preço que quis... (Outro tom) Venha. Não tenha receio.

Esmeralda – Pode vir alguém, “seu” Augusto.

Augusto – (Aproximando-se de repente e segurando-a) E se vier? Que poderá dizer de mim? Que gosto de você? Que o velho está apaixonado pela menina?

Esmeralda – (Livrando-se dele) Apaixonada?! Me disseram que a gente deve amar... mas não se apaixonar.

Augusto – Venha... Dou-lhe tudo que desejar.

Esmeralda – Papai não quer, “seu” Augusto.

Augusto – (Novamente perto dela) Eu quero tomar conta de sua vida. Quero-a aqui comigo, ao meu lado, de manhã, de tarde, de noite...

Esmeralda – De noite não! Tenho tanto medo da alma de Pedrinho!

Augusto – (Segurando-a pelo braço) Você tem mais de quinze anos, e os pobres com mais de quinze anos já têm idade de aprender o que é a vida! Você banca a sonsa, a inocente, apenas para me exasperar... Eu sei. Você é mulher. E as mulheres são iguais.

Esmeralda – (Amuada) Me solte! (Livrando-se dele) Assim você não consegue nada comigo. Vive a dizer que é meu amigo, meu admirador, mas de repente me ofende. Não está direito. Está?

Augusto – Pronto, pronto, pronto! Vamos acabar a discussão. Faça as pazes. Dou-lhe um vestido.

Esmeralda – (Alegre) Um vestido? De verdade?

Augusto – Sim, mas se você prometer gostar de mim...

Esmeralda – Prometo. Eu gosta do senhor.

Augusto – Assim com boa vontade é fácil de nos entendermos. (Pausa) Qual é a cor do seu agrado?

Esmeralda – Deixe-me ver... (Refletindo) Verde... Verde é bonito, não é? As árvores são verdes, a relva... de repente) O encarnado é vivo, não é? O encarnado... Não, o vermelho é sangue, o sangue é desespero. (Lembrando-se) O azul! O azul é da cor do céu... Ficarei bonita de azul?

Augusto – Será azul o vestido. (Traz a peça de fazenda. Como metro faz a medição) Aposto como você ficará encantadora com ele.

Esmeralda – Vou ganhar mesmo um vestido?

Augusto – Azul, que é a cor que convém a uma santa.

Esmeralda – (Alegre) Que bom! Todo mundo vai morrer de inveja. (Súbito) E se papai descobrir?

Augusto – Forçosamente terá de vê-lo.

Esmeralda – (Séria, contrariando-se) Ah, parece que ele não me quer ver bonita nem feliz.

Augusto – Todo pai é assim. Só quer a felicidade para si. (Indo até perto dela) Deixe-me experimentar. (Apanha a peça de fazenda, já cortada) Você vai chamar a atenção das outras. Ninguém possui por cá vestido mais bonito.

Augusto – Estende a fazenda sobre o corpo de Esmeralda, envolvendo-a) Como fica bonita! Segure um pouco. Quero ver de longe o efeito que causa. (Ela obedece. Augusto se afasta) Bonita! Está catita!

Esmeralda – Mesmo? Deveras?

Augusto – Pena que você não possa reparar.

Esmeralda – (Depois de um momento, numa atitude súbita) Quero ver também como fica. (Aproximando-se dele. Antes que Augusto possa repeli-la, ela envolve-o com o tecido) Segure-a para num, quero ver como lhe assenta...

Augusto – Isso é ridículo, menina.

Esmeralda – Um instante! (Afasta-se, enquanto Augusto, constrangido, fica envolto na peça de fazenda) Bonito! (E repente principia a rir) Que engraçado você está. Até parece o profeta que vi num pastoril da igreja! (Continua a rir gostosamente.) E como se inventasse brincadeira, principia a cantar). “O velho de barba, de barba branca, vestido de azul, é do pastoril!”

Augusto – (Revoltando-se, tentando safar-se do tecido) Esmeralda, me respeite!

Esmeralda – (Batendo palmas, alegre) Engraçado! Você está divertido!

Augusto – Livrando-se do tecido) Mais respeito, ouviu? Alisa a fazenda com ódio) Isso não se faz.

Hortênsia – (Um grito) Não pise o meu vestidinho.

Augusto – (Frenético, como pessoa desorientada) Piso! Piso! Piso! (Escurecimento. Luz iluminando a casa de Hortênsia. Esta, diante de Gedeão, aponta-o com o dedo em riste)

Gedeão – Verdade?

Hortênsia – Eu sou batizada e acredito na palavra de Deus. Falo a verdade porque sou a intermediária de meu filho. O mal de tudo que nos tem acontecido, esses anos de provação, esses invernos curtos, as estiagens de muitos meses, vêm da ruindade de alguns!

Gedeão – Não será Augusto o responsável pelo desgosto do Senhor?

Hortênsia – Não fale no nome desse cão na minha casa! (Forte) Benza-se! Faça o pelo-sinal-da-cruz.

Gedeão – (Timidamente obedece) Dizem tanta coisa desse homem...

Hortênsia – Quando você estiver totalmente purificado, poderá ouvir também as mensagens de meu filho.

Gedeão – Que sabe mais a senhora do dono do barracão?

Hortênsia – (Pondo-se nervosamente) Então, você ignora? (Pausa) Leva as pequenas, as mocinhas para a camarinha, e ali mesmo diante dos santos, as perverte. Rouba a honra de quem tem e explora, não satisfeito, os pobres. Foi ele quem matou meu marido... (Como que lembrando) “Trabalhe, homem, esse seu cansaço é preguiça! Trabalhe! (Pausa) Quando acudi, desesperada, encontrei-o morto. Apanhava algodão... Os flocos já não eram brancos. Estavam vermelhos.

Gedeão – Não posso acreditar.

Hortênsia – (Erguendo a Voz) Como ousa desmentir-me, Você é um mutilado infelicitado pelas artes do demônio. E o demônio tem vários nomes. Um deles é Augusto. (Pausa) Você não sabe ainda, mas vai ser escolhido pelo **Anjo** para vingar a morte de meu marido...

Gedeão – (Tímido) Deixe-me ir. Quero sair. Estou-me sentindo cansado.

Hortênsia – Fique! Você precisa ouvir. O seu irmão foi também assassinado. A faca cortou-lhe a carne até roubar-lhe a vida.

Gedeão – Não, ele morreu enfraquecido.

Hortênsia – (Forte) Assassinado! O dono do barracão matou-o friamente. (Riso histérico) Vi-o numa poça de sangue.

Gedeão – (Levando as mãos ao rosto) Não repita! Não repita... (Pausa) Não sei o que pensar, d. Hortênsia. (Aflito) Tenha pena de num. Sou fraco.. A senhora me martiriza.

Hortênsia – Você será forte, bastante forte para salvar a sua alma do pecado.

Gedeão – (Não querendo fitá-la) Não me olhe assim, por favor.

Hortênsia – (Como se estivesse fora do juízo) Digo e repito: você será o enviado de Deus. O enviado de Deus! (Escurecimento. Luz na casa de Xavier. Xavier e Mulher à refeição).

Xavier – Meu coração não me engana. O laço está armado.

Mulher – Ele não terá coragem para descaminhar nossa filha.

Xavier – Augusto é frio. Vai aproveitar-se da nossa situação para negociar a honra dela.

Mulher – Meu Deus, não fale assim!

Xavier – E o que vejo nos olhos dele!

Mulher – Então, partamos daqui imediatamente. Deus me livre de ver minha filha sujeitar-se aos caprichos dele. (Ao marido, súplice) Vamos... Que importa a terra?

Xavier – (Levantando-se. Caminha triste. Pára) A terra é a mãe de nós todos, mulher. De nós todos.

Mulher – (Vai-se erguendo para ir a ele, quando avista Esmeralda, que chega) De onde vem você?

Esmeralda – Do campo... Estava olhando o céu.

Xavier – (Brusco, segurando-a) Você mente! (Pausa) Olhe para num. De onde vem? Diga.

Esmeralda – Me deixe, pai. Me deixe.

Xavier – (Frio) Fale. De onde vem?

Esmeralda – (Baixando a vista) Do barracão, pai.

Mulher – Do barracão? Que foi fazer lá? Namorar o velho? Esfregar-se nele?

Esmeralda – (Sem encontrar palavras) Eu... Eu.

Xavier – Você falou outra vez com ele?

Esmeralda – Não! Fui lá... passear.

Xavier – (Empurrando-a com grosseria) Fale! Eu quero a verdade!

Esmeralda – (Num desabafo) Quer saber, não é? Fui falar com o velho. O velho gosta de mim. Está apaixonado por mim.

Mulher – Apaixonado? Você sabe o que significa isso, minha filha?

Esmeralda – Só sei que ele gosta de mim. Me diz coisas que me agradam.

Xavier – Que coisas ele conversa?

Esmeralda – (Com evasiva) Coisas...

Xavier – (Segurando-a pelo pulso da mão esquerda, violento) Abra essa boca e fale de uma vez por todas!

Esmeralda – (Num grito) Eu falo, pai. Eu falo. (Xavier larga-a) Coitado, ele quer que eu sirva de companhia em casa... Até me falou, que me queria lá de manhã, de tarde, de noite...

Xavier – Minha filha, como pode você ser tão ingênuu? O que ele deseja é a sua honra. Mais nada!

Esmeralda – Ele me diz palavras que ninguém me repete...

Mulher – É agrado de conquistador, filha.

Esmeralda – Seja o que for, minha mãe, contenta a quem nunca recebeu. (Pausa) Está apaixonado por mim. Me disse várias vezes.

Xavier – Vá ver, mulher, que esta menina já foi mais longe do que nós imaginamos.

Mulher – Xavier! Que é isso?!

Xavier – (Encarando a filha, novamente) Confesse se ele já lhe levou alguma vez para a camarinha...

Esmeralda – (Tentando guardar o seio, com temor) Não, papai. O senhor me maltrata. (Um grito) Acuda-me, mamãe!

Mulher – (Aflita) Xavier!

Xavier – (De repente, descobrindo algo) Que está escondendo? O que é?

Esmeralda – (Trêmula) Nada. Não é nada.

Xavier – (Apontando para o decote do vestido) Ai. Que traz aí?

Esmeralda – (Desesperada) Mamãe, não me deixe sofrer. Crom) Não escondo nada.

Mulher – Deixe a menina, Xavier.

Xavier – Deixá-la por quê? (Forte) Mentirosa! (Aproxima-se dela).

Esmeralda – (Tentando fugir dele) Não, papai. Não!

Xavier – (Detendo-a) Fique. (Arrebatando-lhe o espelho que ela esconde nos seios) Um espelho. (Triunfante para a Mulher) Augusto outra vez com as suas prendas. (Ergue a mão que empunha o espelho, ameaçadoramente).

Esmeralda – (Um grito) Não, pai! Não!

Xavier – Calada! (Atira ao chão o espelho que se desfaz em pedaços.

Esmeralda – (Ato contínuo, ela joga-se ao chão à procura dos fragmentos do espelho) O espelho! O primeiro presente que recebi na minha vida!

Fim do Segundo Ato

TERCEIRO ATO

CENA DO BARRACÃO, NO PRIMEIRO PLANO ONDE SE VÊ O BALCÃO. AUGUSTO ESTÁ PRESENTE, ABATIDO, COMO SE TIVESSE RECEBIDO UMA NOTÍCIA DESAGRADÁVEL. À SUA FRENTE ALÍPIO – TRABALHADOR DO CAMPO – FEITOR DA PROPRIEDADE, OLHANDO-O FIXAMENTE.

Augusto – (Nervoso) Que situação! Com essa ninguém contava.

Alípio – (Calm) É verdade: já não há esperança. Tudo está perdido. Só mesmo a velha Hortênsia continua acreditando no inverno. Mas os campos continuam ensolarados. (Grave) Não mais chovera.

Augusto – E eu pensava que fosse exagero! O jeito é dispensar os trabalhadores. Não desejo gastar numa situação que tende a se agravar. Fiquei apenas com o pessoal necessário para garantir o barracão.

Alípio – Já havia pensado nisso, senhor.

Augusto – E o açude? Ainda represa muita água?

Alípio – Não, senhor. Cada dia que passa, baixa mais. Ficarão seco também.

Augusto – (Pensativo – depois, resolvendo-se) É logo passar uma cerca em volta dele. A fome e a seca trarão para cá uma onda de desocupados. E eu não quero perder a água do açude.

Alípio – Mas cercar o açude? O povo não tem aonde ir busca? água!

Augusto – (Interrompendo) Eu sei o que estou fazendo. Você não recebe meu dinheiro para me censurar.

Alípio – Falei por falar. (Pausa) Mas receio que os homens se revoltem. Ninguém vive satisfeito com o senhor. Principalmente depois do caso de Hortênsia.

Augusto – Não quero ouvir conselhos. Sei o que estou fazendo. Decidindo-se) Assumo a responsabilidade pelos meus atos. (Pausa) Volte para o seu trabalho e não me aborreça mais.

Alípio – Não foi por mal que falei O senhor me desculpe. (Retira-se)

Augusto – (Depois de um momento) Seco! Tudo seco! Vai à porta e olha para fora) Seco... (Retorna ao meio da cena, acabrunhado) Agora já não posso ganhar dinheiro, levar à frente os meus negócios. Se a terra estivesse de mato verde, os campos viçosos, eu me sentiria mais feliz. O dinheiro chegaria às minhas mãos com facilidade. (Suspira) Não, não é

possível. Não posso perder um ano inteiro de negócios, agora que pensava abandonar esta terra miserável, levando meu dinheiro. (Pensativo) Preciso resistir agora até o fim. Não terei lucro com a safra; sinto-a perdida. Mas poderei possuir léguas mais léguas de terra, mais chão para minha fazenda. (Com os olhos brilhantes) E tudo isso, quando o sol passar, quando as chuvas chegarem, ficará sol meus pés. Então passearei pelos campos, alisando minha barba vitorioso. Os homens se curvarão diante de mim e haverão de dizer: “E ele o dono da terra!” (Satisfeito) Farei com que fiquem desesperados e me vendam as suas propriedades! O chão pertencerá ao mais forte. E o mais forte sou eu. A água corre para o mar. (Ri satisfeito) A água continuar correndo para o mar.

Esmeralda – (Surgindo em cena, visivelmente nervosa) Eu tinha de vir. Era impossível ficar em casa. (Principia a chorar).

Augusto – (Indo ao seu encontro) O que houve? Que lhe fizeram, menina?

Esmeralda – Eles não me querem aqui. Não desejam que eu me encontre com o senhor. Há medo em tudo que o senhor faz, que não chego a compreender. (Pausa) O! Como sofro!

Augusto – Você não deve sentir-se infeliz. (Afável) vamos, não chore. Fica feia.

Esmeralda – Somente o senhor me compreende. É por isso que eles me odeiam.

Augusto – Deixe-me abraçá-la. (Aproxima-se dela – abraça-a num ímpeto) Eles são malvados. Não sabem que torturam a minha menina. Querem tomar a felicidade.

Esmeralda – (Chorando baixinho) E isso mesmo. Estão fazendo tudo para eu desesperar. (Magoada) Quebraram o espelho que me deu. Papai pisou-o como se tivesse uma cobra sob os pés. (Suspirando) Era tão bonito! Aquele espelho tinha alma...

Augusto – (Sensual) Se você for boazinha, fizer tudo que eu quiser, nada lhe faltará. E terá espelho maior, um grande espelho, onde verá seu corpo, suas mãos os seus braços...

Esmeralda – (Parando de chorar) Existe um espelho assim?

Augusto – (Abrindo os braços e estimando o tamanho do espelho) Deste tamanho, uma moldura de madeira brilhante. Aí você se divertirá a valer, todos os olhando-se nele.

Esmeralda – (Desencantada) Grande assim não serve.

Augusto – Por quê, menina?

Esmeralda – Quando for mudar minha roupa, o espelho me vê... (Vai dizer nua, arrepende-se, bate com a mão espalmada nos lábios) Digo não!

Augusto – ora, e tem importância? Será até engraçado. Mas vou ter ciúmes dele, compreendeu? Ciúme do espelho.

Esmeralda – Ah, então vai ser bem ganhar o espelho maior.

Augusto – (Mais ardente) E você não ficará com este vestido surrado. Terá outros, mas bonitos, verdes, encarnados...

Esmeralda – (Interrompendo-o) Não, encarnado, não! O sangue é encarnado e eu não gosto de ver sangue.

Augusto – Há vestidos de outras cores. Pausa. Chegando-se a ela) Dar-lhe-ei uma pulseirinha.

Esmeralda – Dá mesmo, dá? Com berloques?

Augusto – Palavra! (Outro tom) Mas só lhe darei se você me abraçar, se me quiser bem... (LUZ, RAPIDAMENTE NO PALCO DA ESQUERDA, POR SEGUNDOS)

Xavier – (Jogando a frase como se com ela procurasse seguir o impulso da luz) Ela se perderá!

Esmeralda – (Assustando-se como se tivesse ouvido a Voz) Não, não quero! Não posso aceitar.

Augusto – O que é isso? Por que você se nega? Comigo terá sempre o que desejar. E eu em troca, quero tão pouco.

Esmeralda – Não sei, não entendo.

Augusto – (Querendo abraçá-la) Compreenda ao menos que me deve amar, que deve me querer!

Mulher – (Luz repentina no palco da esquerda. Marcação idêntica da cena de Xavier) Ela se perderá!

Esmeralda – (Fugindo de Augusto, tentando sair) Deixe-me ir embora... Não devo ficar. Tenho medo do senhor... Há qualquer coisa em seus gestos que me apavora. Adeus.

Augusto – Cromando a porta, transbordante) Eu lhe darei. mais vestidos... pulseirinhas... e o espelho grande de que você há de gostar tanto... Eu lhe darei tudo.

Esmeralda – Por favor, não. Eu estou com medo de seus olhos, desse seu jeito de quem está desesperado, de tudo que me diz.

Augusto – Medo de mim Sou um pobre homem cheio de amor por você!

Eu falo sinceramente, como jamais falei na vida..

Xavier – (Luz no palco da esquerda – por segundos) Será castigada!

Esmeralda – Procure ouvir também! Estão falando. Escute a Voz de pai... Voz enérgica que maltrata meu coração.

Augusto – Não há nada disso, minha pombinha. Não seja tão má. Você ouve e sente coisas que não existem.

Esmeralda – (Chorando) Eu não posso mentir. Estou assustada.

Mulher – (Quando a luz surgir no palco da esquerda) Ela se perderá!

Esmeralda – (Um grito) Falou novamente! Escute!

Augusto – Não é de mim que você tem medo mesma. Raciocine. Vamos.

Esmeralda – De quem será então? De quem?

Augusto – (Abraçando-a) Dele, de seu pai!

Esmeralda – (Aflita) Será verdade? Diga, por favor, senão serei capaz de desesperar.

Xavier – (Quando houver luz, com a Voz grave e baixa) Desobediente!

Esmeralda – (Torturada) Diga, Augusto, diga!

Augusto – E dele, minha filha! De seu pai que não quer que você seja feliz, de sua mãe que está velha e não deseja que você pertença a ninguém, porque é orgulhosa e está satisfeita com a própria vida.

Mulher – (Seguindo a luz com a frase que sai quase sem força) Desobediente.

Augusto – Reaja um pouco e eles serão vencidos. Você precisa de coragem. Só assim ganhará os presentes que prometi e terá a vida feliz que deseja...

Esmeralda – (Encorajando-se) Não sentirei mais medo. Serei feliz. Podem gritar! Não conseguirão amedrontar-me!

Xavier – (Sem aparecer, no escuro, como se estivesse no segundo plano) Desobediente. (Augusto toma Esmeralda nos braços, vencida, que sorri com inocência) Desobediente!... desobediente! (Cena no escuro) (INTERIOR DA CASA DE HORTÊNSIA, ILUMINADO. HORTÊNSIA E GEDEÃO EM CENA)

Gedeão – (Olhos fitos no chão, sem encontrar palavras para expressar-se) Não lhe ria dizer, mas... (Silêncio)

Hortênsia – Fale de uma vez! Estou cansada de esperar que você se decida.

Gedeão – (Ainda tímido) Xavier me disse que... que...

Hortênsia – (Ameaçadora) Fale! Complete o pensamento!

Gedeão – (Completando a frase)... que você está louca!

Hortênsia – (Rindo-se de modo estranho) Louca? Louco é ele que teima em não acreditar em pecado. Xavier não é um apóstolo. Não se salvará. (Forte) Precisamos todos caminhar juntos para a graça de Deus.

Gedeão – (Depois de um momento) E o que devo fazer! Sinto-me sem forças. Sou um pobre homem inutilizado.

Hortênsia – Por que? Você é forte, homem, não é doente. Os outros lhe disseram que você é aleijado e você acreditou porque não teve confiança em Deus, para curar-se. Acredite nele e tudo estará salvo. (Sinistra) O vigário disse que Jesus curou um paraplégico. Os que estão lá em cima, têm a força.

Gedeão – Eu jamais poderei andar como os outros. Terei de viver como um animal ferido, me arrastando.

Hortênsia – Você precisa de fé. Acreditar numa pessoa que lhe revele todas essas coisas: em mim. Meu filho morreu para que o Senhor perdoasse os pecados dessa gente. E só depois veio a chuva.

Gedeão – Mas uma chuva só... e nada mais.

Hortênsia – E podia continuar chovendo, com o mundo perdido, cheio de pecadores?!

Gedeão – (Nervoso, indeciso) Ah, não tenho força. Quero acreditar e me falta algo. Para andar preciso me apoiar nessa muleta. Quando era mais moço se compadeciam de mim. Agora, estou crescendo, vivo da caridade alheia. Para que sirvo? (Chorando) Sou um inutilizado, d. Hortênsia... inutilizado... (Triste) Sabe o que significa essa palavra?

Hortênsia – Tenha fé; você vencerá.

Gedeão – Fé, para que fé? Quem quer saber de mim? Não tive namoradas, não tive amor. Nem sei de quem nasci. (Triste) Sirvo apenas para infundir medo às crianças.

Hortênsia – (Olhando-o friamente) Acredite em mim, Gedeão. Você será salvo. Teremos de afastar o demônio da face da terra. Por isso, ardemos nesta enorme fogueira e há bocas sçquiosas à procura de pão. (Convicta) A terra transformou-se num segundo inferno.

Gedeão – Não posso ajudar a ninguém. Não ando... rastejo!

Hortênsia – (Encarando-o) Ande! Você pode andar! (Quase histérica) Ande! Levante-se e ande.

Gedeão – (Débil) Não, eu sou fraco. Não tenho resistência. Sou um pobre homem inutilizado. Para que sirvo eu, mulher? Para servir de sentinela aos que morrem? Para vigiar menino?

Hortênsia – (Forte) Você andar! Surpreenderá a todos.

Gedeão – (Encobrendo o rosto com a mão) Não! Não mereço tamanha graça! **O Anjo** não se lembrará de mim.

Hortênsia – (Enérgica) Gedeão, ande! (Aproxima-se dele) Você vai andar. Acredite na revelação divina. Meu filho, por meu intermédio, ordena-lhe que ande como qualquer outro mortal. (Arrebata-lhe a muleta) Ande!

Gedeão – Perdendo o equilíbrio) Eu caio! Não me deixe assim! Vou cair! Meu Deus, como sou miserável!

Hortênsia – Ande! Você não cairá... Não cairá! Não cairá! Não cairá!

Gedeão – (Um esforço tremulo) Sim, eu andarei. Eu andarei... Andarei... Princípiã a se locomover sozinho, com dificuldade) Andarei... andarei... (Enquanto Hortênsia continua gritando – “Não cairá” – “Não cairá” CENA NO ESCURO)

Augusto – (QUANDO SE ILUMINA A CENA DO PRIMEIRO PLANO – FALANDO A XAVIER) E então? O que resolveu?

Xavier – Diante da situação que não se altera, vim mais uma vez implorar sua bondade...

Augusto – Não é necessário implorar. Você precisava ser mais inteligente, desfazer-se um mísero pedaço de terra que de nada lhe serve. Cercarei pequena área Se saldar os compromissos, receberá no próximo inverno o que por direito pertencer. E uma garantia apenas.

Xavier – (Vencido) E quanto o senhor me dará per ela?

Augusto – (Passeando pela cena) A terra é pobre, dura, quase um carrasco.

Xavier – Não diga isso! Ela tem fruteiras que dão safra no inverno. O rio corre lá. E quando chove, já está pronta para receber as sementes.

Augusto – (Rindo-se) Quando chove... você mesmo disse: “quando chove”. Agora de nada serve. Está feia, seca, queimada...

Xavier – Mas é diferente na força do inverno. Os pás saros cantam de árvore em árvore... O capim cresce nos campos, e por Deus que de noite faz frio.

Augusto – (Sinistro) Na força do inverno, não é? Agora, que adianta? Duas sacas de farinha, trinta rapaduras... Dez mil cruzeiros em dinheiro.

Xavier – (Admirado) E muito pouco! A terra vale mais! Para falar a verdade eu não a venderei por todo o ouro do mundo.

Augusto – Sim, vale mais. Não agora, Xavier. E é bom que seja pouco; ficará mais fácil para você reavê-la.

Xavier – (Triste) Difícil será tê-la de volta depois. Muito difícil. Quando as estacas formam cerca na terra do pobre, só a Voz do rifle poderá desfazê-la.

Augusto – (Impaciente) Creio que lhe ofereci o justo. É concordar e levar a prata.

Xavier – O senhor não sabe quanto trabalhei para adquiri-la. Sabe que vale muito mais.

Augusto – Não aceita? (Repetindo clinicamente) Duas sacas de farinha, trinta rapaduras... Dez mil cruzeiros. Duas sacas de farinha, trinta rapaduras...

Xavier – (Interrompendo num grito) Não! Ficarei com a minha terra. E um consolo a gente saber que a terra mesmo pobre, infeliz, ainda nos pertence.

Augusto – (Encarando-o) Feche o negócio! É melhor para você. O meu interesse é ajudá-lo.

Xavier – De que me valerá a sua oferta? Amanhã, o dinheiro acaba... Vou precisar de mais adiantamento. E o senhor avançará a cerca para outro ponto, e eu me tornarei mais miserável ainda.

Augusto – Não exagere tanto.

Xavier – Tem sido sempre assim. Aconteceu ao Sabino; o velho Justo perdeu o sítio. Perderei também o pouco que me resta.

Augusto – Pela última vez, deseja ou não o meu auxílio? Não proponho negócio semelhante a outras pessoas. Você é porque merece a minha estima.

Xavier – Agradeço. (Som) Trabalhei, para melhorar a terra, para o senhor enriquecer.

Augusto – Não digo o contrário. Por essa razão ofereço-lhe agora o meu auxílio, a minha ajuda.

Xavier – Mas o que me oferece é um laço armado, traiçoeiro.

Augusto – (Rápido) Então, abandone a terra! Fuja daqui, vá para o inferno! Desapareça!

Xavier – (Triste) Não é fácil desaparecer. A gente quando dorme na sombra da terra fresca, sob árvores plantadas pelo avô, não pode ir embora sem mais nem menos.

Alípio – (Surgindo em cena, visivelmente assustado) “seu” Augusto! Que coisa! É inacreditável!

Augusto – (Voltando-se para ele) Que acontecem? Que assombração é essa?

Alípio – Um milagre! Gedeão está andando sem o auxílio das muletas! (Espanto dos dois homens).

Augusto – Como? O aleijado anda? **Xavier** – Será possível?

Alípio – Juro pela luz dos meus olhos. Vi-o andando como se nunca estivesse estado doente. (Pausa) Os emigrantes acorrem à casa de d. Hortênsia. Querem novos milagres.

Augusto – (Sem se conter) Milagres? O que há nisso é fanatismo. Hortênsia demente. Devia estar num hospício.

Alípio – (Crédulo) Há gente demais pelos caminhos, senhor, fazendo orações, pedindo proteção ao **Anjo**.

Augusto – Que anjo? Que história é essa?

Alípio – O filho de d. Hortênsia, o menino que morreu..

Augusto – Cale-se! Eu sei o que vou fazer. Isso não me intimida. Sei que aquela mulher sempre me odiou. Não permitirei que continue enganando os trabalhadores. (Outro tom) Já começou a cercar o açude?

Alípio – (Indeciso) Já, mas acontece que...

Augusto – Não me venha dizer que há mais novidades.

Alípio – Os homens recusam servir ao senhor. Largaram as enxadas, as foices; foram ver d. Hortênsia. Fiz tudo para que eles ficassem. Não quiseram.

Augusto – (Aproximando-se dele) Será que eu ouvi direito o que você me disse? Ele desertam do meu trabalho?

Alípio – (Baixa a cabeça) Isso mesmo.

Augusto – (Voltando-se para Xavier) Você ouviu também? É por isso que a miséria ainda não se acabou na terra. (Indo até Alípio) Não se entre a esses preguiçosos, homem! É voltar em cima dos passos e dizer que se não continuarem o serviço, não ganharão nada, vão morrer de fome. Vamos, se movimente. Não fique me olhando com esse ar apalermado.

Alípio – (Vai sair). Tentarei outra vez. Mas não vai ser fácil. (Sai);

Augusto – (Aproximando-se de Xavier) Agora é a sua vez também de se decidir, Xavier Se acha razoável a minha oferta, aceite-a. Está feito o negócio.

Xavier – Se o senhor quiser pagar o dobro...

Augusto – O dobro? (Começa a rir) Mas por que tanto merecimento, homem de Deus pára de rir) Estamos perdendo tempo. Você sabe que eu já ofereci o que podia dar. Se não quer, ficamos nisso. Você vai cuidar de sua vida e eu da minha.

Xavier – Depois de um momento) É o que vou fazer. É melhor fugir deste lugar, ir morrer distante. Depois, se Deus der bom tempo, volto. Ainda posso Sei que chegarei à capital.

Augusto – Então, está mesmo resolvido a ir embora? Engraçado! Vai ao balcão; apanha o livro de anotações) Xavier Fonseca da Rocha. E esse seu nome, não é? Pois está aqui... na lista dos devedores. Deixe-me ver... (Somando para si mesmo) Mais duzentos... Mais mil... Mais trezentos... (Pausa) Podia ser maior a conta, mas o total. é de quase cinco mil... Você me paga e vai embora. Eu acho simples, e você? (Para Xavier que continua calado) Perdeu a graça? Em que está pensando você, homem?

Xavier – (Repetindo) Xavier Fonseca da Rocha...

Augusto – E o seu nome.

Xavier – Sim, mas eu devia ter um ferro. Quem sou eu se não um bicho, um bicho seu? (Augusto vai rir, mas se contém. Fica olhando para o outro, que sai cabisbaixo, triste. Cena no escuro. Luz no palco da direita onde Gedeão já está sem muletas. Hortênsia, de costas para o público, à porta da casa, fala aos trabalhadores, aos seus novos penitentes. Vozerio)

Hortênsia – Agora vocês acreditaram no **Anjo**! Meu filho é aquele que nos protege dos perversos e dos invejosos. Não tivemos inverno este ano porque os maus transformaram a terra no inferno. Deus, quando criou o mundo, não tinha pobres nem ricos! Mas o Satanás meteu-se em meio ao rebanho de Deus para dividir e reinar. (Pausa, voltando forte, dominadora) O Satanás não morreu ainda. Está vivo entre nós, comprando o nosso suor com o seu. sujo dinheiro! E meu filho, por meu intermédio, manda-lhes esta ordem: é preciso afastar do nosso convívio os que nos roubam o pão de cada dia!

Voz – (Gritando) Augusto! Castiguemos Augusto!

Hortênsia – Comecemos a reza com o “Pelo Sinal da Fome”. “A fome já faz com que Eu sinta cruel a sorte E veja bem perto a morte.”

Coro – Pelo sinal!

Gedeão – “Se não chover em geral de janeiro pra diante, Morre gente a cada instante.”

Coro – Pelo sinal da Santa Cruz..

Xavier – “Ainda não me dispus a morrer de fome, é feio porém de pegar no alheio”.

Coro – Pelo sinal da Santa Cruz, Livre-nos Deus!

Hortênsia – “Mesmo assim por entre os meus Pretendo a fome passar; Pois ele virá me ajudar.”

Coro – (Tríplice amém) Amém! Amém! Amém!

Hortênsia – Estamos todos agora com a força do **Anjo**. Uma só vontade estará em nós assim como muitas são as águas desatadas dos céus e reunidas na terra para encher os grandes rios.

Gedeão – Somente hoje entendi que tenho uma missão a cumprir.

Hortênsia – Você foi o escolhido. Era infeliz; vivia rastejando na terra. Mas agora vai contribuir para a nossa redenção.

Voz – Você é um bom soldado que não falha! **Gedeão** – (Solene) O que o **Anjo** ordenar, eu farei

Hortênsia – Sua mão será armada para a vingança dos pobres. O cangaieiro arrependido, o que fez mil mortes pelos caminhos, veio depor a sua faca.

Voz – (Amplificada) Por onde eu passava, deixava a destruição. Sangrei e bebi sangue de minhas vítimas. Mas agora chegou a hora do meu arrependimento.

Hortênsia – Tudo porque só uma destruição humana é necessária agora. O Anjo me apareceu em sonho e disse que era preciso matar Augusto.

Gedeão – (Assustando-se) Assassinar Augusto?

Voz – É o entrave de tudo, a água contaminada, o pasto seco, a nossa dor sem trégua.

Hortênsia – Só quando o dono do barracão sucumbir, é que todos nós, outra vez, teremos tempo de plantar, tempo de colher... O vigário sempre falou no sermão que havia tempo para tudo: o de chover, o de secar o pasto, o de se plantar, o de se colher.

Coro – Agora é tempo de matar!

Gedeão – Querem demais de mim! Sinto fraquejar novamente.

Hortênsia – (Dominando-o) Se você não agir como lhe digo, voltará a se arrastar com bicho. Será outra vez o inutilizado, o terror das crianças.

Gedeão – (Medroso) Não... Não!... Não quero ser mais aleijado. Não de-sejo mais arrastar-me sobre a terra.

Hortênsia – A hora grave da decisão chegou. Receba a faca, Gedeão. Faça dela o instrumento de nossa vingança.

Gedeão – (Indeciso) Mas eu não posso!

Hortênsia – (Olhando-o firmemente) **O Anjo** ordena! Se Augusto não morrer, você será um verme... (Altiua) Vá, Gedeão, vá, Gedeão! O mundo espera que você vá! Vá, Gedeão! (Crescem Vozes: “vá. Gedeão! Vá, Gedeão!” Gedeão, de repente se apodera da faca. Escurecimento. (Luz na casa de Xavier)

Hortênsia – (Sozinha, com o tecido azul do vestido caindo-lhe sobre os ombros. Oferece o braço a uma pessoa imaginária) Assim não, “seu” Augusto. Pegue meu braço com mais cuidado. Sim. Oh, como você é desajeitado! (Som) Já vi vários casamentos. O noivo dá o braço à noiva. Estira o braço em gesto gracioso) Agora vamos com calma... não pise no meu vestido. (Há alguns passos) Não, de barba crescida não. Assim você mais parece meu avô Felinto, que morreu feito criança de mês... (Pausa) Nós vamos ser felizes, meu bem. Sei que você vai casar comigo. Meu pai não quer, mas que fazer? (Improvisa uma música para os versos que vai também improvisando):

A menina vai casar,
e seu noivo é barbado,
é velhinho e barbado,
mas com ela quer casar...”

(Cena no escuro. Luz no barracão. Alípio de pé, diante de Augusto)

Alípio – Tentei duas vezes, lá não volto mais. Já me ameaçaram com pedra e pau. Cantam hinos. Rezam em Voz alta. Só obedecem à d. Hortênsia.

Augusto – E dinheiro? Ofereceu-lhes?

Alípio – Não querem saber dele. Só falam no grande milagre. Há pessoas metidas em vestidos pretos, outras, em hábitos de frade...

Augusto – Malditos! Estarão fracos do juízo?

Alípio – Nada se pode fazer.

Augusto – Será possível que você também não possa reagir?

Alípio – Fiz já o possível, mas ninguém atende. Dona Hortênsia é quem manda. (Pausa) Já não temem o senhor.

Augusto – Hem? Repita essas palavras!

Alípio – (Tímido) Não se zangue, patrão, mas a verdade é que não o temem mais.

Augusto – Você está louco?

Alípio – Talvez... Não sei... (Pausa) A mulher quando fala põe brasa em cada palavra. E como se estivesse perto de uma fogueira.

Augusto – Já vi que lhe perco também. Volte pata o meio deles.

Alípio – Sim, sim... (Pausa) Mas esteja avisado, “seu” Augusto. Logo mais eles estarão vindo para cá... E um aviso que lhe dou.

Augusto – Fora! Pensa que me amedronta? Fora! (Alípio sai) Vá para o inferno! Eu não temo a famintos... (Principia a rir) Aqui eu tenho queijo e pão pata saciá-los... Venham! Venham! (Pausa) Pensam que me poderão roubar? Nunca! O meu dinheiro está bem guardado! (Vozerio distante) Venham! Vai set engraçado. Vou achar graça quando Hortênsia me vir tirar o dinheiro e começar a comprar os seus fanáticos... E não darei a cada um mais de cem! Venham para cá, venham! (Fecha a porta. Começa a empilhar caixões que existem no barracão) Não entrarão aqui com desordem! Só se me pedirem. “Patrão Augusto, podemos entrar?” “Terá que ser assim. (Vozerio perto) Será que estão vindo?” (Pausa) E se não quiserem o meu dinheiro?” (Pausa). Tom) Não. Todos são iguais... todos gostam de dinheiro... (Vozes perto. Há pancadas na porta) Não derrubem a porta! Não façam isso! Tenho dinheiro para cada um! (Pausa. Prossegue o barulho) Eu disse: dinheiro para cada um! (Sob tensão, nervoso, vai a um canto e se apodera de um rifle) Para longe, por favor... Pata longe! Eu estou armado. Atiro! (Aumenta o ruído) Escutem! Eu quero viver! Eu preciso viver! Depois de um instante) Esmeralda! Onde está você, Esmeralda? (O rifle escapa-lhe das mãos enquanto principiam a tocar fogo no barracão. Cena no escuro) (Luz na Cena de Xavier.)

Xavier – (À Mulher) Venha ver também! Estão incendiando o barracão!

Mulher – (Indo até ele) Deveras?

Xavier – Desde ontem era só em que falavam. Fizeram reunião a’ noite e decidiram queimá-lo e matar Augusto.

Mulher – Por Deus, o barracão virou uma fogueira!

Xavier – Impossível prever o que fazem os homens quando se desesperam. (Pausa) A mulher de preto é Hortênsia. Como gesticula!

Mulher – Quem sabe se não estão precisando de nós! Agora, era melhor ficarmos para construir a capelinha do **Anjo**.

Xavier – Tolicice! Já resolvi e vamos partir já. Não ficarei mais um minuto aqui.

Mulher – Será que você está falando com sinceridade? Onde o amor por tudo que é nosso? Onde a sua afeição por esta casinha, pelo terreiro, pelas coisas da casa? Onde? Você mudou Xavier. Endureceu o coração. Nem se lembra de que aqui dormimos pela primeira vez, que eu fui sua e você meu no começar do nosso amor.

Xavier – Um dia voltaremos.

Mulher – Um dia, quando? (Indo ao lado e falando para o interior) Vamos, menina. É hora de partir!

Xavier – Estamos perdendo tempo. Veja se a menina se apressa! não quero viajar sob o sol quente.

Mulher – (Para o interior da casa) Esmeralda! Venha logo.

Xavier – (Da porta, olhando para fora) Do barracão, agora, só restam escombros (Pausa) Augusto terá morrido?

Mulher – (Indo a ele) A gente podia ficar, homem... Podia. **Xavier** – Já lhe disse que não. Partiremos sem demora.

Mulher – E uma crueldade, Xavier! Eu sei que não voltaremos mais. Sinto uma Voz, no fundo do meu coração, dizer-me de quando em quando: Não voltarás... não voltarás.

Xavier – Esqueça isso. Você está fraca. (Decidido) Vá buscar a menina. Se não querem mesmo ir, me largo só.

Mulher – (Vai ao lado e volta puxando Esmeralda pela mão) Está na hora! Xavier já começou a implicar.

Esmeralda – Mas eu não quero ir. (Pausa) D. Hortênsia me disse que pequei e que o pecado é uma mancha que fica para sempre no nosso coração. (Desconsolada) Já não sou a mesma Esmeralda. Sinto que não sou.

Xavier – Vamos deixar as lamurias! Não me interessam histórias de anjos, de demônios, de milagres!

Esmeralda – Fique, papai. Houve um milagre também comigo. **Xavier** – (Indo até lá) Milagre? Que história é essa?!

Mulher – (Interpondo-se entre ambos) Deixe a menina. (Pausa. A filha) Vamos, Esmeralda. Não desobedeça a seu pai.

Esmeralda – Vão! Vão embora. Desapareçam enquanto é tempo Eu não queria dizer que já não posso segui-los.

Mulher – (Sem entender) Que estará acontecendo com essa menina?

Xavier – De uma vez por todas, decida-se a andar, a nos acompanhar.

Esmeralda – Não posso, pai. Ninguém sabe o que aconteceu, mas o **Anjo** testemunhou. Tenho certeza. (Um desabafo) Nós vamos ficar na terra... Está escrito. Nós vamos ficar na terra!

Mulher – Nós? Nós, quem, Esmeralda?

Xavier – (Acercando-se dela) Quem, quem, criatura?

Esmeralda – Depois de um silêncio todo feito de expectativa) Nós... eu e meu filho. (Mulher avança para Esmeralda. Abraça-a. Xavier, que já estava com os seus pertences as costas, alivia-se da carga, certo de que ficará também.)

Fim do Terceiro e Último Ato

A MÁSCARA E A FACE

PERSONAGENS:

ELVIRA
ORLANDO
FOTÓGRAFO
MESQUITA
CLARINHA
MARGARIDA
INVESTIGADOR
GUSTAVO

PRIMEIRO ATO

Ao se abrir o pano, a cena estará as escuras. Após alguns instantes, ouve-se a gargalhada, no palco, de várias pessoas a um só tempo. E, ainda nas trevas, a Voz de Elvira.

Elvira – (Sem aparecer, como os demais personagens nas falas que se seguem) Não riam, por favor! (Tom) Tudo que fazem é na galhofa! Quietos, em seus lugares, para a fotografia. Quero-os em feliz lembrança desse momento.

Orlando – Detestável esse clima de estádio! Estamos posando para quê? Para a eternidade?

Elvira – Orlando, dê liberdade ao fotógrafo. Quero vê-los unidos em grupo familiar. (Pausa, lamentando) Somente hoje tive a lembrança da foto em família, quando Álvaro já não está entre nós.

Orlando – Desculpe, mamãe, mas qual o interesse de guardar nossas fisionomias num quadro? Quer saber? acho muito “careta” a sua idéia.

Fotógrafo – (Sobrepondo-se) Atenção, senhores! Um momento, apenas. (Som) A senhora, D. Clarinha, não precisa preocupar-se tanto com o

vestido. A senhora, D. Elvira, por favor, olhe diretamente para a minha mão. ÇFom) Não, não encarem a máquina. (Pausa) Sorriam! (Pausa) Um... dois... três! Explode o magnésio simultaneamente com a iluminação que se estabelece no palco. Elvira em cena com Mesquita, de costas para o público, tendo na mão a fotografia do tal grupo em família.)

Elvira – (Vaidosa) Ah, meus, valorosamente meus! Daqui, dessa moldura, não poderão fugir; fixados para sempre. (Pausa) Mesquita, acho que você devia me perguntar: “que idéia fáia de seus filhos a essa época?”

Mesquita – Sim, estava imaginando isso...

Elvira – (Deposita o quadro em lugar visível ã platéia) E porque poderemos pensar diferente quando são nossos os filhos... e nos é que os julgamos? A esposa bem intencionada, guardiã da casa, há de possuir qualidades e regras que repassa, como fiz, necessariamente para os que a cercam.

Mesquita – O marido da senhora concorreu muito para que a família...

Elvira – (Sem perceber, cortando-lhe o pensamento) Verdade! Mas Álvaro nos deixou cedo demais. Não pôde ver que eu tinha razão ao lhe dizer que tínhamos uma família bem definida de caracteres... No todo, gente de comportamento... ilibado, como dizem os jornais. Movimenta-se na sala até parar diante de retrato a óleo de Álvaro). Ainda agora não compreendo seu ar de compaixão por mim. Acreditava-me, por certo, exagerada em meu amor pelos filhos. (Sorri) Decididamente são muito importante os filhos.

Mesquita – Concordo com a senhora.

Elvira – Fiz tudo? Não! Há muito o que zelar, orientar, pois as armadilhas estão por aí... Quando menos esperamos, chegam problemas... (Pausa) Digo-lhe que reconheço que somos pobres criaturas humanas. (Tom) Mas isso são considerações muito pessoais, talvez pretensiosas, e você já está cansado de me ouvir repetir a lengalenga... (Outro tom) As coisas vão em ordem?

Mesquita – Creio que sim. Fiz os estudos que a senhora sugeriu. Só falta o preenchimento de pequenos detalhes.

Elvira – (Como se o desculpasse, magnânima) Há tempo, há tempo, meu rapaz. Não necessito de seus dados com tanta urgência. (Indo ao canto da sala; falando para o interior) Minha filha, mande nos trazer um cafezinho. (Retornando ao centro da cena. Mesquita prossegue parado diante do retrato de Álvaro) Você o admirava?

Mesquita – Bastante. (Pausa) Um homem sério, e de bons sentimentos.

Não abdicava de seus modos educados. (Pausa) Um grande coração!

Elvira – Hoje, estive recordando. Veio hora de volver ao passado, rever o que já se diluiu no tempo... Como dizem os cronistas: esfumou-se... (Qual se falasse consigo mesma) Eu me imponho a essa reflexão, pensamento talvez de pouco trânsito nos dias que se modernizam em assustadora velocidade. (Num repente, graciosa) Meu Deus, onde fui ler essa idéia? Não, não é bem isso! Como comecei dizendo: estive recordando. (Tom) Lembra o dia em que fomos todos ao ateliê do nosso fotógrafo?

Mesquita – Procura com a vista, até encontrar, o flagrante obtido àquele tempo) Com efeito. Aí está, o desejado grupo em família.

Elvira – Todos não, meu caro. Lembre-se: Gustavo não esteve presente. (Um inflexão dolorosa) Havia partido.

Mesquita – Até hoje não pude entender a atitude dele. Parecia tão integrado na família, no sentido que se deseja para identificar o lar...

Elvira – Com efeito... (Pausa) Foi melhor assim. Temos de aceitar os rumos incertos do destino. (Tom) Acho que você não concorda, mas que valerá uma ou outra opinião contrária, se a realidade é irreversível? Em resumo: resolveu ir embora, partir. Foi-se... (Depois de um momento) Foi-se.

Mesquita – Tinha tudo aqui, principalmente o apoio da senhora.

Elvira – Não diga mais nada por hoje! Isso, isso mesmo... Mas... Na vida das pessoas existem sempre os entraves. (Grave, explicando) O que vou dizer é mais do que sabido, porém vale repetido: descontentou-se com não ser o diretor da fábrica. Ser o segundo? Nunca! (Como a repetir, em refrão) Foi-se... Nem ao menos me deixou sua imagem na fotografia da família...

Mesquita – Não gostava de fotos, foi isso!

Elvira – (Divagando) Quem sabe? Na verdade, meus filhos detestam o fotógrafo... Aqui pra nós, e até com certa razão. O homemzinho é impertinente, mandão... (Tom) Mas é o autor pelo menos dessa maravilhosa foto em família, flagrante emblemático de como éramos... nem sei, de como somos... (Notando-o um tanto desinteressado) Será que não concorda? Ou hoje estou lamentavelmente em dia de pouca inteligência?

Mesquita – Oh, nem pensar nisso! (Pausa) Apenas, e sei que aborreço, ponho dúvidas a respeito da importância da fotografia...

Elvira – Pelo amor de Deus, Mesquita! O retrato – e eu tenho que ir a um lugar comum –, e o reflexo, o espelho, do que somos! (Pausa) Sei, sei, e devem existir exceções, mas pelo menos nesse caso especial de minha família, o retrato reflete a personalidade de meus filhos, não diga a minha, mas a deles... (Em êxtase) Ah, como fico feliz, como me basto a mim mesma, contemplando os meus filho aí, um ao lado do outro...

Mesquita – Diante de tanta ênfase, rendo-me.

Elvira – (Decidindo) Bem, mas vamos ao caso que o trouxe aqui.

Mesquita – (Na pasta que conduz extrai alguns documentos, com visível interesse) Parte do serviço, D. Elvira, como disse antes, está concluído. Gostaria que a senhora, em hora de mais vagar, lesse o relatório, principalmente os pontos – e não são muitos; – já sublinhados. Creio que o documento expressa uma opinião, ainda não formalizada de todo, do atual estágio em que se encontra a fábrica.

Elvira – (Mal escondendo a preocupação) Estágio? Há alguma anormalidade?

Mesquita – Talvez, mas ainda identificada como fato normal dos tempos atuais, quando a competição comercial torna-se mais agressiva, e a própria tradição passa a sofrer os efeitos da falta dos recursos de uma palavrinha moderna. Alias, atualização de custos.

Elvira – Viemos caminhando tão sólidos, não é verdade? Sempre tivemos a nos distinguir o cumprimento da palavra dada. Mesmo assim, tudo pode acontecer... Quem ficará imune ao jogo dos negócios? (Segurando os papéis que lhe são repassados) Vejo como trabalhou.

Mesquita – A senhora me pediu para honestamente apontar um diagnóstico da situação da empresa... Procurei desempenhar-me da melhor maneira possível.

Elvira – Você sempre foi de nossa inteira confiança. E considerado por todos nós.

Mesquita – Tudo isso me deixa bastante lisonjeado. (Tom) Fui criado praticamente como pessoa da casa da senhora. O que me honra muito.

Elvira – (Sem perceber a desatenção que comete, volta a encarar, embevecida, a foto da família. Depois, como se percebesse a indelicadeza, volta-se para Mesquita, que se sentou a colecionar outros documentos na pasta) Oh, fico tão enleada com os meus, caro Mesquita, que às vezes pareço distante da realidade. Mas sei que caminho certa, sou realista. (Outro tom) Não posso deixar de me julgar feliz pela família que tenho!

Mesquita – Sem dúvida alguma. E isso, convém dizer, não está ao alcance de todos. (Pausa) Queria fazer-lhe uma pergunta.

Elvira – Não use de cerimônia.

Mesquita – (Depois de um movimento) É sobre o respeito de seu filho.

Elvira – (Surpreendendo-se) De Orlando?

Mesquita – Sim, senhora.

Elvira – (Pondo-se atenta) De que se trata então?

Mesquita – (Esforçando-se para conservar-se calmo) Fui companheiro dele, contemporâneo no colégio. E sempre se mostrou muito educado, e sóbrio.

Elvira – Foi minha preocupação fazê-lo um empresário de bem. (Recordando) Obtinhas boas notas, liderava o grêmio e... (Tom) Mas isso você sabe até melhor do que, porque partilharam da mesma sala de aula. (Pausa) Sempre se mostrou interessado pelos destinos da nossa empresa. Quando digo interessado, espero que me entenda: tinha curiosidade pelo que se fazia na fábrica. E torcia para um dia substituir o pai.

Mesquita – Muito natural.

Elvira – (Empolgando-se) Não quis que ele deixasse para depois a intimidade com a fábrica, embora quisesse continuar os estudos... (Tom) Você se formou, não é verdade?

Mesquita – Sabe Deus com que sacrifícios.

Elvira – Imagino. E porque você também sempre foi um bom rapaz, estudante atento. (Pausa) Mas, o que era mesmo que você queria dizer sobre Orlando?

Mesquita – Estou imaginando, e vejo que me equivoquei: ele foi parar, como diz a senhora, na intimidade da fábrica, por inspiração da senhora.

Elvira – De modo algum! Foi dele a decisão, instintiva, posso dizer. Própria. (Indo a’ porta dos fundos) Minha filha, pedi café! Retornando ao centro) Foi bom para ele e para todos nós... Apenas (Pausa) Apenas, deixemos de arroteios, sinto que tenho tido contrariedades ultimamente. Os negócios, e acho que também os dos outros, principiam a enfrentar obstáculos. (Com efusão) O tempo, ah o tempo, seu Mesquita, nos desafia a todo instante!

E com ele o próprio governo, a estrutura de arrecadação de impostos, sedenta, querendo mais impostos, mais, mais, um nunca acabar de taxações... e acresento: absurdas!

Mesquita – Não me lembrei de considerar o fator impostos. Terríveis.

Elvira – (Ao ver o **Criado** entrar na sala conduzindo a bandeja com café)

Ah, até que enfim temos aqui o nosso refrigerio! E chega em boa hora.

(Pausa) Mas demorou... (Tom) Clarinha tem andado difícil... (Servem-se os dois de café)

Mesquita – Que está acontecendo com ela?

Elvira – Ah, meu Deus, que é que se pode dizer! Acho que ela cansou de me ajudar, de tomar conta da casa.

Mesquita – (Com sentimento na Voz) Que bela criatura! Tão afetuosa!

Elvira – (Tencionando voltar ao assunto anterior) Diga-me: Orlando continua sendo o administrador ideal, não é?

Mesquita – (Com relutância) Sim... sim... Compenetrado, diligente.

Elvira – (Recordando) Casou... E feliz... (A um impulso, com simpatia): Você também precisa casar-se. O homem deve constituir família, perpetuar o nome. (Pausa) A pergunta pode ser indiscreta: Por que não se decide?

Mesquita – (Como se surpreendesse?) A casar? **Elvira** – Claro. (Serve-se de mais café)

Mesquita – (Reticente) Bom, na verdade nem sei... Talvez oportunidade.

Elvira – Una-se a alguém de sua escolha. Repito: constitua sua família.

Ah, e terá satisfação em proclamar depois as qualidades de seus filhos!

Ah, felicidade tê-los em boa paz, trabalhando, vivendo em clima de confraternização, sem desarmonia... (Pausa, outro tom) Você parece que queria me falar a respeito de Orlando...

Mesquita – Depois de um momento, em que é visível a sua hesitação)

Não, senhora. Vim somente trazer-lhe o relatório. Não tenho mais nada a acrescentar. (Consulta o relógio de pulso) E se me dá licença, tenho de ir. As sextas-feiras há no escritório uns tantos compromissos inadiáveis. (Dispõe-se a sair de modo a não deixar dúvidas quanto a essa intenção).

Elvira – Acompanho-o até o jardim.

Mesquita – Não precisa se incomodar. Pode ficar à vontade.

Elvira – Ora, preciso me exercitar, andar um pouco mais. (Vão saindo e a cena escurece)

Fotógrafo – (Voz em caricatura) Por favor, não se mexa, meu rapaz! D.

Elvira recomendou a foto mais uma vez esta foto. (Como se a imitasse)

“Quero um trabalho perfeito. quero ver a imagem de meu filho como

se de verdade falasse comigo...” (Tom) E você, ai, mocinha, não fique com a fisionomia de contrariedade. Os irmãos se reúnem para uma foto em família... (Tom) Vamos, mais afetividade entre os dois! Agora, sorriam... sorriam... sorriam... (Pausa) Não, dessa forma não é possível! Por favor, comportem-se. Assim mesmo. Agora, todos a um só instante... sorrindo... sorrindo... (Tom) um... dois... três! Magnésio explode. Luz ao fundo da sala onde podem ser vistos agora Orlando e Clarinha. Orlando está de pé. Clarinha, sentada, dá a impressão de discutir com ele).

Clarinha – Você se lembra daquele dia da fotografia? Mamãe queria que aparecêssemos todos em perfeita harmonia familiar..., felizes. Você conhece a definição de felicidade?

Orlando – Ora se conheço!... (Tom) Sorriam... sorriam... Agora pergunto eu: sorri para que, se na realidade nós nos detestamos, se estamos sempre animados a nos repelir uns aos outros? (Como a evitar que ela fale) Não, não, não me interrompa! Seio que você quer dizer: temos de fazer tudo, tudo mesmo, para agradar a

Clarinha – Mas a nossa vida podia transcorrer melhor... Pelo menos se eu me calasse sempre. Ah, o silêncio! Você sabe o significado do silêncio, isto é, da boca fechada?

Orlando – Não me venha com insinuações.

Clarinha – Sim, senhor Orlando, senhor gerente, sei lá mais o quê! Sim. (Tom) Você sabe a definição de carteadado? de jogo?

Orlando – (Frio) E daí? Aonde você pretende chegar?

Clarinha – Já pensou no dia em que a senhora D. Elvira descobrir que o filho ideal, condutor dos grandes negócios da família, não é nem de longe o que ela propriamente imagina? (Tom) Sabe o que é desilusão?

Orlando – (Como se antes refletisse, para falar) Certo que tenho defeitos, sou humano, passível, deles. Mas não é isso que às vezes me desagrada. O pior é esse falso clima de perfeição que cultivamos em torno de nossa família. Ah, os ilustres descendentes do Sr. Álvaro! Ah, os homens mais surpreendentes e virtuosos! (Pausa, em tom aborrido) Na verdade, nós somos um grupo de pessoas domésticas: faça isso, faça aquilo, assim é melhor, só convém assim...

Clarinha – Acabou? Pois agora escute: modere-se. Ponha um freio em sua maneira de viver.

Orlando – (Ameaçando-a) E você? Não venha com essa! Por acaso não sei de seu procedimento?

Clarinha – (Magoada) Orlando!

Orlando – (Depois de um momento) Releve, releve... Não pretendia chegar a tanto.

Clarinha – Pois me respeite. Além de sua irmã, há a minha condição de mulher.

Orlando – (Com ar cínico) Ainda bem que você reconhece que é mulher.

Clarinha – Você quer insinuar o quê?

Orlando – Pata que tanta inocência, querida? Sei de sua vida, e sei também dos seus erros.

Clarinha – (Indignada) Você não pode falar com tamanha insensatez!

Orlando – (Calmo) Por quê?

Clarinha – Porque em minha vida nada existe que mereça reprovação de quem quer que seja.

Orlando – Depois de uma pausa alongada) E... e... se Alfredo não retornar?

Clarinha – (Sobressaltando-se) Como? Você tem coragem de insinuar?

Orlando – Se ele não voltar, que vai ser de você... de suas virtudes tão íntimas? É minha vez de perguntar: você sabe o que significa virtude?

Clarinha – (Chorando, nervosa, em crise) Meu Deus, como você é perverso! (Tom) Ele vai voltar, sei. Nós nos amamos, entendeu? E mesmo que ele não me queira, eu o amo. E o que basta. (Indo a ele) E você? Que importa o seu ar de dono da fábrica, dono de nos... se nem ao menos é dono de seu lar?

Orlando – (Irritado) Não repita, atrevida!

Elvira – (Entra a tempo de ouvir o final do diálogo) Que houve? Estou desconhecendo!

Orlando – (Fingindo) É teatro, mamãe! Pequena discordância em..

Elvira – (Sem compreender o que se passa) Por favor, podem os dois, ou o mais educado, me explicar melhor?

Clarinha – (Disfarçando) Ele estava implicando comigo. Nada mais.

Orlando – (À Elvira) A senhora estava à minha procura?

Elvira – Temos necessidade de ir à fábrica. Estou acabando de ler um relatório e há algumas dúvidas, nele, a esclarecer...

Orlando – (Apreensivo) Então o Mesquita andou aqui?

Elvira – Fui levá-lo há pouco até o jardim.

Orlando – (Com interesse) Que lhe contou, mamãe?

Elvira – Da fábrica? Dos negócios?

Orlando – Sim, dos nossos negócios.

Elvira – Deu a entender que ia tudo mais ou menos bem. (Pausa) Apenas, fez uma previsão nada otimista. Raciocínio dele, é claro. (Encaminha-se para o gabinete ao lado, seguida pelo filho)

Orlando – O relatório que a senhora está vendo... foi feito por ele?

Elvira – Sim. (Tom) Documentos esparsos, ligeira avaliação do desempenho da fábrica... Mas nada assim com o título de relatório. (Tom) Vou reler tudo outra vez, minuciosamente. (Apanha os documentos que estão sobre a mesinha)

Orlando – Mesquita, a senhora já conhece, é um incorrigível pessimista.

Elvira – Sei, sei... Mas a favor dele tem a qualidade de todo meticuloso, mas cauteloso e aprendido nos princípios de economia... Pelo menos é o que dizem. (Vão os dois se ausentando de cena) Mas, se julgar da necessidade de trabalho com mais profundidade, certamente terei de recorrer à sua ajuda.

Clarinha – (Indo ao fundo da sala, como se percebesse chegar alguém) Ah, é o Dr. Mesquita? Algum problema com o carro?

Mesquita – (Sem aparecer) Esqueci a pasta com documentos importantes. (Surge em cena)

Clarinha – (Descendo ao centro da cena com ele) Acho que a vi em cima de uma cadeira... (Surpresa) Pronto. Aqui está!

Mesquita – (Tomando-a, agradecido) Não sei onde anda a minha cabeça. Desculpe.

Clarinha – (Como se desejasse entabular conversa) Não devia trabalhar tanto. (Pausa) Tão bom que nos viesse visitar vez por outra...

Mesquita – (Contemplando-a embevecido. Vê-se que gosta dela) Sei, sei... (Tom, depois de breve indecisão) O noivo... tem dado notícias?

Clarinha – (Com indiferença) Não. (Pausa, sob preocupação) Por que você se lembrou disso agora?

Mesquita – (Confuso) Nem sei o que lhe dizer... Olhei e vi em você um semblante mais descansado... E logo imaginei que tudo (sublinha bem a palavra) estivesse correndo melhor... Uma associação de idéias talvez sem a menor razão de ser. (Pausa) Desculpe se a molestei.

Clarinha – (Pensativa, mas feliz) Não, não foi isso... E que, por um instante, imaginei... Nem sei se digo... (Indecisa) Bem, achei que houvesse na sua indagação uma certa preocupação pela minha vida...

Mesquita – Depois de um momento em que ambos ficaram se olhando)

Agora, que encontrei a pasta, preciso ir.

Clarinha – Não prefere demorar mais um pouco?

Mesquita – (Indeciso) Nem sei, mas é grande a vontade. Não fosse hoje uma sexta-feira...

Mesquita – (Indeciso) Espero poder vir. Mas confirmarei por telefone.
(Pausa) Com licença. (Vai retirar-se)

Clarinha – Dr. Mesquita...

Mesquita – (Detendo-se) Alguma coisa?

Clarinha – Sim... se não me julga impertinente, gostaria de lhe dizer que sua presença aqui, pelo menos para mim, é sempre esperada.

Mesquita – Muito obrigado. (Pausa) Também me sinto particularmente parte desta casa. E até arrisco: da família.

Clarinha – Assim é que deve ser.

Mesquita – (Após um instante, e em tom mais íntimo) Verdade que não tem recebido notícia dele?

Clarinha – Não. (Pausa) Nunca mais. (Pausa) Satisfaz a resposta?

Mesquita – (Surpreso) Como você disse? Não entendi.

Clarinha – (Calma) Esqueça...

Mesquita – (Depois de um momento) Sei que faço tudo muito difícil na vida.! (Pausa) Mas gostaria que soubesse: me sinto muito bem em sua presença. Depois que ele se cala, nota-se o ar de expectativa nela) Bem, já estou com a pasta.... preciso ir. (Vai saindo).

Clarinha – (Em tom suplicante) Foi bom ouvir suas palavras...

Mesquita – Eu senti a mesma coisa... (Cena no escuro)

Fotógrafo – (Voz indefinida) Ah, você é o menos complicado dos irmãos. Muito calmo; Nem parece do mesmo sangue... (Tom) Seu nome?

Gustavo – (Seriamente na Voz) Gustavo.

Fotógrafo – Gustavo! O mais velho, verdade?

Clarinha – Apareça de noite, se desejar conversar...

Gustavo – Exatamente.

Fotógrafo – Vai longe sua fama de esquisito... de não falar muito.. (Pausa)
Vai tomar conta da fábrica, da rica fábrica?

Gustavo – Não.

Fotógrafo – Hum... Já se vê que não gosta muito de estirar conversa. Mas me diga: essa foto é para dar de lembrança à namorada?

Gustavo – De lembrança pata minha mãe. Exigência dela. (Pausa) Estou indo para longe daqui...

Fotógrafo – Então não quer saber da fábrica... Meus parabéns! Talvez seja melhor. Vale procurar o seu próprio destino. (Pausa) Não, não se mexa agora... (Tom) Diabo!

Gustavo – Que houve?

Fotógrafo – Um defeito na máquina. E, pelo visto, vai demorar o conserto.

Gustavo – E agora?

Fotógrafo – Só voltando depois.

Gustavo – Não posso. Estou partindo logo mais. (Pausa) Que vou dizer a mamãe?

Fotógrafo – A verdade! O que não tem remédio, remediado está! (Tom) Acabou-se. Vamos abrir a cortina... (LUZ EM CENA. Clarinha sentada, lê. Orlando passeia, nervoso, pela sala)

Margarida – (\[indo do interior) Telegrama.

Orlando – Deve ser para mim. Estende-lhe a mão)

Margarida – Não é para você. É para D. Elvira.

Orlando – Mas assim mesmo eu quero ver. (Tenta apanhar o telegrama).

Margarida – (Recusando-se a entregar) Não venha com atrevimento.

Clarinha – (Contemplando os dois) Mas, pelo amor de Deus, você nunca param de brigar!

Elvira – (Rindo do gabinete) Vocês hoje parece que estão mais tratados do que nunca!

Margarida – (Indo a ela) Um telegrama.

Elvira – (Abrindo-o) De quem será?

Orlando – Estive para ver o que era, pensando tratar-se de notícia sobre nossas novas máquinas.

Elvira – (A fisionomia feliz) Meu Deus! É de Gustavo!

Orlando – (Surpreso) Dele? De onde?

Elvira – (Mais contente) Não esqueceu. (Pausa) Que surpresa agradável...

Clarinha – Esqueceu o quê?

Margarida – Não estou entendendo.

Elvira – (Eufórica) A data de hoje, bobos! Então não sabem que estou aniversariando?

Orlando – (Exagerando alegria) (Que beleza! (Tom) Meu beijo, mamãe!

Margarida – Um grande dia para todos nós!(Vai abraçar Elvira)

Clarinha – O meu beijo eu já dei, não foi, mamãe? Estou sempre muito lembrada dos aniversários da família.

Elvira – Gustavo, que filho atencioso! Jamais deveria ter saído do nosso convívio... Ainda hoje a sua ausência me maltrata bastante.

Orlando – Estava certo de que o aniversário da senhora era amanhã. Já passou dos cinqüenta?

Elvira – E como! Cinqüenta e oito... Como dizem mesmo os cronistas? Cinqüenta e oito risonhas primaveras...

Margarida – Data maravilhosa!

Elvira – Não, maravilhosa é a família que Deus me permitiu constituir. Ainda que, às vezes, despontem nela alguns defeitos, pequenos esquecimentos... como agora...

Orlando – Não diga assim! O pequeno esquecimento não é desamor, creia! (Indo a ela) Nós não podemos esquecê-la, mamãe. Nunca, nunca!

Elvira – (Indo) Ah, foi por causa do dia de hoje que amanchei me deslumbrando com o retrato da família, e vendo as demais fotos, e nessas revendo em particular a fisionomia compenetrada do nosso grande inspirador. Se Álvaro estivesse anda conosco, haveria toda certeza de sentir-se realmente feliz com a família que organizou.

Clarinha – (Afetuosa) Vamos para o “living”, comemorar a data. (Travando o braço no da mãe) Ficando um pouco mais velha na idade, hem? Mas sempre bonita! Chamosa e ... líder.

Elvira – São seus sentimentos. (Vendo Margarida imóvel) Não vem conosco?

Margarida – Vou em seguida, d. Elvira.

Elvira – (Encaminha-se para a porta de saída com a filha) Então, o que você me oferece de presente...

Clarinha – É surpresa.

Elvira – (Parando, como se de repente se lembrasse) Bem que poderíamos fazer uma foto desse momento! Seria tão bom guardá-lo como lembrança!

Clarinha – Concordo com a senhora. E é prá já. (Dirige-se ao telefone)

Margarida – (Mostrando-se constrangida) Infelizmente não contem comigo. Tenho um compromisso para já.

Orlando – (A ela, baixo) Como você pode ser tão grosseira!

Elvira – (Acompanhando os movimentos de Clarinha ao telefone. Voltando-se para Margarida) Você está desobrigada, minha querida. Pode

ir ao seu compromisso. (Tom) Vou trocar de vestido, enquanto chega o fotógrafo.

Clarinha – (Ao telefone) É da casa de D. Elvira. Uma fotografia comemorativa, urgente...

Orlando – (Diante de Margarida) Para onde você pensa que vai?

Margarida – Devo-lhe alguma satisfação?

Orlando – Continuamos casados...

Margarida – Sim, mas completamente alheios um ao outro, não é verdade?

Orlando – Você devia lembrar-se mais dos presentes que lhe dou... Você tem tudo, a tempo e a hora. Que mais deseja para me compreender melhor?

Margarida – (Pondo-se menos exaltada) Não vamos discutir hoje. Hora e dia são inconvenientes para esse tipo de conversa. Pelo menos poupe a D. Elvira. (Pausa. Em tom intencional) Quem sabe se ela não está a poucos dias de alguma revelação bem mais dramática?

Orlando – Não tente comprometer minha vida.

Margarida – Ela está se comprometendo por si mesma.

Clarinha – (Ao telefone) Está bem. Venha logo. (Pausa) Sim... sim... Até logo). (Vai ao auscultador) Estão brigando outra vez?

Orlando – (Explodindo) Meta-se com a sua vida! E depois vá procurar em que lugar se escondeu Alfredo!

Margarida – (A Orlando) Não transfira sua raiva para Clarinha.

Clarinha – (A Orlando) Você é idiota. (Sai)

Margarida – Separando as fotos nas paredes, com ironia e amargura) Família ilustre... Irmãos bem penteados... muito bem comportados... e desunidos.

Orlando – Somente nisso concordamos. Tudo que está pendurado pelas paredes é a imagem da fantasia. Vamos vivendo nesta casa, até hoje, sob o signo de indulgências e fingimentos que entaipam a realidade de nossas vidas. Na verdade, o que fazemos mesmo é nos odiar uns aos outros... Pausa, com Voz grave) Pelo menos Gustavo teve o bom senso de ir embora, evadir-se desse lixo, desse... desse... (Cala-se)

Margarida – (Observando também as fotografias) Ah se a gente pudesse ser como figuramos nas fotos, rindo, rindo, de fisionomias alegres, que bom!

Fotógrafo – (Sem aparecer) Somam... sorriam... Todos de mãos dadas, ao impulso dos mesmos sentimentos! Sempre demonstrando alegria... Alegria! (Pausa) Agora, vamos a outra pose. Não, ai não! Venha mais

para perto de mim... Será assim, como recomendo. Olhando para mim, olhando para mim...

Orlando – Continue... continue!

Margarida – Estou revendo o passado. Você se lembra daquela foto do dia do nosso casamento?

Orlando – Sempre o maldito fotógrafo.

Fotógrafo – (Sem aparecer) Sorriam os dois! Que par feliz, que enlevo, que romantismo nos dois! (Pausa) Quero sorriso que inspire confiança aos outros, signifique o que na verdade são: criaturas arrebatadas pelo amor. (Pausa) *Please!* Sorriam... Sorriam.

Margarida – E você sorriu... (Rindo)

Orlando – Sim, sempre acabávamos sorrindo... Mas a vontade era dar uma gargalhada de se ouvir distante!

Margarida – (Rindo ainda) E sorriu apenas... E mais uma vez, àquele instante, você foi falso... fingidor emérito!

Orlando – (Indignado) Como odeio esse maldito fotógrafo! Como lhe detesto a Voz em falsete, comandando uma falsa representação de nossas vidas! e ele também falso, a fazer tudo por dinheiro, e sabendo que jamais poderá nos transformar...

Margarida – Logo mais essa figura tétrica estará aqui com os seus odiosos “sorriam, sorriam”! E todos se prosternarão a seus pés, pegando um a um a máscara de mais conveniência na ocasião...

Orlando – (Com que sucumbindo a uma verdade que o esmaga) Máscaras, máscaras, máscaras! E o que encobre os nossos rostos, Margarida. Ninguém aqui escapa desse comportamento encantatório. (Pausa) E ninguém tem a coragem de evadir-se, afastar-se desse maldito fotógrafo! E não pode, e não tem como fugir, pois todos nesta casa estamos amalgamados, o termo será mesmo misturados, imperceptivelmente como os pigmentos que ressaltam a imagem fotográfica...

Margarida – E tudo isso é deveras lamentável.

Orlando – Você diz bem. E agora procura ver também qual a máscara que se dispôs a usar, para disfarçar-se...

Margarida – (Ofendida) Orlando!

Orlando – (Grave) A sua máscara me enjoa!

Margarida – (Com ódio) Você não perde por esperar! (Dispõe-se a deixar a sala. Nesse exato momento, envolto em capa preta espalhafatosa,

a manejar seus equipamentos, o fotógrafo surge em cena, de forma impressionante. Ao deparar com ele, Margarida não pode conter grito de susto) Ah!

Orlando – (Voltando-se para a mulher) Que houve?

Margarida – (Recuando, amedrontada) O fotógrafo! Ele!

Fotógrafo – (Rindo) Assustei-a? Ah, me desculpe... Deve ter sido a conta de minha roupa de trabalho... Mil perdões, D. Margarida. Da próxima vez a senhora não se assustará!

Orlando – (Para o interior da casa) Mamãe! Clarinha! (Para o fotógrafo) Estão vindo imediatamente.

Clarinha – (Entrando com Elvira) Veio mais depressa do que imaginei.

Fotógrafo – Para servir a esta casa, a D. Elvira, não encaro sacrifícios!

Elvira – Obrigada. (Pausa) Exijo foto especialíssima, hoje. É meu aniversário. Chego feliz e confiante aos meus 58 anos.

Fotógrafo – Meus mais sinceros parabéns! Grande data. Por isso, com toda certeza, o dia amanheceu ensolarado, mais claro que ontem! (Pausa) A foto é nesta sala?

Elvira – Aqui mesmo. (Pausa) Pena Gustavo não esteja conosco também dessa vez.

Fotógrafo – (Avaliando as condições do ambiente) Aqui, então?

Elvira – Aqui mesmo, onde, por feliz coincidência, vivemos os nossos melhores momentos: o casamento de Orlando e Margarida, o pedido da mão de Clarinha...

Fotógrafo – (Interrompendo-a) A senhora vai falando e eu vou tratando de organizar o grupo. (Apontando para Margarida) A senhora, que ainda parece assustada, venha sentar-se aqui (Indica o lugar)

Clarinha – Posso continuar de pé?

Fotógrafo – Sentada... sentadinha..

Elvira – E eu?

Fotógrafo – Posicionada entre as duas... (Pausa) Queira Queira tomar o seu lugar, por favor...

Orlando – Acho que devo aparecer também...

Fotógrafo – Um bom profissional dá relevo a todos os elementos constitutivos do grupo... Aqui, meu cato, aqui... como bastião da família; o homem, o herói... Pronto! (Afasta-se para preparar a máquina. Margarida põe-se a chorar).

Elvira – Que é isso? Por que você se emociona tanto?

Margarida – (Tentando disfarçar-se) Assustei-me quando o fotógrafo apareceu...

Elvira – Mas esqueça, e se mostre agora com a sua fisionomia de esposa feliz.

Fotógrafo – (Lá por trás da máquina, indo operá-la) Atenção! Um, dois três, vou contar. Não conversem. A iluminação está em excesso. Um momento. (Vai correr a janela da direita)

Elvira – Não chore, Margarida. Não quero ver ninguém triste em meus retratos.

Orlando – Não há motivo para isso!

Fotógrafo – (Indo comandar a máquina outra vez) E agora todos olhando em minha direção. Risonhos! Felizes! (Todos sorriam) Ah, que bela fotografia! (Tom) Um, dois, três: sorriam! sorriam! sorriam! (Queima o flash; Margarida chora mais alto. As lâmpadas se apagam a um repente enquanto rápida corre a cortina)

Final do Primeiro Ato

SEGUNDO ATO

Elvira – (Com os papéis nas mãos, estupefata) Não, não pode ser. (Após um momento, procurando refazer-se) Quer dizer que é essa a situação da empresa?

Mesquita – (Levantado, enquanto Elvira vacila em dar crédito ao que parecem dizer os documentos, e pára diante da fotografia de Álvaro. Volta-se constrangido) Confesso que custei em acreditar no que retinha entre as mãos. Infelizmente.

Elvira – (Exibindo-lhe papéis) Tantas promissórias! Tantas!

Mesquita – Despesas particulares. A senhora precisa compreender: não temos tido bons resultados para cobrir tantos encargos... Dai, infelizmente, foi-se corroendo o capital da fábrica.

Elvira – (Indo a Mesquita) Por acaso, o que isso significa para nós, para mim e para a minha família?

Mesquita – (Constrangido) Tudo isso é muito grave.

Elvira – Imagino o que vão os nossos parceiros de negócios, quando tomarem conhecimento da situação. (Senta-se visivelmente abatida) Para mim, não posso esconder, é constrangedor.

Mesquita – A senhora se lembra da primeira vez que lhe falei? A situação, a meu ver, já me parecia instável. (Pausa) Como naquela ocasião ainda não dispunha de dados suficientes, preferi esperar o desdobramento dos fatos.

E nesse tempo, fui fazendo levantamento real das condições da indústria.

Elvira – E se dizer, que tudo ocorre em razão da negligência dos que podiam nos servir com mais critério...

Mesquita – (Sem compreender) Não sei a que raciocínio a senhora quer chegar...

Elvira – Ah, você não pode perceber! Os donos acabam sentindo na pele a irresponsabilidade de seus empregados...

Mesquita – Não é bem isso, D. Elvira. A senhora – por favor me ouça com bastante atenção – não alcançou ainda o verdadeiro significado de meu relatório.

Elvira – Então? Não foi assim que aconteceu? Não é o que está nos documentos?

Mesquita – Tentarei me explicar melhor: não insinuei que o descalabro haja sido motivado pela negligência dos empregados. Dizer-lhe isso seria faltar a verdade. Em verdade, mesmo que doa, o fundamento de tudo é mais grave e nada tem a ver com eles.

Elvira – (Interrompe-o) Empregados! Sei o que são! Graças a Deus, você é exceção. (PPausa) O mesmo Senhor que me criou, que me deu forças para educar os filhos que enchem minha vida de alegria, fez alguns homens diferentes, desgraçadamente diferentes. Que fazer então?

Mesquita – (Aflito) Sejamos razoáveis. Não foi isso que aconteceu.

Elvira – (Aproximando-se dele) Claro que foi! Não me diga que estou enganado (Pausa, tom) Pena que você não saiba o que significa a ingratidão para quem chega praticamente aos sessenta. É triste amparar, estimular a pessoas, que não sabem retribuir...

Mesquita – (Visivelmente desalentado) Procure me entender, D. Elvira.

Elvira – Pessoas, e na verdade estranhos, e que foram tratados por mim como membros da família! Isso é demais! E se dizer que um dia esses me levariam ao constrangimento e grandes prejuízos! (Voltando-se para ele) Por que meu contador não me procurou para contar as irregularidades observadas? Não fosse você, jamais teria sabido!

Mesquita – (Disposto a esclarecer tudo...) Desculpe-me. Estou tentando dizer, mas a senhora infelizmente não quer absorver a realidade...

Elvira – Paciência, paciência!. Desculpas peço-as eu por não permitir que você, sob o impulso de um raciocínio precipitado, deseje atenuar o erro de quantos traíram a minha confiança.

Mesquita – (Insistindo) O que aconteceu não foi por culpa dos empregados. Ao contrário, eles se esforçaram ao máximo, mas, infelizmente não tiveram condições nenhuma, nenhuma...

Elvira – (IRRITANDO-SE) – Fale. Descerre a verdade.

Mesquita – O fracasso de tudo (FAZ UMA PAUSA)

Elvira – Fale!

Mesquita – O fracasso decorreu da falta de orientação do administrador, do homem de nossa inteira confiança, o representante legal...

Elvira – (Apanhada de surpresa, perplexa) Como? Será que é isso mesmo que eu estou ouvindo? Vamos, conte sem dramaticidade, mas conte nomeando os responsáveis ou o responsável maior. Não me deixe nessa expectativa dolorosa.

Mesquita – (Indeciso, como se sofresse algo realmente terrível) Orlando é na verdade o único responsável.

Elvira – (Assustando-se) Meu filho? (Pausa, tom) Por Deus, Mesquita, você tem certeza do que acaba de dizer? Considerou bem suas palavras antes de me transmitir tão dolorosa revelação???

Mesquita – Infelizmente, senhora.

Elvira – (Sem se poder conter) Você está acusando meu filho!

Mesquita – (Também surpreso, mas sério e bastante compenetrado) Não, eu não! (Aponta para os documentos que se acham sobre a mesa) A acusação está aí... (Pausa) Basta reexaminar os recibos, as diversas autorizações... Comparar as assinaturas. Depois, ah, depois...

Elvira – (Após doloroso silêncio) Já não sei o que digo nem o que faço. (Um desabafo) Como tudo isso me fere, me atiraria no coração...

Mesquita – (Compadecido) É se resignar...

Elvira – (Vai apanhar, sopesar os documentos da mesa) Como é penoso, alguém na minha condição resistir para não acreditar na acusação feita a filho de sua maior estima! (Considerando) Esta assinatura... (Pausa, tom) E essa outra (Pausa) Meu Deus, foram feitas pelo mesmo punho... (Patética) Eu sou a reencarnação de Pigmalião! Procurei criar à minha volta não apenas uma estátua, mas várias, e todas esculpidas com perfeição e ressoando... perfeições. . . (Pausa) Não, não posso! (Sente-se o conflito de sua consciência)

Não é possível. Não devo acreditar no que vejo, nem no que você acaba de me dizer. Sinto-me mal, muito mal, só em duvidar da honra de meu filho.

Mesquita – (Conclusivo) D. Elvira, acho que cumpri o meu dever. A senhora há de compreender o papel que desempenhei. Foi o mais incômodo que já desempenhei até hoje. Preferia, da mesma forma que a senhora, ignorar a verdade. (Intenta sair).

Elvira – (Metendo-o com a mão) Não, não se vá ainda!. (Pausa) O culpado de tudo é mesmo o meu filho?

Mesquita – (Aquiesce com a cabeça) Infelizmente.

Elvira – (Dolorida) Infelizmente. (Silêncio. Elvira apanha um lenço ao bolso do vestido e enxuga o suor das faces, da testa, enquanto Mesquita mantém-se vexado pela cena, pelo sofrimento da mulher)

Mesquita – Senhora..

Elvira – (Ergue a mão como se o impedisse de falar)

Orlando – (Adentra a cena e observa o visível constrangimento dos dois. Ambos estão calados, chocados com a crueza do problema...) Que houve?

Elvira – (De costas para o filho, sem o contemplar) Faz talvez um quarto de hora – e para mim parece uma eternidade – que luto para não acreditar na verdade. (Pausa) A situação da fábrica é um caos.. (Pausa) Mesquita tem razão.

Orlando – (Rude, grosseiro, se dirigindo a Mesquita) Eu sabia que você ia exagerar os fatos! E por cima, trouxe as informações antes que as visse...

Mesquita – É triste para mim participar desse diálogo, juro. (Pausa) D. Elvira ordenou-me preparar esse dossiê...

Orlando – (Indo a mãe) Não se preocupe! Nada disso é do jeito que lhe é mostrado agora. Admito não está boa a nossa situação junto aos bancos, aos credores, mas temos bastante fôlego para a recuperação... Ternos muitas possibilidades neste fim de ano. Esqueça isso e confie em seu filho querido.

Elvira – (Com dois títulos na mão e como não o escutasse) De quem são estas assinaturas?

Orlando – (Segurando os documentos) Interessante... Posso declarar que são parecidas com a minha firma... Só parecidas...

Elvira – E nos demais, a mesma rubrica... o mesmo timbre...

Orlando – (Evasivo) Alguém certamente, a desejos de me prejudicar, ferir o meu conceito... (Preparando as assinaturas das promissórias) Tudo muito parecido... Coincidência... falsificação...

Mesquita – (Inflexível, a exibir outros documentos) E por acaso nestas outras promissórias a sua assinatura estará falsificada?

Elvira – (Atorroadada) Meu Deus, são tantas? Mais? Há outras? (Tomando-as na mão para exame) Suas, meu filho? Diga!

Orlando – (Abatido, depois de alguns instantes) São minhas, mamãe. Há muito o que explicar. Mesquita não sabe de minha vida, não conhece o meu caráter.

Mesquita – Não tive a intenção de causar-lhe mal. Cumpri o meu dever, repito.

Orlando – (Indo a Mesquita na intenção visível de agredi-lo) Cumprimento de dever, qual nada! Sei porque você aceitou essa incumbência. (IRÔNICO) Queria estar aqui, em nossa casa, a pretexto de negócios e ... para conversar com minha irmã, cair-lhe aos pés, apaixonado. (Ríspido) Impostor!

Mesquita – (Trêmulo) Desculpe, d. Elvira, mas preciso me retirar.

Elvira – (Um momento formou-se entre os dois) Orlando, você não tem o direito de agir dessa forma, pois está sendo injusto com Mesquita. É nosso amigo! (Incisiva) Retratar-se.

Mesquita – (Com intenção de acalmar os ânimos do outro) Não houve nada, por favor. Entendo a situação.

Clarinha – (Surgindo do interior da casa) Estavam discutindo?

Elvira – Apenas uma conversa em tom mais entusiasmado.

Mesquita – Preciso ir, tenho providências a tomar.

Elvira – Esqueça o incidente. Entre nós, creia-me, tudo continua como antes. Considere-se amigo nosso. E volte aqui tantas vezes deseje.

Mesquita – Agradecido.

Orlando – (Tentando ser agradável) Repito as palavras de mamãe.

Mesquita – Sei, sei, entendo...

Elvira – Minha filha, acompanhe o Mesquita,

Mesquita – Não há necessidade.

Clarinha – E eu digo o contrário. (Tom) Assim, podemos conversar. (À saída, depois que Mesquita se despediu mais uma vez de Elvira e Orlando) Creio que já percebo o que está acontecendo. Já esperava havia tempo. (Desaparecem)

Elvira – (Quando sozinhos) Que decepção, meu filho! Isso é uma tragédia!

Orlando – (Cabisbaixo) Por favor, não veja as coisas pela lente de aumento... Por favor! Acredite em mim.

Elvira – (Visivelmente vencida) A prova foi arrasadora, meu filho. E eu, tenho de lamentar como cheguei a pensar mal de meus auxiliares... (Pausa, com amargura) Jamais pude imaginar que você acabasse convertido em meu verdugo.

Orlando – Mas que exagero, mamãe!

Elvira – Falo assim, porque dói... E dói tão fundo, espetando, ferindo, dilacerando meu coração! (Pausa) Promissórias! Papéis e mais papéis' comprometedores! (Pausa) Que indignidade! (Exaltando-se) Você conseguiu dessa vez comprometer a honra da família.

Orlando – (De modo evasivo) Não sei... Não acho que seja tão grave assim....

Elvira – É. (Pausa) Você ainda não compreendeu que se tornou a nota dissonante da nossa vida...

Orlando – Pelo que ouço, sou o filho... (Cala-se)

Elvira – Você não sabe quanto me está fazendo sofrer!

Orlando – Ah! E de quem é a culpa?

Elvira – Sua. Exclusivamente sua! (Ficam parados os dois de repente. Cena no escuro).

Fotógrafo – (Sem aparecer) Então, como é que a senhora quer a foto do moço?

Elvira – A mais exata possível... Que revele sua esplendente vitalidade... a fisionomia do futuro grande homem que será!

Fotógrafo – Sim, sim, sim. E rindo, feliz da vida. Não tolero retratados tristes.

Elvira – Vamos, meu filho, sorria... Você pode considerar-se feliz. Faz parte de uma família digna.

Orlando – (Depois de breve instante) Estou bem, mamãe?

Elvira – Você sempre está bem.

Fotógrafo – Sorria! Sorria!

Elvira – Revele-se em toda a sua bondade... e alegria de viver!

Fotógrafo – Sorria! Sorria! (Cena rapidamente toda clara. Orlando como possesso dirige-se à mãe)

Orlando – SORRIA! SORRIA! A vida toda, sorrindo. Sorrindo para que fim, mamãe.

Elvira – (Sem compreender) O que está acontecendo?!

Orlando – O fotógrafo! Lembre-se como eu! (Transição) Ah, fomos criados assim, rindo, expostos diante de uma máquina como bonecos. E na verdade devíamos ser o que na verdade somos.

Elvira – (Indo ao filho) Acalme-se. Você precisa se acalmar.

Orlando – (Como se não a ouvisse) Sorria!... sorria!... (Pausa) Vamos, me peça agora também para sorrir...

Elvira – Cale-se! (Pausa) Estamos diante de fato doloroso, que nos compromete a todos. Você precisa reagir. Não era hora de cair, de se deixar vencer.

Orlando – (Voltando a ficar calmo) Sim... sim... (Pausa) Chegaram os dias difíceis. A senhora, me desculpe, vai ter de nos aceitar como na verdade somos. (Com amargura) Não passamos de uma família cheia de defeitos. (Pausa) E dela, felizmente, não sou o pior. (A um impulso) Com licença. (Retira-se)

Elvira – (Só) “Somos uma família cheia de defeitos...” (Pausa) Como pode ser isso? (Tom) Meu Deus, não mereço essa provação!. E se dizer que queria meus filhos capazes da perfeição, em desempenho respeitável!

Fotógrafo – (Sem aparecer) Todos sorrindo... Sorriam! Sorriam!

Elvira – Ah, o fotógrafo! (Bate numa campã, a chamar alguém) A vida me surpreendeu! (Senta-se a contemplar os quadros) Eu gostava de apreciá-los! E como!

Criado – (Entrando) As suas ordens, senhora.

Elvira – (Erguendo-se da cadeira) Depressa, veja se o Dr. Mesquita ainda está ai fora.

Criado – Sim, senhora. (Sai)

Elvira – (Descendo para o centro da cena) Ah, a Voz do fotógrafo! Sua Voz não cessa de comandar: sorriam, sorriam!

Clarinha – (Entra acompanhada de Mesquita) Deseja falar com o Mesquita?.

Mesquita – Estou às suas ordens, D. Elvira.

Elvira – (A Clarinha) Deixe-nos a sós, minha filha.

Clarinha – Pois não. (A Mesquita) Se não o vi mais, até mais ver. (Sai)

Elvira – (Depois de um momento) Nem sei como começar. (Pausa) Há pouco imaginei... Diante do que aconteceu, desse desastre, tenho de avaliar o que me reserva a vida. Até que ponto sou compreendida pelos meus filhos.

Mesquita – Espero que a senhora entenda a minha posição, eu...

Elvira – (Interrompendo-o) Por favor, compreendo-lhe os sentimentos. Agora, quero decifrar, sim, a palavra é essa, quero decifrar os meus filhos...

Mesquita – Se me ouvir, esqueça esse episódio por hoje... Fatos dessa natureza são normais na vida de uma instituição.

Elvira – Sim, sim... Mas no meu caso em particular veio mostrar a outra face de minha família. (Com obsessão) Agora, quero saber toda a extensão desse... desse desastre. O que aconteceu. Porque aconteceu. E se não valeu a pena criar os meus filhos como fiz. (Decidida) Mande chamar Gustavo. (Pausa) Estou muito doente...

Mesquita – (Surpreso) Doente?! Como?

Elvira – (Sublinhando a palavra) Estou doente... Para todos os efeitos, quero demorar em casa por alguns dias, uma semana no máximo, descansar, sair desse abalo... e ver , repare bem, ver em que cenário vivo. (Como se Mesquita fosse falar) Não diga nada. Quero ficar em casa, acamada. Aceite essa, vamos dizer, encenação. É vez de pessoa em desespero, em estado de choque. Preciso sentir mais de perto a dedicação de meus filhos... Na hora do infortúnio é que se pode conhecer o valor dos que nos cercam.

Mesquita – Não vejo aonde a senhora quer chegar.

Elvira – Eu sei. Tenho consciência do que faço. (Pausa) Orlando deve ter sido uma exceção no meu rebanho... a tal ovelha tresmalhada. Não posso admitir que os outros... não correspondam à idéia que faço deles. Ah, assim também será amargura demasiada para mim!

Mesquita – Se não há outra alternativa..

Elvira – Não há. (Pausa) Estou doente. (Tom) Vamos ao gabinete, para conversar melhor, mais à vontade. Na verdade, estava precisando dessa parada em minhas atividades.

Mesquita – (A impressão é de que resulta, mas, finalmente, decidiu seguir-la) É, vamos ver... (Saem)

Margarida – (Indo atender o telefone que chama várias vezes) Alô!

Orlando – (Surge quase que imediatamente à sua entrada. Ah, é você! (Pausa) Não, as coisas não vão normais... De modo algum. Já surgiu o primeiro problema. (Pausa) Tudo tende a se complicar mais. Com a descoberta, você diz bem...

Orlando – (Indo parar diante de Margarida) Descarada!

Margarida – (Surpresa, e, depois, ao telefone) Desculpe. Volto a falar depois. (Desliga, rápida) Que falta de educação!

Orlando – (Rancoroso) Você não devia... Não devia!

Margarida – (Como se o desprezasse) Como você é abjeto!

Orlando – E você?

Margarida – Olhe primeiro para o seu procedimento...

Orlando – ... e você para esses vergonhosos telefonemas.

Margarida – E daí? Não posso falar ao telefone?

Orlando – Para quem estava ligando?

Margarida – Se fizer a pergunta em tom mais cordial, responderei. De-
testo a maneira imperativa de se dirigir a mim.

Orlando – (Mais calmo) Então? Para quem?

Margarida – (Com displicência) Falava com um amigo.

Orlando – Meu ou só seu?

Margarida – Naturalmente meu. E se quer saber, efetivamente um homem.

Orlando – (Surpreso) Você ousa?

Margarida –~ Por quê tanto espanto? Então não posso conversar com
um amigo, dizer e ouvir o que ele tem a me confidenciar?

Orlando – Só se confidência, na sua idade, com um amante..

Margarida – Mas nesse caso, há uma exceção. (Pausa e tom) Trata-se de
pessoa de todo respeito, sério, e que se interessa... (Interrompe-se) Bom,
isso não é mesmo de sua conta. Se fosse, as coisas por aqui não teriam
chegar à beira da catástrofe.

Orlando – (Indo a ela sem se conter) Veja como fala comigo! Não admito
as insinuações.

Margarida – Você se irrita porque falo a verdade.

Orlando – (Pausa, tom) Tornando ao assunto... O que você está es-
condendo de mim?

Margarida – Minha vida é transparente. Digo sempre o que penso, o que
faço . e o que vou fazer.

Orlando – Pois se está apaixonada, se tem outra pessoa pelo menos em
vista, confesse...

Margarida – Você acha que tenho razões para desgostar da vida que leva-
mos? ou que não levamos?

Orlando – Não me provoque, não chegue a tanto!

Margarida – Jogo com você deitando na mesa as mesmas cartas... (Pausa)
E se eu o atraísse? Não julga que me maltrata diariamente com o
seu comportamento? (Ídura, objetiva) Não vivo sendo trocada amiúde
por outras mulheres?

Orlando – Menos verdade.

Margarida – É. (Grave) E o pior é que já me acostumei. Já não sinto ciúme.

Orlando – Como se sentir enciumada, se me detesta?

Margarida – Não diga isso!

Orlando – (Voltando ao assunto) Quem é ele? Quem é esse cavalheiro que a compreende?

Margarida – (Pausada) Simplesmente um amigo.

Orlando – Atrevida! (Bate-lhe no rosto. Margarida parece surpreendida, e o encara como se não acreditasse na agressão. Orlando faz intenção de repetir, mas a serenidade da esposa o surpreende. De repente, arrependido) Oh, pelo amor de Deus, me perdoe! (Em quase descontrole) Não, não sei o que está se passando comigo. Vejo tudo errado! Tudo!

Margarida – (Afastando-se dele) Eu o desculpo, contanto que não me toque mais.

Orlando – (Na intenção de reparar a grosseria) Não, não se zangue, não se transforme...

Margarida – (Interrompendo-o) Não vou me zangar, vou apenas curtir – não é assim que falam os mais jovens? – sua grosseria.

Orlando – Não queria lhe maltratar, não queria... É que você... Por que não me entende? (Pausa) Minha mãe descobriu que estou levando a fábrica a ruma... (Pausa) Depois, são tantos *depois*... E quase agora vejo-a ao telefone, em posição que me pareceu de pura leviandade... (A ela) Não, não diga nada! Quero desabafar, dizer, falar! (Tom, depois de um momento) E mesmo, não quero perdê-la... Preciso de você.

Margarida – Difícil acreditar no que você acaba de confessar.

Orlando – (Como se falasse a uma platéia inexistente) É o erro de todos. De quantos me cercam. Ninguém acredita mais em mim.

Margarida – Não é possível acreditar em quem não nos inspira confiança... Você, eu sabia, há anos vem desmerecendo a confiança de d. Elvira.

Orlando – Em gesto quase infantil, erguendo as mãos à cabeça, como se quisesse fechar os ouvidos) Não, não, não! Estou farto de ouvir a pedagogia da moral! (Pausa) Meu problema, pelo menos nesta hora, agora mesmo, é outro. (A ela) Com quem você conversava ao telefone?

Margarida – Esqueça...

Orlando – (Incisivo) Não! (Tom) Era mesmo um amigo?

Margarida – (Deliberadamente fria) Um inimigo. (O telefone chama). Orlando como que espera a reação de Margarida. Esta, por sua vez, olha para o telefone que continua soando a campainha) É melhor você atender...

Orlando – Naturalmente... (ao telefone) Alô... (Pausa) Quem? Gustavo? (Tom) A ligação está distante... Sim, sim... Agora, entendi. (Pausa) Nossa casa fica um pouco distante do centro comercial... (Pausa) É verdade. Mas qualquer pessoa pode dar a nossa direção certa. (Pausa) Obrigado. Adeus. (Desliga)

Margarida – Gustavo?

Orlando – (Como se refletisse) Estranho... (Noutro tom) Não, não é ele. A pessoa vem nos visitar e se diz conhecê-lo muito. (Tentando sensibilizá-la) Ainda está contrariada?

Margarida – Um pouco. É difícil esquecer totalmente o que nos desagrada.

Clarinha – (Entrando) Andava à sua procura, Orlando.

Margarida – Que está havendo agora?

Clarinha – Eu é que quero saber. Pelo que venho observando, a situação em nossa casa, em nossa família, vamos admitir, não parece em boa paz.

Orlando – Você sabe melhor do nós o que está sucedendo.

Clarinha – Palavra, que não. (Tom) Descobriram?

Orlando – (Irritado) Largue esse tom de ingenuidade... de ignorância aos fatos! (Tom) Se deseja saber: descobriram tudo, as promissórias, as dívidas de jogo, as...

Clarinha – (Perplexa) Tudo?!

Orlando – Sim, se a confirmação lhe satisfaz. (Como se explicando) Tentei várias vezes contornar a situação, mas meu crédito foi diminuindo, os negócios na fábrica se complicando também... E é isso: chega um instante que não se pode mais impedir que a verdade apareça.

Clarinha – Faz pena... Não lhe faltaram conselhos!

Margarida – (Refletindo) Começo a entender o seu comportamento, Orlando.

Orlando – (Como se não a ouvisse) Mas nem tudo esta perdido. Mamãe tem importantes reservas em dinheiro e ações públicas... Há de se dispor a acudir a fábrica, salvá-la em seu momento crítico.

Clarinha – A indústria está comprometida?

Orlando – Creio que sim...

Margarida – Você nunca nos ouviu, Orlando. Por quê?

Orlando – Eu pensava que podia agir sempre, sem que as coisas se desequilibrassem. Na verdade, tínhamos tanto, a situação era invejável. O dinheiro parecia abundante.

Margarida – E não era...

Orlando – Isso, tenho de reconhecer. (A irmã) Foi-se tudo. E tudo piorou para mim, quando os credores, os meus credores, admitiram que eu não tinha como pagar... E o pior, nem a fábrica.

Clarinha – Lamento por você, que é meu irmão, por sua mulher... por todos nós.

Orlando – Mas se pensam que estou destruído, estão enganados. Eu terei meios de me vingar. (Encarando a irmã) O primeiro da lista, dos que me pagarão, é o seu Dr. Mesquita. Não vai poder rir de mim.

Clarinha – Não diga levandades. (Pausa) Mesquita é um profissional. Foi contratado por nossa mãe. Exerceu um levantamento das condições da empresa como profissional. Foi pago para isso.

Orlando – Todos conspiram contra mim. Não há um sequer que venha se colocar ao meu lado. Por quê? Por que terei de pagar pelos pecados, pelos erros dos outros?

Margarida – Você está pagando pelos seus...

Orlando – (Ríspido) Não me fale assim. (Tom) Preciso sair dessa situação.

Mesquita – (Aparece ao fundo) Com licença. Posso telefonar?

Clarinha – À vontade.

Mesquita – Obrigado.

Orlando – Aí está o nosso repreensível profissional.

Mesquita – Esqueça isso. Cumpri apenas o meu dever. Não me moveu a intenção de prejudicar a ninguém.

Orlando – Mas sabe que significam os fatos para mim?

Mesquita – Sei. Como sei como significam também para os outros, para os donos da organização, para os empregados... enfim, para a comunidade.

Orlando – E tudo por maldade! Você agiu apenas para me tirar da direção da fábrica...

Mesquita – Não há razão para esse raciocínio.

Orlando – Há, e bastante... Então, você já não preparou o seu caminho para controlar os nossos negócios?

Clarinha – (Repreendendo-o) Orlando!

Mesquita – Meu caro Orlando, contenha-se e escute: Não faço nada que me envergonhe. Nem escondido. Se quer saber: amo Clarinha.

Orlando – E vem, nessa hora, confessar de público.

Mesquita – Mas é verdade. E saiba também que não é meu amor por ela que me moveu para revelar o que, afinal de contas, acaba nos alcançando a todos. A mim, por igual. A mim, que me considero da família.

Clarinha – Vamos encerrar esse assunto, por favor!

Orlando – (Com intenções que disfarça) Quer entrar na família de modo muito equívoco... (Pausa) E escolhe mal. Não descobriu porque minha irmã não o corresponde nessa paixão...

Clarinha – (Indignada) Você é desumano!

Mesquita – Não estou entendendo o seu recado.

Orlando – Procure entender enquanto é tempo.

Clarinha – Você é indigno, meu irmão! Indigno!

Mesquita – Telefone depois. Não posso ficar aqui nesse clima. Com licença.

Orlando – (Detendo-o) É mais conveniente. Eu poderia chegar a ponto de ser realmente despropositado. E não quero.

Clarinha – (A Mesquita) Releve-o.

Mesquita – Tudo é perfeitamente compreensível... (Vai saindo, quando dá entrada o criado.)

Criado – (Aflito, ao fundo) Depressa! Depressa! D. Elvira está morrendo... Acudam-na!

Orlando – Que nos diz? Verdade?

Clarinha – (Emocionada) Meu Deus, é o que faltava acontecer!

Criado – Venha todos. Venham.

Mesquita – Mais uma tragédia. (Sai)

Criado – (A Margarida) Vamos, precisam da senhora.

Margarida – (Calma e distante) Vá indo com os outros. (Dirige-se ao telefone) Vou primeiro chamar o fotógrafo.

PANO – Fim do Segundo Ato

TERCEIRO ATO

Ao abrir o pano Orlando aparece sentado. A cena está vazia e em silêncio. Passaram-se dias. Clarinha entra.

Clarinha – (A ORLANDO) – Melhorou?

Orlando – (ABUSADO) – Não sei.

Clarinha – (SEM SE MOLESTAR) – Não sabe se chamaram o médico?

Orlando – (CONTENDO-SE) – Nega-se terminantemente a ser examinado por um especialista. Capricho de quem vai em idade.

Clarinha – Talvez não o seja. A idade é importante.

Criado – (APARECENDO – CERIMONIOSO) – Então pedindo para falarem um pouco mais baixo. D. Elvira adormeceu agora mesmo.

Clarinha – (INDO A ELE, FALANDO BAIXO) – Está passando melhor?

Criado – Depois que tomou o calmante, pareceu sossegar. (TRANSIÇÃO) – Amanheceu muito impaciente.

Orlando – (QUE TEM ESTADO COM OS OLHOS EM UM JORNAL, SEM SE APERCEBER DA CONVERSA) – Que houve?

Clarinha – (AO EMPREGADO) – Se precisarem de mim, estarei aqui.

Criado – (RETIRANDO-SE) – Sim, senhora.

Clarinha – (A Orlando) – Pedro veio dizer-me que mamãe dorme. Pediu-nos que não falássemos alto.

Orlando – (DESINTERESSADO) – Sim (VIRA A PAGINA DO JORNAL) – Ouvi falar em calmante...

Clarinha – (APÓS UM MOMENTO – ROMPENDO O SILÊNCIO) – Em que resultou a encrenca da fábrica?

Orlando – (SUSPENDE A LEITURA) – Quer procurar outro assunto?

Clarinha – Orlando, você deve ser mais compreensivo. Afinal de contas é meu irmão e a fábrica não é somente sua.

Orlando – Desculpe-me. E a acionista que fala. (Pausa) – Não há uma saída honrosa para o problema. Já me convenci que sou mesmo ruim.

Clarinha – Por quê?

Orlando – Não me pergunte nada nem se apiade de mim, ouviu? Deixe-me ler o jornal.

Clarinha – (ARREBATA-LHE O JORNAL DAS MÃOS) Já lhe disse que quero saber de tudo, como vão as coisas, etc. E preciso você procurar uma solução.

Orlando – (DESAPONTADO COM A ATITUDE DA IRMÃ) Clarinha, até você?

Clarinha – Perdão. Já estou perdendo a minha paciência. (PAUSA) Não posso compreender como você tem nervos para suportar o desmantelo dos negócios.

Orlando – (UM DESABAFO) O que posso fazer? Preciso de dinheiro, de dinheiro, entende? (Pausa) – Sem dinheiro não tenho valor. Ninguém me obedece, ninguém quer saber de mim... nem mulheres nem homens! (COM RANCOR) – Humanidade corrompida! (Pausa) Acende um cigarro com visível nervosismo)

Clarinha – (REPONDO) Dinheiro...

Orlando – Já imaginou se herdássemos, agora, uma fortuna?

Clarinha – Que está querendo insinuar?

Orlando – Exatamente o que você entendeu. Não use disfarce. A verdade é esta: Queremos dinheiro. E o dinheiro... (ABRE OS BRAÇOS NUM GESTO DE DESALENTO)

Clarinha – (TRISTONHA) Dinheiro não me interessa. Confesso que não desejo enriquecer.

Orlando – Não vá me dizer que também abriria mão de seu quinhão na herança?

Clarinha – (ESTUPEFACTA) Do jeito como você está falando, dá impressão de que deseja que mamãe morra.

Orlando – (RISO NOS LÁBIOS, EVASIVA NOS GESTOS) É mais velha. Sempre morrem primeiro do que os moços. (SILÊNCIO)

Clarinha – (DE REPENTE) Não é possível! Você pensando a morte de mamãe?!

Orlando – Que jeito! Seria uma solução para todos os nossos problemas.

Clarinha – Como você é terrível!

Orlando – (APANHA O JORNAL, PARA LER (MOSTRANDO-SE ARREPENDIDO DAS PALAVRAS) Não me impaciente.

Clarinha – Não pense em semelhante coisa! Nós somos seus filhos. Não podemos, nem mesmo, nas horas de desespero, esquecer o carinho com que sempre nos tratou. (BAIXA O JORNAL COM A MÃO) Olhe para mim, meu irmão. Você não está dizendo isso de coração.

Orlando – (MEIO DÉBIL NA VOZ) Estou.

Clarinha – Não, não é bem isso que você está sentindo. (CAMPA)

Orlando – (O CRIADO ATRAVESSA A CENA PARA IR VER QUEM SE ANUNCIA) – O que poderia perseguir, agora? (JOGA O JORNAL NO CHÃO COM ENFADO) Não me diga mais nada. Não quero ouvir conselhos!

Clarinha – Enquanto puder, falarei.

Orlando – (OLHANDO AS FOTOGRAFIAS SUSPENSAS NAS PAREDES) Ah, como somos diferentes dos deuses destas fotos. Mire seu rosto, Clarinha. Veja o meu! É a de um jovem esperançoso, de coração bom, intenções puras!

Criado – (SURGE EM CENA CONDUZINDO UMA MALETA DE VIAGEM) Temos visita. O senhor que telefonou dias atrás.

Orlando – Recordo.

Gustavo – (APARECE À PORTA. VESTE-SE COMO SE MUITO A PROPÓSITO NÃO DESEJASSE SER RECONHECIDO POR NINGUÉM. O ROSTO BARBADO EMBORA A APARÊNCIA INDIQUE CERTO CUIDADO) – Bons-dias.

Orlando – É o amigo de Gustavo?

Gustavo – Exato. Um velho amigo.

Clarinha – Tenha a bondade de sentar-se. (Pausa) Veio visitar-nos?

Gustavo – Gustavo pediu-me com muito empenho, que na viagem que empreendo, não deixasse de passar aqui.

Clarinha – Gustavo desapareceu e, só de raro em raro, nos manda notícias. Como está ele? É ainda forte, bem apessoado?

Gustavo – Assim como o senhor. (APONTA PARA ORLANDO)

Orlando – Então emagreceu muito. Era o mais forte da família.

Clarinha – Ah, que pena!

Gustavo – Trabalha, muito. Não é desses que desprezam as obrigações pelas quais é responsável (Pausa) – Fala muito a respeito da família, recordando-a. Refere-se à Clarinha.

Clarinha – (SATISFEITA) Sou eu. (Pausa) – Quase não me recordo dele.

Gustavo – Saiu daqui há muito tempo Talvez há uns...

Clarinha – (AJUDANDO-O) – Dez anos, no mínimo. (Pausa) – Desapareceu sem nada nos comunicar.

Orlando – Não compreendemos porque se foi.

Gustavo – Nem ele tampouco sabe. De certo, desejou ser independente, procurar um emprego a seu modo, vencer. Não saiu por desamor a seus familiares.

Orlando – (INSISTINDO) – Não vai sentar **Gustavo** – (SENTE-SE) – Vou aceitar.

Orlando – Gustavo sempre se mostrou esquisitão. Lembro-me dó dia em que conosco foi ser fotografado. Ah, devo-lhe contar. Mamãe sempre desejou que transparecêssemos beleza, felicidade, nessas fotografias. (APONTA OS RETRATOS) Orgulho de mamãe, vaidade, sabe-se lá! E Gustavo não quis. Não se deixou fotografar de maneira nenhuma. E teve tanta sorte que, neste dia, a máquina enguiçou.

Clarinha – Não possuímos dele uma foto sequer!

Gustavo – É, cada qual tem sua maneira de interpretar a vida.

Clarinha – Era um menino exemplar. Deveria estar, hoje, à frente dos nossos negócios.

Gustavo – Talvez, não. Disse-me que se tivesse tido essa oportunidade, redundaria no maior desastre da família. Desde cedo sentia-se desamoroso para o trabalho na indústria.

Clarinha – Tólice dele!

Gustavo – Não sei se com a vida que leva, considera-se melhor contemplado pela sorte. É feliz.

Clarinha – Mamãe ficaria contente se ele pudesse vir. Considera-o tanto que Q senhor não pede avaliar.

Orlando – Os filhos ausentes são sempre melhores, não é verdade? Nós na convivência doméstica mostramos os nossos defeitos com mais facilidade...

Gustavo – D. Elvira está em casa ou na fábrica?

Clarinha – Está acamada. Adoeceu subitamente. Aliás, se não me engano, no dia em que Orlando falou ao telefone com o senhor.

Orlando – E verdade. Adoeceu minutos depois.

Gustavo – Não vou molestá-la. Voltarei depois para uma visita, logo que melhore.

Clarinha – Isso não! Vai ficar conosco. É prazer hospedá-lo. **Gustavo** – Não há necessidade. Serei um incômodo. Avalio a situação de lar com o chefe da casa adoentado.

Orlando – Insistimos. Aceite o nosso oferecimento. (Pausa) – Como se chama?

Gustavo – Depois (DE UM MOMENTO INDECISO) – A... Abel Silvia. Somos colegas de trabalho.

Orlando – Ficaré conosco. Se desejar, poderá ir comigo ver os cômodos, e pôr-se à vontade. Deve estar enfadado.

Gustavo – Aceito. (DERA-SE COM ORLANDO, APÓS DESPEDI-SE DE CLARINHA)

Margarida – (ENTRANDO A TEMPO DE VÊ-LOS SAÍREM) – Que há? Hóspede?

Clarinha – Você não imagina! O tal amigo de Gustavo, que telefonou a Orlando, anunciando visitar-nos em breve.

Margarida – Lembro-me.

Clarinha – Vai ser um outro golpe para mamãe. Ontem pediu-me para chamar Gustavo. Aposto como ele não vem.

Margarida – É. Deve ser tão genioso quanto Orlando. (MUDANDO DE TOM) – Você não ignora o inferno em que vivo. Seu irmão, cada vez mais aborrecido, nervoso... (Pausa) – Não posso mais.

Clarinha – (TOMANDO-LHE AS MÃOS) – Calma. Não me vá dizer que...

Margarida – Não fale (PAUSA). Noto que seu irmão não me tem amor, nem, ao menos consideração.

Clarinha – Mas isso passa.

Margarida – (GESTO DE DESILUSÃO COM A CABEÇA) – Vamos todos caminhando para supliciar dona Elvira. Quem diria!

Clarinha – Mamãe não suportará. Estima-a tanto!

Margarida – E eu porventura serei menos humana? Não posso ser (COMO QUE REPELE A PALAVRA ESBOFETEADA)... e oferecer outra face ao meu marido...

Clarinha – Bateu-lhe?

Margarida – (CALA) – Ah, Clarinha!...

Clarinha – Diga-me o que houve.

Margarida – Não, não me pergunte! Sou mulher frustrada. Você não pode compreender o que é uma mulher sem amor. (Pausa) – Ah se tudo fosse somente sexo. (ERGUE-SE E SE DISPÕE A SAIR)

Clarinha – Margarida. Espere. Margarida!

Margarida – (SEM ATENDER A CLARINHA) – Deixe-me... Quero estar só... Não sei mostrar minha fraqueza... (RETIRA-SE).

Mesquita – (SURGE À PORTE DO FUNDO) – Com licença!

Clarinha – Mesquita! (ABRAÇA-O COMO SE ELE REPRESENTASSE, NAQUELE MOMENTO UM REFÚGIO) – Mesquita! Salve-nos a todos!

Mesquita – (ACARICIANDO-A) – Que há? que lhe aconteceu?

Clarinha – Não nos abandone. Sinto que esta casa se desintegra. Existe qualquer coisa prestes a acontecer e que nós, com as nossas forças, não poderemos conter.

Mesquita – Fique tranqüila. (Pausa) Sinto-a nervosa.

Clarinha – Ah, estamos sós... inteiramente sós. (CONTINUA ABRAÇADO A ELE. DE REPENTE, COMO QUE SE APERCEBENDO DEIXA-O) Desculpe-me (DESCE PARA UM LADO DO PALCO)

Mesquita – Clarinha... Seu gesto me faz bem. (SILÊNCIO) Sua mãe, como está?

Clarinha – Estava dormindo... Não sei se já acordou **Mesquita** – (Pausa)
Não pude aparecer nesses últimos dias. Gostaria que você me contasse como vai de saúde?

Clarinha – Continua sem querer que se chame o **Médico**. Acho-a, para falar com franqueza, muito doente.

Mesquita – (DEPOIS DE UM SILÊNCIO) Está mal.

Clarinha – Será que existem essas complicações em outras famílias? A humanidade é assim mesmo? (PASSOS PESADOS)

Mesquita – Quem poderá dizer que nunca sofreu? Quem?

Clarinha – (NOTANDO OS PASSOS QUE ESTÃO MAIS PRÓXIMO)
Deve ser mamãe que se levantou.

Elvira – (SURGE AO FUNDO, AMPARANDO-SE UMA BENGALA, MOVA-SE COM DIFICULDADE) Mesquita! Então você me abandonou?

Mesquita – (APERTANDO-LHE A MÃO AFETUOSO) – Não pude aparecer; Foram as ocupações. Não esqueça as boas amigas.

Elvira – Preciso falar-lhe. (Pausa) Minha filha, deixe-me a sós por uns instantes.

Clarinha – Pois não, mamãe. (RETIRA-SE OLHANDO MESQUITA COM SIMPATIA)

Mesquita – (VEEMENTE, LOGO QUE CLARINHA SE AUSENTA)
– Acabe com essa encenação, D. Elvira! A senhora não tem idade para caprichos!

Elvira – (SEM APARENTEMENTE ESCUTAR O QUE DIZ MESQUITA) Sente-se também... (PAUSA) Escute.

Mesquita – Não devia... não devia! Claramente contou-me seu sofrimento. Por que tem recusado as refeições?

Elvira – Você logo compreenderá.

Mesquita – Mas, o que a senhora havia combinado comigo não incluía exageros...

Elvira – Uma grande decepção obrigou-me a isso.

Mesquita – Não entendo.

Elvira – (EM UM DESABAFO) Descubro, agora e já bastante tarde, que meus filhos...

Elvira – (A VOZ ESTÁ TRÊMULA) Que meus filhos me detestam!

Mesquita – Não faça juízo tão injusto!

Elvira – (ALTEANDO A VOZ) – Não me impeça de dizer a verdade. Mal contendo-a dentro de mim. Você não se sente, mas está me ardendo, abrindo sulcos em meu coração.

Mesquita – Repito. A senhora está sendo injusta!

Elvira – Digo-lhe a verdade. A família ideal que criei, com todo carinho, com a melhor de minhas intenções, desmoronou-se. (Pausa) – É estranho, doloroso o que me acontece. Mas somente assim, eu posso compreender certas coisas, porque meu filho, Delamare, recorreu ao suicídio. (PAUSA) Chegou a um problema que não pôde ultrapassá-lo. E os outros? Os que ainda vivem? Cada um deles carrega dentro de si um espírito intolerante, de revolta ao que tenho feito. (TRANSIÇÃO) Orlando agora dá-me a triste oportunidade de saber que meus filhos não me amam.

Mesquita – Não faça observações extremadas. Por favor.

Elvira – É muito tarde, Mesquita.

Mesquita – A senhora tem forças suficientes para reagir.

Elvira – (ERGUE-SE COM DIFICULDADE) Sabe como adoeci realmente? Quer saber? (PAUSA) Deitada, ouvi meus filhos falarem... (RISO DE TRISTEZA, FORÇADO)

Orlando – (SEM APARECER, VOZ ARRASTADA) A única saída é a sua morte. Sem ela, não teremos outra oportunidade. Não pode reclamar porque resultamos uns seres infelizes. Criou-nos como fôssemos feitos de outra substância. E nós, o que somos? Barro, vil terra para onde volveremos um dia.

Elvira – É triste, meu amigo, é triste saber que alguém, a quem muito queremos, não nos estima. (PAUSA) E outros problemas, que eu ignorava. Ah, como me feriram.

Margarida – (SER APARECER, A VOZ FORÇADA IGUALMENTE) Separo-me de você! Não importa as conseqüências. Quando uma mulher chega a essa situação, não há outra saída. Ao seu lado, só tenho respirado embuste, vício, maldade!

Orlando – (SEM APARECER EM CENA) Não me fale assim!

Margarida – (SEM APARECER) Pena não lhe ter dito essas verdades, muito antes.

Elvira – (ENCAMINHANDO-SE PARA O FUNDO DO PALCO) Fracassei! Eu fracassei! Mesquita! Eu fracassei! (VAI ANDANDO, FAL-SEIA O PÉ, E CAI)

Mesquita – (VAI AMPARÁ-LA) D. Elvira! Feriu-se?

Elvira – (TENTANDO ERGUER-SE) Não... não, obrigado. (Ergue-se)

Mesquita – Como está doente a senhora!

Elvira – Não era possível ouvir tanta coisa, sentir tudo aquilo que eu pensava impossível acontecer aos meus filhos, sem um abalo, sem comoção.

Mesquita – Providenciarei um médico.

Elvira – Não há necessidade!

Mesquita – Não, senhora; vai concordar comigo. (PAUSA) A senhora é o homem desta casa. Deve cuidar-se.

Elvira – Mesquita, você cuidará de mim fisicamente, mas lembre-se que meu espírito está ferido mortalmente.

Mesquita – Não senhora. Mude esse pensamento.

Elvira – (BAIXO) – Gustavo... Gustavo é a minha esperança! Espero o com um sofrêgudão, que você não imagina. Pode ser vivendo longe de nós, tenha conseguido sair-se melhor.

Mesquita – Família de muitos filhos, acarreta sempre problemas... (PAUSA) Essas coisas passam. Seus familiares gostam muito do senhor.

Elvira – Ah! quem me dera expressar a verdade as suas palavras!

Mesquita – É a verdade, sim.

Elvira – (DESILUDIDO) Mil vezes melhor não ter pensado em fazer essa experiência... vamos dizer, quase teatral. Não a conselho a ninguém.

Mesquita – Chamarei já um médico.

Elvira – Não há necessidade.

Mesquita – Está abatida, doente mesmo. Persistir nessa idéia louca significa suicídio.

Elvira – Sou uma criatura morta, não pelas minhas mãos, mas pelas mãos dos filhos que criei.

Mesquita – Não diga.

Orlando – (ORLANDO ENTRANDO NA SALA FAZENDO-SE ACOMPANHAR DE GUSTAVO) Mamãe, temos visita. Um grande amigo de Gustavo.

Elvira – (ESTREMECE AO OLHAR PARA O VISITANTE. APÓS UM MOMENTO DE SILÊNCIO RESOLVE FALAR) Gustavo... não veio.

Gustavo – (Inseguro na maneira. de falar) Não, não, senhora. Está muito atarefado. Se soubesse da enfermidade da senhora, certamente teria vindo.

Elvira – Abandonou-me para sempre.

Gustavo – Não acredito que a tenha abandonado (PAUSA) Sempre se refere a senhora com muito carinho.

Elvira – (MEDITATIVO) Oh! que grandes e insondáveis mistérios encerra a vida! Quantas coisas podem acontecer, sem que nem ao menos possamos prevêê-las.

Orlando – Não ficou satisfeita com as notícias que nos trouxe o Sr. Abel?

Elvira – Não é isso meu filho. Estou alegre. (PAUSA. Dirigindo-se a Gustavo) Gustavo vai bem na vida? Quanto ganha?

Gustavo – (INDECISO) – Percebe o suficiente para... para viver. Faz parte de uma empresa de vendas de terrenos. É negócio promissor, atualmente. (PAUSA) Obteve bom êxito em todos os loteamentos. Conhece muitas pessoas, muitos amigos...

Elvira – Ah... os amigos... (PAUSA) – Entretanto, acho que Gustavo não vai bem de vida.

Gustavo – Acredite-me, senhora.

Elvira – Faça votos a que razão esteja do seu lado. (I) Agora, com licença. Preciso repousar um pouco. Faça-se de casa. (Sai. O ambiente é de constrangimento. Depois de um momento..)

Orlando – É isso. O filho ausente é sempre o melhor. Mamãe considera Gustavo, o que procedeu com mais acerto, etc. Ressente-se, agora, porque não o tem conosco.

Gustavo – E como está passando mal! Nota-se o sofrimento...

Orlando – Tem andado contrariada. É longa história. Longa história. (PAUSA) Não fui feliz na administração da fábrica. Eu deveria ser uma engrenagem perfeita, mas a peça foi-se estragando... e de repente provocou vícios. Arruinou-se tudo. (PAUSA) A peça mais avariada sou eu.

Gustavo – Foi sua a responsabilidade direta do que aconteceu?

Mesquita – Não. Vários motivos concorreram para o fracasso da firma.

Orlando – (COM MÁGOA) Mesquita fez um relatório... inflexível.

Mesquita – Perdão. Você não o leu com atenção. O culpado foram todos da família. O próprio Gustavo responde pelo abalo da firma que se converte agora na tristeza deste lar.

CRIADO: (SURGINDO AO FUNDO) Com licença. D. Elvira de-seja conversar com o moço que chegou.

Gustavo – (SURPRESO) Comigo? Não sei se deva...

Orlando – Vá. O senhor talvez a tranquilize.

Gustavo – Não. Se concordo contigo, prefiro ir ao jardim. Sinto-me um tanto emocionado (PAUSA, VOLTANDO-SE PARA O CRIADO)
Por gentileza, diga-lhe que não me encontrou. Eu... eu... havia saído para o jardim. Dê-lhe uma desculpa qualquer.

Criado – (RETIRANDO-SE) Sim, senhor.

Orlando – Não sabia que era tão emotivo assim.

Gustavo – Em verdade nunca fui. Descobri há pouco, quando D. Elvira principiou a falar. (PAUSA) Com licença. Se me permitem, vou mesmo ao jardim. (VAI SAINDO)

Orlando – Pois não. (PAUSA) Estranho, comover-se tanto! (PAUSA) Sim, afinal estamos a sós...

Mesquita – (APÓS UM MOMENTO) Temos a oportunidade desejada.

Orlando – Que há?

Mesquita – (INDECISO) Você deve saber que nutro pela sua irmã uma grande admiração, não é verdade?

Orlando – Mais do que admiração, talvez.

Mesquita – Afianço-lhe: é sentimento, em verdade, muito maior, muito mais profundo.

Orlando – Excelente. Possivelmente você nos salvará de mais tragédias.

Mesquita – Não procure ridicularizar. Estou falando sério, (PAUSA) Que existe com sua irmã, de tão grave, conforme já me insinuou várias vezes?

Orlando – (COMO SE RELUTASSE UM POUCO) Na... nada.

Mesquita – Sinto que existe. Outro dia ao discutir comigo, deu-me você claramente a impressão que encobria uma falta de Clarinha. Se deseja vingar-se dela, ou de mim, ou melhor, de nós ambos, faça-o neste momento. Não quero viver mais em dúvida.

Orlando – (PAUSADAMENTE) É problema íntimo.

Mesquita – Guardarei reservas.

Orlando – Não, não sou tão mau. Não posso dizer.

Mesquita – É a respeito do noivo que foi?

Orlando – É.

Mesquita – Que houve entre eles?

Orlando – Não me faça perguntas.

Mesquita – Fale. Você tem um momento para vingar-se

Orlando – (REPELINDO-O) Não! Não! (PAUSA) – A princípio, desejei realmente revelar o que sabia, como instrumento de vingança. Agora,

me arrependo. Não pense que o homem viciado, sem escrúpulos, não tem direito a um gesto bonito.

Mesquita – (APERTANDO-LHE AS MÃOS) Felicito-o por isso. Mas, agora, sou eu que desejo saber a verdade.

Orlando – (SOLTANDO-SE DELE) Não, não me faça isso. Que importa se já vai longe? Que importa, se ele foi embora?

Mesquita – (SENTANDO-SE NUMA CADEIRA) Então, é bem grave o que existiu entre os dois!

Orlando – (DE PÉ, OLHANDO OS FOTOS) Você não pode compreender exatamente, porque tantas coisas funestas nos aconteceram. Ah! Você não teve durante a sua formação a Voz enfática do fotógrafo a nos querer transformar em Deuses!

Mesquita – Era sua mãe!

Orlando – Mas o fotógrafo responde em parte nessa culpa. Não nos forçasse a sorrir, não nos fizesse aparecer com ar de santo, de menino educado. (PAUSA) Veja, repare, quanta hipocrisia! Este retrato, admire-o! (APONTA PARA A PAREDE).

Fotógrafo – (NO ESCURO) Um sorriso. Sim, é preciso que você pareça um jovem de bem... Um sorriso. Os bons filhos são sempre aqueles que melhor se deixam fotografar. Levante o rostinho para cima... Assim, sorria!

Orlando – E eu tinha vontade de chorar, de gritar. Mas não podia. Era tarde demais. Senti então necessidade de esconder também os meus defeitos, de não me mostrar com era.

Mesquita – Lamentável. Vocês não foram educados como criaturas humanas, com defeitos a amostra... como todos nós.

Orlando – Não desfrutávamos essa liberdade. Em qualquer situação da vida o mesmo sorriso cretino. O sorriso que afluía aos lábios em qualquer reunião em nos

Orlando – Reunião em nossa casa. E o maldito fotógrafo a nos impingir a sua deturpação burlesca...

Fotógrafo – (SEM APARECER VOZ MARCADA; FRIA) Sorria, senhor! Um sorriso!

Orlando – Nos casamentos!

Fotógrafo – (SEM APARECER) – Sorria!

Orlando – Nos batizados!

Fotógrafo – (SEM APARECER) Sorria! Sorria!

Orlando – Nas reuniões, nos piqueniques.

Fotógrafo – (SEM APARECER) Sorria! Sorria! Sorria!

Orlando – (GRAVE CONSENTIMENTO) – Na morte... na morte de meu pai!

Fotógrafo – (SEM APARECER) Sorria... Senhores, desculpem-me.

Orlando – Em toda parte, em todos os momentos, esse homem indefectível, o feiticeiro do mal! E minha mãe não sabia que éramos pobres e frágeis criaturas humanas.

Margarida – (ENTRANDO) – Temos hóspede em casa?

Orlando – Sim. Por que?

Margarida – Está um senhor lá fora. Disse ser da polícia e à procura de nosso hóspede, para prendê-la.

Mesquita – Disse-lhe isso?

Margarida – Sim.

Orlando – Quem será?

Margarida – Acho prudente você ir atendê-la

Orlando – Vou sugerir a que venha até aqui.

Mesquita – Não seria melhor avisar o Sr. Abel?

Orlando – Talvez, não. Vejamos primeiro o que deseja o policial. (SAI)

Margarida – Faço votos para que não nos cheguem mais problemas! (A MESQUITA) Com licença. Vou tirar esse chapéu, descalçar as luvas.

Mesquita – À vontade. Está muito bonita.

Margarida – Obrigada. (VAI SAINDO)

Clarinha – (ENCONTRANDO-SE COM MARGARIDA) Está um amor! Faço votos que continue bonita.

Margarida – Não me faça esse elogio. Não se ajusta a mim. (SAI RINDO).

Clarinha – Mesquita!

Mesquita – (ABRAÇA-A) Clarinha!

Clarinha – Não, não faça isso. Você não deve insistir.

Mesquita – Vai falar-me do noivo? Por que se foi?

Clarinha – Não. (SOLTA-SE DELE) Soube que você estava aqui e vim para poder contar-lhe a verdade dolorosa que esconde.

Mesquita – Faça-me uma gentileza. Não precisa referir-se ao passado.

Clarinha – Mas é necessário falar. (PAUSA) Você se apaixonou pela moça pura, feliz, que está naquele retrato. (APONTA A FOTOGRAFIA)

Quando vinha a esta casa, tratar de negócios com papai, ficava a olhar, apaixonado, para a fotografia. Apaixonou-se por ela.

Mesquita – Não, não diga mais nada.

Clarinha – Não me sentiria feliz se, hoje, não me tornasse corajosa, capaz de enfrentar os meus defeitos. Eu...

Mesquita – (COLOCA A MÃO EM SEUS LÁBIOS) – Não fale, não precisa dizer-me nada! já disse. O seu passado não me interessa. Está naquela fotografia falsificada. Quero-a com seus de- feitos e virtudes.

Clarinha – Mas, eu... eu.

Mesquita – Entendeu-me? Você está me ouvindo?

Clarinha – Mesquita.

Mesquita – Clarinha. (ABRAÇAM-SE)

Clarinha – Como sou feliz. (PASSOS) Como você me deixa contente!

Orlando – (ENTRA ACOMPANHADO DO INVESTIGADOR) O senhor acredita que ele é o homem a quem procura?

Investigador – Acredito. Está em liberdade, sob fiança. Não podia, no entanto, ausentar-se da capital do Estado. Ultrapassando-lhe os limites, infringiu a lei. E a lei...

Orlando – Compreendo. A lei é rígida. Deve punir. Dirigir o que está errado. (PAUSA) E se for um engano de sua parte?

Investigador – De maneira alguma. Considero-me bem informado.

Clarinha – De que se trata?

Investigador – Estou à procura do senhor que se hospedou nesta casa. (DESCREVE-O) arfando – Vou chamá-lo. Com licença. (SAI).

Mesquita – Qual o crime que cometeu?

Investigador – Não posso responder, porque ignoro. Dão-nos uma ficha na Delegacia e dizem... “É preciso prender este homem”.

Clarinha – Parece um homem de bem.

Investigador – Faço votos que seja.

Gustavo – (ENTRANDO, ACOMPANHADO DE ORLANDO E MARGARIDA) – Estou às suas ordens.

Investigador – Desculpe-me senhor. Cumpro uma missão. Desejo que acompanhe.

Gustavo – Está bem. Não precisa dizer mais nada. (PAUSA) Conceda-me a gentileza de esperar-me no portão. Tenho duas palavras a dizer aos que estão aqui.

Investigador – (SEM DESEJAR ATENDER) O Senhor compreende, não posso permitir.

Gustavo – É um momento, apenas. Não sairei.

Investigador – Está bem. Concordo. (PAUSA) Com licença. Desculpem-se vim afligi-los. (RETIRA-SE)

Gustavo – (DOMINANDO A CENA) Você não tiveram coragem nem ao menos de pensar que eu fosse um filho desta casa. (SEVERO) Não me chamo Abel. (PAUSA) Sou Gustavo.

Margarida – Gustavo!

Clarinha – Meu irmão!

Orlando – Que surpresa para todos nós!

Gustavo – O que resta do irmão de vocês, daquele que aqui foi criado, nestas quatro paredes, para ser nobre, rico, bonito, feliz... Não para ser homem.

Mesquita – Está muito mudado! Envelhecido! Não poderíamos reconhecer!

Gustavo – Foi a vida que me deixou assim. Em menos de dois anos quase me transfigurei por completo. Até parecia estar me esforçando para fugir de um conceito absolutamente generoso que faziam de mim. (A PAUSA) – Não me perguntem o que fiz. Poupem-me desse sacrifício. (CLARINHA) Minha irmã querida. (PAUSA) Orlando, você pouco mudou.

Clarinha – Ah, não me posso esquecer de você!

Gustavo – Mas não falem. Tomem-me por um estranho. Será melhor. (PAUSA) Ajudem-me a não dar mais esse desgosto a ma- mãe. Fique ela pensando que sou o homem bom da família. Concedam-me essa graça, esse privilégio. Vocês sabem que nada valho. (PAUSA) Orlando, mande buscar minha valise.

Orlando – Vou buscá-la. (SAI)

Gustavo – Clarinha... Minha irmã. Lembra-se de quando eu a empurrava, e mamãe chegava? Tínhamos que nos abraçar, tínhamos de rir, não é verdade?

Clarinha – Ah, quantas recordações!

Gustavo – Mesquita, não abandone mamãe. Está realmente enferma.

Orlando – (APARECE CONDUZINDO A VALISE) – Pronto, Gustavo.

Margarida – (A GUSTAVO) – Será que não conseguimos para você demorar um pouco mais?

Gustavo – Obrigado, Margarida. Para que decepcionar o pobre policial, tão apegado à lei? (ESTENDE-LHE A MÃO) Até outra oportuni-

de. E por favor não digam a mamãe. O filho pródigo vai retomando, porque não trouxe consigo nenhuma qualidade realmente dignificante.

Clarinha – Não fale assim!

Gustavo – Adeus a vocês todos!

Elvira – (SURGE NO FUNDO DA CENA NO MOMENTO EM QUE GUSTAVO VAI RETIRAR-SE) Gustavo!

Gustavo – (VOLTANDO-SE PARA ELVIRA) A senhora havia me reconhecido?

Elvira – Uma mãe pode enganar-se com referência ao coração de seus filhos, mas não a ponto de deixar de reconhecê-los. Percebi que você era parte de meu sangue, parte de minha vida.

Gustavo – (COMOVIDO) Ah se eu pudesse ficar! (TRISTONHO) Tenho de partir.

Elvira – Um momento, apenas. (PAUSA) Minha filha, retire esses quadros. Retire-os todos. (APONTA OS QUADROS DAS PAREDES)

Clarinha – (OBEDECENDO-O) Não há necessidade. Não pense que nos prejudicarem.

Mesquita – Não se oponha, Clarinha.

Margarida – Eu a ajudo (COLABORA NA RETIRADA DOS QUADROS).

Elvira – Retire-os todos, Orlando. **Orlando** – Sim, mamãe.

Clarinha – (DEPOIS DE UM MOMENTO) Pronto, mamãe. Estão retirados.

Elvira – Liquidamos assim esta geração cuja máscara foi fotografada. (PAUSA) Agora, venha cá. Fiquem perto de mim. (CHAMANDO) Margarida, fique ao meu lado.

Margarida – Oh! D. Elvira!

Elvira – Orlando, meu filho, aproxime-se. Gustavo, fique aqui, perto de mim. (PAUSA) Mesquita, sei que você ama Clarinha... Aproxime-se, minha filha, para compor o grupo. (V Ao TODOS SE ARRUMANDO DIANTE DO PÚBLICO) Está e a nossa verdadeira face, senhor. Esta não é a família que eu imaginei com meu orgulho e minha vaidade. São meus filhos, pobres criaturas humanas; cheios de pecados, mas humanos. (ALTEANDO A VOZ) Depressa um fotógrafo! Um fotógrafo que não nos peça para sorrir!

Fim do Terceiro e Último Ato

NÓS AS TESTEMUNHAS

PERSONAGENS:

EURIDICE

MARGARIDA

ANASTÁCIA

LINEU

TESTEMUNHA

EMPREGADO

Ao correr o pano de boca, vazando a cena, Euridice estará deitada no chão. A impressão é de que está morta. A sala, arranjada com certo cuidado, transparece a situação dos que ali habitam, vivendo com parcimônia. Sobre um móvel, feito especialmente para esse fim, estão depositadas várias taças e umas tantas medalhas dessas que são oferecidas a vendedores de determinadas competições. Apenas uma luz acesa em cena: a de um quebra-luz. Rês-tias de luz distribuídas de tal maneira que alcancem a mulher deitada, e, por extensão, as taças e medalhas. Um paletó está abandonado no espaldar de alguma cadeira. Descobre-se, facilmente, que pertence ao homem presente em cena, aturdido com algo que aconteceu. Pela janela aberta que há na sala sobem ruídos de uma rua barulhenta. Um ventilador gira a toda velocidade.

Lineu – (Voz em falsete, saindo-lhe difícil) Não! Não pode ser! (num impulso, como se repelisse terrível idéia) Não deve estar morta!

(desaparecem os ruídos que da rua. Há um silêncio inquietante) E se dizer que ainda ontem... (Vai ao ventilador, desliga-o. O ruído do aparelho diminuindo a rotação das palhetas, até parar por completo, é incômodo): Euridice! Euridice! (Como se procurasse na imaginação explicação para o que aconteceu) Eu deveria ter tido mais cuidado. (com rancor) Mundo mercenário que nos corrompe, minuto a minuto, segundo a

segundo! (patético, no meio da cena) Os céus são testemunhos de que eu não tive tempo para abandonar os problemas de minha empresa e dedicar-me aos de ordem doméstica. (Quase num grito) – Mas, por que morreu Euridice? Parecia ter saúde em demasia. (Faz um gesto de incompreensão) E morrer assim... (Aumenta o ruído da rua. Lineu vai a janela com a intenção de fechá-la) Oh! mundo exasperante, frio, cruel! (Volta-se para Euridice) Você não devia ter morrido! (Como se procurasse uma determinada palavra) – E morrer assim...

Testemunha – (Erguendo-se de lugar na platéia, completando-lhe a frase) Assassinada!

Lineu – (Assustando-se) Quem falou? De onde veio essa Voz? (perscrutando à frente, sem nada avistar) Ouvi claramente dizerem-me que Euridice foi assassinada!

Testemunha – (Fria, no mesmo local de onde falou) – Assassinada! (Sai da fila de cadeiras e se encaminha vagarosamente pelo corredor da platéia para o palco) – Assassinada! Por acaso você não me está ouvindo?

Lineu – (Surpreso – vendo-o já perto do palco) – Ah! – então temos uma testemunha! O senhor!

Testemunha – Pois não: uma testemunha. Seja qual for a natureza dos processos, nunca falhamos. Deve ter notado que há sempre alguém para confirmar os fatos mais íntimos... mais secretos...

Lineu – Não me diga que pertence à classe dos que afirmam inverdades, ao grupo dos que deturpam a realidade!

Testemunha – (Frente ao palco, serenamente) Não sei direito. Desde a revolução francesa, advogados tentam estragar as testemunhas. Verdade é que existimos de todas as maneiras, como é verdade que bons ou maus nossos depoimentos são aceitos. (Incisivo) Esta mulher foi assassinada.

Lineu – (Com um gesto de revolta) O senhor não pode dizer-me isso! Com que autoridade? Onde as provas?

Testemunha – Foi assassinada. Sinto-me desgostoso com esta declaração.

Lineu – (Debruçando-se sobre o proscênio, para falar à Testemunha) Que fatos viu o senhor para proclamar semelhante desarrazoado?

Testemunha – (Como se contasse um sonho; vago) Quatro homens carregaram esta mulher e depositaram-na sobre o tapete. Houve um, mais compadecido, que falou: “Está morta, e era tão bonita. Não há mal que coloquemos uma almofada amparando-lhe a cabeça”. Foi o que fizeram.

Lineu – Não, não é possível!

Testemunha – (No mesmo diapasão, como se sonhasse) Havia um perfume, um vago perfume de flores. E outra vez disse: “Tão humana.

Lineu – (Quase apoplético) Vejam! É a louca fantasia das testemunhas, de miseráveis criaturas que se intrometem em todos os crimes, nas desavenças de famílias, na discórdia dos grupos políticos! Por acaso não terá visto o senhor, ao invés de quatro homens, demônios ou anjos?

Testemunha – (Compenetrada, como se aferisse as suas palavras) Eram homens. Senti-lhes o suor. Anjos não considerariam a beleza da mulher, nem cuidariam de conseguir-lhe a almofada.

Lineu – (Impressionado) O senhor não quer dizer, afinal de contas, que o assassino sou eu?

Testemunha – (Frio, calculadamente frio) As provas circunstanciais indicam claramente que o senhor matou-a. Está em sua casa. Não me diga que abriu a porta, e fez girar o ventilador, acendeu o quebra-luz para receber o cadáver desta mulher, por simples impulso de hospitalidade.

Lineu – (Revoltado) Indigno! Sem se aperceber está-me caluniando terrivelmente!

Testemunha – (Com desdém) É o que vocês, criminosos, vivem e repetir contra as testemunhas. Indignos! Diga também que mentiu, que somos todas, as testemunhas, deslavados mentirosos!

Lineu – (Cada vez mais irritado) E o são, em verdade. Como eu os odeio. Testemunhas mistificadoras, embusteiros! Se pudesse, destruiria a todos. Acabaria com os observadores vulgares, como vocês que principiavam se fazendo de amigos para depois abusarem de nossa considerações. Vamos, fale! Desminta-me!

Testemunha – Nossa atitude é uma só: acusar ou defender. No caso presente, acusar.

Lineu – (Mostra-se visivelmente impaciente. Vai ao ventilador e fã-lo acionar. Abre a janela na esperança de ter melhor idéia. A testemunha ri, riso de indulgência e ao mesmo tempo impiedoso. De repente, vira-se Lineu para o outro) Suba. Venha cá. Vamos ver se podemos conversar como amigos.

Testemunha – Dê-me a mão. Tentarei subir por aqui. (Lineu estende-lhe a mão e a testemunha sobe pelo procênio) Obrigado. (Vai direto ver a mulher deitada) Crime! Não tenho a menor dúvida. Pura e irremediável tragédia passional.

Lineu – (Que o acompanhou em todos os seus gestos) Crime passional. (Fala essas palavras como se dissesse: “Ora pílulas!”)

Que faro de detetive possui o senhor. Mal vai chegando e já está querendo imiscuir-se na vida alheia.

Testemunha – (Olhando atentamente para a mulher) Mulheres bonitas, como esta, não são assassinadas porque perderam dinheiro na roleta ou responderam mal a esposo. (Faz uma pausa) Como testemunha, como dizem, sou tanto malicioso...

Lineu – (Encarando-o com seriedade) Olhe, não me esteja a sugerir episódios impossíveis. Euridice é minha esposa. Conheço-a há mais de dez anos. (Torcendo as mãos, como fosse doloroso lembrar) Você não sabe nada; não me conhece, não conhece Euridice! (pausa) Dez anos vivi com ela e não cheguei a conhecê-la como devia! Dez anos! Sempre insatisfeita, sempre desejando que eu abandonasse as minhas preocupações de trabalho... Não, não acrescentarei mais nada. E porque terei de falar, de revelar coisas íntimas, se você diz que sabe de tudo?!

Testemunha – (Com um riso nos lábios) Não há de ser nada. Perante nós todas as criaturas são iguais. Há diferença apenas de sexo: umas são fêmeas, outras, machos. Não interessa, ser mulher, ser esposa de ministro, de governador ou de operário. Se homem for, conde, aviador ou guerreiro. Para **Nós, As Testemunhas**, vale’ apenas o aspecto sentimental preso muitas vezes ao aspecto físico... (Ao dizer essas palavras, olha para o busto provocante de Euridice) – E quanto mais tentador o físico, como o é nesse caso, mais razões temos nós de pensar que o crime foi motivado por excesso de paixão e que, nesse momento, estou diante do criminoso, de cínico assassino.

Lineu – (Afastando-se da Testemunha) Eu? Porque mataria a minha querida esposa? Por quê?

Testemunha – Não sei. Mas matou-a Está morta.

Lineu – (Sem ouvir a última frase) É mentira! Eu sempre amei Euridice! Desde o dia em que tive, pela primeira vez, as suas mãos nas minhas. Lembro-me: foi numa avenidinha. Estávamos a” sós. Ela queria que eu a beijasse, e, eu não tive coragem. Fui sempre tímido... (Sua Voz agora é de choro) Minha Euridice!

Testemunha – Repito: matou-a friamente. E nem por isso nutre o sentimento tradicional que se revela nas lágrimas mal contidas e despertam o sensacionalismo trivial da imprensa.

Lineu – Seria refinada cretinice de minha parte se aqui estivesse para dizer que me desespero de amor por minha esposa, a chorar, como insinuou, copiosas lágrimas.

Testemunha – (frio) O senhor se complica. O amor tem sido demonstrado, assim, através os tempos. As lágrimas são necessárias. Poderia citar mil e um crimes passionais em que os culpados se salvaram porque choraram. Ah! como se transformam os criminosos quando choram...

Lineu – (Com ódio) Cala-se! (Sobe novamente o ruído da rua. O ventilador dispara. Principia fazer um ronrom que incomoda) E ainda mais esse maldito ruído!

Testemunha – (Complacente) Isso tudo que o senhor está sentindo, é natural. O ruído é o mesmo de todos os dias. O ventilador tem o mesmo defeito tantas e tantas vezes apontado por sua esposa. Procure repetir comigo: Não há ruído.

Lineu – Mas, da rua... Passam carros buzinando a todo instante.

Testemunha – (insistindo) Não há ruído... É ilusão sua. Não há ruído. O ventilador está silencioso.

Lineu – (Depois de momento, como se repetisse) Não há ruído. (Cessa o barulho. O ventilador deixa de fazer o ronrom que incomoda)

Testemunha – Tudo simples, não é? quando temos a consciência tranqüila, nada nos incomoda. Nem ventilador, nem buzina de automóveis...

Lineu – (Encarando-o) Consciência tranqüila? Esta insinuando que não a tenho? Detesto tomar certas atitudes, parecer aos outros um ser diferente daquilo que sou. (num desabafo) Não matei Euridice. Ela é minha esposa. Já lhe contei que pegava na mão dela, que tinha desejo de beijá-la quando éramos simples namorados.

Testemunha – (ausente) É deveras lamentável.

Lineu – (Implorando) Salve-me dessa situação. Diga que não viu ninguém trazê-la até aqui, e não está morta.

Testemunha – Mas está . (Sublinhando) Está morta. (Discreto) Olhos fechados... respiração anulada. Um resto de sangue talvez, nas veias, esfriando.

Lineu – (Ajoelhando-se ao lado da mulher. Súplice) Euridice! Você não devia ter morrido! Meu Deus, como isso aconteceu? (Em inflexão dolorosa) Você não imagina como me sinto! E se dizer que nesse ano, principalmente quando eu tenho tudo para ganhar a taça mais bonita

que já disputei! Ah, e de repente, você se apaga em circunstâncias estranhas, inexplicáveis para mim e muito mais para os outros. (Ergue-se e dirige-se à Testemunha) Quanto quer senhor para dizer que não fui eu? Quanto?

Testemunha – (Meio ofendido, sério) O cavalheiro está bastante enganado. Não pertença à classe dos que recebem dinheiro e se calam diante do crime.

Lineu – Mas será possível ter de repetir que amava Euridice? Anuncia- esse meu sentimento no Tribunal, uma, duas, três, dez mil vezes, contanto que testemunha como o senhor fique desmoralizada!

Testemunha – Acalme-se. Tenha paciência. Escute... (Sabe o ruído da rua e o ventilador volta ao ronrom)

Lineu – Pago-lhe. Dinheiro honesto, ganho com o suor de meu rosto. Saio de casa cedo, todos os dias, e volto tarde. Ah, e não tenho automóvel. Ando como os excluídos, de pingente em transportes urbanos...

Testemunha – (Faz um gesto negativo com a cabeça)

Lineu – Pago-lhe. Contanto que desapareça daqui. Vamos. Saia daqui! Deixe-me. Logo mais minha mãe aparecerá.

Testemunha – Por que terei de sair? Para o senhor repetir a encenação de crime da mala? Não. Tenho horror a assassinos que retalham cadáveres. (conclusivo) Mesmo a senhora não caberia dentro de uma mala. É realmente um pedaço de mulher...

Lineu – Eu não faria isso!

Testemunha – Não fale assim. Somos frágeis criaturas humanas. (De ar fatídico) Seus amigos jamais pensariam que o senhor tivesse coragem de assassinar a esposa.

Lineu – (posseço) Não a matei! (repete a frase três vezes seguidas, dentro de uma cadência forte).

Testemunha – (Frio) Tenho larga experiência. Todos acabarão achando que o senhor a assassinou. É questão de tempo. Basta me ouvirem sustentar a acusação duas vezes.

Lineu – (Medroso) Então, o senhor acha que os outros... isto é, outras pessoas vão acreditar em suas palavras?

Testemunha – Acreditarão. Não existem processos diferentes.

Lineu – (desesperando-se) Como é que eu vou provar a minha inocência? Como? Se não há uma pessoa para ajudar-me?

Testemunha – Acendo um cigarro e joga o fósforo no chão) Ela... (Aponta Euridice) Somente a vítima poderá ajudá-lo.

Lineu – (Em grito de desespero) Euridice! (Vai direto à mulher e toma-a nos braços) Minha querida Euridice! Só você poderá salvar-me!

Testemunha – (Senta-se numa cadeira) Tudo pode acontecer. Na maioria dos crimes se as vítimas ressuscitassem, certas execuções acabariam evitadas.

Lineu – Por que você não torna, não se reanima outra vez? Acorde Euridice! Tudo não passa de um desmaio... Ou, quem sabe, você está apenas dormindo. (Tom) Precisamos desmoralizar as testemunhas, mostrara todos que a Justiça falha, freqüentemente, que nem tudo que se vê é verdadeiro... E há mais o que dizer: somos humanos e por isso mesmo estamos sujeitos aos estados de fraqueza. Sei que erram os que se desatinam, mas erram também os que arvoram em juízes!

Testemunha – (Ri ironicamente) Mas somos nós que sustentamos os processos; são as testemunhas que abrem o caminho para a Justiça.

Lineu – Euridice!

Euridice – (Estremecendo como se fosse tornar a si) Ah!

Lineu – Euridice, fale! Diga que não foi assassinada! Diga que estou inocente!

Testemunha – (Com asco) É por isso que odiamos os criminosos. Querem apenas livrar-se das penas!... Têm modo de enfrentar o nosso testemunho.

Euridice – (Falando com dificuldade) – Fre... Fre... Frederico!

Lineu – Euridice, minha Euridice!

Testemunha – Falou. Referiu-se ao senhor. É seu nome?

Lineu – (Erguendo-se) Frederico? Por que Frederico?

Testemunha – Então, Frederico. Não é o nome do senhor?

Lineu – Eu me chamo Lineu. Lin, na intimidade.

Testemunha – Ela talvez não saiba disso...

Euridice – Frede... rico...

Lineu – (Tomando-a nos braços) Ah! se ao menos você retornasse ao meu convívio por algumas horas, como se nada tivesse acontecido. Ah! se isso acontecesse todos poderiam ver como sempre fui um chefe de família exemplar.

Testemunha – Seria realmente muito bom...

Euridice – Frederico... eu...

Testemunha – (De posse de uma caderneta principia a fazer anotações)

Vamos ser atendidos. A fórmula de voltar ao passado é a única capaz de explicar, em ocasiões como essa, o verdadeiro caráter das criaturas.

Lineu – (Erguendo-a) Minha querida mulherzinha... Sou eu, o Lin! Eu que a tenho nos braços. o Lin que jamais deixou de amá-la. (Faz com que Euridice se sente a uma cadeira) Você não imagina como me sinto! Vi-a morta, há poucos instantes, sem movimento, e longe de mim! Fale! Diga-me uma palavra sequer...(O palco ilumina-se totalmente, favorecendo ao espectador a idéia de que acaba de ocorrer uma transformação inusitada).

Euridice – Estava escrito. Eu teria de morrer.

Lineu – Superstição, minha querida.

Euridice – todos me odeiam. Sinto nos mínimos gostos nas palavras com que se referem à minha vida.

Lineu – Não, não pense semelhante coisa. Confie em seu marido. Sempre estarei ao seu lado. Para tanto tenho trabalhado dia e noite; preocupado com conquistar uma posição mais definida para a nossa vida. (Deixa-a por instantes e vagueia pela sala) “Sabem quem é?” – “O maior vendedor da cidade!” Sim, todos me apontarão orgulhosos. É preciso saberem que sem vendedores, como eu, campeões de prêmios, não progrediriam as grandes indústrias. Os operários estão lá, nos galpões, nas colmeias de cimento armado, trabalhando, vigiando as máquinas! Mais se o que produzem fica retido nas prateleiras, é o fim, o caos. Por isso eu existo, eu sou uma máquina de vender”. (Empolga-se com o seu discurso) Eu, Euridice, o maior vendedor da cidade! Um autêntico campeão de vendas.

Euridice – Lin!

Lineu – E todos me invejam. Querem destruir-me, acabar comigo! (Voltando-se para a testemunha) Assim, como o senhor, que de repente se intromete em minha casa, na minha vida. (Encarando a Testemunha) O que faz aqui em nossa casa?

Testemunha – (Confuso) Na verdade, não sei. Principiamos a ser testemunhas, muitas vezes, sem ao menos perceber.

Lineu – (À esposa) Você o chamou aqui?

Euridice – (gesto negativo com a cabeça),

Lineu – O Senhor por acaso é funcionário da Companhia de Gás que ficou de vir examinar a instalação do fogão?

Testemunha – Não, senhor.

Lineu – Ontem, lembro que chamamos o electricista para consertar a instalação.

Testemunha – (Gesto negativo com a cabeça)

Lineu – Então, explique-me sua presença nesta casa.

Testemunha – (Embaraçado) Desculpe-me. Devo ter havido um engano.

Lineu – De certo, pois ninguém o chamou aqui.

Testemunha – Naturalmente.

Lineu – O senhor de certo ia verificar a casa vizinha.

Testemunha – Talvez. (Cerimonioso) Queira desculpar-me, senhor. (Vai-se retirando) Papel difícil o que desempenhamos. (Volta-se para os dois) Desculpem! (Desce para a platéia).

Lineu – Desculpe se lhe falei ríspido. O senhor compreende. Não gostamos que nos molestem.

Testemunha – (Da platéia) Está bem. (Voltam os ruídos do trânsito, aumenta o ronrom do ventilador).

Lineu – Que desejaria esse sujeito? (Tom) Você ouviu o que ele disse: “difícil o papel que desempenhamos” Que desejaria esclarecer com isso?

Euridice – Não sei. Deve ser algum investigador.

Lineu – Policial? Mas que viria fazer em nossa casa?

Testemunha – (Na platéia numa espécie de monólogo) Isso faz parte da profissão. A testemunha precisa ir a todas as partes, intrometer-se, cheirar os acontecimentos, descer aos episódios mais tristes. Do contrário, jamais alcançará o seu objetivo. (Voltando-se para o palco) Se vocês (é evidente que se dirige à platéia) não prestaram atenção à vida deles, não poderão ser testemunhas futuramente, não poderão participar da acusação dos que merecem condenados. Nesse caso que nos interesse esta noite, a atenção é fundamental para entender porque razão uma mulher desespera, porque um homem a deseja, porque... Bom, são tantas coisas que acontecem... Tantas!

Lineu – Ouço-o a falar, como se estivesse a reclamar!

Euridice – Deixe-o em paz... É livre o pensamento. Pelo menos foi isso que me ensinaram. Cada um de nós pode imaginar como são as pessoas, o que fazem, e o que deixam de fazer...

Lineu – (Alheio ao que Euridice diz) Não está direito meter-se em nossa vida. Isso, nunca!

Euridice – (Com enfado) Sinto-me tão exausta!

Lineu – Agora, que ele se foi, desejo que você me explique...

Euridice – Meu Deus, vamos recomeçar tudo outra vez?

Lineu – Sim, vou reiniciar. Nunca estou satisfeito. (pausa) Que está se passando com você para ultimamente ficar tão “ausente”.

Euridice – Eu, Ausente?

Lineu – Nós, os homens, sabemos quando a mulher nos repele. Basta um gesto, uma simples palavra sem afeto... Dá para entender.

Euridice – (Ergue-se da cadeira onde estava sentada. Dá a impressão de uma mulher que acaba de se libertar de terrível opressão e deseja conhecer o mundo, as coisas, a seu modo) Você quer dizer que eu estou a lhe negar amor?

Lineu – Não queria me expressar nesses termos. Mas na verdade já não somos felizes... E imagino...

Euridice – (Interrompe-o) Sei, sei, sei. Para que repetir? Todo mundo sabe disso (Com enfado) O que represento nesta casa? Sou criatura humana ou adereço... móvel?

Lineu – É minha esposa.

Euridice – Ah, você tenta se desculpar outra vez. (Tom magoado) Você não me pertence, assim como eu não lhe pertencço. Não julgue que partilhar do mesmo leito, significa união, felicidade. Seu amor tem outro nome, é a sua ambição, nem sei como qualificar. Todos os seus movimentos são de um homem ganancioso, cada vez mais interessado em números... em vitórias, em prêmios, que significam algarismos... Ah, faz muito tempo que deixamos de nos compreender. (Olha atentamente para as taças) Vitórias! Números! Estatística!

Lineu – Ah, então é isso? O meu sucesso não importa?! E se dizer que é para você que luto de dia e de noite!

Euridice – Para mim? Se o que no resta dessa luta é sempre um homem cansado, sem tempo para amar? Não, Lineu, o homem que entra nesta casa para me amar é uma sobra de máquina, um resto de serviço.

Lineu – (Súplice) Não diga!

Euridice – Tenho de lhe dizer... (Magoada) Preferia que não fossem tantas. (Olha novamente para as taças)

Lineu – São meu estímulo na vida. Você não compreende que há uma hora de fazer amor, e outra de trabalhar...de trabalhar! De vencer na vida!

Euridice – Então, que fazer. Sou infeliz. (Em inflexão dolorosa) Não posso deixar de dizê-lo.

Lineu – (Doloroso também) Sei porque você se considera assim. **Euridice** – Sabe? Diga então.

Lineu – (Vai à janela. Olha demoradamente para a rua, depois, ainda de costas, principia a falar como se o que dissesse o incomodasse realmente) Tenho-a observado ao telefone. Sinto-a enfeitar-se todos os dias. E mais sinto que você se aformoseia para alguém que há de vir, e que não sou eu.

Euridice – (Chorando) Um, ou... Você não compreende.

Lineu – (Sem se voltar, falando em tom alto, como se fizesse um discurso) Estou perdendo-a! E não sei como fazer para não deixá-la ir-se. Ah! se bastasse um grito, uma palavra, um apelo: Aqui! Socorro! (Silêncio. Euridice rebenta em choro forte).

Euridice – Onde aquele amor. Um que se pronunciava no tato de suas mãos? Onde? Você pensa que não me lembro: era na avenidinha. Como os seus dedos eram tímidos, mas como tinham calor. A sua mão, ah! a sua mão – hoje já não sabe fazer carícias...

Lineu – (Voltando-se) Não chore! Cale-se! (Desce até diante de móvel onde estão as taças) Um dia você compreenderá que não trabalho somente por orgulho, por vaidade, para que outros digam que sou uma máquina, que vendo tudo.

Euridice – (Acusando-o) Você não é humano. Se está sentado, se está olhando para mim, se está conversando, está sempre funcionando. As engrenagens estão em você, infelizmente. (Tom) Lembra-se de dia em que lhe pedi morangos? Você de pronto pensou em promover a venda de sabonetes com a cor e fragrância de morangos. Depois, noutro dia, quando quis ir ao cinema, imaginou de repente promover uma venda, oferecendo ingressos de espetáculos artísticos...

Lineu – É meu trabalho, é meu trabalho!

Euridice – É o seu trabalho! diz bem. E eu?

Lineu – Não fale assim. Você está sendo profundamente injusta para comigo. Você é o que tenho de mais caro em minha vida. Por isso, digo-lhe: se um dia descobrir que não me ama mais, mato-a como repetem os jornais: – friamente.

Euridice – Matar-me? Já estou morta. Morri, faz bastante tempo.

Lineu – (Repreendendo-a) Euridice. (O telefone toca. Chama outra vez, duas. Lineu quer ir atender. Nota-se o mesmo gesto da parte de Euridice. A campã retine uma vez mais) Deve ser para você.

Euridice – (Nota-se que vai ao telefone com certo indecisão. To- mando o aparelho nas mãos) Alô. Euridice. (pausa) Sou eu, Frederico. (Há um silêncio. Euridice como que petrificada fica sem articular uma palavra).

Lineu – (Com desgosto) Frederico.

Euridice – (Voltando a falar) Não, não vamos poder ir à festa hoje à noite. Lineu voltou do escritório muito cansado. (pausa) Sim (pausa) Compreendo sua boa vontade. Não, de maneira alguma. Obrigada. (Des- liga o aparelho).

Lineu – Não sei porque mas tenho a impressão de que Frederico vai causar-nos um grande mal.

Euridice – (Como se não percebesse o objetivo das palavras) Grande mal? Por que haveria de nos prejudicar?

Lineu – Está sempre a nos convidar para passeios, clubes, etc. Não nos apresentou ainda a esposa. Nem sabemos ao certo se é casa- do. Eu... (Vai falar e pára como se arrependesse)

Euridice – (Lamentando-se) Não temos quase vida social. Até parece que me casei para ouvir explicações sobre estoques, vendas, bonificações de negócios... (Com enfado) Todos os anos, entra mês, sai mês, a mes- ma coisa... a mesmice de sempre.

Lineu – Será que você não sente orgulho disso?

Euridice – De quê? Das taças? das medalhas? Cada um vê o mundo à sua maneira, e por isso mesmo os desejos são diferentes. (Com seriedade) Você não considera os meus sentimentos.

Lineu – Menos verdade!

Euridice – Não, não os considera! Daí porque tenho medo, confesso-lhe, medo de me transformar; e de um momento para outro sair por aí como louca... ou como alguém que ganha a liberdade, se, mais ouvir o dono...

Lineu – Você não seria capaz! Volto a repetir: se assim acontecesse, não viveria muito tempo...

Euridice – Ah! como são tantos os que me odeiam! E se dizer que nada mais procuro na vida se não a felicidade!

Margarida – (Entra pelo lado direito da cena, como se viesse do interior da casa. É a mãe de Lineu, mulher de feições enérgicas, criatura sempre

impressionada com a saúde do filho, com seus problemas, etc.) Não ouviram bater a campa da porta? Custou mil cruzeiros e parece servir pouco. Só adquirindo outra mais cara.

Euridice – Não, não ouvimos.

Lineu – (Quase ao mesmo tempo) Não.

Margarida – Os mais velhos que escutem, que andem, que atendem. (Sai resmungando)

Euridice – (Vai à janela. Após olhar a rua, retoma a cena) Quase dezenove horas. (Alegra-se)

Lineu – Ah como você se transformou...

Euridice – Que deseja insinuar?

Lineu – Nesta mesma hora, todos os dias, chegam as orquídeas. Manifestação simples, anônima, de quem a estima à distância.

Euridice – (Num estremecimento) – Ah... as orquídeas! (Mentindo a si mesma) Nem me lembrava.

Lineu – E como as recebe você. Devem representar alguma mensagem de carinho, de vida.

Euridice – (Impaciente, andando) Nunca pedi que me mandasse orquídeas.

Margarida – (Entrando pela porta do fundo à esquerda, sobraçando um pacote, que, pelo jeito, é de flores. Espalhafatosa) Ei-las, as inevitáveis orquídeas.

Euridice – (Com timidez) Para mim?

Margarida – Claro. Para mim é que ninguém as mandaria.

Euridice – Por que não poderia recebe-las?

Margarida – Não sei, minha filha. (Com ar repugnância) Tome-as.

Euridice – (Vai estendendo as mãos para tomar o pacote) Obrigado...

Lineu – (Arrebata o pacote antes que ele cheque as mãos de Euridice) Deixe-me ver. Quero abrir a caixa de segredos Devem ser lindas as orquídeas de presente, principalmente para você...

Euridice – (Numa atitude de repreensão e mágoa) Lineu.

Margarida – (A um canto repetindo) – Orquídeas... Orquídeas...

Lineu – (Vai desfazendo o embrulho, com ódio, embora o disfarce com frases como estas: “Ah... mandar flores” – “Gentileza de admirador desinteressado!” – “Cortesia!”

Euridice – (Baixando a cabeça, triste) E se dizer que vivo!

Lineu – (Saca do embrulho umas tantas flores murchas, feias, descoloridas, sem nenhuma beleza. Ri. Redobra agora o riso até torná-lo gargalhada perversa) Veja! Flores murchas... flores para a sua morte!

Euridice – (Olhando-as aturdida. Sem querer acreditar) Não são orquídeas??? Não mas mandaram hoje?

Margarida – (principia a. rir) – Não, Euridice!

Lineu – (Quase no mesmo tom, alto) – Não, pobre Euridice! O seu Orfeu mandou-lhe flores para enfeitar a morte. (Com ar de perverso vai atirando-lhe as flores, feias e murchas que devem cair sobre o corpo, o vestido de Euridice, atordoada, sem saber o que fazer. Margarida acha a cena muito divertida e, por isso mesmo, aumenta o riso que contagia Lineu. Euridice serena, imperturbável, apanha uma das flores e leva-a aos lábios num beijo em que põe muito de seu afeto. A cortina fecha lentamente.

Fim do Primeiro Ato

SEGUNDO ATO

A cena está no escuro ao abrir o pano. Ruído de campainha de Tribunal, sendo acionada por pessoa que deseja silêncio. Depois de um momento inicia-se o diálogo de Lineu e da Testemunha sem que esses apareçam.

Lineu – Juro-lhes! Não fui eu quem a matou! Juro por tudo! Sempre fui bom marido, chefe de família devotado ao trabalho, às minhas ocupações.

Testemunha – (Voz amplificada) Não posso, como testemunha, deixar de me cingir à verdade. A verdade, senhor juiz, é esta que espero continuar apresentando-a diante desse Egrégio Tribunal.

Lineu – E fique desde já esclarecido, Meritíssimo, se a testemunha vivia em minha casa, no meio dos meus familiares! (sem compreender) Como admitir-se poder dizer coisas que apenas presume?

Testemunha – Esse o mal de todos os homens! Não percebem que o mínimo gesto, a atitude mais simplória, a mais inocente, talvez, está sendo notada por alguém como subsídio, um dia, à acusação.

Lineu – E o que sempre fiz de bom? Por que não se apresenta outra pessoa para me defender?! (Com desprezo) Há de existir sempre a falsa testemunha de acusação?

Testemunha – Tenho uma missão a cumprir na vida.

Lineu – (Grave e respeitoso) – Sr. Juiz, procure ouvir algum ruído nesta sala... Todas as cadeiras desse recinto estão ocupadas e ninguém fez a menor intenção de se manifestar. Sinal de que estou inocente, de que essa maldita testemunha não deseja outra coisa senão me arruinar!

Testemunha – Os outros, os que estão nos ouvindo, ainda não chegaram à verdadeira compreensão dos fatos. Não podem saber porque razão o senhor acaba de matar a esposa. No decorrer do processo, quando principiamos a relembrar os fatos como aconteceram, estão o senhor ouvirá a mesma acusação, em uníssono, como se todos se unissem contra a sua vergonhosa ação!

Lineu – (Horrorizado) Não, não pode ser! (Luz focalizando apenas Lineu) Não assassinei ninguém! Sou homem bom. Pergunte à mãe que me criou e ainda hoje me orienta na vida. Não sou perverso. Sempre adorei crianças, sempre cuidei dos animais, e sabem por quê? Sou humano!

Testemunha – A face falsa, a que encobria o lado perverso. Agora, é ter paciência, curvar a cabeça e se submeter ao julgamento dos homens que farão justiça.

Lineu – (Dramático) Sr. Juiz, não deixe V Exa. que os outros acreditem na impostura desse homem! Não, as testemunhas falham, eu sei... são ardilosas, mentirosas... Por que minha palavra não deve ter a mesma força? Por quê? (Luz que se acende. Margarida abriu o interruptor da sala. São mais de 20 horas; como marca relógio em móvel. Lineu está sentado na sua escrivaninha, como se estivesse dormindo ou muito enfadado. Agora a cena está toda iluminada).

Margarida – (Faz um gesto de cabeça, como quem diz: “Coitado”, Como tem trabalhado!” ‘Firma-se um silêncio em que o mais importante é o olhar temo de mãe para o filho.) Meu querido lutador, você tem trabalhado de mais. Esqueceu de acender a luz. Repousava?

Lineu – (Como que saindo de torpor ou sonho) Hem? Que me diz? (Recordando) Ah! a maldita testemunha. Não me abandona um momento. Julguei-a vê-la, de dedo em riste, a me ameaçar... (tom) Oh! ...isso tudo é tolice.

Margarida – (Olhando mais de frente) Meu Deus! Você parece tão cansado! E sonolento! Está sentindo alguma coisa? Que há com você?

Lineu – (passando as mãos pelos olhos) Nada, nada, minha mãe. (Ergue-se) Só pode ser um pesadelo... (pausa) Verdade é que embora procure-

mos nos ocultar, ficar às escondidas, haverá sempre a intrometida testemunha para nos ameaçar.

Margarida – O que acontece entre quatro paredes, meu filho querido, dentro do lar, dificilmente poderá ser relatado depois a estranhos.

Lineu – Não sei, sinto-me ameaçado... (pausa) Mas, quando começo a pensar melhor sobre a minha vida, a vida nossa em família, percebo que nada nessa vida restará sempre em segredo... Há, haverá toda a vida uma testemunha para tentar levantar o véu que encobre a intimidade da vida de alguém. Por isso, eu...

Margarida – (Interrompendo-o) Lin, não raciocine desse jeito.. Você, sem perceber, está se cansando mais... (pausa) Não lhe queria dizer, mas o acho um tanto vacilante, nervoso... Amanhã terá que se consultar a seu **Médico**. (Tom) E as suas férias?

Lineu – Férias? Nem pensar, diante das tarefas que tenho pela frente.

Margarida – (pondo interesse e afeto na frase) Se aceitar um conselho, não trabalhe mais esta noite. Vá deitar-se agora mesmo. (Insistindo) Não esqueça de ir ao **Médico**... Não estou gostando do seu aspecto.

Lineu – Sinto bem, mãe. (Tentando explicar) – Não é nada em razão de esforço físico... ou mental. Sei. (pausa) Tão entretido me meti em meus cálculos, que não vi anoitecer. Principiei então a imaginar, a relembrar. Nem sei mesmo o que se passou comigo. Acho até que sonhei (pausa) Obrigado. Vou retomar ao meu trabalho, pois cheguei a um ponto que não posso parar. A senhora sabe que preciso receber outra vez o prêmio de maior vendedor da firma..

Margarida – Será seu, tenho certeza. (Vai falar, arrepende-se) Se desejar servir-se de alguma coisa, preparo-lhe um alimento com prazer. É só pedir. Será prazer para sua mãe. (Vai a ele e beija-o na testa).

Lineu – Não há necessidade, mãezinha. Falta pouco para encerrar minha tarefa de hoje à noite.

Margarida – Que dizem os seus companheiros, no escritório?

Lineu – (Erguendo-se, com certa satisfação) Acreditam que mais uma vez serei o campeão de vendas.

Margarida – Ah! Como gostaria de estar por perto para ouvir os elogios! Você não imagina, Lin, como me orgulho de sua capacidade de trabalho. Não pude ensinar-lhe muito mais, mas Deus o ajudou mais do que eu. Converteu-o em funcionário exemplar, e no mais hábil vendedor de sua empresa.

Lineu – (Quase a sorrir) Ora, mamãe! Não repita! Toda mãe fala coisas agradáveis para os filhos...

Margarida – Digo-lhe a verdade! Sei proclamar as virtudes de meu sempre mimado filho. Tivesse você defeitos, seria eu a primeira a apontá-los. (Descendo ao meio da cena) Você me conhece. (pausa) Lembra-se daquele dia em que a vizinha veio contar-me que você ofendera a filha dela, uma solteirona antipática e pernóstica? a que usava óculos escuros, o aro dourado...

Lineu – Eu era rapazinho. Faz muito tempo.

Margarida – Sei. E importa? Fato é que a moça lhe perguntou se você a queria por noiva, e você respondeu na hora, com sua sinceridade. “Eu não, você é feia! Quero alguém mais bonito...” (Tom de mais convicção) Assim, sempre assim, você dizendo a verdade! Nada de falsidade. A verdade, sempre e verdade. (Envolvendo-o com gesto afetuosos) Meu filho, você conforta o meu coração.

Lineu – Obrigado, mamãe.

Margarida – (Insistindo como se tivesse pronunciado uma frase filosófica) Você é bom. Os outros não se igualham a você. (Afasta-se dele).

Lineu – (Depois de um momento de silêncio) Olhe, eu...

Margarida – (Interessada) Vamos, fale... Não me deixe apreensiva.

Lineu – A senhora acha que não tenho defeito? Acha mesmo? Acha que eu sou o que as pessoas podem considerar “um homem de bem”?

Margarida – Se o considero assim? Não é pergunta que você me faça, Lin. Por acaso não saberei discernir sobre essas coisas? Se você possuísse defeitos, alguma qualidade má, diria agora mesmo. (pausa) Sempre fui mulher disposta a reconhecer a verdade, mesmo quando contra os meus interesses. À filha da vizinha eu teria dado a mesma resposta. “Você é feia, vou procurar uma mais bonita...” (pausa) E isso é defeito, por acaso? Devemos ser francos.

Lineu – (Como se relutasse) A minha impressão... (para. Dá a idéia de timidez, de receio)

Margarida – Fale meu filho. É algum problema nosso? Meu?

Lineu – (Decidindo-se) Tenho a impressão de que minha esposa... (para outra vez)

Margarida – Euridice? Ah! também pudera não! Vivemos num século em que a mulher deseja exclusivamente a vida física. Não respeita o sonho, o ideal de esposos como você.

Lineu – Talvez não seja bem isso, mãe. Ultimamente tenho procura- do fazer um exame da minha vida. E...

Margarida – Você está fatigado! Por isso não pode raciocinar como de- via. Euridice não compreende que um homem de seu porte tem o cérebro sempre em função, trabalhando, pensando, não submisso a caprichos femininos. Pelo gosto dela você estaria todas as noites nos clubes, em “boites” e restaurantes... E como vocês não acede, surgem os motivos para as discussões domésticas.

Lineu – Quem sabe se ela não tem realmente as suas razões?

Margarida – (Indo a ele; abraçando-o carinhosa) Não, meu filho. Homens inteligentes como você e que têm da vida uma noção maior, mais ampla, de responsabilidade, não podem relegar as obrigações a plano secundário.

Lineu – Talvez seja isso... Vejo o exemplo nos meus colegas que dizem desfrutar a vida e não conseguem posição igual a que eu tenho dentro da organização.

Margarida – Não podia ser de outra maneira! (Vai ao móvel onde estão as taças e medalhas. Principia a admirá-las, enquanto Lineu retoma ao trabalho, lápis na mão, revendo papéis. Com uma medalha na mão.) Lin, lembra-se desta?

Lineu – (Ergue a cabeça e fita-a) – Ah... como me lembro.

Margarida – Você pensava não ter forças suficientes para alcançar a meta de vendas. E eu lhe disse: “Meu Filho, você é o mais indicado para conquistar a medalha. “(Olha para a medalha com carinho) Linda, maravilhosa!

Lineu – A senhora tem sido muito importante para mim.

Margarida – (Com se não o ouvisse) Esta (toca com os dedos numa taça maior) foi outro motivo de contentamento para nós dois. (pausa) Quan- to vendeu nessa oportunidade?

Lineu – Deixe-me ver. Quase... Não, mais de dois milhões!

Margarida – Ah! Todos sabem que você é inteligente, meu filho, e perce- bem o seu valor. (pausa) Quando minha irmã vier me ver... (Rindo) Vai ser muito engraçado.

Lineu – Engraçado? Por quê?

Margarida – Ora, os filhos dela não progrediram. Na verdade, nunca se destacaram. (Irônica) Uns espertos empregadinhos de comércio. A vantagem é que ela se casou com homem rico, endinheirado mas de poucas letras.

Lineu – Tio Aristóbulo não era rico, mãe. Tinha algum recurso...

Margarida – Pois é. Mas viviam alardeando que os filhos estavam na universidade, e devem ter chegado lá... pescando... (Rindo) Vai ser muito engraçado quando me visitar... Vai tomar um susto! (Impondo-se à sala, com gestos largos) Estas taças? Você quer saber? Vou contando: prêmios, os mais valiosos conquistados pelo meu querido Lin;.. (Rindo-se ainda) Hem, meu filho, imagine a fisionomia dela, de pura inveja... (pausa) Taças... Cada peça, cada medalha, representa milhões vendidos! Milhões!

Lineu – Mamãe, não veja só por esse lado ... mercantilista.

Margarida – (No centro da sala, ainda, prosseguindo, com a sua imaginação agora mais excitada) A mais imponente delas foi conquistada em porfia na qual se empenharam várias funcionários graduados, até o próprio subgerente. Esta outra, bem é uma história mais emocionante...

Euridice – (Surge no fundo da sala e pára ao ouvir Margarida falar)

Margarida – (Continuando)... Repare bem, é a que fica do lado direito, cintada com fita azul, sim, ela mesma, pois significa vitória especial. Adiante...(Virase e depara Euridice. Vai prosseguir falando, mas se detém)

Euridice – (Fria) Continue com o seu discurso, D. Margarida.

Margarida – (Surpresa) Ia acabar agora mesmo.

Euridice – (A Lineu) Você vai continuar trabalhando?

Lineu – (Com enfado) Ah... Você precisa entender que tenho muito o que fazer.

Euridice – (Visivelmente insatisfeita) Está bem.

Margarida – (Depois de um momento em que houve um silêncio entre os três) Você precisa compreender, Euridice, Sem esse sacrifício de Lin, você não estaria desfrutando uma vida feliz.

Euridice – (Com ironia) Que vida feliz? A minha? A senhora tem coragem de nomeá-la com tal adjetivo?

Margarida – Já vi que nesse tocante jamais vamos nos entender... (pausa) Bem, com licença. Vou assistir ao meu programa de televisão.

Euridice – Se a senhora quiser ficar conversando com Lineu, se aborreço a ambos, não tem importância.

Margarida – Estava apenas incentivando meu filho à luta. Tenho a consciência tranqüila de não o prejudicar em nada..

Euridice – Vê-se, só a senhora sabe ajudar ...

Lineu – (Repreendendo-a) – Euridice. Não fale assim.

Margarida – (Vai ao filho e beija-o na testa) Boa-noite, meu querido. Não se esforce em excesso. Quero você cheio de saúde... (Virando-se para Euridice) Boa-noite. (Sai)

Lineu – (Depois de um momento, enquanto Euridice acompanha D. Margarida com olhar de desprezo) Você não devia vigiar suas maneiras... Mamãe está idosa. Acostumou-se a me olhar como a um vencedor, e isso lhe dá muita alegria. É justo que pense diferente de você, que convém ter em mente a diferença de idade.. (pausa, tom) Há sempre a luta da geração mais nova com a mais velha.

Euridice – (Indo ao móvel das taças, de costas para ele. E desalentada) Ah, se você me olhasse, me visse com mais interesse... Em certas horas até imagino que se fosse uma taça, uma medalha, melhor seria tratada por você. (pausa) Ah como tudo isso tem representado para mim um mundo de renúncias! (Vai à janela dos fundos, que está fechada. Abre-a. Com esse gesto entra o ruído de carros passando na rua, de pessoas falando distante) Para onde vão esses automóveis que estão correndo na rua? Para onde vão os estranhos que daqui vejo, de mãos dadas, em conversa alegre? Para onde? Quanta vida nessas criaturas que passam, nas coisas que se movimentam na rua, na cidade! (Voltando-se para o Lineu) Nós somos diferentes, por quê? Para onde vamos nós, Lin? Para onde? (pausa, amargurada) Você sabe quantos anos, tenho?

Lineu – (Ergue a cabeça dos papéis) Trinta e dois.

Euridice – Trinta e dois. (pausa) Aos vinte e um eu me decidia por você. E você, tão sem graça! Havia outros; morava um moço em frente da minha casa. Possuía automóvel, falava inglês, mascava “chiclet” e sabia até alguns versos de Rilke... Ele me queria. Mas, veja os caprichos do destino, eu já me agradara de seu jeito simples, de sua maneira de falar, de sua dificuldade para aprender versos, para... (Gesto vago) Trinta e dois anos.

Lineu – Moça, bonita.

Euridice – Moça bonita... e acabou sem marido.

Lineu – Ora, não gratejo.

Euridice – Falo a verdade. (pausa. Lineu volta a escrever) Você acha que posso vender três milhões?

Euridice – Três milhões de quê?

Euridice – De novo produto, um sabão líquido para cozinha. Tem boa apresentação, fita dourado envolvendo-o e oferece letras que colecionadas dão direito a prêmios. É bastante econômico.

Euridice – (Intencionalmente) É, você vai fazer com que muitos se limpem... economicamente.

Lineu – (Sem entender) Preciso vender. (Ergue a cabeça) Minha querida, não se zangue comigo. Amo-a. Prometo que depois desse ano, mudarei de vida... Com o dinheiro do prêmio, iremos passear, andar por terras maravilhosas...

Euridice – (Com enfado) Ah! a inevitável paisagem distante! Você vive a me prometer o paraíso, desde que casamos. Mas logo triunfa numa campanha, esquece o que prometeu. (Imitando-o com desdém) – “Minha filha, se eu conquistasse outra vez o primeiro lugar, teríamos mais dinheiro... Poderíamos mudar para casa maior... Ah! você quer uma varanda, ampla varanda com cadeiras e almofadões cômodos? “ (A Voz vai ficando dolorida, baixando, até sumir-se nas últimas palavras) “Você quer?.. Você quer?

Lineu – Escute, dessa vez garanto ser para valer. Vamos ter inclusive a nossa própria casa de campo, ouvindo os pássaros, sentindo o despertar das manhãs, a ver os dias molhados de chuva. (pausa) Você pode não acreditar mas tenho também meus sentimentos.

Euridice – (Depois de um momento) Ah, sentimentos... e bons, creio Por isso me casei com você. Jamais acreditei que o interesse comercial pudesse modificar a sua maneira de viver, reduzindo-a a uma máquina “caça-níqueis”.

Lineu – (Repelindo) Não, isso não! Você não pode entender assim! (O telefone toca. Lineu olha para a esposa) Chama todos os dias no mesmo horário. Deve ser para você.

Euridice – (Apanha o telefone, trêmula) Alô! (pausa) Alô! (Lineu curva-se sobre a mesa, absorvido em fazer cálculos) Alô! Ah, sei quem é. Não. Ele está em casa. Como sempre, trabalhando. Por isso mesmo não vamos poder sair. (pausa) Verdade, não é novidade.

Telefone – (De início as respostas do telefone, amplificadas, são quase ininteligíveis. Depois, crescem; tomam conta da cena. Euridice, a princípio, tenta abafar o aparelho com a mão, dirigindo um olhar amedrontado para o esposo que não percebe, pois tudo, acrescentando-se, é como se passasse na imaginação da mulher. A Voz ao telefone, amplificada, é grave. De homem, e as palavras vão sendo de tal maneira pronunciadas, mas sem identificar o dono da Voz) Então, você não pode sair nem mesmo com ele... para se encontrar-se comigo?

Euridice – (Confusa). O que quer dizer com isso?

Telefone – Que mal há? Não suporto vê-la abandonada, posta de lado pelo seu marido. Não pense que sou leviano, que quero apenas me divertir...

Euridice – (Assustada) Cale-se, por favor! Meu Deus, isso não pode estar acontecendo comigo! Posso sofrer, mas sou digna, sou leal ao meu marido... Não me tome por amante, que não sou dessas!

Telefone – (Voz amplificada) Está chegando a hora de sua decisão, o que significa escolha. Lembre-se, você está precisando ser amada por alguém. Por mim.

Euridice – (Desesperada) Por favor, desligue, desligue! (baixo) Lineu está escrevendo. Pode ouvir-nos.

Telefone – E que importa? Temos de assumir o nosso caso... Vamos, tenha a coragem de fazer valer o seu direito de mulher...

Euridice – (Atordoada) A sua Voz é alta, parece um som estranho, alucinação!.

Telefone – (Risada de homem) Tudo é verdadeiro, não é a sua imaginação! (Tornando-se envolvente na Voz) Convide-o para sair conosco. Que mal haverá em convidá-lo?

Euridice – Desligue, suplico! Não prossiga.

Telefone – (Obstinado). Amo-a. Amo-a.

Euridice – Desligo eu, então...

Telefone – Ficarei falando. (Euridice abandona o aparelho. Com o olhar de pavor afasta-se. A Voz do homem, como que percebendo sua ausência, retoma a falar mais alto) Alô! Alo! Euridice! Você precisa saber que por sua causa não consigo dormir em paz. Por favor, digo eu agora: retome o auscultador! Conceda-me ao menos a felicidade de me ouvir. (Euridice não sabe o que fazer. Olha para Lineu que continua a escrever, sem nada perceber.) Venha... Venha...

Euridice – (Avança para o aparelho e toma-o nas mãos) Não! Você me tortura com esse jogo diabólico!

Telefone – Diga que o nosso amor não será impossível, diga que seremos felizes. Diga!

Euridice – (Atormentada, indecisa, vencida) Sim, sim! Prometo sair... Hoje, não.

Telefone – (Voz súplice) Quando? Quando?

Euridice – Outro dia. Adeus. Adeus. (O telefone, outra vez, com sons ininteligíveis, vai baixando a Voz, até silenciar por completo).

Lineu – (Depois de um momento, sem notar que a esposa está de pé, trêmula, fitando o telefone como se fosse uma criatura humana) Quem era?

Euridice – (Ausente à pergunta do marido) Adeus... Adeus. **Lineu** – Quem era? Você falava com alguém...

Euridice – (Assustando-se) Nada. Um telefonema qualquer. (É visível o embaraço. Não sabe o que fazer) Desculpe-me, Lin. Preciso trocar de roupa. Sinto-me mal neste vestido.

Lineu – É bem. (pausa) Veja se mamãe precisa de alguma coisa...

Euridice – Não demoro. (Retira-se)

Lineu – (Curva a cabeça sobre os papéis) Não tem quem entenda essas mulheres... (Retorna ao trabalho. Depois de um instante, segura a cabeça com as mãos, como se sentisse zozzo) Dois milhões!

Testemunha – (Numa das extremidades do palco, do lado da platéia) Psst!

Lineu – (Falando consigo mesmo) Dois milhões... Dois milhões...

Testemunha – Passt! .

Lineu – (Ergue a vista. Procura a pessoa que o chamou)

Testemunha – Sou eu, a Testemunha. Não adianta esconder-se de mim. Não pense que por estar dentro de casa, ninguém testemunhará o seu crime.

Lineu – (pondo-se de pé) Outra vez?! Por que será que não me deixa trabalhar em paz?

Testemunha – **Nós, As Testemunhas**, somos implacáveis. No meu caso em especial, estou assistindo ao desenrolar de todos os episódios de sua vida, vendo seus gestos, suas atitudes. Elas poderão, de futuro, acrescentar muita coisa ao seu sumário de culpa.

Lineu – Sou homem de bem. De bem, e feliz. Não tenho outros prazeres senão os que encontro em meu lar. Vivo para meu trabalho.

Testemunha – Você nem imagina quantos, a essa hora, nesta sala, estão começando a fazer conceito diferente de sua vida. Ah! meu caro Lineu. Os dias se vão passando e a primeira impressão, desde quando começamos o nosso diálogo, está desfeita.

Lineu – E daí? Não lhe devo explicações! Minha vida não interessa aos outros.

Testemunha – Está bem. (voltando-se para a platéia) Os senhores estão vendo tudo. Compreendem, certamente, que agora não uma testemu-

nha isolada. É o que me tranqüiliza. (Vai saindo) O pior virá depois. Sei como esses casos começam e terminam. É minha vantagem. (pondo um acento grave na primeira fase) Sabem lá o que é uma mulher desesperada, tentada pelo amante, abandonada pelo esposo? Vocês vão ver. Depois não digam que fui cru- el. Prestem atenção, agora, e não percam nenhuma palavra do que se vai ouvir. (Desaparece)

Lineu – (Com as mãos à cabeça) Meu Deus, que confusão. Ouço Vozes, sinto o juízo arder. Já não sei ao menos o que escrevo. Dois milhões... ou três milhões? (Desse as mãos sobre a mesa em que trabalha, como que cansado, vencido).

Euridice – (Retoma à cena, vindo de interior da casa. Veste-se à vontade, como se dispusesse a ir dormir. Nota-se que na simplicidade do traje há uma preocupação de detalhes desses que agradam os homens) Lin.

Lineu – (Olhando-a surpresa) Euridice!

Euridice – (Faz um gesto apontando o vestido) Gosta?

Lineu – Gosto. (Admirando-a) Como você está bonita. (Carinhoso) Venha cá. Quero-a de perto; sentir-lhe a presença.

Euridice – (Indo a ele, mostrando-se carinhosa) Vamos nos deitar? Você trabalhou bastante. (pausa) Sua mãe já desligou a televisão e você precisa também repousar.

Lineu – (Sem prestar atenção às suas palavras) Você sempre me cativou a sua cútis envolvente. (Acarícia-a sem entusiasmo)

Euridice – Guarde os papéis. Vamos Faça uma trégua em seu trabalho.

Lineu – (Relaxando o impulso de carinho, deixando-a) Não posso ir agora. Você não imagina como estou excitado, como preciso descobrir um plano .para apresentar aos meus clientes. São dois milhões, minha querida! Tenho de estar preparado para enfrentar os meus competidores...

Euridice – E há necessidade de tudo isso?

Lineu – Mas é claro... Devemos ter de memória todas as replicas mais comuns e palavras com as quais os clientes desejam diminuir o valor do produto ofertado.

Euridice – Que prazer há nessa batalha de vendedor para quem compra, se somente você se preparou para vencê-lo?

Lineu – Não é bem isso. O cliente está permanentemente fechado em si mesmo. Impiedoso caramujo. E nós, os vendedores, temos de arremeter decisivos.

Euridice – (Atravessa a cena e Hoje, tomaria qualquer coisa. Não sei porque tenho a impressão de que estou prestes a ser assassinada por você...

Lineu – (Espantado) Pelos céus! Que pensamento tolo. (Volta a escrever) Sou incapaz disso! Disse e repito: amo-a.

Euridice – (Olha por uns instantes para o marido, depois...) Lin. **Lineu** – (Olhando-a) Que há?

Euridice – Você gosta mesmo de mim?

Lineu – Por que não haveria de gostar? Já disse, várias vezes, que para você que trabalho, para melhorar sua vida, o seu conforto, a nossa existência. Breve teremos nossa casa de campo... Um alpendre largo e comprido... Cadeiras cômodas.

Euridice – Mas até lá, será que resistirei?

Lineu – Se resistirá? Por que me faz semelhante pergunta?

Euridice – (Dá de ombros num gesto de enfado) Não sei. (Serve-se outra vez de licor e, agora, dá um estalido na língua, como se dissesse: ‘Está tão bom! É delicioso’)

Lineu – (olhando-a) Você acabará tonta, minha filha. O licor é forte. Foi presente de Frederico. Você se lembra? Foi naquele dia em que eu voltava do escritório e resolvemos comemorar minha vitória.

Euridice – (Interrompendo-o) Cale-se! Já sei. Tudo que existe nesta casa você liga, invariavelmente, a seu sucesso pessoal, taças, medalhas, tudo, tudo, enfim!

Lineu – (Calmo) Não falei por mal. Se soubesse que você ia zangar-se não teria lembrado.

Euridice – (Repetindo) Taças, medalhas, tudo!

Lineu – (Irritando-se) Não se refira a elas como se as odiasse. Representam meu êxito na vida!

Euridice – (Vai ao móvel, andando com certa dificuldade, com o copo na mão) Um brinde aos fantasmas que destroem a minha vida. (Em tom solene) Um brinde às minhas noites de insatisfação, como a de hoje, ao meu desejo de fugir, procurar a vida, a vida, Lineu, a vida que eu não conheço!

Lineu – (Ergue-se da cadeira) Euridice, minha filha.

Euridice – (Rindo-se nervosamente) Minha filha, não! Diga: minhas filhas! Abrace as medalhas... Beije-as!

Lineu – Por que você está assim? Não se justifica. Foi sempre tão compreensiva. Não entendo o que está fazendo. Já imaginou se mamãe vier aqui, neste momento, que impressão...

Euridice – (Interrompendo-o) Mamãe! Sua mãe não virá! (pausa) Ela já teve o que desejou hoje: o programa de televisão. E eu? (Vai tomar mais um gole de licor) E eu? E eu, Lin?

Lineu – Proíbo-lhe beber mais. Um “drink” vá lá, mas o que você está fazendo, passa da conta.

Euridice – (Repelindo-o) Solte-me. Tire de mim essas mãos que nada sabem fazer com amor. (Desesperada) E eu, Lin?

Lineu – Não continue, Euridice.

Euridice – (Toma o resto da bebida do cálice) Não posso fazer outra coisa! Não vê, não nota, como isso é humilhante para mim?

Lineu – Euridice!

Euridice – Você não tem olhos, Lin. (GRAVE) Você já não tem calor para mim... Já não me procura. Abandona-me.

Lineu – (Surpreso) O que está sentindo você, Euridice?

Euridice – (Voltando-se para ele, quase num grito de desespero) Lin, agarre-me! Não me deixe! Não seja culpado! Estou desesperada e você assiste a tudo como se não pudesse errar, não pudesse pecar, como se fosse uma criatura sem vontade, sem desejos. Agarre-me, Lin. Agarre-me!

Lineu – (Segura-a, espantado, trêmulo) Euridice! Meu Deus, o que houve com você?

Euridice – (Abraçando-o com sofreguidão) Estou sentindo falta de você, Lin... e não é de hoje, faz tempo, muito tempo!

Lineu – Responda-me: que há com você?

Euridice – (Chorando) Não, não, não há nada. Você não pode compreender, nem eu tenho forças para dizê-lo.

Lineu – Vou telefonar. Chamar um médico.

Euridice – Não pegue o telefone, pelo amor de Deus! Afaste-se dessa máquina infernal.

Lineu – Mas não podemos ficar assim.

Euridice – (Aflita) O telefone, não!

Lineu – Por que? Que há com o telefone?

Euridice – Você não sabe... não imagina o que ele trama contra mim e você. Há qualquer momento, pode tocar... A campã retira como se

fosse alguém rindo às gargalhadas. Sua imobilidade é só aparente. Ali está o embuste, o embuste que me arrasta a ser móvel de um crime.

Lineu – Minha filha, você está doente.

Euridice – (Deixa-se cair numa cadeira, sonolenta, triste) Un... Não me abandone. Eu não tenho outro caminho senão o do seu amor. Não me abandone. Não me trate com esse desprezo. (pausa) Sabe, porque fui trocar de roupa? Para que você me visse bonita e tentadora... Foi por isso, Un, que eu voltei, como se fosse uma mulher qualquer querendo tentar a um homem, o marido. (pausa) Pegue-me nos braços, como no primeiro dia do nosso casamento, e leve-me...

Lineu – (Ajoelhando-se aos pés de Euridice) Você está com cabeça cheia de imaginações.

Euridice – (Afagando-o com carinho) Leve-me daqui, da frente das testemunhas!

Lineu – (Depois de um momento) Está bem. Vamos. Não haverá mais razão para você desesperar. (Apanha-a nos braços)

Euridice – Você ainda me ama?

Lineu – (Sem afeto) Muito. Muito mesmo!

Euridice – Ainda gosta de mim? De meu corpo? De minha vida?

Lineu – Muito. (O telefone chama. Lineu, que já vai saindo com Euridice nos braços, pára no meio da cena, como se quisesse atender) Vou atender.

Euridice – (Num grito) Não, não o atenda! Não é para você!

Lineu – Pode ser para mim. Quem sabe não é.

Euridice – (Interrompendo-o) Não, não, não é! Tenho certeza. (Outro tom, possuída de forte nervosismo) Leve-me daqui, leve-me!

Lineu – Está bem. (Sai carregando a esposa nos braços. O telefone, que não parou de chamar, continua a retinir a campa, agora, mais forte, mais estridente, com o som ligado em toda a sala do espetáculo).

Fim do Segundo Ato

TERCEIRO ATO

A cena em palco deserto. O ventilador funciona com aquele “ronrom” que incomoda. A janela aberta deixa passar o ruído da rua. Ouve-se a

buzina de automóvel. Mulher ri e outra fala em Voz alta. Margarida vem do interior da casa com caderneta dessas onde se anotam números e pára diante do telefone.

Margarida – Não, não é esse o número. Deixe-me ver. (Consulta outra vez a caderneta. Depois, percebendo o ruído incomodo do ventilador, vai desligá-lo. Faz gesto de aborrecimento. Retoma ao telefone. Tudo indica que encontrou o número procurado. Disca e espera um momento, como se custassem a atender do outro lado) Alô! É o dr. Francisco? Boa tarde. Fala a mãe de Lineu. Obrigada. (pausa) Estou tão nervosa, que não imagina! Sim. Queria notícias! Lineu sempre ganhou. Se não ganhar este ano, será desastroso. (pausa) Por favor, não ouvi bem. Sei, o ruído... vem aqui da rua. Parece dia de festa... (pausa) Agora ouço melhor. (pausa) Faço votos que haja bastante justiça no julgamento. Lembrem-se: meu filho tem sido sempre um grande vendedor. (pausa) Muito obrigado. (Desliga. Aparenta mais tranqüilidade. Vai à janela e olha para a rua. Como se avistasse uma vizinha) Hoje a decisão. Estou certa da vitória de Lin! (faz um aceno com a mão e desce ao centro da cena) .

Criado – (Surgindo em cena) D. Margarida, uma senhora deseja falar.

Margarida –(Sem enfado) É pessoa conhecida?

Criado – Não, senhora. (Reticente) E...

Margarida – E o quê?

Criado – A mim parece que está bastante irritada...

Margarida – Que entre! Talvez você esteja enganado. (Enquanto o criado se ausenta, Margarida vai ao móvel das taças. Conta-as com certo enlevo e modifica a arrumação das mesmas como a marcar lugar especial para o novo troféu).

Anastácia – (Detendo-se à entrada) Com licença. (Mulher alcançando os quarenta anos, sem nenhum atrativo. Criatura de temperamento nervoso, infeliz).

Margarida – (Recebendo-a com delicadeza) Esteja à vontade, minha senhora. Com quem tenho o prazer de falar?

Anastácia – Anastácia. (pausa) A senhora é...

Margarida – Sou Margarida, mãe de Lineu. Conhece meu filho?

Anastácia – Infelizmente não. (Segura as próprias mãos, nervosa. Pausadamente, grave) Eu sou a esposa do sr. Frederico.

Margarida – (Oferecendo-lhe a cadeira) Sente-se. Tenho ouvido boas referências a seu marido. É engenheiro conhecido de Lin e Euridice.

Anastácia – (Mais grave ainda, sentando-se) Certamente a senhora ignora o meu sofrimento.

Margarida – Realmente. (Tom) O que está ocorrendo?

Anastácia – Custei acreditar, mas meu marido está apaixonado... (Reluta um pouco antes de dizer o nome de Euridice) ... por Euridice.

Margarida – (surpresa) Apaixonado? Que motivos a induziram pensar assim?

Anastácia – Primeiro, coração da mulher enganada nunca se engana. Segundo, as orquídeas que o Frederico envia sempre de presente para d. Euridice; depois, os telefonemas, não pense a senhora que só de raro em raro, mas diários... Ah! Já não suporto mais. Não posso!

Margarida – (Como se nada tivesse a dizer) Minha senhora, acalme-se um pouco e reflita nas palavras que acabou de me dizer...

Anastácia – Estou no papel de mulher traída! E pior: não encontro forças para reagir.

Margarida – (Séria) Deveras muito grave a revelação que me confia. Francamente, deploro. E meu primeiro impulso é para não admitir essa situação ... A senhora possui outras provas dessa amizade?

Anastácia – Ah, a senhora nem imagina quão doloroso a esposa expor esse tipo de problema. A senhora, sei, não conhece Frederico. Se o visse, logo gostaria dele. É homem de trato, maneiros, e fala com certo encanto. Foi por isso que me casei com ele. Apreciava tudo que me dizia... e não desmentiu o seu procedimento até bem pouco tempo, exceto agora...

Margarida – Acredito.

Anastácia – (Levando um lenço aos olhos) Mas uma coisa me dói fundo ao coração: nunca se lembrou de me dar orquídeas! Para d. Euridice, não as esquece...

Margarida – (Concordando com certa dificuldade) Lembro. Sempre chegavam aqui. Recebi-as com freqüência.

Anastácia – Mas, da última vez, me vinguei. Descobri o encarregado de comprá-las. Sabe o que fiz? Subornei-o. O resultado foram aquelas flores de túmulo, que enviei a Euridice em nome de Frederico.

Margarida – Isso foi bem recente... Lembro. (pausa) Mas a senhora acredita que minha nora corresponda a essa... vamos dizer, a essa amizade? O amizade do sr. Frederico?

Anastácia – É essa dúvida que me faz sofrer. Se soubesse nada existir entre os dois, confesso, não teria vindo aqui. (pausa) Mas há a dúvida, a dúvida e... (num desabafo) ... o ciúme! Ah! desgraçadamente sou uma mulher ciumenta!

Margarida – (Tranquilizando-a) Acalme-se. Afinal de contas, a senhora sabe entender a sua responsabilidade. (pausa) Afora essas orquídeas...

Anastácia – (Sem se conter) Lindas! Amarelas, roxas e brancas.

Margarida – (Continuando) ... e que tem mais surpreendido em seu esposo que o possa comprometer?

Anastácia – Os telefonemas, volto a repetir. E como meu marido ao telefone se mostra piegas, sentimental. E se dizer que comigo nunca foi de fazer romance (pausa) Tratava-me com atenção, e às vezes chegava até a ser carinhoso... Agora, descubro-o completamente mudado, tornou-se meio rude comigo, e me ignora... Quero que a senhora compreenda...

Margarida – E como consegue ouvir o que ele diz ao telefone?

Anastácia – Ah! E pensa que fala às escondidas? Conversa em Voz alta e não se incomoda de usar o telefone quando estou perto... (Mais nervosa) E mais: não imagina o que é uma criatura do meu temperamento sentir-se inútil, sentir-se substituída por outra.

Margarida – Triste, deveras lamentável.

Anastácia – Mas o pior mesmo são as malditas orquídeas: brancas, amarelas, roxas. (Sentida) Nunca me deu uma flor. Uma sequer.

Margarida – (Indecisa) Nem sei o que dizer... Mas... Aconselho prudência. Vamos primeiro apurar os fatos.

Anastácia – (Erguendo-se) Apurar os fatos? Então não é suficiente . que eu acabo de contar? Não vale o meu sofrimento até agora? D. Margarida, desculpe-me se sou deseducada, mas se encontrar a nora da senhora, eu...eu...

Margarida – (Compadecida mas autoritária) Que intenções! Nem pensar nisso! (Tom) Noto-a nervosa e não lhe tiro a razão. Porém, aconselho empenhar-se por lá, junto a seu marido, que aqui, prometo, tudo farei para evitar esse presumível romance...

Anastácia – A senhora acredita que Euridice não o ame!

Margarida – Creio que não. (pausa) Que posso dizer mais?

Anastácia – Ah, o que me maltrata mesmo é a dúvida... (pausa) Pois lhe digo, com toda a franqueza, que adoro meu marido. E embora reconheça que

não somos mais felizes, pelo menos sempre nos compreendemos. (Reti-
cente) Agora... Bem, espero que a senhora seja a minha advogada. É mãe.
E por isso vai se interessar em solucionar essa situação.

Margarida – Pode estar tranqüila. **Anastácia** – (Vai sair, detém-se) Sei
que a senhora tem bom coração. (pausa) Até logo. (Sai, acompanhada
de Margarida. Telefone chama uma vez, duas, três. Quando Margarida
entra na sala novamente, volta a chamar o telefone).

Margarida – (Indo ao aparelho. Tomando o fone) Alô! ... É, sim senhor.
Euridice? Está. Um momento. (pausa. Põe o fone sobre a mesa. Por
instantes fica indecisa no que fazer. Depois decide-se) Euridice! (Ao
telefone) Um momentinho, chamei-a. (Abandona o telefone. Desce ao
meio da cena fazendo um gesto de compreensão com a cabeça, como
se descobrisse ser Frederico quem está do outro lado do fio).

Euridice – (Surgindo do interior da casa) Chamou-me?

Margarida – O telefone, minha filha.

Euridice – (Apanhando-o, com certa relutância) Alô! (pausa) Hem? (Como
se interrompesse a pessoa que fala) Não, não fale mais! Sim. Considere-me
como quiser. Entretanto não posso. (pausa) Desligue. Não, já disse que
não. Desculpe. (Desliga o aparelho como se nesse simples gesto houvesse
um grande esforço. Margarida fica olhando-a. O aparelho volta a chamar.
Euridice segura o fone, sem erguê-lo. A campainha retine uma, duas, três, qua-
tro, cinco, seis vezes e silencia. Aliviada, Euridice se afasta dele).

Margarida – Repele o telefonema porque sabe que eu estou presente.

Euridice – Que me está dizendo, d. Margarida?

Margarida – Já soube de tudo. E não respeita ao menos o dia de hoje,
quando Lin enfrenta a disputa dos prêmios, ouvindo a contagem de
pontos para saber se foi o vencedor.

Euridice – Sim, mas não entendi a insinuação.

Margarida – Deveria entender-me. Não foi o senhor Frederico que ligou
para você?

Euridice – (Assentindo com um gesto de cabeça, antes) Foi.

Margarida – E confirma como se nada significasse?

Euridice – (Ofendida) Oh! D. Margarida. Posso impedir que ele me tele-
fone, me mande flores, que se (Leva as mãos a boca, como a deter a
última frase que seria: "... se apaixone por mim ou me ame?") Não, não
posso! Não tenho culpa.

Margarida – Coitado de meu filho. Como está sendo infeliz no casamento. Tudo fez até hoje para a sua felicidade. Mata-se de trabalhar, diariamente, pensando em seu conforto, em seu futuro... (Reticente) e Você...

Euridice – (Calma) Não há nada disso. Não existe nenhuma ligação entre mim e o sr. Frederico. Acredite-me.

Margarida – Não me faça de tola, minha filha. Sou mulher bastante entrada em anos para compreender esses problemas íntimos. Quando o povo principia a falar tem lá as suas razões.

Euridice – Não seja injusta! Não me ofenda. Repito-lhe: nada existe entre nós.

Margarida – (Rindo-se de maneira perversa) Gostaria que você se olhasse a um espelho, ao estar ao telefone, pois assim viria como o seu semblante se transmuda, como brilham seus olhos...

Euridice – (Séria) A senhora está se tornando inconveniente.

Margarida – (Ofendida) Inconveniente? Eu? Por quê? Por que lhe digo a verdade? (pausa) Engana-se Euridice. Você é o lado mal da vida de meu filho, de meu querido filho que bem podia desfrutar melhor existência. Se fosse outra, já teria telefonado para o escritório da companhia indagando sobre a marcha da contagem dos pontos; estaria erguendo prece aos céus para Lin tornar-se o grande herói da maratona de vendas deste ano. (Sentida) E não foi para mim que Lin prometeu comprar uma casa de campo.

Euridice – A casa, se comprada, será nossa.

Margarida – Eu ouvi, apendre largo, comprido, com cadeiras bem cômodas. Mas vá lá! Tudo bem. Afinal de contas vivemos sob o mesmo teto. Mas o que não está direito é você não se interessar pela vida de meu filho, pela...

Euridice – (Irritando-se) Cale-se! A senhora fala de forma a me fazer tremenda injustiça. (Como que repetindo) Contagem de pontos... Que me interessam esses pontos! Preferia nada disso estivesse ocorrendo e Lineu fosse meu, meu homem.) Dolorida) Eu não tenho marido, d. Margarida.

Margarida – Malagradecida! Não sabe a jóia que possui, e que ganhou por marido! Lin é excelente criatura. De largo e generoso coração.

Euridice – Não falemos mais. Por favor. Ando tão sofrida...

Margarida – Bom filho, bom marido. (passos vagarosos de alguém que se aproxima, pelo lado da rua) É Lin! Será que ganhou o prêmio? (Vai ao fundo olhando para fora).

Euridice – Prêmios... taças... medalhas...

Margarida – (Como se avistasse o filho) Lin! Você ganhou? (Silêncio. Passos calmos mais próximos) Diga! Fale, meu filho!

Lineu – (Surgindo, cabisbaixo, triste) Minha mãe. (Tem a fisionomia macerada, como se sofresse grande decepção)

Margarida – Meu filho! (Abraça-o) O que aconteceu? Diga! Não me olhe assim!

Lineu – (Triste) Necessário acrescentar mais alguma coisa?

Euridice – (linteressada, mas angustiada) Perdeu?

Lineu – (Assente com um gesto grave de cabeça)

Margarida – (Sem querer acreditar) – Você não ganhou, Lin? Perdeu? Não é possível. Mas eles me disseram... (pausa) Perdeu?

Lineu – (Amargurado) A taça... o dinheiro nossa casa de campo: o corredor amplo, as cadeiras cômodas (pausa)... estão nas mãos de um novato. É jovem; veio de fora. E consegui suplantá-los, nas vendas.

Margarida – Convenceu aos seus próprios clientes?

Lineu – Sim, A muito deles. (Refletindo pesaroso) E eu que contava com o dinheiro do prêmio! Ah! Como é grande a minha decepção! (Vai ao local onde se encontram as taças alinhadas e repara bem no local que reservado para mais uma taça) Vazio... Não sei mesmo porque fracassei. Deveria ter produzido mais. Mas, acreditem-me: fiquei inibido, havia um quer que fosse a me prender os movimentos, a fala..., nem sei como explicar. Os clientes me recebiam com indiferença.

Margarida – (Maliciosa) Sei qual a causa desse fracasso. Agora, sei.

Lineu – Difícil dizer. Muito difícil.

Margarida – Não, não tanto!. Está na sua frente. (Acusadora) Euridice. (Tomando contes foram-lhe indiferentes. (pausa) Não queria insinuar... Mas que força de convencimento pode ter o marido ultrajado?

Euridice – (Quase gritando) D. Margarida, não repita! Isso é uma injúria!

Lineu – O que a senhora está sugerindo, mamãe?

Margarida – A fala mais dramática, agora, é a sua, Euridice. Explique-se!

Euridice – (Decidindo-se, embora demonstrando dificuldade em falar)

Há muita coisa, Lin. Há muita coisa que você não enxerga, menos essa ridícula acusação que me imputa d. Margarida. (Tomando a respiração, como se sentisse sem ar) Há muita coisa: o seu desprezo por mim, pela minha vida; o seu exagero em tudo que faz, a ponto de transformar a

sua atividade comercial no objetivo mais sério de sua existência. Tanto você como d. Margarida são responsáveis pelo drama que estamos vivendo. Não tenho culpa, Lin, de ser procurada, de outra pessoa me desejar... Não tenho culpa! Não tenho!

Margarida – Desculpe! Desculpas! Desculpas! (Pausa, quase apoplética a seguir) Essa vergonha me mata!

Lineu – Acalme-se, mamãe. A senhora não pode ter contrariedades. Lembre-se do que lhe disse o médico, da última vez.

Margarida – Não importa, meu filho. Acima de tudo a verdade.

Euridice – A verdade, sim, a que revelei agora.

Lineu – Por favor, serenemos os ânimos. Sinto-me atordoado. Ainda não compreendi o que está ocorrendo nesta casa. Sei apenas que sou um homem arruinado.

Margarida – (Indo a ele, abraçando-o) Não, enquanto eu viver, você terá uma companhia sempre solícita, sempre disposta a ajudá-lo. Oh! Como tenho pena de você, meu filho. Foi uma injustiça. O prêmio deveria ter sido deus. (Olhando para Euridice) Esta mulher nem ao menos sente a sua tragédia.

Euridice – (Revoltada) Não, não sinto essa tragédia, como diz a senhora. Sinto a minha, a que dói na carne, a que me vai fundo no coração.

Margarida – (Com ódio) Digo! Somos uma família enfeitiçada por essa mulher! (Aponta-a com o dedo) Ela! A indigna! A que você meu filho, quando se enamorou dela, dizia que nem ao menos sabia beijar... que nunca havia beijado outro homem! Ela!

Euridice – (Agarrando-se a d. Margarida) Não fale assim! A senhora “.., está sendo perversa! Raciocine antes de se expressar!

Margarida – (Apoplética) E verdade! E verdade! E é por isso que você, Lin, pobre marido injuriado, não pode ser desta vez o campeão de vendas! Nem podia ser diferente... (Afasta-se de Euridice) Parece que estou ouvindo os comentários desairosos. Ah, como os homens são cruéis quando espalham a desdita alheia... (para Lin) Meu filho você sentiu que falavam de você, que tinham pena de você?

Lineu – (Às tontas, sem saber o que dizer) Não sei, mamãe. Não sei. Riam, riam, às vezes, quando eu insistia...

Margarida – Ah, exatamente! O riso... O riso malicioso que os homens sabem fazer. É como se dissessem, meu filho, que você é um marido ultrajado, que...

Euridice – (Indo a ela, outra vez) D. Margarida! É mentira!

Margarida – É verdade. É verdade. Você traiu meu filho! (Ao filho) Lin, ela estragou a nossa vida! Ela é uma adúltera!

Euridice – (Sem se conter bate no rosto de Margarida) Perversa!

Margarida – (Recuando) Meu filho! Meu filho! (É como dissesse: “veja o que me fez essa megera!”)

Lineu – (Ao mesmo tempo alarmando, atônito) Euridice! Você enlouqueceu!

Margarida – (Histérica) Vingue-se! vingue-se! Meu filho, você precisa vingar-me.

Lineu – (Avança para Euridice) Perversa é você, Euridice. Somente agora vejo quanto você é perversa. (Agarra-se a ela) Você destruiu a minha vida! Você não sabe o mal que me fez!

Euridice – Tudo é mentira, Lin! Mentira!

Lineu – Você disse que minhas mãos não sabiam fazer nada com amor. Lembre-se! Pois sabem fazer tudo com ódio. Ouviu? Com ódio! (Leva as mãos a garganta de Euridice, que se debate. Ouve-se um ruído como se fosse disparado um tiro de revólver ou outra coisa semelhante. Talvez explodisse o pneu de um carro na rua. Entram ruídos e Vozes pela janela aberta. A cena, que está clara, imerge na escuridão. A iluminação do quebra-luz é indecisa, nos primeiros instantes, vacilante como se estivesse com um defeito, até firmar-se. Nessa ocasião, Euridice já terá caído, na posição exata do início da peça)

Testemunha – (Gritando da platéia) Assassina! Todos vão ver, agora, que a razão está realmente comigo.

Lineu – (procurando erguer Euridice) Euridice, meu amor. Euridice.

Testemunha – (Vitorioso) Eu sabia. Havia previsto todo o incidente. (pausa) E o mais grave é que você assassinou-a sem dó nem piedade. Um tiro de revólver, talvez...

Lineu – (Voltando-se para a testemunha que já se aproximou do procênio) Revólver? Tiro de revólver? Mas não tenho revólver!

Testemunha – Você está transtornado, Lineu. Não pode refletir com mais calma. Logo mais saberá o que aconteceu e terá a impressão exata da grande tragédia em que se converteu sua vida.

Lineu – Não me olhe assim! Euridice não morreu.

Testemunha – Eu não diria isso. Examine-a.

Lineu – (Voltando-se para Euridice) Euridice não está morta. (Tenta erguê-la) Desperte, Euridice. querem dizer que eu a assassinei. Eu não seria

capaz disso! Mesmo que tudo fosse verdade, eu lhe tenho amor. Muito. Muito! Desde aquele tempo em que eu pegava em sua mão... Desperte!

Margarida – (Com desprezo) Ela está desacordada. Acostumei-me a essas encenações femininas...

Lineu – Mamãe, chame mais alguém para auxiliar-nos. Por favor, ligeiro.

Margarida – Está bem. (Saindo) Mulheres! Sexo e escândalo!

Testemunha – Sempre falei a verdade: vocês os criminosos, os que saem da trilha do direito, não escapam. É interessante como nunca falta alguém para surpreendê-los nos delitos. Se não fosse assim, não haveria justiça. Os advogados não poderiam ganhar dinheiro nem os juizes existiriam gordos e compenetrados. (pausa) Já reparou como nossa existência é feita de episódios, de pequenas discussões, que depois são sempre lembradas por terceiros?

Lineu – Eu tão aflito e o senhor aí a conversar, a falar sobre coisas que não me interessam, como se eu estivesse sendo julgado.

Testemunha – E por acaso não estará?

Lineu – Não! Não estou sendo julgado. Não cometi nenhum delito.

Testemunha – Ah, é o que imagina.

Lineu – Quem é o senhor para se meter em minha vida? Eu era tão feliz.

Testemunha – Eu sou a testemunha. O senhor era tão feliz... Diz bem. Mas, depois, houve uma reviravolta. Conflitos de ordem sentimental, abandono, injúrias... Quem poderá dizer mais? Somente as testemunhas.

Lineu – (Visivelmente irritado) Testemunhas! E para que necessitamos de testemunhas?

Testemunha – As vezes somos tão importantes que o senhor não imagina. Funcionamos de várias maneiras. A própria Justiça é feita de acordo com a luta das testemunhas. Se as que acusam não são veementes, o réu estará livre. Do contrário...

Lineu – (Contemplando a mulher, com amor) Euridice! Minha querida esposa.

Testemunha – Não adianta o senhor mostrar-se apaixonado, agora. Quem poderá acreditar em sua afeição.

Lineu – Não me irrite. Não fale comigo!

Testemunha – Meu papel é este: depor contra o senhor. (pausa, contemplando Euridice) Era linda...

Lineu – Não fale como se ela estivesse morta. Não vê que está apenas desacordada? Não vê que mexe com as mãos, que está quase a abrir os

olhos? Não, não morre! O Amor não pode sucumbir. Que seríamos de nós sem amor, sem sonho?

Testemunha – (Subindo ao palco) Romântico! (Rindo-se) Que esperança! Que esperança essa!

Lineu – Venha ver de perto. Escute. Este tic-tac surdo, delicado, é o seu próprio coração que pulsa. Olhe-a mas não me diga que a matei, que é mentira.

Testemunha – (Rindo-se) Desculpe senso de franqueza. Não quero ser cínico. Detesto cínicos. (pausa) Você assassinou Euridice. E a morte foi premeditada. Vem de há muito o seu desejo de exterminá-la. Que importa se ela ainda respira, se ela chegue a falar, se tudo está perdido?

Euridice – Ah...

Lineu – (Alegre) Falou!

Testemunha – Que importa que você a abrace. Ela está morta. Você destruiu o que ela possui de melhor, que era o amor para você... o que aí está vivendo é um sistema biológico, complicado, que respira em troca de vitaminas e sais minerais, independentemente de sua afeição. Por isso, repito: Você matou-a. E não sou eu uma testemunha qualquer para fazer um depoimento falso, ambíguo!

Lineu – (Exaltando-se) Fora daqui. Saia! Deixe-me ficar só em minha casa. Euridice não morreu!

Testemunha – Pouco adiantará a minha ausência. E os outros? (Aponta para a platéia) Há os outros, senhor Lineu. São testemunhas também, implacáveis, lá embaixo... E hão de concordar comigo. O senhor matou-a. E assassinando-a, levou sem saber sua vida ao fracasso, à ruína.

Lineu – Fora daqui! Eu enlouqueço. Não quero mais ouvir suas palavras. Fora.

Testemunha – E os outros? Ah, os outros pagaram ingresso para assistir à sua vida, para assistir à sua tragédia. Ah! deles você não escapará. São terríveis! (principia a rir) Ah! Ah!

Lineu – (possesto) Não, não quero ser julgado. Não há motivo para isso. (Fitando a platéia) Não me olhem dessa maneira. Não se deixem empolgar pelas idéias desse homem que nada sabe de minha vida. Tudo que ouviram de seus lábios não passa de mentira, de embuste. Simples calúnia de quem me inveja porque eu sempre fui um grande vendedor. (para a platéia) Retirem-se. Retirem-se! Não quero testemunhas em minha vida. Fora, todos! Abram as luzes (Vai ele mesmo ao suite da

sala, aciona-o. Luz na sala, toda. Na platéia, enquanto fala vão se acendendo as luzes) Abram as luzes! Euridice não morreu. Precisamos acabar com esse sentimento de pena por uma tragédia que não ocorreu! (Indo até Euridice) Vamos, minha filha, levante-se! Quero que todos a vejam em pé, viva, pronta para me amar outra vez!

Euridice – (Ergue-se amparada por ele) Ah... Lin... Lineu...

Testemunha – Ah, agora já não chamou por Frederico...

Lineu – Fora. Retire-se. Que faz o senhor aqui?

Testemunha – Não sei. Princípios a ser testemunha muitas vezes, sem ao menos esperarmos.

Lineu – Euridice não o chamou aqui. (Euridice faz um gesto negativo, de cabeça)

Testemunha – Desculpe-me, deve ter havido algum engano.

Lineu – Naturalmente. Ninguém o chamou aqui.

Testemunha – (Cerimonioso) Queira desculpar-me, senhor. (Vai-se retirando) Papel difícil o que desempenhamos. Desculpem!

Lineu – Desapareça! Para longe da minha vista! E vocês (Aponta para a platéia) Regressem às suas casas! Vão cuidar de suas vidas, de seus filhos, de suas esposas. Deixem minha vida em paz. Eu quero ficar em família. E desta vez só, sem testemunhas. (Gritando) Fechem o pano! Vamos! Ligeiro! Fechem-no! Depressa! Eu e Euridice não precisamos de testemunhas! (Abraça-a comovido, enquanto o pano fecha totalmente e o público, já de pé, retira-se do teatro)

Fim do Terceiro Ato

FORTUNA CRITICA

O DEMÔNIO E A ROSA

JOAQUIM ALVES

“AUTORES CEARENSES”

EDIÇÕES CLÃ, PP. 38, 39

FORTALEZA, 1949.

Eduardo Campos não é só um contista de admiráveis recursos, de estilo claro e simples. Faz, igualmente, teatro, tendo iniciado as suas atividades, nesse setor, ainda nos tempos de estudante, quando tentou o teatro escola, entre nós. Foi uma experiência da juventude, que abandonou por não ser possível executá-la, conforme seu idealismo.

Não desanimou, no entanto, o autor *Agua Morta*, que continuou vivendo, intimamente, seu teatro, ideando no subconsciente grandes planos que deveria um dia realizar. Dedicando-se ao rádio, sentiu-se, naturalmente, interessado pelo problema radiofônico que lhe despertou mais entusiasmo pelo teatro moderno. É assim que planeja e escreve uma peça – **O Demônio e a Rosa**, publicada no primeiro número de *Clã*, na secção do pequeno livro dessa revista, Fevereiro de 1948, da qual tirou uma edição limitada a 200 exemplares, para distribuir entre os amigos.

A crítica teatral recebeu **O Demônio e a Rosa** com referências elogiosas, destacando as qualidades de teatrólogo que seu autor apresentava em uma peça de estréia.

Eduardo Campos escolheu para tema de seu teatro questões modernas, em que se debate um mundo que desaparece, ao lado de um mundo novo, condenando, igualmente, a desaparecer.

O desejo de renovação que animou o autor na peça em apreço é uma repercussão do idealismo da juventude, adormecido ante as dificuldades encontradas na primeira tentativa, para fazer teatro escola.

Os personagens de **O Demônio e a Rosa** estão distribuídos em dois planos: os do mundo real, dos negócios, das descobertas científicas modernas que esqueceram o passado e vivem apenas a hora que passa, em uma época de profundas transformações sociais e econômicas, com o desaparecimento das velhas tradições morais, e no segundo plano encontram-se os personagens extraterrenos, onde se encontram os que deixaram a vida, cansados da sua inutilidade e procuram nesse plano compreender o que cada um realizou na terra.

Homens de negócios que assistiram, com indiferença, à morte das pessoas queridas, reconhecem o erro praticado e procuram na morte reencontrar os amigos perdidos, a esposa que não quis compreender, porque os negócios materiais o atraíam.

Criaturas do passado, que conservam o conhecimento de seu tempo, não compreendem a vida moderna. Elas viveram em uma época em que a poesia era o perfume da vida e os homens modernos não sabem o que é poesia, desdenham dos poetas, sabem apenas os cálculos comerciais, tomam conhecimentos do lucros que se acumulam.

Rolando é o Demônio, o homem de negócios, **Elga** é a poesia, a Rosa que morreu e com ela a vida dos homens. O primeiro representa sentimento material, o homem que sente apenas o valor econômico e desconhece os valores morais; o amor, a beleza, a afetividade, sentimentos que **Elga** encarna. Entre Ronaldo e **Elga** se desenvolve todo o enredo de **O Demônio e a Rosa**, que é uma crítica sutil aos costumes modernos, ao abandono das velhas normas que fizeram a felicidade dos homens do passado.

Sente-se, no teatrólogo, o artista que defende a poesia contra os ataques do que procuram desprestigiar toda obra de arte, em época em que os artistas lutam contra a indiferença do homem que sente apenas a produção econômica, o prazer mundano.

O Demônio e a Rosa foi ensaiada em uma cidade mineira, porém a tragédia das cheias que enlutararam as terras de Minas, impediu a sua representação. Em São Luiz do Maranhão registrou-se também uma tentativa de representação da peça de Eduardo Campos, tendo um pintor

maranhense pintado todo o seu cenário, interpretando admiravelmente o objeto artístico de **O Demônio e a Rosa**.

A Radioteatro Tupi, de São Paulo, apresentou **O Demônio e a Rosa**, merecendo do seus rádio-ouvintes comentários que colocam o seu autor entre os teatrólogos patricios mais destacados.

Não ficará, apenas nessa peça de estréia. Eduardo Campos continua trabalhando em outra, desejoso de contribuir com sua inteligência e o seu trabalho pela renovação do teatro brasileiro.

O TEMPO E ALGUNS SÍMBOLOS DRAMATÚRGICOS

ALÚZIO MEDEIROS

11 DE ABRIL DE 1948

Após a leitura da peça teatral de Eduardo Campos, “**O Demônio e a Rosa**”, publicada no primeiro número da revista “Clã”, e cuja separata tenho agora nas mãos, uma pergunta que me fiz voltou a mim por muitas vezes: haverá uma tradição da arte dramática no Ceará? Ou, equivale dizer o mesmo, existe um teatro cearense? Esta interrogação repensada com insistência me levou a uma ampliação dela: haverá um teatro brasileiro? Estas perguntas que, de início, me deixaram imerso na dúvida, receberam de mim mesmo, afinal, uma resposta, uma resposta negativa. É evidente que quando digo arte dramática não estou designando simplesmente qualquer peça de teatro, mas sim uma obra artística. E, nesse sentido, não tenho dúvida alguma em afirmar que tanto o Ceará como o Brasil não possui uma tradição dramática. Se se fizer um confronto, em qualquer período da evolução artística, seja brasileira ou cearense, do teatro com o romance, a poesia, a pintura ou outro qualquer gênero artístico, constataremos a riqueza e muitas vezes a pujança mesmo destes últimos gêneros, e a pobreza do nosso teatro.

No Ceará, por exemplo, o que temos de significativo no teatro? Talvez só uma figura possa nesse sentido ser lembrada e citada, a de **Carlos** Câmara. Mas, mesmo este autor dramático não pode ser incluído entre os verdadeiros teatrólogos, se for procedida com o rigor exigido uma classificação crítica, pois falta à sua dramaturgia aquela característica de autenticidade, elemento indispensável para uma obra artística. Por outro lado, todo o teatro de Carlos Câmara, e poderia dizer mesmo toda a ponderável produção teatral em plano nacional, é frivolamente superficial, preocupado exclusivamente com os costumes da época, daí extraíndo a sua comédia dos ridículos.

Outro fator que vem comprovar a pobreza do nosso teatro é que jamais produzimos uma tragédia, ficando apenas na comédia leve, e com a agravante dos temas serem tratados com um mau gosto que vem reforçar a minha afirmativa.

Apesar da dramaturgia cearense não ter um passado digno de uma apreciação mais demorada surge, como acaba de acontecer, uma peça como

“**O Demônio e a Rosa**”, de Eduardo Campos, que constitui uma verdadeira revolução nesse marasmo do teatro em nossa terra.

Sim, porque esta peça está escoimada de todos aqueles defeitos já por mim apontados, defeitos e fraquezas que constituíam até agora o nosso acervo dramático. Nela não encontrei a chata superficialidade, mas sim a profundidade; não encontrei a comédia leve e ridicularizante dos costumes, mas um drama doloroso do nosso tempo; não encontrei, enfim, uma contrafação artística. Mas uma autêntica obra de arte.

Aqueles que não conhecem de perto Eduardo Campos talvez cheguem a estranhar essa aparente intromissão súbita num gênero que não o que ele preferiu, até bem pouco tempo, para transmitir a sua compreensão e interpretação artística do mundo e dos homens. Mas o fato é que muito antes de Eduardo Campos revelar-se o contista barbaramente vigoroso que é hoje, já escrevia peças de teatro chegando mesmo a representá-las. Embora não tenha lido nenhuma dessas peças não temo errar afirmando que em nada elas se diferenciavam dessas chantagens artísticas que infestam os palcos de Fortaleza. Apesar da violenta severidade desse julgamento, acho que Eduardo Campos comigo concordará, mesmo porque um mérito teve aquela sua primeira experiência artística – a de revelar para ele os segredos da arte dramática, que hoje ele maneja com tanta segurança e conhecimento.

Se “**O Demônio e a Rosa**.” constitui algo de completamente novo e revolucionário, como já disse, no teatro cearense, o mesmo não ocorre se enquadrarmos a peça no plano nacional. Há, no momento, um sadio movimento de renovação na arte dramática brasileira. Companhias, a maioria delas de amadores e estudantes, no Rio, em São Paulo, em Porto Alegre e em Recife, representam Ésquilo e Pirandello, Shakespeare e Giraudoux, D’ Annunzio e O’Neill, Ibsen e Shaw; Ora, esse movimento de renovação, pelo menos no que diz respeito a representação, foi uma das causas determinantes do aparecimento de um Nelson Rodrigues e de todo um grupo de romancistas e poetas que se volta para o teatro. Está aí também, em parte, a explicação do aparecimento de “**O Demônio e a Rosa**”. Nesta peça de Eduardo Campos o problema central, em torno do qual giram todos os outros, é o tempo, ora deslizando tranqüilamente num mundo sem problemas ora carregado de presságios angustiosos e dramas insolúveis num mundo em decomposição, onde os problemas crescem e

são solucionados de maneira trágica. Afim de esquematizar estes dois estados de espírito, o que equivale dizer, com o fito de caracterizar a sociedade e o homem de períodos históricos distintos, Eduardo Campos lançou mão de personagens símbolos.

Essa técnica é usada pelo autor com bastante segurança, embora isso não me impeça de dizer que o didatismo da explicação dada pelas próprias personagens do que simbolizam, muito prejudicou a intensidade da peça, que se realiza, apesar disso, num clima de autêntica arte dramática. Cada personagem, portanto, significa todo um período histórico e, conseqüentemente, uma maneira de pensar e sentir da classe social dominante. Assim é que **Elga** simboliza as fontes puras e humanas da vida, **Natália** a mulher insensível que a sociedade capitalista engendrou, **Rolando** e **Carlos** os burgueses típicos. O conflito dessas personagens, ou melhor, o conflito desses dois mundos, já que elas refletem determinados períodos históricos, constitui o conteúdo da peça. Logo no início do primeiro ato **Elga** encontra-se moribunda, enquanto seu marido faz digressões, com um amigo, sobre o desenvolvimento da indústria e as possibilidades do aumento de sua riqueza. Morrendo **Elga**, que simboliza a fonte da vida, o desespero vai tomando conta de todas as personagens, que envelhecem rapidamente. Ha, assim, a vitória da burguesia, representada por **Natália**, **Rolando** e **Carlos**. Entretanto, a insatisfação e a angústia são cada vez maiores e o desfecho da peça é bem outro, havendo uma inversão completa dos dominadores.

Eduardo Campos retrata, desta maneira, n' **O Demônio e a Rosa**", todos os dolorosos problemas que são de todos nós e do nosso tempo. E com a intenção evidente de fazer com que o espectador não só participe por meio das emoções do drama que se desenrola no palco, mas que se integra na peça como na própria vida, é que o autor faz com que "Elga suba (sobe) para o primeiro plano do palco vinda pela platéia" (primeiro ato – Segundo cena – p. 8), "Quatro homens fortes e sombrios trazem um ataúde. Sobem pela escada adicional.", "(Segundo ato – Sexta cena – p. 19) e ("O pano vai e fechando, as luzes tomando conta da platéia, a proporção que **Rolando** e **Elga** saem do Teatro"). (Terceiro ato – Décima segunda cena – p. 29). Estes exemplos mostram com bastante clareza que o autor, escrevendo a peça, não quis apenas refletir o drama do nosso tempo. Quis mais, quis mostrar que a peça era uma condensação artística

da própria época que estamos vivendo e que, assim, todos nós, futuros espectadores, éramos atores de um drama universal e do nosso tempo.

E por isso é que as personagens, algumas vezes, entram pela própria platéia para chegar ao palco e dele descem para sair do teatro com os espectadores, numa identificação da tragédia representada com a própria vida.

A morte de **Elga**, como já disse, determina uma transformação completa no comportamento das demais personagens. Começa, então, o choque entre **Elga**, o que ela representava como símbolo – as fontes humanas da vida –, e o materialismo grosseiro dos símbolos da burguesia, isto é, de **Rolando** e **Carlos**. Mas, chegando ao fim da peça, **Rolando** constata que não pode viver sem **Elga**, ou, sem o humano. Suicida-se e encontra-se com **Elga** na outra existência. O curioso, porém, é que a outra existência não é no sentido extraterreno, mas sim uma volta ao homem no que ele possui de mais puro. E tanto isso é verdade que **Elga** e **Rolando** descem do palco e saem pela platéia no instante mesmo em que finaliza a peça, voltam à vida que foi esmagada pelo capitalismo, advertindo a todos os espectadores que não percam as esperanças porque a rosa será vitoriosa. Mas, o que é a rosa? alguém que não leu a peça poderá perguntar. A rosa é **Elga**, que aniquila o demônio (sociedade atual ou sociedade capitalista), e resplandece num final que é um verdadeiro incentivo.

O POVO E O TEATRO DE 1950

RICARDO GUILHERME

JORNAL O POVO, 10 JUNHO 1979

É porém, um cearense de Pacatuba, Manoel Eduardo Pinheiro campos (1923), escritor ligado ao movimento Clã, quem calcado na técnica expositiva de Nelson Rodrigues em “Vestido de Noiva”, redimensiona o espaço cênico no feudo teatral cearense, com “**O Demônio e a Rosa**”, publicado em 1948, Edições Clã, e encenado dois anos depois, a vinte e cinco de maio, sob a direção de Waldemar Garcia, no Teatro José de Alencar, pelo Teatro Universitário do Ceará.

Não fora o arcabouço da narração que o sustenta o entreccho poderia ser detectado sem maiores implicações.

A peça revela o drama de **Rolando**, coadjuvado pelo de **Elga, Natália** e **Carlos**, respectivamente primeira e segunda esposa, e amigo do protagonista. Este atormentado pela morte da primeira mulher, sustenta o conflito básico da trama, ou seja, aquele no qual estão envolvidos a realidade vivida por **Rolando**, a consciência deste e seus conflitos.

A cena descreve três planos. No primeiro, “aparece um túmulo de linhas modernas” segundo descrição do autor. No plano seguinte, “um jogo de poltronas, telefone ao centro, ao fundo, um aparelho de rádio”. Sala de operação de um hospital indeterminado compõe o terceiro e último plano.

A disposição do cenário e a experiência narrativa que a justifi-a denotam influência de “*Vestido de Noiva*”, de Nelson Rodrigues, montada por Ziembinsky no Rio de Janeiro, em dezembro de 1943, e conhecida por Eduardo Campos, conforme declaração verbal do mesmo, antes da elaboração de “**O Demônio e a Rosa**”.

Na peça representada pelo grupo “Os Comediantes” são também os três planos de ação: o da realidade, o da memória e o da alucinação. Em síntese, Nelson Rodrigues relata no plano real o atropelamento da protagonista e os socorros prestados, nos demais planos em linguagem freudiana imerge nos inconsciente e no subconsciente da vítima, descobrindo-lhe as impressões memorizadas e as retidas inconscientemente, para com o somatório dessas vivências, contar o drama.

Do mesmo modo Eduardo Campos investiga os prismas objetivo e subjetivo do fato narrado. No segundo plano, dos dados reais: a morte de **Elga**, inadaptada para os novos padrões de comportamento o novo casamento de **Rolando** (com **Natália**) representante típica dos inovadores costumes da sociedade pós guerra. No primeiro plano, os elementos subjetivos: a Voz da consciência de **Rolando** personificada em **Elga**, os contatos extraterrenos de **Lúcia**, morta no século passado, e **Elga**. No terceiro plano, a projeção do delírio de **Rolando**, segundo o qual este personagem depois de tentar o suicídio (ingestão de desintegrante atômico), é operado e morre.

A cena final passada no primeiro plano, junto ao túmulo, mostra o reencontro de **Elga** e **Rolando**.

Afora a estrutura em face dos três planos, o texto ousa ainda no campo da iluminação ziembiskyana, iluminando por focos, luz velada. Alguns recursos como a utilização do microfone nas falas especialmente soturnas de **Elga** e as figuras do **Médico** e do **Repórter** na situações descritas lembram “Vestido de Noiva”.

Apesar dos pontos coincidentes, as obras de Nelson Rodrigues e Eduardo Campos divergem dentre outros aspectos em colocações. O autor de “**O Demônio e a Rosa**” tende com suas personagens a personificar as transformações sociais no Brasil pós guerra, enquanto Nelson Rodrigues procura, acima de tudo, aprofundar-se psicologicamente, aclarando a realidade objetiva dos personagens a partir da visão introspectiva destes.

OS DESERDADOS

OS CONTEÚDOS SOCIAIS

JOSÉ LEMOS MONTEIRO

IN *O COMPROMISSO LITERÁRIO DE EDUARDO CAMPOS*

P. 35, 36, 37, 38, 39.

SECRETARIA DE CULTURA DO CEARÁ, 1981.

Os temas explorados nas três peças de Eduardo Campos todos objetivam denunciar o lado injusto do poder, que nada faz para minimizar a situação de desamparo das populações desprivilegiadas mas, ao contrário, procura alimentar-se desse mesmo estado de miséria para fortalecer-se. O teatro, é então, um meio de desabafo ou protesto do autor, cômico de que a arte deve também exercer um papel de modificação das estruturas sociais. Tal atitude parece coerente e necessária, pois, no entender de muitos ideólogos da arte, esta precisa refletir a decadência da sociedade e, a menos que pretenda ser infiel à sua função social, deve mostrar o mundo como passível de ser mudado.

Ernst Fischer, explicando a teoria de Bertolt Brecht sobre a função social da arte, sentença:

No mundo alienados em que vivemos, a realidade social precisa ser mostrada no seu mecanismo de aprisionamento, posta sob uma luz que devasse a “alienação” do tema e das personagens. A obra de arte deve apoderar-se da platéia não através da identificação passiva, mais através de um apelo à razão que requeira ação e decisão. As normas que fixam as relações entre os homens não de ser tratadas no drama como “temporárias e imperfeitas”, de maneira que o espectador seja levado a algo mais produtivo do que a mera observação, seja levado a pensar no curso da peça e incitado a formular um julgamento, afinal, quanto ao – que viu: “Não era assim que deveria ser. É estranho, quase inacreditável. Precisa deixar de ser assim.”

Ao escritor há de caber, portanto, uma “função ideológica”, reconhecida até mesmo pelos que não aceitam a posição da crítica marxista. Assim, Antônio Cândido, entende que essa função decorre normalmente da consciência dos problemas que afligem a sociedade, problemas que geram um momento de expectativa no receptor, face às denúncias que este anseia presenciar. Quase sempre, assinala ainda Antônio Cândido, “tanto os artistas quanto o público estabelecem certos desígnios conscientes, que passam a formar uma das camadas de significado da obra. O artista quer atingir determinado fim; o auditor ou leitor deseja que ele lhe mostre determinado aspecto da realidade”. Por isso, compete ao escritor utilizar o poder de persuasão que a língua possui, no intuito de figurar a realidade tal como existe nos dias atuais, sem que isto signifique uma simples transposição ou decalque desprovido de qualquer criatividade. Nelson Werneck Sodré, chega ao ponto de afirmar que “aquele que não tem condições para enfrentar a verdade e para proclamá-la, sejam quais forem as conseqüências, não tem condições para ser escritor”.

Essa advertência não atinge em nenhum ponto o comportamento literário de Eduardo Campos. As denúncias são tão contundentes que sobressaltam o espectador mais avisado, pela coragem e vigor do discurso que as transmite. E em **Rosa do Lagamar**, a heroína é despejada de sua humilde casa para satisfazer aos caprichos de um burguês. Eduardo Campos, aproximando-se ao máximo da realidade e dando um testemunho da coragem aludida por Nelson Werneck Sodré, não descreve de modo indireto a corrupção das autoridades que determinam a derrota de Rosa e a vitória esperada do Dr. Severiano.

Ele vai muito além e localiza inclusive o ponto exato da cidade de Fortaleza onde o fato pode ter acontecido. Ora, referindo que a mansão estava sendo erguida no prolongamento da Avenida Desembargador Moreira da Rocha, próximo ao mar, o autor quase convida o espectador a ir até lá e identificar “in loco” a residência luxuosa que lhe serviu de inspiração. É verdade que esse pode Ter sido apenas um artifício para conferir mais autenticidade e verossimilhança, mas a alusão ao nome da rua e ao trecho preciso onde a ação se desenrola indica que o engajamento social do escritor se estriba em fatos concretos, insofismáveis. É como se dissesse que está apto a mostrar o palco das injustiças para quem quiser com-

provar. Uma prova evidente de que está a favor das mudanças por uma sociedade mais equânime e menos torpe.

A mesma atitude se presentifica em **Morro do Ouro**. A favela escolhida é real e sua descrição não oculta os aspectos deprimentes de um local onde se deposita o lixo da cidade. A crítica à sociedade é deflagrada nos mais diversos ângulos em que emerge a concepção de moral burguesa marcada por um falso puritanismo, a demagogia dos políticos oportunistas que em época de campanha eleitoral aparecem como redentores, a perseguição da polícia ao contrabando de sandálias ou peças de tecido para fazer de conta que sua atuação é saneadora, a prostituição como forma de subsistência e, enfim, tudo o que resulta do analfabetismo e da fome.

Finalmente, em **Os Deserdados**, a crítica social enfoca o drama torturante dos flagelados da seca, reconhecendo os problemas e revelando a falta de solidariedade humana dos detentores do poder. Nesse contexto, define-se o preconceito social expresso pela submissão do negro ao subemprego e a um tratamento injusto que o arrasta à marginalidade, surge a exploração sexual dos que se aproveitam da fome para seduzir jovens impúberes, impõe-se o êxodo como única forma de fugir da morte por inanição. Toda a experiência trágica do nordestino é denunciada como uma espécie de castigo que se reitera de uma vez em quando. E o castigo é fruto da desigualdade social, assim compreendida pela percepção clarividente de Hortênsia: “Não tivemos inverno este ano porque os maus transformaram a terra no inferno. Deus, quando criou o mundo, não tinha pobres nem ricos!”

Tamãha desigualdade é a causa da injustiça e, por conseguinte, do martírio a que são subjugados os mais fracos. A seca em si é um problema solucionável, desde que inexistam o interesse dos fortes em servir-se dela como meio de aumentar ainda mais a sua força, porque entendem que serão tanto sendo aniquilados progressivamente a um nível que lhes roubará a própria condição humana. Serão animalizados, inferiorizados como bichos. e, pior que tudo, conscientes dessa situação, conforme desabafa uma das personagens:

“Sim, mas eu devia ter um ferro. Quem sou eu se não um bicho, um bicho seu?”

Aliás, essa consciência da animalização é um dado percebendo por outros escritores que operaram sobre o tema da seca. Graciliano Ramos,

por exemplo, constrói Fabiano como “gente-bicho”, em contraposição à Baleia, “bicho-gente”, numa crítica indisfarçável à condição de subvida a que são impedidos os sertanejos. O massacre imposto a estes à duplo: a escravidão ditada pelos senhores de terra e a inclemência da própria terra que os embrutece.

Por isso, em **Os Deserdados**, Eduardo Campos demonstra sua preocupação com a condição subumana dos flagelados da seca, tratados ao nível dos irracionais, escravizados a um sistema de exploração do homem pelo homem e herdeiros de uma consciência submissa ao poder dos mais fortes.

A paisagem inóspita da caatinga, o céu isento de nuvens, a terra estorricada constituem o depoimento da falta de domínio do homem sobre a natureza ainda em pleno século XX, o que parece confirmar não a impotência mas a ausência de solidariedade humana, com certeza a única explicação plausível para a presença cada vez mais assustadora da fome e da miséria, principalmente em época de escassez de chuvas.

Nesse quadro, o nordestino é vítima e, acima de tudo, se posiciona às vezes numa atitude de alienação, julgando-se castigado por Deus, ao invés de perceber a injustiça estabelecida pelo próprio homem como responsável direta pela sua miséria. Isto lhe aguça o temor e sentimento de culpabilidade, fazendo-o enveredar por um fanatismo religioso que constitui o alimento básico para seu estado de total submissão. Dessa forma, a seca é associada ao inferno, conforme as palavras de Hortênsia:

“O sol é o fogo! O fogo é o inferno em que todos seremos consumidos.”

Essa concepção do estado de desamparo como uma penitência ou expiação pelos pecados figura em inúmeras cenas de **Os Deserdados**, paralela ao profetismo de dias de felicidade para os homens bons. A visão apocalíptica de Hortênsia define a cada passo o julgamento das atitudes humanas:

“Nada ficará sobre a terra. Seremos atingidos pelas chamas, exceto os que estiverem isentos de pecado. E depois, Gedeão, as chuvas se desatarão.”

Todavia, a interpretação sobrenatural, se representa uma fuga ou alienação, acena para a maldade do homem, firmando o conceito de que todos pagam por alguns que pecam. Hortênsia percebe que tudo é uma questão de luta do bem contra o Mal, aquele representado pelo sertanejo faminto, este simbolizado pelo patrão aproveitador da miséria. Ela compreende que alguns “querem a miséria do povo para se enriquecerem a si

mesmos” (p. XI). Mas, como seu esquema de pensar transferida para um tratamento místico-visionário. Oscilando entre a loucura e a paranormalidade, Hortênsia fortalece a cada cena a convicção de que seu filho morreu para lá do céu comandar a destruição do Mal:

“Agora vocês acreditavam n**O Anjo!** Meu filho é aquele que nos protege dos perversos e dos invejosos. (...) O Satanás não morreu ainda. Está vivo entre nós, comprando o nosso suor com o seu sujo dinheiro! E meu filho, por meu intermédio, manda-lhes esta ordem: é preciso afastar do nosso convívio os que nos roubam o pão de cada dia!” (p. XXXIX)

O lance acima mencionado e muitos outros constatam que o fundo místico age como um pretexto para uma pregação de caráter ideológico, assentada nos princípios da justiça social. A rebelião dos flagelados, que deixam de obedecer às ordens do patrão, é o sintoma do despertar da consciência das desigualdades sociais como causa de todos os males e da necessidade de luta pelos direitos de sobrevivência.

Parece, pois, que o aproveitamento do fanatismo religioso não tem apenas a função de denunciar a alienação do sertanejo ou firmar-lhe o caráter de submissão. Ao contrário, como o fanatismo é capaz de produzir os mais fortes radicalismos, sua função principal é a de propor uma nova ordem social, partindo de um princípio de erradicação das regras em que sempre se armou o sistema de escravização do homem em qualquer de suas formas.

A MÁSCARA E A FACE

II FESTIVAL NORTISTA DE TEATRO AMADOR

AGNELLO MACEDO

“JORNAL DO COMÉRCIO”, RECIFE, 15 OUTUBRO 1956

... E há um público numeroso para o espetáculo do Teatro Escola do Ceará, com “Máscara e a Face”, de Eduardo Campos. A direção é de D. Nadir Sabóia; o cenário de Flávio Phebo executado por Helder Ramos; Som e Luzes de João Ramos.

O primeiro ato dá-nos uma impressão magnífica. A peça tem um corte moderno e os efeitos de luz são perfeitos. “Decor” muito bom. Guarda-roupa de muito bom gosto.

No primeiro intervalo efervescência de comentários. A grande maioria está agradavelmente surpreendida. Um pequeno número está apontando “**A Máscara e a Face**” como um plágio de *Santa Marta Fabril S/A* e isso nos surpreende mais ainda do que a qualidade do espetáculo que estamos assistindo pois não há, entre essa e a peça de Abílio Pereira de Almeida outro ponto de contato que não seja o fato de se tratar de uma família que tem uma indústria.

No segundo ato, o Autor não conserva o mesmo interesse do primeiro. A peça cai, como texto. Enfraquece. Há um ou outro lugar comum e uma tendência para o novelesco radiofônico. O final, entretanto, apesar de um acidente infeliz muito notado por uma parte do público, – a colocação de um espelho dando uma visão dos movimentos na caixa – salva qualquer possível desastre, pois a última fala traz à tona todo o clima psicológico da peça quando, chamada para ver D. Elvira, que “está morrendo”, Margarida dirige-se para o telefone dizendo; “Vou chamar o fotografo.”

O terceiro ato também tem defeitos de construção. Não há suficiente preparação para a entrada do “visitante” e o autor reincide no lugar comum. O final é bom.

Eduardo Campos precisa trabalhar mais “**A Máscara e a Face**”. A idéia é interessantíssima e ele poderá perfeitamente conseguir muito mais. Soubemos, depois, que a peça foi escrita em três noites apenas. Isso é um crime. Não há gênio que consiga espremer uma peça em tão pouco tempo.

A técnica de construção da peça de Eduardo Campos tem muita originalidade, qualidades de Autor ele as tem, e isso vale dizer que, dispondo de tempo para corrigir os defeitos, podendo evitar o perigoso que representa sempre escrever como se diz, em cima da perna, “**A Máscara e a Face**” ganhará muitíssimo. É preciso, pois, que ele refaça o seu trabalho, pois poderá torná-la numa peça de muito interesse.

Em que pesem os defeitos que se encontram no original, “**A Máscara e a Face**”, como espetáculo, agradou.

A direção de D. Nadir Sabóia – autodidata confessada – foi o resultado de uma aliança entre intuição, bom gosto e imaginação. Assistindo a um bom diretor, ou fazendo mesmo um curso de direção, D. Nadir muito lucrará.

João Ramos deve ser também um curioso em matéria de teatro, mas o seu trabalho nas luzes, que tem importância vital em “**A Máscara e a Face**”, foi perfeito. Não houve uma falha sequer.

Nadir Sabóia – D. **Elvira** – com o principal papel da peça, reafirmou uma notável intuição. Sua interpretação foi honesta e equilibrada, sofrendo apenas nos pontos em que o texto enfraquecia. Transmitiu sempre a alma da personagem, e o fez com calor e dignidade.

José Maria Lima – **Mesquita** – teve um comportamento sóbrio. Tem um bela Voz e boa presença de palco.

Marisa Campos – **Clarinha** – muito prejudicada pelo excesso de choro que o seu papel exigia.

Ruy Diniz – Orlando tem boas inflexões e faz bom uso da máscara. Falta-lhe, porém, o controle da Voz nos momentos de exaltação. Boa figura.

Fernanda Quinderé – **Margarida** – tem bonita figura, muita elegância pessoal e bastante naturalidade cênica.

Juan Hill- o fotógrafo – sob medida para o papel.

Itamar Cavalcante – Visitante – muito indeciso, agravado assim o defeituoso da sua entrada no 3º ato que essa personagem, dentro da construção da peça, fica um pouco forçada.

Alexandre Sabóia e Marta José, em duas pontas – investigador e criada – estiveram bem mauzinhos, especialmente Maria José que, no final

do 2º ato foi infelicíssima. Com todos os defeitos apontados, que não são poucos, o espetáculo do teatro escola do Ceará teve ainda um grande saldo favorável.

D. Maristher Gentil também tem o seu quinhão: foi contra-regra: uma contra-regra vestindo o modelo de Dior, ou coisa parecida.

Ainda encontramos quem teimasse em dizer que “**A Máscara e a Face**” era calcada em *Santa Maria Fabril S/A*.

De fato: parecem-se como dois copos com água, mas com a diferença no seguinte: uma seria aguarrás e outra água mineral. Ambas são incolores e transparentes. É o caso das duas famílias, que tem indústria.

Na caixa do teatro, a azáfama de depois de um espetáculo: cumprimentos, comentários e explicações.

D. Maristher Gentil reclama o excesso de visitantes nos intervalos e lamenta que Reynaldo de Oliveira não a tenha atendido, neutralizando o espelho conforme ela pedira. Isso provocou visibilidade da caixa para o setor da platéia e a multidão na caixa impediu-a de ver como as moças estavam vestidas. Mais nesse ponto tudo saiu muito bem.

Os grupos das “boites” vão cumprir seus destinos dentro da noite.

Todos, sabem, porém, que às 10 horas da manhã seguinte haverá nova Sessão Plenária.

NÓS, AS TESTEMUNHAS

AS TESTEMUNHAS

FRAN MARTINS

CORREIO DO CEARÁ, 10 OUTUBRO 1958

Ao assistir ontem a estréia da nova peça teatral de Eduardo Campos fiquei a pensar no trabalho que esse intelectual vem realizando em prol do teatro no Ceará. Não me refiro a ajuda, ao incentivo, a cooperação que ele dá ao Teatro Escola, o que seria já um ótimo serviço prestado não apenas a esta entidade mas ao desenvolvimento da arte cênica em nosso Estado; quero referir-me especialmente à sua contribuição como **Autor** – um dos poucos autores que, no Nordeste, estão sempre procurando introduzir em suas peças coisas novas, atestando assim estar ao corrente do que se passa na arte do teatro no mundo atual.

Porque, o que primeiro chama a atenção nas peças de Eduardo Campos é justamente essa fuga da rotina que ele utiliza em tudo o que escreve para teatro. Assim em **O Demônio e a Rosa**, sua peça de estréia, em **Os Deserdados**, que lhe seguiu e agora em **Nós as Testemunhas**, cuja estréia se verificou ante-ontem. O espectador, quando vai assistir a uma dessas peças, tem a certeza que não encontrará aquele ramerrão de um primeiro ato a armar a trama, um segundo a entretê-la e um terceiro que será o desfecho natural das cousas. Isto foi o que até bem pouco fizeram todos os teatrólogos, nacionais ou estrangeiros, repousando o valor da penas na urdidura da mesma. Mas a verdade é que o teatro evoluiu – na realidade, das belas artes foi das que mais evoluíram neste último século, quase se equiparando à pintura e à música. Evoluiu na sua conceituação, na sua forma, na maneira de apresentação, fazendo com que hoje o espectador deixe de ser mero espectador para ser também um participante da peça. Dinamizou-se, assim, o teatro, e querendo do público maiores conhecimentos para poder sentir bem o drama que o autor focaliza; mas, a essa desvantagem, que torna o bom teatro um verdadeiro teatro de elite, há a considerar que deixou o mesmo de ser

apenas um passatempo, como até então tinha sido, para se transformar em uma verdadeira arte, não apenas de representação, no seu conceito clássico, mas de comunicação, principalmente.

Essa nova peça de Eduardo Campos não poderia deixar de estar revestida dessas qualidades. Apresentando um drama talvez fraco para a intensidade com que é vivido, baseando a sua argumentação em um contraste entre a vida íntima dos personagens e sua vida material, na verdade ele se utiliza de um processo psicológico em que os espectadores podem acompanhar a história sem ter um ponto de vista firmado, porque a solução do problema apresentado na peça realmente vai depender do julgamento de cada um. O autor não guarda mistérios sobre isso, quando lança o problema e apresenta a solução. Solução particular dos personagens, a que nós outros, espectadores ou testemunhas do fato, não estamos na obrigação de aceitar. Porque as testemunhas, aquela testemunha que aparece na peça, a acusar o personagem sobre o seu modo de agir, na realidade não é material, mas psicológica. É talvez a consciência, e cada um dos espectadores, transformado em testemunha, julgará de acordo com a sua própria consciência do personagem. Muitos podem mesmo achar que a solução dada pelo autor, através do seu personagem principal não é a verdadeira e isso, de modo algum, desfigura a peça de Eduardo Campos. Não fez ele, no nosso parecer, uma obra destinada a impor o seu ponto de vista, para que esse fosse aceito por todos os espectadores; na realidade, lançou ele um problema, baseou-o em várias premissas, desenvolveu de acordo com o seu raciocínio mas, ao mesmo tempo, deixou liberdade a que os espectadores apresentassem também as suas soluções, e as adorassem se achassem que elas, e não a apresentada pelo personagem principal, é que merecem ser levadas em conta.

Isso no sentido profundo da peça de Eduardo Campos. No sentido formal, estamos ainda com a mesma idéia que já manifestamos .a respeito de outras obras, teatrais ou de prosa de ficção, desse devotado trabalhador intelectual do Ceará. Achamos que Eduardo Campos tem inúmeras qualidades, podendo ser considerado não apenas um excelente teatrólogo mas um excelente contista e um estudioso muito dedicado de nossas cousas do folclore. Mas achamos também que muitas vezes peca ele pela pressa, razão qual sua obra tem altos e baixos. No conto, por exemplo, é assim: em dado momento nos dá Eduardo Campos extraordinários contos, como

aquela “*O Abutre*”, mas em seguida, apressadamente, publica outros que mereciam vários retoques, por não se situarem na mesma categoria do primeiro. No que diz respeito às suas peças teatrais, verifica-se que, em algumas passagens, ele descarta a ação, amortecendo a peça, tornando-a lenta, o que choca o leitor ou o assistente, dado o clima geral de elevação em que o restante da peça se situou. Por exemplo, no segundo ato deste *Nós as Testemunhas*, segundo ato que, indiscutivelmente, é um dos pontos altos da peça, nota-se que houve preocupação em dar à personagem feminina a situação de destaque, enquanto que a sogra de Carmem, que naturalmente deveria ficar em segundo plano, foi por demais apagada quase que prejudicando a peça. Esses são, porém, pequenos defeitos de que o autor se corrigirá, com certeza, para que não percam unidade as suas peças teatrais. De modo geral, estamos na presença de um teatrólogo de grandes qualidades e *Nós as Testemunhas* representam uma prova evidente de que Eduardo Campos evolui sempre.

AS TESTEMUNHAS E O TEATRO ESCOLA

BRAGA MONTENEGRO

CORREIO DO CEARÁ, 15 NOVEMBRO 1958

Não sei se devo começar este comentário sobre a peça com uma referência a seu cenário. Acredito que sim, pois o cenário, com ser a primeira parte da montagem de uma peça a se apresentar ao público, tem, no teatro moderno adquirindo atribuições tanto mais indispensáveis quanto em certas peças o aparato técnico de carpintaria, de mudança de planos, de jogo de luz, de sonoplastia, se constitui como um novo motivo de sustentáculo da estrutura teatral, modificando assim a clássica tripeça de autor-ator-público, até ontem restritamente admitida. No caso presente, de certo modo, esta prioridade se impõe, não direi porque na montagem o cenário se fizesse rigorosamente indispensável aos desígnios artísticos e técnicos da peça, porém, o que é bem mais louvável, pela sua própria qualidade intrínseca. Efetivamente, Floriano realizou em matéria de cenografia, um trabalho digno e que se recomenda pela sobriedade de linhas, pela harmonia de tons; um trabalho que se afirma sobretudo pela originalidade de concepção mas sem truques nem soluções abstrusas, quase clássico em sua composição essencialmente tranqüila. Eu já o observara nos bastidores, porém, ao suspender a cortina, de tal modo fiquei atento a seus detalhes, ao colorido de suas tintas, à disposição de seus valores decorativos, que me descuidei quase do homem que se lamentava, da mulher que ali se achava estendida e morta, provisoriamente morta, sob o olhar curioso e cheio de interrogação das testemunhas, isto é, do público.

Tratemos então da peça, de suas soluções dramáticas e artísticas. Não levarei em conta as intenções do autor, facilmente perceptíveis no plano por que dispôs sua peça, ou seja a de colocá-la num teor de realização dentro de certas tendências do teatro de vanguarda, isto é, a meu ver, será talvez uma de suas debilidades. Tenho para mim que Eduardo Campos compôs uma obra teatral em suas linhas principais e mais característi-

cas que se poderá qualificar, simplesmente e sem nenhum constrangimento, de realista. Realidade é certo, atenuada por uma aura de poesia que, infelizmente, é muitas vezes prejudicada no empenho do autor em fugir a fórmulas estabelecidas, a cânones consagrados na arte dramática. Por exemplo: não posso atinar com o sentido lógico, sequer com o sentido dramático, que o autor quis inculcar às cenas da mulher morta, fazendo-a logo em seguida e no mesmo ato, sem qualquer transição ou transformação mimética, ressuscitar. Sim, porque ela estava morta, irremediavelmente morta. Assassinada! Disto estava convencido Lineu, estava convencida a testemunha e por isso acusava. Nós, do público, estávamos também convencidos. E Carmem se levantaria da morte, num desmentido às nossas convicções de testemunhas, com a mesma simplicidade biológica de uma borboleta que sai de uma crisálida; e não para viver sua vida de sonho ou fantasia, mas para viver simplesmente a vida contingente e natural de qualquer mulher, exceto as peculiaridades de seu drama doméstico que a todos nos devia comover. A mesma brusca mudança teríamos de assistir no terceiro ato, quando se operaria o verdadeiro assassinato e, de imediato... nova ressurreição, num apelo forçado ao *happy end*, que afinal de contas não se opera, pois a mulher continuaria morta, não obstante sua presença entre os vivos, irremediavelmente morta, vítima de fome e de amor. Em tudo isso não deixaria de haver uma inesperada violência à realidade, senão a verdade dramática, coisa imprescindível ao gênero. Pois tudo se admite no teatro, menos a transgressão a essa verdade. Na peças mais revolucionárias essa verdade há de estar presente; quando não explicita, pelo menos implicitamente; é a realidade do símbolo, a realidade poética que se manifesta por sugestões, mas que significa vida.

Mas não se suponha que nego à peça de Eduardo Campos méritos poéticos. Apenas estes méritos não se fazem constantes em todas as situações da matéria apresentada. Todavia, entre a entrada de Da. Augusta em cena no primeiro ato e a volta de Lineu da competição, quase no final do terceiro, há muito drama e drama cujo ápice está no segundo ato, ao qual Fernanda Quinderé emprestou relevo extraordinário, inesperado mesmo em artista amador.

Ressalte-se ainda uma das virtudes de Eduardo Campos como autor teatral, esse de que no palco ele cede preferencialmente a luta aos personagens, e são estes sempre que falam, ao invés de seu **Criador**. E tudo

isso sem prejuízo do moralista, o qual se impões e nos obriga, a nós espectadores, a que sejamos não apenas testemunhas mas jurados também.

Afirmei ainda que o melhor da peça de Eduardo Campos foi inspirado rigorosamente dentro dos moldes tradicionais do teatro, moldes esses utilizados e admitidos – melhor diria, não prescindidos – na realização do melhor teatro moderno. Veja-se o argumento, a moral do drama. Um homem absorvido na vertigem inumana dos tempos atuais um *Babbitt* provinciano, impregnado da filosofia do êxito. Fora de suas vendas, de seus troféus, de suas medalhas, nada mais conta, mesmo os sentimentos mais puros, mesmo e inclusive seu débito doméstico. E daí lhe nasceria a tragédia de que o autor se aproveitaria e dela retiraria soluções excelentes de conteúdo artístico. Carmem é jovem e ardente e não se submete a viver no *back ground* da vida moral do esposo. Ama-o, deseja-o, e rebela-se ante sua indiferença, ante sua inumana paixão pelo êxito, cujo objetivo imediato está no campeonato de vendas de certa empresa comercial.

Dir-se-á que o tema não é novidade na literatura – no conto, no romance, no drama. E não é mesmo. Contudo, o que importa numa obra de arte não é o tema – e esta afirmativa já constitui um truísmo – porém a maneira por que ele é tratado.

Agora uma vista de relance sobre as personagens, sua direção e interpretação. Lineu não saiu a figura que o autor talvez lhe pretendesse caracterizar. Também seu papel não teve desempenho acabado na pessoa do jovem Cláudio Santos, um estreante que no entanto demonstra lisonjeiros pendores para ator dramático. Mais alguma experiência, melhor entonação de Voz, certo comedimento nos gestos, mais consciência de suas atribuições em cena, e teremos nele um artista senhor de seu “metier”. Carmem será certamente a figura central do drama, pois o drama é dela mais do que de qualquer outro figurante. Não será mesmo de Lineu, cuja mente está embotada pela ambição prosaica de um bem material limitado. Também da Augusta não se impões como personagem senão do estreito quadro de seu egoísmo materno, de sua unilateral visão dos fatos. As outras figuras quase não tem significado na ação: A testemunha (muito bem desempenhada, não obstante, por José Maria Lima) poderia ser por nós, o público, perfeitamente substituída, como de fato o seria no final da peça; e Anastácia é personagem secundaríssima, menor talvez do que Frederico, que é um criação à *Dafne Adeane*, cuja presença apenas se manifesta pela

repercussão. Anastácia é, assim, uma personagem que nos poderia ter vindo pelo telefone, sem nenhum prejuízo para a ação, e é estranhável como tenha passado isso despercebido à Sra. Nadir Saboya, a menos que não tenha pretendido fazer esse corte de uma personagem visível numa peça já de si bastante econômica neste particular. Acredito não recusaria ela, na qualidade de *meteur-en scène*, e com a experiência que lhe assiste, ante a necessidade de fazer semelhante corte.

De qualquer modo é bastante louvável o trabalho da Sra. Nadir Saboya, como diretora, em *Nós as Testemunhas*. Ela com a competência que lhe é reconhecida, efetivamente retiraria do argumento o mais possível de efeito cênico, imprimindo assim em todo o espetáculo a marca de sua personalidade e de sua compreensão do fenômeno dramático. Só há mesmo a estranhar, face a tão magníficas intenções e possibilidades, não tenhamos ainda um teatro que se passa recomendar sem restrições entre nós. Mas acredito que com o tempo, e com a mesma disposição de animo que observamos no Teatro Escola do Ceará, o alcançaremos.

Na qualidade de atriz, entretanto, mesmo porque o papel que se reservou não competia maior aplicação, a Sra. Nadir Saboya não esteve no mesmo plano de exibições anteriores, não obstante as admiráveis virtudes de comediante que lhe são inerentes. Parece que ela se dedicou toda na apresentação da interprete de Carmem. É efetivamente um encanto a generosidade com que Fernanda Quinderé se entrega a seu papel, numa afirmação muito séria de seus dotes artísticos. Em cena ela não quis (ou não lhe foi permitido) ser a mocinha de sociedade, freqüentadora contumaz das colunas do *saciel*), porém, exclusivamente a Carmem, com seus problemas, sua sensibilidade, seu sofrimento de esposa ente o amor do esposo e o persistente apelo do amante. Não teve, por assim dizer, nenhuma consideração com os frívolos recatos de sua casta, o que, de algum modo, também lhe define a vocação de atriz. Ela compreendeu, assim, que não pode haver teatro, nem arte nenhuma seria, sem irrestrita entrega, e compreendeu ademais que no palco o figurante não é mais possuidor de sua personalidade cotidiana, porém, um ente triste ou alegre, cínico ou recatado, modesto ou turbulento, mesquinho ou generoso, segundo a inspiração do papel que lhe foi distribuído.

NÓS, AS TESTEMUNHAS

SORAYA

DIÁRIO DE ALAGOAS, 24 JANEIRO 1959

A formosa terra de Iracema deu-nos, segundo nossa modesta opinião, o melhor espetáculo dessa temporada, com a exibição da peça de Eduardo Campos **Nós, as Testemunhas**, pelo seu brilhante elenco.

Peça moderna e interessante que prende a atenção do espectador do começo ao fim, foi valorizada por um belo cenário, ótima direção, ótima interpretação e grandes artistas. Podemos mesmo afirmar, sem receio, que em se tratando de amadores (os do sul inclusive) foi um dos melhores trabalhos que já assistimos. Todos os louvores são poucos para o elenco, onde sobressai incontestavelmente essa notável Fernanda Quinderé, no papel de Carmem. O seu desempenho foi qualquer coisa de surpreendente, impecável mesmo, constituindo o ponto alto de todo o espetáculo. Natural, sincera, humana e linda, viveu o seu difícil papel com a dose de dramaticidade exata, sem descamar em nenhum momento para a super representação, o que convenceu e valorizou de maneira indiscutível o seu primoroso trabalho artístico. Admirável a queda final. Admiráveis, enfim, todos os instante vividos no palco por essa charmosa e talentosíssima atriz.

Cláudio Santos – ótimo ator. De início, um tanto incerto, melhorando sensivelmente do segundo ato em diante quando atuou bem até o fim. É talentoso, tem boa presença, máscara expressiva e viveu certas cenas admiravelmente. Foi um dos motivos do êxito de **Nós, as Testemunhas**.

Nadir Saboya – experiente atriz, revelou sua “classe” logo ao pisar no prosclênio. Expressivas atitudes, naturíssima, seu desempenho foi magnífico no papel de d. Augusta. Além de atriz emérita, é a diretora do conjunto, o qual reflete sua orientação esclarecida e sua técnica segura.

José Maria Lima – muito simpático o seu riso franco, ótima dicção. Acompanharam suas inesperadas e marcantes aparições, a surpresa e a curiosidade do público que enchia a platéia. Muito boa atuação na peça.

Glyce Sales – fez uma “ponta” com muita naturalidade e expressão. Tem jeito para a arte cênica. Eis em resumo o rendimento artístico do espetáculo do Teatro Escola do Ceará.

E já agora inteirados do valor de todos os conjuntos teatrais que compareceram a este Festival, concorrendo aos prêmios instituídos, podemos afirmar (e é Voz geral) sem o mais leve intuído de diminuir os demais – também magníficos – mas apenas num incontrolável sentido de justiça, que o espetáculo apresentado pelo Teatro Escola do Ceará, constituiu por todos os títulos o ponto alto do festival.

AMANHÃ, O TEATRO 5 DE SETEMBRO FESTEJARÁ SEU ANIVERSÁRIO, COM “NÓS, AS TESTEMUNHAS”

“CORREIO DO POVO”, PORTO ALEGRE-RS 4 DE SETEMBRO 1960

Amanhã, no Centro Hebraico, à rua Cel. Fernando Machado, o “Teatro 5 de Setembro” de tão gloriosas tradições na vida artística da cidade, festejada seu aniversário de fundação representando a peça de E. Campos, “**Nós, As Testemunhas**”, sob a direção do competente homem de teatro Nestor Bandeira, nome que goza de grande prestígio em nossa classe teatral, mercê de sua lha- neza de trato e de sua extrema dedicação. O “Teatro 5 de Setem- bro”, durante muitos anos, foi dirigido por Pedroto Hengist, a quem o amadorismo gaúcho muito deve, tendo o mesmo, que ora integra a diretoria da “Prat”, liderando os melhores movimentos de nossos aficionados do elenco de “**Nós, As Testemunhas**” participam: Margarida Linera, Enzo Roberto, Nadir Costa, Lia Corrêa, João Carlan e A. Dornelles Silva. Na parte técnica: Lenine Linera, A. Dornelles Silva, Nestor Bandeira e Liege Costa.

A respeito do autor, Eduardo Campos, Nestor Bandeira nos informa: “Em outubro de 1958 na cidade de Natal, realizar-se-ia o primeiro congresso nacional de teatro Amador, idealizado por um dos mais infatigáveis batalhadores e impulsionadores do amadorismo teatral, que é Meira Pires. Paralelamente ao congresso realizar-se-ia também o festival de teatro, com a participação dos mais prestigiosos conjuntos do Nordeste, entre eles, o teatro escola do Ceará”. sob a eficiente orientação de Nadir Saboya. Trouxera a Natal, além de um homogêneo grupo de técnicos, atores e atrizes entre os quais se destacava a bela figura de sua primeira atriz, Fernanda Quinderé; uma peça de autor de quem ninguém ouvira falar. Era Eduardo Campos, nome já nosso conhecido do **II Festival Nortista de Teatro Amador**, realizada no Recife em Outubro de 1956, em que o citado conjunto representada uma peça do mesmo autor.

Soubemos então que Eduardo Campos era exclusivo do teatro Escola do Ceará e que escrevia suas peças por solicitação desse conjunto. Este monopólio, no entanto, não poderia continuar e, ao primeiro contra-

to pessoal com ele, em Natal, intimâmo-lo a liberar suas peças em benefício de todos os grupos e das companhias de teatro do Brasil.

Eduardo relutou, quis convencer-nos de que não era teatrólogo, de que escrevia suas peças para atender aos pedidos de D. Nadir. Os cearenses são modestos por natureza e por isto, seus homens de letras são pouco conhecidos no Brasil. Ao lado das secas e das tragédias do Orós, o Ceará é uma terra de escritores, poetas, músicos, juristas, teatrólogos etc., e entre eles está Eduardo Campos.

Após muita insistência nossa, resolveu enviar-nos uma cópia de **“Nós, As Testemunhas”**, peça que teve invulgar sucesso no congresso de Natal, e na qual participaram os mais destacados amadores de Fortaleza, entre eles Cláudio Santos, José Maria Lima, Fernanda Quinderé, Nadir Saboya, Marilsa Lima, e outros.

Eduardo Campos, porém não se dedica ao teatro. É diretor dos Diários Associados do Ceará e foi na redação de um de seus jornais que fomos agradecer sua colaboração. E daqui vai reiterado este agradecimento. **“Nós, As Testemunhas”** é a peça de homenagem do “Teatro Cinco de Setembro” e do “Centro Hebraico Rio Grandense” a Eduardo Campos.”

EDUARDO CAMPOS E OUTRAS CRÍTICAS

“Meu grande pesar, eu o sinto por faltar ao apelo do *Correio do Ceará* e à confiança de Eduardo Campos, meu prezado amigo e o grande animador que aqui encontrei em 1938, quando senti nele uma das mais poderosas expressões da cultura moça que está ao serviço do Brasil e seus novos destinos”.

RENATO VIANA

(CORREIO DO CEARA, 9 DE JULHO DE 1947)

“A peça de Eduardo Campos (**O Demônio e a Rosa**) deveria ser ao que parece, antes de tudo literária – nesse sentido pernicioso. No entanto, é que menos ela é”.

LUCY TEIXEIRA

“Eduardo Campos (**O Demônio e a Rosa**) conhece o segredo de armar as situações através de diálogos com palavras simples, sem nenhuma ênfase, mas que dizem tudo que o autor pretende significar”.

LAURÊNIO LIMA

REVISTA REGIÃO, RECIFE, JUNHO DE 1948

“... o autor fez BOM TEATRO no sentido clássico do teatro (**O Demônio e a Rosa**), isto é, do teatro de crítica e idéias, de apreciação e estudos dos problemas e conflitos psicológicos, sociais e históricos”.

WILSON ROCHA, BAHIA

“**O Demônio e a Rosa** é qualquer coisa de novo e grande em matéria de teatro. Os seus personagens não participam de diálogos encomendados. São ou foram filhos deste mundo e vivem com todas as suas ânsias e desespero”.

MAURO MOTA

JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO

“Eduardo Campos deu-nos com **O Demônio e a Rosa** a mais frisante demonstração de que o Ceará está também na vanguarda do teatro – e que receberá aplausos onde houver público culto e de idéias capaz de apreender além do que está dito ou escrito na peça”.

FRAN MARTINS

“O tema da Morte, que percorre a peça (**O Demônio e a Rosa**) constantemente, dá-lhe um ar quase soturno, semelhando uma história “existencialista”, como aliás aventou Guilherme Figueiredo”.

ANTÔNIO GIRÃO BARROSO

“... uma peça de teatro, **O Demônio e a Rosa**, de Eduardo Campos, uma fantasia trágica com peripécias de planos de luzes à moda de *Vestido de Noiva* e jogos filosóficos à moda de Sartre. Talvez lhe falte um pouco mais de descuido de linguagem, para que o artifício da montagem se compense com a realidade falada. Mas atesta que o seu autor transbordou do circunstancial dos programas radiofônicos para uma contribuição séria na literatura teatral”.

GUILHERME FIGUEIREDO

“**O Anjo** – original e comovente”.

SÉRGIO MILLIET

“Enfim, há três personagens admiráveis presentes à peça (**Os Deserdados**). Um é o fanatismo religioso, admiravelmente representado pelo “milagre” de Gedeão. Outro é a chuva. A este respeito já destacamos a valorização emotiva da “chuva” na obra de ficção de Eduardo Campos”.

STÊNIO LOPES

“O espetáculo do Teatro Escola do Ceará (**A Máscara e a Face**) foi o mais aplaudido. De maior infiltração. O mais comentado. O que mais agradou. D. Nadir Saboya realizou um milagre. Apresentou um conjunto homogêneo. O melhor trabalho de equipe”.

ARISTÓFANES DA TRINDADE, RECIFE.

Nós, As Testemunhas é peça do chamado teatro de vanguarda, no qual Eduardo Campos se integra como um dos mais autorizados e avançados realizadores”.

MOREIRA CAMPOS

“Ressalte-se ainda uma das virtudes de Eduardo Campos (**Nós, As Testemunhas**) como autor teatral, esse de que no palco ele concede pre-

ferencialmente lugar aos personagens, e são estes que falam ao invés de seu **Criador**”.

BRAGA MONTENEGRO

“O autor (**Nós, As Testemunhas**) tem pulso firme, técnica e marcante personalidade, e fez de sua peça uma pequena jóia”.

GRAÇA MELO

“**Nós, As Testemunhas** é a peça de homenagem do Teatro Cinco de Setembro e do Centro Hebraico Rio-Grandense a Eduardo Campos”.

IN PROGRAMA DE ESPETÁCULO, PORTO ALEGRE, 1960

ANEXOS

1 TRABALHOS COMO ATOR

1939

1. Jesus Crucificado (Anás) abril
Teatro Escola Santa Maria

1940

2. Jesus Crucificado (Jesus)
Teatro Escola Santa Maria
3. O **Criador** de Mentiras 11 de agosto
Eduardo Campos

1941

4. Religião
23 de março
Eduardo Campos
5. O Filho de Deus 6 de abril
William Alcântara
6. Desdita de Caboclo 27 de abril
William Alcântara
7. Flor do Mato 4 de maio
William Alcântara
8. Elos de Vida
18 de maio
Geraldo Oliveira
9. Fantoche da Sorte
25 de maio
Luiz Iglesias
10. O Céu sobre Nós Dois
1 de junho
Artur Eduardo Benevides

11. Um Homem
22 de junho
Eurico Silva
12. Único Defeito
6 de julho
Fernando Silveira
13. O Tio Bremarú
13 de julho
William Alcântara
14. Diana
20 de julho
William Alcântara
15. Era uma vez um Vagabundo
3 de agosto
J. Wanderley
16. E a Fé Venceu
15 de agosto
Renato de Faria
17. Meu Lindo Sonho de Amor
7 de setembro
Artur Eduardo Benevides
18. O Homem que queria ser Doido
setembro
Eduardo Campos
19. A Felicidade Veio com Ela
19 de outubro
William Alcântara.,-
20. Falta uma Estrela no Céu
9 de novembro
Eduardo Campos
21. Dtnheiro é Tudo
23 de novembro
William Alcântara
22. Valsa Proibida
15 de dezembro
Paurillo Barroso

23. O Noivo de Minha Viúva
24 de dezembro
William Alcântara
24. Aconteceu Naquela Noite
31 de dezembro
J. Wanderley e Daniel Rocha

1942

25. Veneno
Eduardo Campos
26. Pedacinho do Céu
Eduardo Campos
27. A Mulher que Venceu
Eduardo Campos
28. Um Olhar sobre a Terra
Eduardo Campos
29. As Aventuras do Mocinho Dali
Eduardo Campos
30. Olhai para o Céu
Geraldo Oliveira
31. Céu sem Estrelas
Geraldo Oliveira
32. Saudade
Paulo Magalhães
33. Flores de Sombra
Cláudio de Sousa
34. Lucielda
William Alcântara
35. Ela Não Era Ele
William Alcântara
36. Olhai Para o Além
William Alcântara
37. Divino Perfume
Renato Viana
38. Onde Estás, Felicidade?
Luís Iglésias

39. O Princípio do Fim
31 de maio
William Alcântara

2 PECAS REJEITADAS

1940

1. O **Criador** de Mentiras
11 agosto
Teatro São Gerardo

1941

2. Religião
23 de março
Teatro Escola Renato Viana

3. Falta uma Estrela no Céu
9 de novembro

4. O Homem que Queria ser Doido
setembro

1942

5. Veneno
6. Pedacinho do Céu
7. A Mulher que Venceu
8. Um Olhar sobre a Terra
9. As Aventuras do Mocinho Dali

3 PEÇAS FORA DA SELEÇÃO

1. A Farsa do Cangaceiro Astucioso
Comédia Cearense, Teatro José de Alencar, 8 Setembro, 1965. Publicação: Revista da Comédia Cearense n° 6, 1980

2. O Fazedor de Milagres
Comédia Cearense, Teatro José de Alencar, 21 de abril 1967. Original em posse de autor.

3. O Pecado e a Flor

Teatro Novo, Teatro Universitário, 1969. Original em posse de autor.

A FARSA DO CANGACEIRO ASTUCIOSO 1

Estréia: Teatro José de Alencar, 8 Setembro 1965 Comédia Cearense

ELENCO: Rinauro Moreira, Roberto César, B de Paiva, Hiramisa Serra, Lourdinha Martins, Haroldo Serra, Túlio Ciarlini, Antônio Mendes, Jório Nerthal

TÉCNICA: Nearco Araújo (cenário e figurinos), Lamartine (Iluminação), Helder Ramos (cenotécnico), Haroldo Serra (produção), B de Paiva (direção)

Publicação: Revista da Comédia Cearense nº 6, 1980

A FARSA DO CANGACEIRO ASTUCIOSO 2

Estréia: Teatro José de Alencar, 17 de junho 1980 Comédia Cearense

ELENCO: Hiramisa Serra, Raimundo Lima, B de Paiva, Francisco Arruda, Nairo Gomez, Lourdinha Falcão

TECNICA: Hiroldo Franklim (iluminação), Haroldo Serra (produção), B de Paiva (cenário, figurinos e direção)

O FAZEDOR DE MILAGRES

Estréia: Teatro José de Alencar, 21 de abril 1967

Comédia Cearense

ELENCO: Haroldo Serra, Marcus Miranda, Hiramisa Serra, Karla Peixoto, Aldemir Castro, Antônio Mendes, Juarez Silva, Geraldo Oliveira e Galeguinho

TÉCNICA: Arialdo Pinho (cenário), Lamartine (iluminação), Marcus Miranda (produção), Haroldo Serra (direção)

O PECADO E A FLOR

Estréia: Teatro Universitário, 27 de Março 1969 Teatro Novo

ELENCO: Cleide Holanda, José Humberto Cavalcante e Marcus Miranda.

TÉCNICA: Marcus Miranda (direção). Originalmente para TV; 1962.

4 INÉDITAS

1. Inquilinos do Medo

Escrita originalmente para TV; 1962.

2. Noite de Coronéis

1972, data de composição.

3. O Andarilho “

Leitura dramática 1979. No Teatro José de Alencar, em solenidade comemorativa dos quarenta anos de atividades teatrais de Eduardo Campos, recitada a peça em 1 ato, de sua autoria. No elenco: B. Paiva, Haroldo Serra e Paulo Alencar.

ICONOGRAFIA

Ex-Libris, desenhado por J. Rangel, escultor cearens, em 1948. Usado pela primeira vez na publicação de “40 Anos a Serviço do Teatro Cearense”, estudo comemorativo da Comédia Cearense, editado pela Secretaria de Cultura do Estado.





Volante (boletim) anunciando peça de Eduardo Campos, no bairro de Sao Gerardo, em 1941.



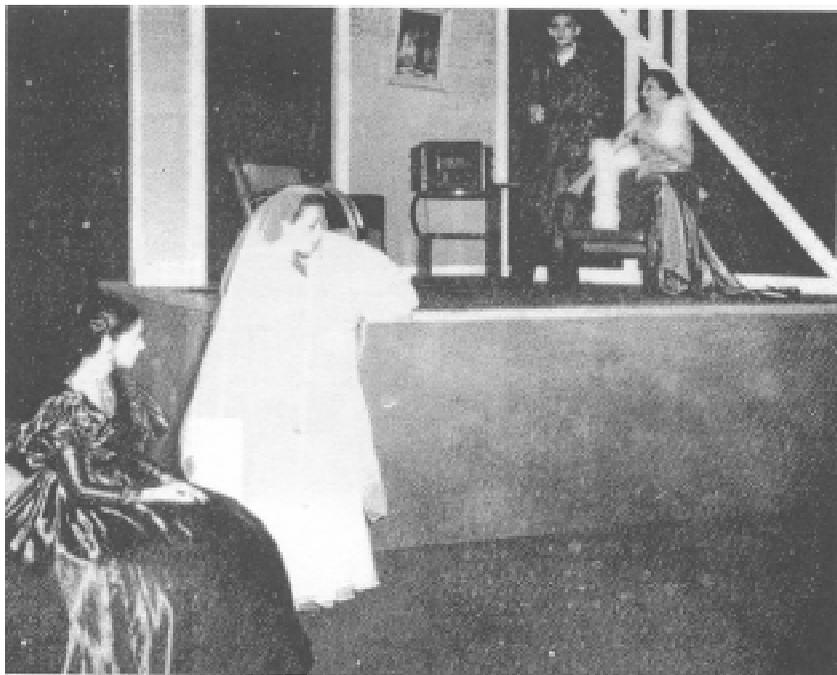
Leitura da peça “O Demônio e a Rosa” pela teatrólogo Renato Viana, no palco do Teatro José de Alencar. À mesa Renato Viana, diretor do Teatro Anchieta, ladeado por José Bonifácio Câmara e Eduardo Campos.



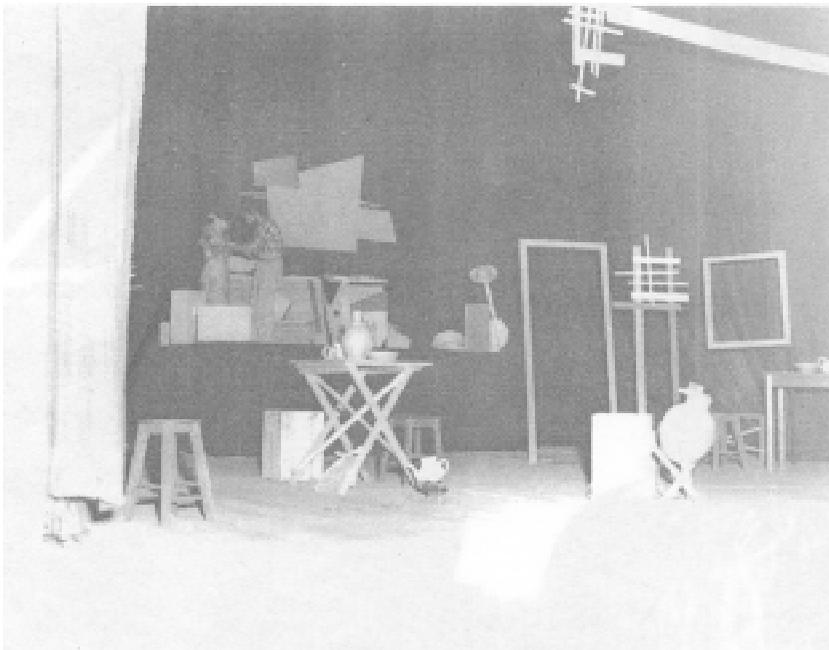
Programa-anúncio da peça “O Demônio e a Rosa”, na década de cinquenta. Encenação de grande sucesso do então Teatro Universitário do Ceará.



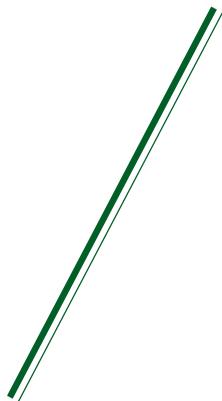
Programa da peça “A Máscara e a Face”, espetáculo em homenagem ao Gov. Flávio Portela Marcílio. Direção de Nadir Papi Sabóia, fundadora do Teatro Escola do Ceará.



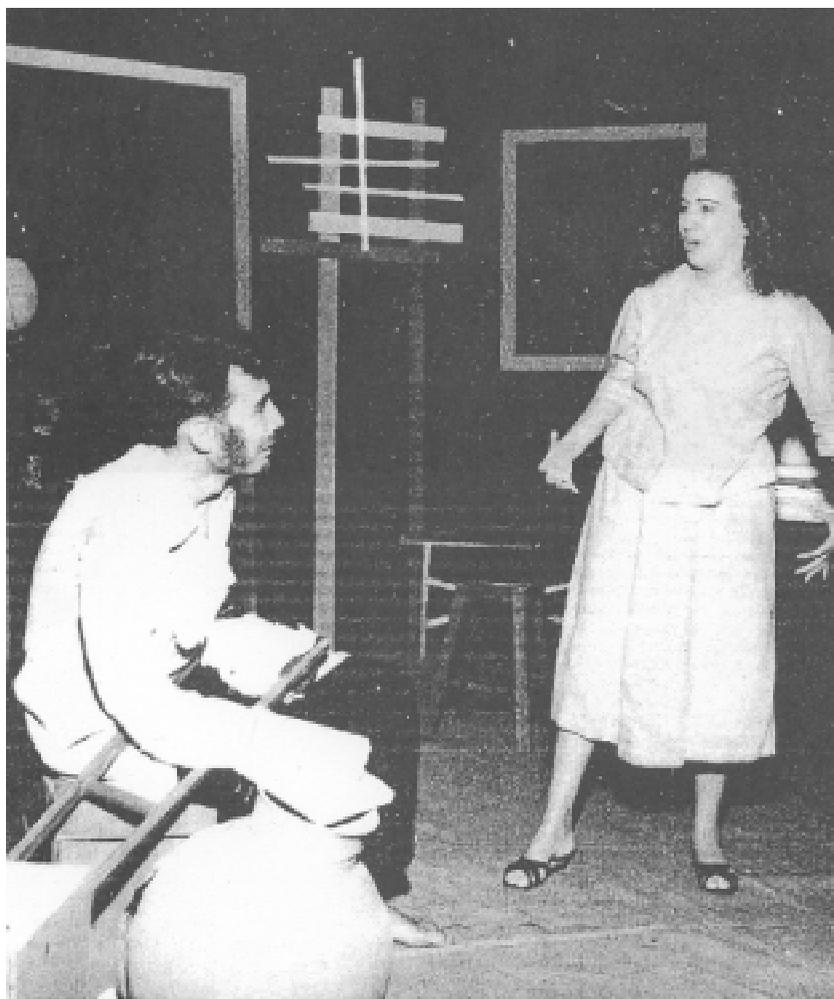
Inovador cenário da peça “O Demônio e a Rosa”. Bem destacada a Rosa, Elza Bernardino. Vale observar o segundo plano de uma cena, pela primeira vez apresentado no Ceará. Em cena também Diana Magalhães, Rita de Cássia e Geraldo Markan.



O magnífico cenário projetado pelo pintor Floriano Teixeira, então residindo no Ceará. Identificável o sentido moderno aplicado no palco para caracterizar uma peça nitidamente regional: “Os Deserdados”.



Outra cena da peça “Os Deserdados”, vendendo-se no palco Tiago Otacílio de Alfeu e João Ramos, esse um grande nome do rádio e televisão do Ceará. De costas, o autor Eduardo Campos, conduzindo o ensaio da peça, trabalho que dividiu com Valdemar Garcia, nome inesquecível do teatro do Ceará.



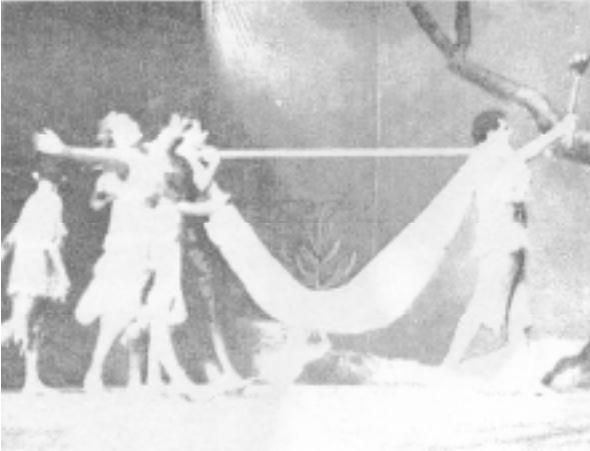
Cena de “Os Deserdados”: Albuquerque Pereira vivendo o papel do aleijado, contracenando com Elza Bernardino.



Outra cena de “Os Deserdados”, em vigorosa cena interpretada por Tiago Otacílio de Alfeu e Elza Bernardino.

SECRETARIA DE CULTURA E
DESPORTO DO ESTADO DO CEARÁ

APRESENTA



BALLET HUGO BIANCHI EM
OS DESERDADOS

UMA FANTASIA SOBRE OBRA DE
EDUARDO CAMPOS
TEATRO ALBERTO MARANHÃO

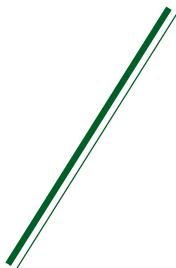
9 e 10 DE NOVEMBRO DE 1960

Programa-anúncio da estreia do balé “Os Deserdados”, desenhado sobre a peça de Eduardo Campos, obra de Hugo Bianchi, para estreia no Teatro Alberto Maranhão, Natal, R. G. do Norte.

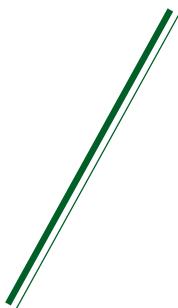


Elenco da peça “Nós, as Testemunhas”, montada com sucesso em Porto Alegre, em 1960, pelo Teatro Escola Cinco de Setembro.





A atriz Lídia Ilzuk, do Teatro Escola 5 de Setembro, primeiro lugar como atriz do II Festival de Teatro de Pelotas, Rio Grande do Sul, em 1960, na peça “Nós, as Testemunhas”.



Cláudio Santos e Fernanda Quinderé numa das cenas de maior emoção da peça “Nós, as Testemunhas”. Detalhe obtido do programa-anúncio.

Nadir Papi Sabóia, grande diretora do teatro cearense, fundadora e diretora do Teatro Escola, contracena com José Maria Lima, outro grande artista, na peça “A Máscara e a Face”.



Cena de “Nós, as Testemunhas”, em que se destacam José Maria Lima (a testemunha) e mais Cláudio Santos e Fernanda Quinderé.





Outra cena de “A Máscara e a Face”, durante encenação no Teatro José de Alencar.



Cena do Fotógrafo, ator Juan Hill, personagem que marcaria as apresentações de “A Máscara e a Face”.

Vários programas anuncia-
do a estréia de peças de
Eduardo Campos.

